



Melina Marchetta

Na  
Estrada  
Jellicoe

SÉGUINTE

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Melina Marchetta

Na  
Estrada  
Jellicoe

Tradução

GUILHERME MIRANDA

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras



# Dedicatória

*Para Daniel e Max*

# Prólogo

*Meu pai demorou cento e trinta e dois minutos para morrer.*

*Eu contei.*

*Foi na estrada Jellicoe. A estrada mais bonita que eu já vi, onde as árvores formavam uma cobertura arejada, como um túnel para Shangri-Lá. Estávamos indo para o mar, a centenas de quilômetros de distância, porque eu queria ver o mar e meu pai falou que já tinha passado da hora de nós quatro fazermos essa jornada. Lembro de perguntar: “Qual é a diferença entre viagem e jornada?”, e de meu pai responder: “Narnie, meu amor, quando chegarmos lá, você vai entender”. Essa foi a última coisa que ele disse.*

*Nós a ouvimos quase na mesma hora. No outro carro, tão esmagado no nosso que não dava para saber onde começava um e terminava outro. Ela nos falou que seu nome era Tate, e depois se espremeu entre o vidro e o metal, passando por cima dos seus mortos, só para ficar comigo e Webb, e para nos dar a mão, que apertamos com toda a força. Depois, um menino chamado Fitz passou numa bicicleta roubada e salvou nossas vidas.*

*Alguém nos perguntou mais tarde: “Não ficaram curiosos para saber por que ninguém encontrou vocês antes?”.*

*Se fiquei curiosa?*

*Quando você vê seus pais enfiados em sacos pretos na estrada Jellicoe como se fossem lixo... sabe o que acontece?*

*A curiosidade morre.*

# Um

*Vinte e dois anos depois*

Estou sonhando com o menino da árvore e, quando estou prestes a ouvir a resposta pela qual tenho esperado, lanternas me arrancam do que poderia ser um daqueles momentos perfeitos de clareza sobre os quais as pessoas falam pelo resto da vida. Se eu fosse dramática, poderia imaginar meus suspiros sendo ouvidos na cidadezinha lá embaixo, fora dos muros da escola.

A pergunta praticamente pede para ser feita: “Por que lanternas?”. Acender a luz do lado da minha cama teria sido muito menos chamativo e dramático. Mas, se aprendi alguma coisa nos últimos cinco anos, é que esse melodrama tem um papel especial na vida dos alunos da Escola Jellicoe. Assim, enquanto as bocas das minhas veteranas se movem e suas mãos me ameaçam, lembro do sonho com o menino, porque nele encontro consolo. Gosto dessa palavra. Vai ser minha palavra do ano. Existe alguma coisa naquele menino que faz eu me sentir bem. Sentir bem. *Bem sentir*. Expressão estranha, mas, tirando a semântica, está pau a pau com *consolo*.

Em algum lugar daquele mundo sonolento, que não é nem lá nem cá, vou estar pendurada na árvore, as pernas presas no galho e as mãos espalmadas, tentando pegar o ar ao mesmo tempo intoxicante e perfumado pelo aroma doce do carvalho. Ao meu lado, como sempre, está o menino. Não sei o nome dele e não sei por que me chama, mas está lá toda vez, ouvindo a mesma música num daqueles walkmans dos anos 80 — uma música sobre árvores de fogo e sentimentos de amizade que ficaram no passado. O menino me deixa participar e canto sempre o mesmo verso. Os olhos dele sempre se enchem de lágrimas nesse momento, e isso me provoca uma nostalgia que não tenho motivo para sentir, mas que me faz sofrer mesmo assim. Nunca conseguimos chegar ao fim da música e, quando acordo, lembro que devia

ter perguntado sobre aqueles últimos compassos. Não sei por quê, mas sempre esqueço.

Conto histórias para ele. Muitas histórias. Sobre a Escola Jellicoe e os cidadãos e os cadetes de uma escola de Sydney. Sobre a guerra que travamos por território. E sobre Hannah, que mora na casa inacabada à beira do rio próximo à Escola Jellicoe. Hannah, que é jovem demais para se esconder do mundo, e inteligente demais para só ficar organizando atividades de fins de semana para as crianças da minha Casa. Hannah, que acha que entendeu tudo sobre mim. Conto sobre a época em que eu estava no oitavo ano, pouco antes do ermitão murmurar no meu ouvido e se matar em seguida, quando fui à procura da minha mãe, mas só cheguei no meio do caminho. Conto que culpo o cadete por isso.

O menino da árvore chora incontrolavelmente quando conto sobre o ermitão e minha mãe, mas seus olhos brilham toda vez que menciono Hannah. E ele sempre me pergunta: “Taylor, e o brigadeiro que foi atrás de você naquele dia? O que aconteceu com ele?”. Tento explicar que o brigadeiro não é importante para a história, mas ele sempre balança a cabeça, como se soubesse de alguma coisa que não sei.

Tem vezes, como essa, em que ele se aproxima para me lembrar o que o ermitão tinha murmurado. Ele chega tão perto que sinto seu cheiro de árvore-do-chá e sândalo. Forço os ouvidos para escutar e não esquecer. Forço os ouvidos, querendo lembrar, porque, de algum modo, por motivos que não sei, o que ele disser vai responder tudo. Ele se aproxima e sussurra no meu ouvido...

— Está na hora!

Hesito por um segundo ou dois, talvez porque o sonho ainda esteja flutuando por aí e eu possa retornar àquele momento crucial. Mas as lanternas fazem meus olhos arderem e, quando consigo afastá-las, vejo impaciência no rosto das minhas veteranas.

— Se quiser que a gente te assuste, Taylor Markham, a gente vai te assustar.

Saio da cama, visto moletom e botas, e pego meu inalador.

— Vocês estão usando flanela — respondo para elas, firme. — Como vão me assustar?

Elas me levam pelo corredor, passando pelos quartos das veteranas mais velhas. Vejo meninas do décimo primeiro ano paradas na porta, me

observando. Algumas, como Raffaella, tentam me encarar nos olhos, mas desvio o olhar. Raffaella me deixa sentimental, e não existe lugar para sentimentalismo na minha vida. Mas, só por um momento, penso nas primeiras noites no dormitório cinco anos atrás, quando Raffaella e eu deitávamos lado a lado, e ela ouvia uma história que já esqueci sobre minha vida na cidade grande. Sempre vou lembrar do olhar dela. “Taylor Markham”, ela disse uma vez, “vou rezar por você.” E, embora eu quisesse tirar sarro dela e explicar que não acreditava em nada nem em ninguém, percebi que nunca tinham rezado por mim antes. Então deixei pra lá.

Seguindo as veteranas, desço dois lances de escada até o dormitório das calouras.

Teoricamente, a janela daqui é a menos visível da Casa. Na verdade, já dominei a arte de descer pela minha própria janela, mas nunca me atrevi a contar para as veteranas. Assim tenho mais liberdade e não preciso ficar explicando todos os meus movimentos para as espãs do sétimo ano. Comecei como elas. Escolhem a gente bem cedo por aqui.

Um espinho fura meu pé através da bota e paro por um momento, até que me empurram para a frente. Então continuo, permitindo que elas desempenhem seus papéis.

Na escuridão absoluta, a trilha que leva até a cabana de reunião só é perceptível pela sensação de terra macia sob meus pés. No escuro, uma das veteranas tropeça atrás de mim. Mas continuo andando, focada e com os olhos fechados. Desde que me tiraram do dormitório no sétimo ano tenho sido treinada para assumir o comando, assim como os protegidos das outras Casas. Cinco anos é um longo tempo de espera e, sabe-se lá como, fiquei entediada durante esse período. Assim, quando nos aproximamos da cabana e entramos, sinto as ondas de hostilidade me atingirem, e começo a planejar minha fuga. Só que, desta vez, não estou no oitavo ano e nenhum cadete vai me seguir. Sou só eu. Segundo Dickens, a primeira regra da natureza humana é a autopreservação e, quando perdoá-lo por ter escrito um personagem tão patético quanto Oliver Twist, vou agradecer pelo conselho.

As velas iluminam o chão de terra coberto por lona onde os veteranos de todas as Casas estão sentados ao lado de seus sucessores, esperando o veredicto.

— Esta é a cerimônia oficial de passagem — diz aquele no comando. — Vamos manter as coisas simples. Isso não é uma democracia. Quem estiver



no comando decide. Essa pessoa só pode ser substituída se cinco ou mais líderes de Casas assinarem um documento considerando-a incompetente. Quem estiver no comando tem a última palavra no que vai ser negociado com os cadetes e os cidadãos. Só quem comanda tem o direito de se render ao inimigo.

Richard, da Casa Murrumbidgee, segura uma risada. Não sei se é porque ele tem certeza de que o cargo já é dele ou se está rindo da ideia de alguém se rendendo ao inimigo, mas me irrita.

— O importante é nunca revelar nada — continua aquele no comando —, muito menos para os professores ou funcionários do alojamento. Toda vez que o coordenador do seu alojamento pedir uma reunião, fiquem quietinhos e finjam que estão ouvindo todas as palavras, mas não deixem que eles descubram o que acontece aqui depois do horário letivo.

— Que é...? — Ben Cassidy pergunta, educado.

— Como assim? — diz um dos veteranos dele.

— Bom, o que exatamente acontece aqui depois do horário letivo?

— Aonde você quer chegar? — insiste seu veterano.

Ben dá de ombros.

— Todo mundo vive falando sobre o que acontece depois do horário, mas parece que não acontece nada além de reuniões assim.

— Então, para começar — diz aquele no comando —, não fale sobre essas reuniões.

— Bom, não é como se não soubessem o que está acontecendo — continua Ben. — Teve uma vez que eu estava com a Hannah e a gente estava comendo bolinhos e ela me fez umas cento e poucas perguntas, como sempre. — Ele observa os outros protegidos ao redor, como se estivéssemos interessados. — Ela mesma faz os bolinhos. Hum, delícia! Enfim, a gente ficou conversando e falei: “Hannah, você mora neste lugar desde que estou aqui e tem a melhor vista panorâmica de todas as Casas, então o que acha que acontece depois das aulas?”.

— Essa é uma ótima pergunta para se fazer a alguém que vive de conversinha com o diretor, Cassidy — diz Richard. — Seu babaca idiota.

— Não tínhamos muitas pessoas para escolher — explica o líder da Casa Clarence, lançando um olhar severo para Ben e lhe dando um tapa na nuca.

Ben parece resignado. No sétimo ano, apanhava pelo menos uma vez por mês, especialmente dos veteranos dele. E visitava a Hannah, o que eu achava

irritante, já que ele tinha um adulto cuidando da Casa dele. A coisa que eu mais detestava no sétimo ano, depois de morar com a Hannah em sua casa inacabada, era dividi-la com o resto da escola. A revelação de que Hannah faz muitas perguntas é ainda mais irritante. Hannah nunca *me* pergunta nada.

— Que tipo de bolinhos? — quero saber. Ele vira para mim, mas o veterano lhe dá outra pancada.

— Certo, chega — diz Richard, impaciente. — Podemos ir direto ao assunto?

Aqueles no comando trocam olhares e depois nos encaram. E depois me encaram.

Na mesma hora, ouço xingamentos, raiva, descrença, sussurros e comentários maldosos de quase todos na sala, menos dos veteranos. Sei o que está prestes a ser dito, mas não sei como me sinto. Insensível como sempre, acho.

— Você não é uma escolha popular, Taylor Markham — diz aquele no comando, interrompendo as manifestações. — Você é muito excêntrica e tem um histórico ruim. Fugir com um dos inimigos, por mais jovem que fosse na época, foi uma péssima decisão. Mas você conhece este lugar de todos os ângulos e está aqui há mais tempo do que todo mundo, e essas são as maiores vantagens que alguém pode ter.

Uma das minhas veteranas me cutuca na costela com força, e acredito que é hora de levantar.

— A partir deste momento — continua aquele no comando —, não respondemos mais perguntas e não damos mais conselhos, então não venham nos procurar. Não existimos mais. Amanhã, vamos para casa estudar e depois vamos sumir, e nosso papel aqui terá acabado. Então nossa pergunta é: Taylor, você aceita ou cede o cargo ao nosso próximo candidato?

Não estava esperando por uma opção. Preferia que simplesmente me mandassem assumir. Não tem nada nessa função que eu queira muito. Mas ser controlada por qualquer um dos protegidos desta cabana por um segundo sequer é uma perspectiva nauseante. Sei que, se não estiver no comando, vou ter que passar muitas noites em vigília, virando picolé no meio do mato.

Quando estou pronta, faço que sim. Aquele no comando me dá um caderno de capa roxa e um papel grosso dobrado e com vincos, que desconfio ser o mapa que delimita as fronteiras nas guerras de território.

Então os alunos do décimo segundo ano começam a sair e, assim como todas as coisas insignificantes, assim que saem, é como se nunca tivessem existido.

Sento e me preparo para o que sei que está por vir. Os líderes das cinco Casas prontos para travar uma batalha. Um inimigo em comum: eu.

— Você não quer isso. Nunca quis. — Acho que o comentário vem do líder da Casa Murray, que nunca conversou comigo. Por isso, ele achar que sabe o que quero me parece no mínimo curioso.

— Renuncie e nós cinco assinamos sua saída — diz Richard, observando os outros. — Você não vai sofrer e vamos dominar o submundo.

— Richard tem ótimas ideias — explica a menina da Casa Hastings.

— Você não tem jeito com as pessoas, Taylor.

— E nunca comparece às reuniões.

— E não consegui informação nenhuma contra os cadetes no ano passado.

— Você passa tempo demais arranjando problema com a Hannah. Se ela ficar no seu pé, vai ficar no nosso também.

— Você não se importa com ninguém.

Eu os ignoro e tento voltar ao menino da árvore...

— Está ouvindo?

— Vamos votar.

— Se cinco disserem que ela está fora, ela está fora.

... de volta à árvore... Inspirando o ar intoxicante e ouvindo uma canção sem fim com um menino que tem uma história que preciso entender.

— Até onde sei, essa é a pior decisão que já tomaram.

— Calma, gente. Vamos votar e acabar com isso.

— Ela botou fogo na droga da lavanderia quando eu estava na Casa Lachlan. Quem pode confiar nela?

— Eram bolinhos de uva-passa.

Uma voz interrompe todas as outras e ergo a cabeça. Ben Cassidy está me encarando. Não sei o que vejo nos olhos dele, mas me faz voltar à realidade.

— O que está fazendo, Ben? — Richard pergunta em voz baixa, ameaçador.

Ben espera um pouco, e depois encara Richard.

— Aquele no comando escolheu ela, então a gente deve respeitar.

— Não concordamos que ela seja a líder.

— Vocês precisam de cinco votos contra — Ben os lembra.

— Murray? Hastings? Darling? — Richard diz para os outros, um de cada vez. Eles se recusam a me encarar e percebo que ensaiaram aquilo. — Clarence...

— Raffaella acha que precisamos conseguir a Árvore da Oração — Ben interrompe antes que Richard possa incluí-lo. Não sei se não conversaram com ele. Ben é considerado o mais fraco. Exceto quando precisam de um voto. Grande erro. — É tudo que queremos de volta dos cidadãos — Ben murmura, sem olhar para ninguém.

Richard observa Ben com repulsa.

— E, claro, a Casa Clube é uma prioridade. — Ben continua, e vejo que está gostando da coisa.

Silêncio. Muito silêncio. Então me dou conta de que tenho meu próprio voto para me manter no cargo. Pelo menos por enquanto.

— Quem está no comando dos cidadãos este ano? — pergunto.

Encaro Richard fixamente. Ele entende que estou aqui para ficar e, apesar de demonstrar traição, petulância, ódio, vingança e tudo mais o que está pensando, ele me deixa ter meu momento.

— Vamos descobrir mais cedo ou mais tarde — ele responde.

Mas gosto desse poder.

— Ben? — digo, ainda encarando Richard.

— Sim?

— Quem está no comando dos cidadãos agora?

— Chaz Santangelo.

— Moderado ou fundamentalista?

— Temperamental, então precisamos causar uma boa impressão.

— Os cidadãos não se impressionam fácil — Richard diz.

Eu o ignoro.

— Ele vai ser difícil? — pergunto para Ben.

— Sempre. Mas não é nenhum valentão, ao contrário do líder dos cadetes — responde Ben.

— Quem? — Richard vocifera.

Vejo que Ben quase desvia, como se uma mão fosse surgir para acertá-lo na nuca.

— Vamos começar pelo mais importante: este ano vamos trazer os cidadãos pro nosso lado — digo, ignorando todos, menos Ben.

O coro de desaprovação é como aquelas músicas grudentas que sempre fazem sucesso. Em um minuto você já sabe a melodia e, em dois minutos, ela está te irritando.

— A gente nunca fez isso — retruca Richard.

— E olha onde chegamos! Nos últimos anos, perdemos uma quantidade significativa de território, que agora está dividido entre os cadetes e os cidadãos. Não temos muito mais a perder.

— Mas e a Árvore da Oração? — Ben volta a perguntar.

— A Árvore da Oração não é prioridade.

— Raffaella acha que a troca feita há três anos foi imoral — ele argumenta.

Tento não lembrar que eu, Raffaella e Ben passamos a maior parte do sétimo ano escondidos com Hannah. Nem me lembro mais da história de Ben. Um monte de tutores diferentes, acho. Um deles deu um violino para ele que mudou sua vida.

— Me faz um favor — digo um pouquinho dramática. — Nem pense em enfiar moral no que a gente faz aqui.

# Dois

Quando acaba, quando sou a última pessoa sentada na lona que cobre o chão de terra, quando as velas se extinguem e o sol nasce, saio rumo à casa de Hannah na beira do rio. A construção está inacabada desde que consigo me lembrar. No fundo, acho que isso sempre me deu uma certa segurança, porque ninguém abandona casas inacabadas.

Trabalhar na casa dela é meu castigo desde que cheguei aqui, seis anos atrás. É o castigo por não ter para onde ir nos feriados, por não respeitar o toque de recolher ou por fugir com um cadete no oitavo ano. Às vezes fico tão entediada que simplesmente falo que não respeitei o toque de recolher. Ela diz: “Bom, você vai ficar sem privilégios sábado, Taylor”, e me faz trabalhar o dia todo na casa com ela. Tem vezes que não trocamos uma palavra sequer, e tem outras que ela enche meus ouvidos falando sobre tudo e nada. Quando isso acontece, existe uma familiaridade entre nós que me mostra que Hannah não é apenas a zeladora da minha Casa. Ela dá conta de listas de afazeres e nos avisa sobre horários de prova, grupos de estudo, detenções ou transferências entre as Casas. Às vezes ela senta com as calouras e as ajuda com a lição de casa. Ou as convida para tomar um chá da tarde enquanto lhes conta alguma má notícia, como a morte de um avô ou o câncer de um pai, ou inventa alguma história fantasiosa sobre por que o pai ou a mãe de alguém não pôde vir no fim de semana.

Pais ausentes não são raros por aqui, talvez porque um décimo dos alunos esteja sob a guarda do Estado, e a Escola Jellicoe é controlada pelo Estado. Não é por uma questão de dinheiro ou religião, mas a escola é seletiva, então a maior parte de nós é inteligente. O resto é uma combinação de crianças locais ou filhos de ambientalistas alternativos que acreditam que educar as crianças no meio do mato vai fazer com que elas amem a natureza. Mas a maioria foge para a cidade assim que acaba o décimo segundo ano, e vai se divertir no mundo competitivo da selva de pedras, sem nunca olhar para trás.



Também tem aqueles como Raffaella, que é uma cidadina e está aqui com a gente porque os pais dela são professores no Colégio Jellicoe, e acharam que seria melhor para ela não ter de estudar no mesmo lugar. Já os pais de Richard são funcionários da embaixada e vivem no exterior a maior parte do tempo. Como os avós dele moram no distrito vizinho, essa parecia a melhor opção.

Não sei onde me encaixo. Um dia, quando tinha onze anos, minha mãe me tirou de casa. Enquanto eu estava no banheiro de uma loja de conveniência, ela foi embora e me largou lá. Quando a mãe da gente faz uma coisa dessas, esse vira um momento marcante na vida. Não que eu não a tenha perdoado, porque a perdoei. É como aqueles filmes de terror em que o herói é atacado pelo zumbi e precisa convencer a heroína a atirar nele porque, em dez segundos, vai se transformar em um zumbi também. Vai ter o mesmo rosto, mas sem alma nenhuma. Não sei quem minha mãe era antes das drogas e de todo o resto, mas, algumas vezes, durante nosso pouco tempo juntas, vi lampejos de vida mais intensos do que tudo que já presenciei. Na maioria do tempo, ela era um zumbi que me encarava e dizia coisas como: “Não escolhi seu nome. Quem escolheu foi você”. Eu pensava que quando nasci ela nem tinha se dado ao trabalho de me dar uma identidade. É claro que tem uma história por trás disso e que minha mãe não é totalmente má, mas essa minha versão me mantém focada. Hannah, claro, conhece uma das outras versões, mas, assim como faz com tudo, guarda segredo.

Normalmente, ainda mais nos últimos dias, parece que estamos bravas uma com a outra o tempo todo. Hoje não é diferente.

— Transferências — ela diz, me entregando uma lista. Nem me dou ao trabalho de olhar.

— Minha Casa está cheia. Chega de transferências — digo para ela.

— Tem algumas crianças frágeis nessa lista.

— Então por que transferir para mim?

— Porque você vai estar aqui durante os feriados.

— O que faz você pensar que não tenho para onde ir nos próximos feriados?

— Quero que você proteja essas meninas, Taylor.

— Não vou proteger ninguém, Hannah.

Ela me encara. As encaradas de Hannah são sempre intensas. Um combinado de decepção, braveza e resignação. Ela nunca encara ninguém desse jeito, só a mim. Todos os outros ganham bolinhos de uva-passa, sorrisos afetuosos e um monte de perguntas. Eu ganho uma expressão cheia de tristeza, raiva, mágoa e algum outro sentimento que nunca consigo decifrar. Ao longo dos anos, fui aceitando que Hannah passar de carro na estrada Jellicoe cinco minutos depois de a minha mãe ter me abandonado lá não foi mera coincidência. Ela nunca fingiu que tinha sido, muito menos durante aquele primeiro ano quando morei com ela, antes de começar a Escola Jellicoe. No sétimo ano, quando me mudei para o alojamento, fiquei surpresa com a falta que senti dela. Não morar na casa inacabada parecia me afastar de compreender qualquer coisa sobre o meu passado. Sempre que procurava pistas, minha investigação voltava para uma pessoa: Hannah.

Pego a lista da mão dela, só para Hannah parar de me encher.

— Você não vai dormir. — Não é uma pergunta, só uma constatação. Ela estende o braço e toca meu rosto e me encolho, recuando. — Vá fazer alguma coisa para comer e depois vá para a aula. Talvez consiga chegar para o segundo bloco.

— Estou pensando em sair.

— Você só vai sair quando terminar os estudos — ela diz, categórica.

— Não, saio quando quiser e você não pode me impedir.

— Você fica até o fim do ano que vem.

— Você não é minha mãe.

Falo isso toda vez que quero magoá-la. Toda vez, espero uma retaliação.

— Não, não sou — ela suspira. — Mas sou tudo o que você tem por enquanto, Taylor. Então vamos pular para a parte em que dou alguma coisa para você comer e você vai para a aula.

Às vezes, é como se uma tristeza opressiva tivesse se fixado no rosto dela, se recusando a ir embora, e às vezes também vejo desespero. Uma ou duas vezes, vi algo completamente diferente. Como quando o governo mandou tropas para combater no exterior e ela ficou inconsolável. Ou quando fez trinta e três. “Mesma idade de Cristo quando ele morreu”, brinquei. Lembro da cara que ela fez. “Estou com a mesma idade do meu pai quando ele morreu”, ela me disse. “Sou mais velha do que ele nunca vai ser. É antinatural.”

Então teve aquela vez no oitavo ano, quando o ermitão sussurrou no meu ouvido e depois se matou, e eu fugi com aquele cadete, e o brigadeiro nos trouxe de volta. Lembro da expressão dura do brigadeiro, como se ele estivesse se esforçando ao máximo para manter o rosto assim. Hannah não o encarou, e lembro que não olhar foi um grande esforço para ela. Hannah apenas disse: “Obrigada por trazê-la para casa”, e me deixou ficar na casa inacabada à beira do rio. Fez eu ficar lá a noite toda porque, em algum lugar da cidade onde o brigadeiro nos encontrou, duas crianças tinham desaparecido, e Hannah disse que poderiam muito facilmente ter sido o cadete e eu. Encontraram as duas crianças semanas depois, com tiros na cabeça, e Hannah chorava toda vez que isso aparecia no jornal. Lembro de falar para ela que achava que o brigadeiro era um *serial killer*, e foi a primeira vez que a vi gargalhar em séculos.

Hoje tem alguma coisa acontecendo com ela que não sei direito o que é. Observo ao redor, notando como a sala está organizada. Até o manuscrito dela parece arrumado, numa pilha num canto da mesa. Está escrevendo o mesmo romance desde que a conheço. Normalmente, ela o mantém escondido, mas sei onde encontrá-lo, como aqueles adolescentes dos filmes que sempre sabem onde encontrar a revista pornô do pai. Adoro ler sobre esses adolescentes dos anos 80, embora não consiga entender nada da história. Hannah não a estruturou direito ainda. Me acostumei a ler fora da ordem, mas gostaria de ler na sequência certa um dia, sem me preocupar com que Hannah apareça e me veja com as folhas na mão.

Ela me vê encarando as páginas.

— Quer ler? — ela pergunta baixo.

— Não tenho tempo.

— Faz muito tempo que você quer ler, então posso te perguntar por que não quer agora que estou oferecendo?

— Isso é novidade — digo para ela.

— O que é novidade?

— Você me fazendo perguntas.

Ela não responde.

— Você nunca me pergunta nada — acuso.

— Bom, o que você quer que eu te pergunte, Taylor?

Fico encarando-a. Como sempre, odeio que ela não saiba o que eu preciso dela.

— Quer que eu pergunte onde você estava a noite toda? Ou quer que eu pergunte por que precisa ser sempre tão difícil?

— Prefiro que pergunte alguma coisa mais importante do que isso, Hannah!

Por exemplo: “Como vou conseguir liderar uma comunidade?”, é o que quero dizer. Ou o que vai acontecer comigo no ano que vem? Vou só desaparecer, assim como aqueles líderes insignificantes desapareceram noite passada? E para onde vou quando desaparecer?

— Pergunta o que o ermitão sussurrou no meu ouvido aquele dia.

Posso ver que ela fica chocada, e seus olhos castanhos arregalam com o pedido. Ela demora um momento, como se precisasse recuperar o ar.

— Senta — ela diz baixo.

Faço que não e mostro a lista que ela me deu.

— Desculpa, não tenho tempo. Tenho crianças frágeis para proteger.

Quando volto, as aulas acabaram de terminar e todo mundo está retornando para as respectivas Casas. Jessa McKenzie está sentada nos degraus da varanda. Embora esteja no sétimo ano e na Casa Hastings, como no meu pior pesadelo ela ficou fisicamente apegada a mim, e *nada*, nem raiva, nem xingamentos, nem a crueldade mais direta consegue afastá-la.

— Não vem atrás de mim, estou ocupada. — Continuo andando. Não faço contato visual para não encorajá-la. O fato de alguém querer algo com uma pessoa que não dá absolutamente nada em troca me espanta. Minha vontade é dizer pra essa menina: “Sai da minha vida, sua retardada”. Pensando bem, já disse isso, e lá estava ela no dia seguinte, como um ioiô masoquista enlouquecido.

— Estão dizendo que os cadetes vão chegar a qualquer minuto e que dessa vez vai ser sério. — Jessa McKenzie sempre fala ofegante, como se nunca parasse para respirar.

— Acho que foi sério no ano passado, quando jogaram todas as bicicletas da escola do penhasco.

— Sei que também está preocupada, posso ver — ela diz com a voz suave, como algum tipo de terapeuta.

Estou rangendo os dentes agora. Tento me controlar, mas eles rangem mesmo assim.

Chego ao portão, louca por uma oportunidade de fechar a porta na cara dela, mas Jessa McKenzie ainda está me seguindo, como aqueles cachorrinhos que se agarram à perna do dono e se recusam a saltar.

— As meninas no meu antigo alojamento estão com medo, sabe — ela explica. — As do sétimo ano. — Como se eu tivesse perguntado. — É porque as veteranas ficam falando que os cadetes estão vindo e que isso é ruim. Acho que você devia conversar com elas, Taylor. Agora que você é a líder... — Ela se aproxima e murmura: — *da UC*.

Minha mão está na porta, quase lá, *quase*... Mas então paro, porque um pensamento se aloja no meu cérebro como uma bala.

— Como assim no seu “antigo alojamento”?

Ela sorri. As sardas estão brilhando.

Abaixo os olhos para o documento de transferência nas minhas mãos e depois a encaro. Abro o papel devagar, sabendo exatamente que nome estou prestes a ver ali, transferido para a Casa Lachlan. *A minha Casa*.

— Você não faz ideia do quanto posso ajudar — ela diz. — Raffaella acha que vou me dar melhor nos quartos das veteranas do que nos dormitórios.

— Como a Raffaella saberia disso?

— Ela acha que pode descobrir onde fica o túnel — ouço Raffaella falar atrás de mim.

— Meu pai sempre dizia...

Mas não estou ouvindo o que o pai da Jessa McKenzie dizia. Estou entre dois dos meus piores pesadelos.

— Parabéns — Raffaella diz —, mas acho que Richard e os outros já estão organizando um golpe. — Raffaella sempre tem essa coisa de “peso do mundo”, “sabedoria de gente velha” e tal.

— Meus parabéns também! — Jessa McKenzie continua radiante.

— Vamos descobrir onde fica o túnel — continua Raffaella —, recuperar a Árvore da Oração e descobrir como...

Quero sentar na frente do meu computador e apertar um botão para bloquear todos os *spams*. Aquelas duas são meus *spams*.

— Mas Taylor... — prossegue Jessa, com aquela voz irritante e ofegante. — Você precisa conhecer as meninas da sua Casa, porque Chloe P. diz que elas mal reconhecem você no alojamento.

— Chegando! — Isso vem de um dos rapazes no alto da árvore de vigilância.

Raffaella e eu trocamos olhares antes de ela começar a mandar as calouras para dentro da Casa.

Os cadetes chegaram.

Estou no comando.

As guerras territoriais estão prestes a recomeçar.

*Conheceram Jude Scanlon exatamente um ano depois do acidente. Naquela época, Webb achava que nada voltaria a fazer sentido. A dor era pior porque, até então, Narnie, Tate e Webb não sentiam nada além do entorpecimento e, não fosse pelo bom humor de Fitz, arrancando-os do luto, Webb acreditava de coração que os três teriam feito algum pacto suicida maluco. Mas durante aquele ano, quando tinham catorze anos de idade, o entorpecimento foi passando, substituído por lembranças que faziam Narnie mergulhar dentro de si e faziam Webb sofrer. Ele via o mesmo em Tate. Apesar da capacidade dela de aproveitar a maior parte dos dias, às vezes se desesperava tanto que, num momento de melancolia, quando se permitia pensar na família, ela quase parava de respirar. Ele a segurava e dizia: “Estou aqui, Tate. Estou aqui, Tate. Estou aqui”. Além dos pais, Tate tinha perdido a irmã mais nova no acidente. “Estávamos jogando pedra, papel e tesoura”, ela lhe contou uma vez. “Fui papel e ela, pedra, daí eu vivi e ela morreu.”*

*Naquele ano, uma escola da cidade grande tinha decidido fazer um experimento e mandar todos os alunos do oitavo ao décimo primeiro ano para um projeto educacional de seis semanas como parte do programa de cadetes. Eles teriam de morar na beira do rio do meio de setembro até a semana depois dos feriados de outubro.*

*— Podemos brincar de guerrinha — disse Fitz, pegando sua arma, com um olhar animado com as possibilidades enquanto o comboio de ônibus entrava na cidadezinha.*

*Conforme a tropa de cadetes marchava ao longo da estrada Jellicoe, com as botas batendo no chão, aniquilando tudo no caminho, Jude Scanlon notou papoulas destroçadas. Pareciam ser cinco, dobradas e deformadas, estragadas para sempre; fragmentos da base delas estavam nas botas do menino à sua frente. Por motivos que não conseguiu entender, uma tristeza tomou conta dele. Foi então que ele viu a menina parada do outro lado da estrada de terra, com os olhos tomados por uma tristeza absoluta, o cabelo castanho-claro brilhando sob os raios de sol que conseguiam passar por entre as árvores. Foi como se tivesse visto um fantasma, algum tipo de*



aparição, que o assombrou durante aquela noite. No dia seguinte, voltou ao mesmo lugar, depois de horas, com cinco sementes no bolso. Então, de joelhos, plantou algo pela primeira vez na vida.

— Elas precisam ficar mais fundo — ele ouviu uma voz dizer. — Senão as raízes não vão pegar.

Eram quatro. Dois meninos e duas meninas. Ele reconheceu a garota do dia anterior, e algo se agitou dentro dele. Percebeu que quem falou era parente dela: o cabelo era do mesmo castanho dourado, mas os olhos eram cheios de vida. A menina do outro lado do menino que falou tinha um sorriso doce, e o outro garoto tinha um sorriso maldoso e um olhar sarcástico.

— Tate — disse a menina sorridente, estendendo a mão. — Esses são Webb e Fitzzy, e você meio que já conheceu Narnie ontem.

Narnie.

— Não... a gente não quis...

O menino, Webb, balançou a cabeça.

— Sempre acontece.

— Talvez deversem encontrar outro lugar para plantar suas flores.

— Não tem outro lugar — Webb disse baixo.

Jude tirou o resto das sementes do bolso e cada um pegou uma. Então, lado a lado, eles plantaram as papoulas na estrada Jellicoe.

Todo dia, na mesma hora, Jude voltava, e todo dia eles estavam lá, liderados por Webb, cuja vida não tinha como ser mais diferente da dele. Enquanto as lembranças da infância de Webb eram idílicas e mundanas, as de Jude fediam a indiferença e encenação. Webb lia fantasia, Jude, realismo. Webb acreditava que uma casa na árvore era o lugar perfeito para ganhar uma perspectiva diferente do mundo, enquanto Jude a considerava perfeita para vigiar e descobrir quem ou o quê era uma ameaça. Discutiam sobre regras de esporte e letras de música. Jude assistia ao vale sujo pela chuva. Webb assistia a musicais. No entanto, apesar de tudo, se conectaram, e as noites que passaram juntos conversando sobre seus admiráveis mundos novos e não tão admiráveis sentimentos faziam com que as outras coisas de suas vidas parecessem insignificantes. De algum modo, os mundos de Webb e Fitz e Tate e Narnie se tornaram o foco da vida de Jude.

*No ano seguinte, quando os ônibus dos cadetes entraram em Jellicoe, Jude estava louco por um sinal. Um sinal de que as coisas seriam iguais ao ano anterior. Ele tinha passado a maior parte do ano pensando neles. Será que teriam deixado de se amar? Será que Narnie traria o mesmo olhar moribundo? Será que Fitz teria se metido em encrenca? Será que teriam esquecido dele?*

*Mas lá estavam eles, nos degraus do Mercado Municipal de Jellicoe, onde os cadetes sempre paravam para comprar suprimentos. Esperando. Por ele.*

*— Quem são eles? — perguntou o cadete ao lado dele.*

*Jude observou o rosto de Webb com um sorriso de orelha a orelha.*

*— São meus melhores amigos. Vou estar com eles até o dia em que eu morrer.*

# Três

Desde que consigo me lembrar, as guerras territoriais são parte da vida na Escola Jellicoe. Não sei quem começou. Os cidadãos dizem que foram os cadetes da cidade grande, que vêm para cá há uns vinte anos. Montam acampamento à margem da Escola Jellicoe todo mês de setembro como parte do seu programa de educação ao ar livre e ficam lá durante seis semanas. Dizemos que foram os cidadãos que começaram as guerras porque os cadetes acham que Jellicoe é deles. Os cadetes nos culpam por não sabermos dividir o território. Tudo que sei é que as guerras começaram dezesseis anos atrás, porque é isso o que diz o Pequeno Livro Roxo. Nele, os fundadores anotaram as regras, os mapas e as fronteiras.

As guerras só acontecem durante as seis semanas em que os cadetes estão aqui, e, no geral, causam mais transtorno do que entusiasmo. Levamos o dobro do tempo para chegar à cidade porque os cadetes são donos da maior parte das trilhas de acesso fácil. É sempre nessa época que ouvimos discursos dos professores e do diretor sobre sair ao ar livre e fazer caminhadas. O que não sabem é que a maior parte dos líderes das Casas confina os calouros dentro delas para que não ultrapassem o território inimigo. Ninguém quer que isso aconteça. Porque é depois que os cadetes vão embora e os cidadãos voltam para suas tocas que a verdadeira guerra começa. As Casas se lançam umas contra as outras, especialmente se uma delas tiver sido a responsável pela perda do nosso território. Quando fugi com um cadete três anos atrás, Raffaella e Ben foram à minha procura e entraram em território cidadão. Perdemos a Árvore da Oração por isso. Raffaella e Ben foram completamente excluídos, e não conversamos muito quando voltei. Até que paramos de nos falar completamente. E agora, aqui estou eu, liderando a União das Casas e prestes a travar uma guerra.

Cadetes são avistados na fronteira norte do nosso território durante toda a semana. A área fica pelo menos a um quilômetro de distância de onde estão

acampados, por isso, aparecerem é uma tentativa deliberada de nos intimidar. Que fique entre nós, mas sempre funciona. Os líderes das outras Casas querem que eu comece a agir a partir das informações que estamos recebendo, mas ações precipitadas levaram à derrota da Escola Jellicoe no passado, e vou cair em desgraça se cometer os mesmos erros que meus veteranos.

Na visita de fim de semana à casa dos pais, mando Raffaella enviar uma mensagem ao líder dos cidadãos dizendo que quero entrar em contato. Não recebemos resposta, e os jogos de gato e rato começam. Esperar pela guerra é horrível. Não saber quando vai acontecer o primeiro ataque, não saber qual vai ser o resultado... A ansiedade nos deixa tensos. Às vezes quero sair por aí e gritar “Manda bala!” só para acabar com esse suspense.

Mas a frente interna é a pior. A escola sempre teve uma regra que diz que os líderes das Casas devem tomar conta delas com a ajuda do resto dos veteranos e de um adulto. Todos os alunos sabem que o líder é escolhido no sétimo ano e preparado ao longo de cinco anos. Mas todo ano temos eleições e fingimos que os líderes das Casas e o líder da escola foram eleitos pelos alunos e para os alunos. Os professores caem fácil. São muito jovens e inocentes. A maioria fica na Escola Jellicoe por no máximo três anos, só para cumprir as exigências empregatícias do Conselho Educacional, então não têm como notar comportamentos recorrentes entre os alunos. Mas se esforçam. Sempre que uma aluna da Lachlan falta em um treino esportivo, recital de música ou debate, os professores pegam no meu pé. Desde os dormitórios das calouras no primeiro andar até os quartos das alunas do décimo primeiro ano no terceiro andar, as moradoras da minha Casa me deixam maluca com as expectativas. Com as dúvidas sobre os direitos sobre a televisão, as escalas de deveres, o acesso aos computadores e as roupas. Há lágrimas, brigas, raiva e angústia. E não encontro Hannah em lugar nenhum. Fico furiosa por ter me deixado cuidando disso tudo sozinha — quase como se fosse algum tipo de retaliação pela última vez em que nos vimos. Antes, Hannah passava a maior parte do tempo livre em Lachlan, ajudando o líder da Casa. Mas agora que estou no comando, começou a se esconder.

Uma menina do décimo ano bate à minha porta.

— Evie do sétimo ano acabou de menstruar.

— E daí?

— Você tem que ir lá falar com ela. Ela está chorando.

— Vai chamar a Raffaella.

— Ela sumiu. Cadê a Hannah? Por que a srta. Morris está fazendo a chamada?

— Não faço ideia de onde esteja a Hannah.

Reconheço a expressão da menina. Expressão de “você não faz ideia de nada”.

— Vou buscar a Hannah — digo finalmente, só para fugir dali.

Só que, quando desço para a sala dela e giro a maçaneta, descubro que a porta está trancada. Desde que estou na Escola Jellicoe, não lembro de ter visto a porta de Hannah trancada, e guardo isso como uma birra que se acomoda desconfortavelmente dentro de mim. Hannah nunca faz birra. Estou prestes a voltar para a Casa, mas vejo Jessa McKenzie vindo na minha direção, então monto numa bicicleta e desço até a casa inacabada à beira do rio.

Nosso terreno fica mais sinistro a essa hora do dia. Consigo lidar com ele à noite, mas este horário, quando o sol começa a desaparecer, me faz pensar que há muitas coisas ocultas. Um silêncio sem fim. Nada de pássaros nem de grilos. Nada.

Largo a bicicleta no chão ao lado da casa e ando até a entrada.

— Hannah! — grito, furiosa.

Mas o eco da minha voz é a única resposta.

— Hannah, não tem graça nenhuma!

Fico parada em silêncio, à espera de algo.

Observo ao redor, sentindo algo... alguém. A casa é cercada por uma área que Hannah cuida e carpe. Ela sempre me diz que vai ser o jardim, onde vai plantar lilases e lírios, e vai sentar ali, na varanda da frente, como naquele poema do Yeats que ela recita às vezes:

*Vou levantar-me e ir agora, e vou-me para Innisfree,  
E lá farei uma choça com barro e vimes torcidos;  
Terei feijão, nove filas; e abelhas terei ali;  
E estarei só na clareira entre os zumbidos.*

*E lá vou achar a paz...*

Mas, além da área carpida, há uma mata densa, não cultivada, sem nem mesmo trilha para andar. Três quilômetros disso é o que nos separa dos cadetes. Dizem que eles estão criando uma trilha secreta há anos para facilitar o acesso a nós. Para eles, o caminho mais rápido seria pelo rio, que corre diretamente atrás da propriedade de Hannah. Mas o rio é nosso. Aqui, perto da casa de Hannah, é onde fica mais estreito, com apenas vinte metros entre as margens. Nos últimos anos, por causa da seca, o rio não passa de uma goteira. Algumas vezes quase o perdemos por má liderança, mas, sabe-se lá como, sempre demos um jeito de ficar com ele e manter essa separação física entre eles e nós. Hoje, porém, em algum lugar do labirinto não cultivado, algo ou alguém está à espreita. Posso sentir com meu instinto que me mantém alerta ao mal.

— Quem está aí? — pergunto.

Penso no gato. Embora Hannah nunca o tenha adotado oficialmente, ela o alimenta toda vez que ele entra na área. Odeio o gato, e o gato me odeia. Ele é selvagem, o rabo parece indicar um pavor constante e, como tudo o que tem a ver com Hannah, disputo com ele a atenção dela.

— Por que ele fica assim? — perguntei para ela certa vez.

— Acho que é porque viu alguma coisa que quase o matou de susto há muito tempo.

Faz anos que o gato está morrendo, e às vezes Hannah pensa em sacrificá-lo, mas nunca tem coragem. Tem dias que quando chego perto dele vejo o sofrimento no olhar, mas então ele arranha a minha cara e sou obrigada a renunciar à compaixão.

Mas o que está me observando agora não é o gato.

Sinto um calafrio. Quem quer que seja tem a vantagem de me ver sem ser visto. Decido dar a volta e sair, mas, quando me viro, ouço o som de passos em algum lugar atrás dos arbustos, vindo lenta e calculadamente na minha direção.

— Jessa McKenzie, é você?

Se fosse Jessa, ela responderia. Mas não há resposta, só o som de uma presença que me mantém parada no lugar. Quero seguir até a bicicleta, mas não me atrevo a dar as costas, e sou covarde demais para avançar e investigar. Então não me mexo pelo que parece uma eternidade, encarando aquela única direção, imóvel como um soldado que está sobre uma mina. Não me



movo. Tento me convencer de que tudo não passa da minha imaginação, de que não há nada lá além de um animal selvagem que calça quarenta e um.

O frio começa a rachar minha pele e está ficando escuro. Dou um passo cauteloso para trás, e depois outro e mais outro. Posso correr, pegar a bicicleta, montar e pedalar rápido antes que quem quer que seja consiga sair de trás das árvores, mas o medo inquietante me mantém paralisada. Conto até dez. Chego a onze e conto até dez de novo. E chego a onze de novo. Onze. Onze. Onze. Onze. Onze.

Dez!

Saio em disparada, dando a volta na casa, em direção à bicicleta. Meu estômago revira. A bicicleta sumiu. Qualquer possibilidade de que tudo não passava da minha imaginação é aniquilada quando vejo o espaço vazio onde a bicicleta deveria estar. Alcanço a trilha a toda velocidade, o coração batendo violentamente, como uma britadeira. A trilha é cheia de obstáculos, como gravetos emaranhados e galhos que arranham meu rosto, mas conheceria a região de olhos fechados. Só consigo ouvir dois sons: a pulsação do sangue contra a minha têmpora e os passos atrás de mim. Uma pessoa. Se fossem duas ou mais acho que teria menos medo. Simplesmente me deixaria ser capturada e reforçaria as regras da Convenção de Jellicoe sobre imunidade diplomática. Mas só uma pessoa significa alguém agindo sozinho... ou algo pior.

Ao chegar à clareira que dá para as casas e avistar o caminho iluminado à minha frente, não sinto nenhum alívio. Meus pulmões estão em chamas e todos os meus músculos doem. Só quero chegar até a porta, mas, quanto mais me aproximo, mais longe ela parece.

Até que finalmente estou lá. Entro voando, bato e tranco a porta. Só então recosto nela, deslizando até o chão, respirando profundamente para acalmar a batida acelerada no meu peito, tirando o cabelo empapado de suor da cara e baixando a cabeça entre as pernas, à procura do formato reconfortante do meu inalador...

Três meninas do sétimo ano estão paradas à minha frente, Jessa McKenzie no meio delas.

— Alguém usou toda a água — Chloe P. me diz.

— Celia pegou os fósforos — sussurra a outra cujo nome não sei.

Levanto devagar, ignorando-as e arrastando meu corpo escada acima, mas continuam na minha cola.

— Cadê a Hannah?

Paro e encaro Jessa McKenzie nos olhos e, de repente, vejo alguém... alguém que já tinha visto antes. Sinto uma angústia que não consigo explicar.

Passo por elas e fujo para o meu quarto. Quando estou segura trancada lá dentro, caminho até a pia e me debruço nela, sentindo a náusea aumentar.

Quero ver Hannah. Não sei por quê, mas estou repetindo esse mantra várias e várias vezes. Porque é como se uma voz sussurrasse na minha cabeça que tem algo muito estranho no sumiço dela. É como no último verso do poema de Yeats...

*Escuto-o bem, lá dentro do coração.*

No almoço, sou obrigada a sentar com os líderes das outras Casas, como parte de nossa iniciação de liderança “oficial”. O diretor faz um discurso sobre união, enquanto Richard murmura algo para a líder da Hastings. Ela ri e os dois me encaram, até a líder sussurrar para a pessoa ao lado. Os líderes das Casas estão comendo na palma da mão de Richard, exceto por Ben, que devora sua lasanha com intensidade. Sei que preciso agir rápido antes de sofrer um golpe. Ao observar a mesa, me dou conta mais uma vez de que meu único aliado em potencial é um completo idiota com a cara toda suja de molho de tomate.

— Ben, entre em contato com os cadetes. Fale que estou disposta a negociar.

Ben ergue a cabeça, para de limpar o prato com o pãozinho e arregala os olhos, espantado.

— Eu?

— Ele?

Richard troca olhares com os demais.

— Você — digo.

— O que está fazendo, Taylor? — Richard pergunta num tom de ameaça.

— Estou pedindo para o meu representante fazer o que representantes fazem: negociar — digo educadamente, enquanto levanto.

Ben murmura *representante* como se fosse um palavrão. Raffaella passa e ele murmura *representante* de novo, e até ela parece um pouco preocupada.

— E, aliás, Casa Murrumbidgee e Casa Hastings — digo, encarando Richard e a menina. — Li o Pequeno Livro Roxo ontem à noite. Escrito em 1986 pelos primeiros líderes da UC. O líder, acho, se referia a si mesmo como Presidente Miau. A letra é bem feia, mas está tudo lá, incluindo o fato de que líderes de Casas não podem ter envolvimento amoroso. Não sei o motivo, mas talvez seja porque tira a vantagem competitiva. — Viro para Ben. — Vamos.

Raffaela também vem com a gente. Não digo nenhuma palavra até sairmos.

— Aonde você foi ontem à noite? — pergunto para ela.

— Tenho privilégios na cidade. A colega da melhor amiga da irmã da minha melhor amiga...

— Vá direto ao ponto.

— ... me passou uma mensagem. Os cidadãos estão dispostos a nos encontrar. Hoje à noite.

A cabana onde acontecem as negociações com os cidadãos é escura e bolorenta. As lanternas iluminam pouco e ninguém se atreve a sentar por medo do solo desconhecido. À nossa frente, estão três cidadãos. Só reconheço Chaz Santangelo, bonito demais para ser respeitado — mas pelo menos não tem aquela aparência cruel, dura e selvagem dos líderes cidadãos do passado. Os parceiros de Santangelo são os vândalos de sempre. Será que existe algum manual que diz que os cidadãos precisam ter mullets? Raffaela está inquieta ao meu lado, e imagino que todos estão esperando as negociações começarem.

— Vamos fazer um acordo — digo.

— O que faz você pensar que estamos aqui para fazer um acordo? — pergunta Santangelo.

— Porque os ratos não costumam avisar que estão vindo para nos ver. Eles normalmente saem vandalizando e destruindo tudo pelo rio, e depois esperam que a gente negocie só para impedir o caos.

— Não ajo assim... *nós* não agimos assim.

A julgar pelos acompanhantes dele, não tenho tanta certeza.

— Então, Santangelo... É esse o nome dele? — pergunto para Raffaela. Ela não responde. Continua inquieta.

— Chaz — ele responde por ela.

— Santangelo, Chaz... Seja lá como chamam você lá embaixo, vamos fazer um acordo.

— Então você começa. O que quer?

Primeira regra de negociação: nunca deixe que pensem que você quer alguma coisa.

— Queremos acesso à Árvore da Oração — Raffaella deixa escapar.

Raffaella reprovou nas aulas de negociação do oitavo ano. As veteranas da nossa Casa a cogitaram para a liderança depois que passei pela fase incendiária e queimei metade da quadra esportiva. Temos uma série de incendiários na escola. Na Lachlan, pelo menos duas meninas do sétimo ano ainda vão botar fogo nas nossas camas.

— Queremos acesso à Casa Clube — Santangelo afirma, direto e franco, olhando para mim, e não para ela.

— A Casa Clube não é nossa. É dos cadetes.

— Sim, mas é uma caminhada gigantesca para os cadetes, a menos que vocês permitam que eles atravessem o rio. Querem acesso à trilha, e vocês têm isso.

— Por que a Casa Clube? — pergunta Ben.

— Poucas opções. Não podemos entrar em nenhum bar, então ou a gente passa a noite na loja de conveniência ou no estacionamento do supermercado. Estamos procurando coexistência pacífica. Uma ou duas noites por semana, a noite de sábado.

— Estão falando com as pessoas erradas. Os cadetes nunca vão permitir a entrada de vocês.

— Podem permitir se vocês derem acesso à trilha para eles.

Faço que não.

— A trilha é próxima demais dos limites da escola.

— E qual é o problema? — ele pergunta.

— Temos meninas novas — diz Raffaella. — Não queremos estranhos perto das nossas fronteiras.

— Por que da última vez que os cadetes chegaram perto você fugiu com um deles? — Os três cidadãos trocam olhares e fico subitamente desconfiada.

— Você nem sabe com quem fugiu, não é? — diz um dos garotos de mullet, dando um passo à frente. — Você é uma idiota...

— Isso é o melhor que consegue fazer? — Raffaella retruca para Santangelo, apontando para os valentões dele, o dedo a uns três centímetros do de mullet maior. O garoto rosna e faz menção de morder, e Ben a puxa para trás.

Ainda nada de Santangelo, então me dou conta de que ele a está ignorando de propósito. Devem ter tido algum envolvimento passado.

— Vocês dois se conhecem bem, imagino.

Ela solta um suspiro e morde o lábio; ele faz uma careta.

Pra mim já deu.

— Isso é ridículo — digo, virando para a porta.

— Não, não é. O nome disso é coexistência pacífica. — Santangelo bloqueia a minha saída. — Depois que vocês e os cadetes se acertarem, podemos até tentar vender a ideia para os israelenses e palestinos. O que acha?

— Ainda não nos falou o que tem para nos oferecer — digo.

— A Árvore da Oração — Raffaella diz imediatamente.

— Não vou negociar com ela — ele retruca.

Olho feio para Raffaella. Pessoalmente, não tenho interesse na Árvore da Oração. Estou curiosa sobre o que vão usar como moeda de troca.

— Tenho informações que podem ser do seu interesse — ele me diz.

— Sobre?

Nenhuma resposta. Por um momento penso que estou lidando com um amador que apareceu sem nada para oferecer.

— O quê? — Ben pergunta.

Encaro Santangelo e sinto que a questão não é as guerras territoriais ou a Casa Clube.

— Temos um mapa que pode ser a planta de um túnel — ele diz, de repente focando em Ben e Raffaella.

Um estratagema. O que não significa que o mapa não exista, mas ele está se contendo, e quero saber por quê.

— Não vale absolutamente nada para nós, porque nunca o completaram além dos limites da sua escola — ele continua. — Mas pode ser importante para vocês.

— O túnel é uma lenda.

— Você está chamando nosso líder de mentiroso?

Os Irmãos de Mullet estão nervosinhos. Os dentes estão à mostra de novo e quase nos fazem recuar até a porta. Ben tenta se colocar entre nós, mas o empurram para fora do caminho.

— Marque um encontro com os cadetes e talvez a gente volte a se falar — digo.

— Pode ser difícil — diz Santangelo.

— Então facilite — retruco.

— Acho que você não está entendendo. Meu pai é o policial que te trouxe de volta quando você fugiu alguns anos atrás.

Arrisco um olhar para ele. Ele sabe algo sobre mim, dá pra perceber. Ser filho do policial no comando significa que ele sabe muito sobre muita gente aqui.

— Bom, então não esquece de agradecer por mim e mandar um oi — falo com falsa simpatia, embora lembre da cara do policial e do seu jeito gentil-preocupado-nervoso. O brigadeiro, porém, era outra história. Frio e tenso.

— Acho que você não entendeu onde quero chegar. Sabe o garoto que meu pai e aquele brigadeiro trouxeram de volta? Lembra dele? Então, está no comando dos cadetes agora, e dizem que nenhum de nós vai querer negociar com ele.

Não acredito no que estou ouvindo. Os Irmãos Mullets sorriem, maldosos. Raffaella e Ben parecem confusos.

— Griggs? — pergunto, fingindo indiferença.

Chaz Santangelo faz que sim.

— Jonah Griggs.



# Quatro

Jonah Griggs.

Não é apenas um nome, mas um estado de espírito ao qual nunca quero retornar, embora mantenha a lembrança no fundo da mente para aqueles momentos em que crio muitas expectativas. Assim posso voltar à realidade com um tapa na cara e lembrar o que acontece quando a gente deixa alguém entrar no nosso espaço sagrado. Jonah Griggs é meu segundo lembrete para nunca confiar em outro ser humano. Minha mãe foi o primeiro, e nos últimos dias estou pensando que Hannah pode ter entrado para esse pequeno e seletivo grupo de traidores.

Raffaella e Ben não dizem uma palavra, mas posso ouvir o que estão pensando enquanto me seguem para a clareira. Quero pedir para eles pararem de pensar, mas sei que o único jeito de fazer isso é falar, e não consigo.

As luzes das casas brilham por entre a vegetação, iluminando o caminho. Depois de quinze minutos, o silêncio é demais para mim.

— Você entrou em contato com os cadetes, Ben? — pergunto, finalmente.

— Quem? Eu?

“Quem? Eu?” é a resposta padrão de Ben para tudo.

— *Ben Cassidy, você pode dizer à turma, por favor, por que cruzar o Rubicão é considerado o catalisador da queda da República Romana?*

— Quem? Eu?

Ou...

— *Ben Cassidy, tem uma ligação para você.*

— Quem? Eu?

Ou ainda...

— *Ben Cassidy, acho que uma das meninas da Darling tem uma queda por você.*

— Quem? Eu?

*E se alguém perguntasse:*

— *Ben Cassidy, quem é o maior idiota do Mundo Ocidental?*

*Ele ficaria com aquela cara de “Você está me zoando?” e diria:*

— *Quem? Eu?*

— Já que a Raffaella entrou em contato com os cidadãos, você pode entrar em contato com os cadetes.

— Acho que o cadete vai querer conversar com você, Taylor.

Paro e ele vem até mim.

— O que quer dizer com isso?

Ben hesita por um momento, mirando o chão antes de criar coragem para me encarar.

— Bom, dizem que ele não é a pessoa mais fácil do mundo e, já que vocês tiveram um envolvimento, faz mais sentido se...

— Sabe o que é um envolvimento? É o que Raffaella e Chaz Santangelo tiveram. Muitas histórias para contar, muita mágoa para desabafar, muita bagagem para fazer check-in na Estou-Pouco-Me-Lixando Linhas Aéreas. Agora, eu e o cadete? Nada a declarar. Fugi com ele um dia. Ele estava fugindo na mesma direção. Fomos parar no mesmo trem, no mesmo vagão. O trem descarrilhou, andamos na mesma estrada e pegamos carona com o mesmo carteiro em Yass. Fomos pegos porque ele amarelou e ligou pras autoridades. Voltamos para casa no camburão do pai de Santangelo. Fim da história. Envolvimento nenhum. Sem continuação. Nadica.

Não consigo ver o rosto deles por causa da escuridão, mas sabem que estou mentindo. Vivo mentindo sobre aqueles três dias. Talvez porque não saiba explicar. É um monte de baboseira sobrenatural e intuições. E é estrelado pelo menino dos meus sonhos, que me pegou pela mão, me fez ficar em pé num galho e perguntou: “O que você vê?”.

“Nada”, respondi.

“Sabe o que eu vejo? A essa distância, tudo é perfeito pra caramba.”

Observei mais longe e o que vi foi a minha mãe. Havia um brilho nela que nunca tinha visto antes. Então fui à procura dela e, naquele sonho, encontrei sua alma. Mas, quando acordei de manhã, soube que precisava procurar o resto dela.

Foi então que vi o cadete na plataforma da estação Jellicoe. No mesmo instante, soube quem ele era. Não é todo dia que se ouve a história de um garoto que matou o próprio pai. Era o que diziam, pelo menos. Parada na

plataforma ao lado dele, acreditei em todos os boatos. Havia uma fúria dentro dele. Uma ferocidade que vazava por todos os poros.

— Sabe quando passa o próximo trem para Yass? — perguntei.

— Vai pro inferno — ele respondeu, mas havia um medo desolado nos olhos dele e não consegui desviar o olhar.

— Já estive lá. Confie em mim. É superestimado.

E, por motivos que nunca entendi direito, recebi um sorriso de Jonah Griggs — um sorriso cheio de anseio, que mexeu comigo e que até hoje me assusta. Naquele trem, alguma coisa desencadeou dentro de nós. Não falou muito sobre si, exceto que aquela era a primeira vez que ficava longe da mãe e do irmão, e que precisava desesperadamente saber se estavam bem sem ele. Já contei tudo para ele. Sobre minha primeira lembrança em que estava sentada nos ombros de um gigante que sabia que só podia ser meu pai. Sobre tocar o céu. Sobre deitar entre duas pessoas que liam histórias sobre monstros e aventuras com dragões para mim, sobre o suave zumbido das vozes falando de amor e serenidade. Viu só? Lembro do amor. É isso que as pessoas não entendem. E também lembro que, ao contar essas coisas para o cadete no trem, vislumbrei a paz.

Quando o trem descarrilhou e decidimos continuar andando, nunca discutimos sobre não ficarmos juntos e encontrarmos minha mãe. Mas na terceira noite ele teve um sonho e nos traiu.

— O que falo pra ele? — Ben pergunta, trazendo-me de volta à realidade.

O que ele deve falar? Perguntar por que Griggs ligou para a escola dele e pediu para virem nos buscar quando estávamos tão perto de um lugar em que nós dois queríamos estar? Perguntar por que ele ligou mesmo sabendo que eu estava a duas horas da minha mãe?

— Fala que queremos fazer um acordo.

Passo pelos dormitórios do sétimo e do oitavo ano, onde Jessa McKenzie já se instalou. As outras prestam atenção em todas as palavras dela e não as vejo tão animadas desde... nunca, na verdade. As líderes da Casa Lachlan sempre foram rígidas. Os mandamentos de um a dez são uma variação de “não haverá diversão” a “não haverá diversão”. Mas, aqui embaixo, Jessa McKenzie e seu bando estão alternando entre rir histericamente e morrer de

medo. As outras meninas estão concentradas na narrativa, e percebo que até Raffaella está entre elas, intrigada, sentada numa das camas.

— Ele matou dez pessoas em vinte anos — ouço Jessa dizer.

— Perto daqui? — Isso vem de Chloe P., que muito provavelmente vai passar a noite morrendo de medo.

— Aquelas crianças que desapareceram alguns anos atrás eram da Truscott, que fica entre Jellicoe e a cidade — diz uma das meninas do oitavo ano. — Já é bem perto.

— Apaguem as luzes — digo.

Elas viram na minha direção. Rostinhos mirrados que não sabem direito quem sou. Só que quem manda aqui sou eu.

— Estou contando para elas sobre um *serial killer*, Taylor, e como ele...

— Não é perto daqui — interrompo.

Caminho até Jessa quando as outras começam a dispersar. Vejo recortes de jornal espalhados na cama dela. Os rostos dos mortos ou desaparecidos são tão jovens e felizes que só consigo pensar: como podem estar mortos? São sorrisos largos de fotos da escola, daquele tipo que a gente sempre esconde.

Mas as piores fotos são as dos pais, com expressões exaustas e angustiadas. Querem os filhos de volta. Observo as meninas ao meu redor e me pergunto se alguém ficaria angustiado por metade delas. Se algo acontecesse comigo, que rosto apareceria na primeira página do jornal, implorando por mim? Será que uma pessoa vale mais porque existe alguém sofrendo por ela?

Encaro Jessa McKenzie e penso que tipo de garota perturbada guarda fotos de adolescentes mortos e pais desesperados. Que tipo de aberração é essa garota que ri histericamente com as meninas das camas vizinhas, apaixonadas umas pelas outras por terem a mesma idade, enquanto o resto do mundo parece tão velho?

As três estão aconchegadas, conversando como se não se vissem há anos. Às vezes, observo as garotas da minha idade, na minha própria Casa, a maioria no terceiro andar assim como eu, e me dou conta de que mal as conheço. É isso que acontece quando nos tiram do dormitório tão cedo.

— Você é adulta agora, Taylor — me disseram. — Assim como nós.

Na época, achava que elas tinham uns cem anos de idade. Mas, no terceiro andar, não rimos na cama com nossas amigas, nem contamos histórias de terror ou lendas urbanas. Não compartilhamos a comida que juntamos durante o dia para fazer um banquete e não lemos livros com lanternas

embaixo das cobertas. Não cantamos no banheiro fingindo que a escova de cabelo é o microfone, nem pintamos as unhas com todas as cores do arco-íris. Pela primeira vez desde que me escolheram como líder da comunidade, entendo por que eu disse a Hannah que estava pensando em partir. Tenho medo. Não de ter que negociar, lutar em uma guerra e garantir que a gente saia da batalha com mais território do que quando entramos. Posso fazer isso com as mãos nas costas.

É essa situação que me amedronta.

Minhas veteranas saíram da Casa.

Estou no comando de cinquenta garotas que não sabem nada sobre guerras territoriais. Só querem ser cuidadas.

E não faço ideia de como fazer isso.

# Cinco

*Ele desapareceu num dos dias mais bonitos que Narnie já tinha vivido em todos os seus dezesseis anos. Era um daqueles dias que ela acordou e realmente sentiu vontade de viver.*

*Nas vinte e quatro horas que seguiram, os quatro chamaram o nome dele, primeiro com irritação, e depois com pressa, histeria, raiva, tristeza.*

*E, mais tarde, desespero.*

*Lá pelo terceiro dia, todo mundo na escola participou, assim como cidadãos e cadetes.*

*Mas os pássaros continuavam cantando, o rio ainda corria e as flores desabrochavam.*

*Então suas vozes pararam e suas almas se imobilizaram e deixaram de ser quem eram.*

*Porque quem eles eram sempre foi determinado por ele.*

*Cinco dias depois do desaparecimento, ela talhou as letras e os números no tronco da Árvore da Oração.*

*Mateus 10.26.*

*E jurou que não abandonaria aquele lugar até que ele voltasse.*

# Seis

O menino da árvore dos meus sonhos vem me chamar de novo. As visitas dele andam mais frequentes nos últimos dias. Pergunto o motivo, e ele diz que está esperando alguém. Pela primeira vez sinto um calafrio percorrer meu corpo. Pergunto quem está esperando, mas ele não me responde. Por alguma razão estranha, penso em Hannah e, quando estou prestes a fazer outra pergunta, sinto que há mais alguém na árvore com a gente. Alguém na ponta do galho, como uma sombra. Mas não consigo ver o rosto. O menino fica de pé no alto e mergulha na água lá embaixo. Ouço uma lamúria da sombra. Ela me assusta tanto que, com as pernas trêmulas, também levanto. Pronta para pular. Prestes a pular.

— Taylor?

Encaro o relógio. Seis da manhã.

Raffaela está parada ao lado da minha cama.

— É Ben. Você tem que ver o que os cadetes fizeram com ele.

Eles foram pra cima dos dedos, como se soubessem o quanto Ben precisa deles. Os líderes da Casa Clarence também faziam isso. Ben é músico. Ama tudo que produz som, então naturalmente seus dedos são sempre esmagados quando alguém está putos com ele. E Ben tem uma personalidade fácil para deixar os outros putos. Raffaela está enfaixando os dedos dele e o garoto demora um tempo para me encarar. Encolho com o que vejo.

Estou supondo que o olho vai ficar roxo e que vai ser difícil comer por um ou dois dias, a julgar pela quantidade de sangue em volta da boca. Raffaela limpa com a praticidade de alguém que passou a vida toda fazendo isso. Tento me concentrar na semicarnificina diante de mim, mas não consigo parar de lembrar do sonho.

— Então você fez a oferta — digo.

Ele assente, mas até isso parece doloroso.

— E não gostaram?

— Ele queria que as negociações fossem entre ele e *a menina*. “Não é ela que manda lá?”, foi o que ele falou. Como eu pensei que falaria. Lembra daquela parte em que eu disse “Acho que vai querer conversar com você”?

— E ele é um covarde que manda os capangas fazerem o trabalho sujo no lugar dele.

— Ah, não — Ben diz, tentando balançar a cabeça e afastar a mão de Raffaela. — Ele fez tudo isso sozinho. Isso a gente precisa admitir: ele faz o próprio trabalho sujo.

Posso ver que Ben está com raiva.

— Tenho o direito de delegar tarefas — digo, mais ríspida do que deveria.

— Sim, eu sei. Mas você não estava delegando. Estava evitando uma pessoa e me deixou no meio. Olha só pra mim! Tenho um metro e sessenta. Sou um fracote. Minha especialidade é disputa medieval e violino. Não sou feito para a dor. Mas ele tem uma droga de uns três metros de altura.

— Então a gente tenta de novo e dá a ele o que quer por enquanto — Raffaela diz.

— Não fazemos ideia do que ele quer.

— Isso aconteceu no nosso território ou no deles?

— Importa? Dói igual. Eles têm armadilhas em todo lugar. Parece um daqueles filmes ruins dos anos 80 sobre a Guerra do Vietnã com o Chuck Norris.

— Então eles estão entediados? — pergunto.

— Enlouquecidos. Descobriram que não tem sinal de celular por aqui. A falta de mensagens de texto significa mais territorialidade. Não dá pra andar um metro sem tropeçar num arame. Você precisa fazer uma reunião com Richard e os outros líderes. Lembrar quais são exatamente as fronteiras, porque, se um dos alunos mais novos for parar na área errada, vamos ter vítimas e os professores vão começar a fazer perguntas. E as outras Casas vão começar a jogar merda no ventilador.

— Então vamos verificar as fronteiras hoje.

— Eu não vou.

— Vai sim, Ben. Você é meu braço direito.

— Só porque você não queria o Richard. Não pense que acreditei que me escolheu por algum outro motivo. Não sou escolhido para as coisas sem um



motivo. Sabe por que virei chefe da minha Casa? Porque o Filho Número Um encontrou Jesus Cristo e agora está feliz, batendo palma numa igreja em Sydney; e estou prestes a ir atrás dele.

— Então vou escolher o Richard. Ele vai ser o melhor de um bando de traidores. Tudo bem por você? — retruco. Saio andando e bato a porta, descendo a escada furiosamente.

A professora que substitui Hannah está fazendo a chamada no refeitório, e todo mundo finge que é a coisa mais natural do mundo. Todo mundo exceto Jessa McKenzie e eu. Ela está sentada ao pé da escada, de camisola, expressando preocupação ansiosa.

— Vai tomar café da manhã — digo com firmeza.

— Você está indo para a casa da Hannah?

— Não é da sua conta — murmuro, batendo a porta da entrada.

A casa da Hannah começou a perder o cheiro dela. Nos últimos dias, está com cheiro de mofo e coisa velha. Caminho até o quarto dela no sótão e deito na cama. Faz uma semana que não a vejo e sei que está na hora de falar com um dos professores. Perguntar onde ela está, como quem não quer nada. Enfio a cabeça no travesseiro. Não consigo lembrar de nenhum dia nos últimos cinco anos em que Hannah não esteve por perto e, por um momento, sinto vontade de chorar. Fico furiosa por querer chorar, porque me sinto manipulada pela trilha sonora na minha cabeça — a mesma que me fazia chorar naquele filme água com açúcar com a Julia Roberts e a mãe morrendo de câncer. Saio da cama e caminho até a cozinha. O manuscrito dela está em cima da mesa, mas parece mais fino. As páginas estão espalhadas, como se alguém tivesse lido. Como se alguém tivesse passado por ali, o que me deixa tensa. Não há numeração nas páginas, então não sei se estou com o começo ou com o fim, nem se está na sequência certa, mas, ultimamente, não estou procurando muito por continuidade.

Só estou procurando algo que faça sentido para mim.

Entre criar um acordo bilateral com o inimigo, proibir boatos sobre *serial killers* e me livrar de uma tentativa de golpe comandada por Richard e pelos líderes das outras Casas, vou conversar com nosso diretor sobre Hannah. Me

dou conta de que, durante todo esse tempo que passei na escola, só estive na sala dele uma vez. John Palmer sai de trás da sua mesa e puxa uma das cadeiras de “convidado” para mim, como se estivesse promovendo afeto e familiaridade. Não é que eu não goste dos adultos daqui, é só que eles não ficam tempo suficiente. A Escola Jellicoe é o ponto de partida deles para algum outro lugar. Já tivemos três diretores desde que cheguei. É isso o que torna Hannah diferente. Dizem que ela estudou aqui e simplesmente nunca saiu. Esse é outro dos mistérios de Hannah. Por que uma mulher de trinta e poucos anos está se escondendo do mundo? Pior ainda: por que decidiria sair, de repente, sem me falar nada?

— Você não tem acesso a esse tipo de informação, Taylor — o sr. Palmer diz, gentil, mas com firmeza.

— Ela é coordenadora da minha Casa há cinco anos. Foi ela que me trouxe para esta escola. Acho que isso me dá o direito de saber. Além do mais, tenho uma Casa cheia de garotas precisando dela.

Ele assente, como se já tivesse pensado nisso tudo.

— A srta. Morris vai ficar na cabana perto da Casa Lachlan, então basta falar com ela se precisar de alguma coisa.

— Você sabe se Hannah vai voltar? Ela deu aviso prévio ou algo assim? Alguma coisa? — Estou desesperada por qualquer informação.

— Digamos só que ela estava com pressa. Deixou uma carta dizendo que precisava ir para Sydney e que entraria em contato quando soubesse os planos dela. Pediu desculpas por qualquer inconveniente e assinou.

— Ela pode fazer isso? Abandonar o trabalho sem nenhuma explicação? Ainda está recebendo o salário?

— Taylor — ele disse, perplexo. — Hannah não é funcionária. Ela não trabalha para a escola. Ela tem uma propriedade perto do rio e nos ajuda há muito tempo. Pode ir e vir quando quiser, o que preferiu não fazer até agora. Certamente não vou procurá-la e mandar que volte, mesmo se tivesse o número dela. Você conhece Hannah melhor do que eu, deve ser alguma coisa importante para ela sair assim. Qualquer dia ela liga na sua Casa. Você está se preocupando com bobagem.

— Ela mandou a carta por correio?

— Foi entregue pessoalmente por um amigo dela.

— Quem? Que amigo? Conheço todos os amigos dela. Juro. Faça qualquer pergunta sobre ela que vou saber responder. Só me deixe falar com

esse amigo.

O diretor se inclina na cadeira. Me sinto humilhada pela compaixão no olhar dele.

— Prometo que, se ela entrar em contato comigo, digo que você quer falar.

Assinto de novo, engolindo em seco.

— Posso só ver a carta? — Há um tom de súplica na minha voz e, de repente, sou como todas as crianças patéticas que já foram largadas neste lugar. Sou a prostração na cara de Jessa McKenzie e o desespero daquelas pobres meninas que ouviam as palavras de Hannah só porque ela lhes dava atenção. Sempre me senti superior. Até agora, e não sabia por quê. Desde o dia em que Hannah me encontrou naquela loja de conveniência, sabia que significava mais para ela, que tínhamos alguma ligação.

O sr. Palmer levanta por um instante e busca algo num arquivo.

Ele volta com um envelope e me mostra. Presto atenção em todos os detalhes. No envelope, com uma caligrafia que não é de Hannah, está escrito: “Aos cuidados de John Palmer”. A letra é surpreendentemente caprichada e precisa. O sr. Palmer nota a minha expressão de dúvida e tira a carta do envelope. Reconheço a caligrafia na hora. É de Hannah.

Me levanto, assentindo de novo.

— Desculpa.

— Não tem por que se desculpar, Taylor. Você só está sentindo falta de uma amiga.

Já houve sentimentalismo demais para mim, então caminho até a porta.

— Se ela falar com você...

— Você tem a minha palavra.

Quando volto à Lachlan, as alunas mais novas estão fazendo lição de casa.

— Se Hannah ligar, lembrem de me chamar — digo da porta.

Jessa McKenzie ergue os olhos e, como toda vez que me encara, sinto uma familiaridade. Ela ergue a mão e me acena discretamente. Do nada, uma forte vontade de protegê-la toma conta de mim. Mas resisto à sensação, já que mal consigo cuidar de mim mesma ultimamente.

Deito na cama e as palavras saem da minha boca. Há quem faça orações à noite. Eu não. O que digo é sempre a mesma coisa: “Meu nome é Taylor

Markham. Moro na estrada Jellicoe”.

*Na árvore sobre a colina, Webb planejou construir uma casa. Ele a faria de madeira, como a arca de Noé, com dois andares e vista para uma paisagem que pudesse admirar todo dia. Seu pai tinha construído a casa deles na fazenda. Era uma das coisas que Webb adorava no pai, e sentia mais saudade quando lembrava dos sons do martelo e do zumbido da serra e da voz dele entrando em harmonia na mesma canção que parecia tocar na cabeça de todos eles. Webb lembrava como ele e Narnie seguravam pregos entre os dentes só para ficarem iguais ao pai, batendo seus martelos, sabendo que faziam parte de algo maior.*

*Ele contou seu plano para Narnie e Tate. Sentado naquela árvore, falou para elas que construiria uma casa e que precisava da ajuda delas. Narnie não disse nada por um bom tempo. Ela só ficou agarrada ao galho, observando o vale lá embaixo. Depois disse que, daquele ângulo, as copas das árvores pareciam couves-flores, e que já tinha ouvido as árvores dizendo para pular, jurando que, se ela pulasse, fariam com que ela quicasse no ar de novo. Certos dias, como hoje, Webb morria de medo que Narnie desse ouvido às árvores.*

*Então ele fez as duas ficarem em pé no galho, segurando firme a mão delas.*

*— Não se preocupem. Nunca vou soltar.*

*— O que você vê? — Narnie perguntou.*

*— Nada.*

*— Sabe o que eu vejo? — Tate disse. — A essa distância, tudo é perfeito pra caramba.*

# Sete

Na tarde do dia seguinte, vou até a Casa Clarence para encontrar Ben. Com as mãos trêmulas, bato na porta e espero. O menino que atende me encara apreensivo, e não entendo o motivo até lembrar a frequência com que já cruzei com os antigos líderes da UC. Quase nunca. Eles não atendiam em domicílio. Mesmo nas próprias Casas, eram endeusados. O menino não se move e fica me encarando até que, felizmente, Ben aparece e põe a mão no ombro dele.

— Volte pra sala de estudos — ele diz. — Logo mais vou pra lá.

Ele não fala nada para mim, mas sua expressão diz: “O que foi?”.

— E aí? O que você falou pro coordenador da sua Casa? — pergunto, apontando para a cara dele. — A respeito disso.

— Que entrei pro futebol.

— Sim. Naturalmente. Você faz bem esse tipo.

— Ele adorou a mentira. O que significa que não vai investigar.

Nos encaramos por um momento e, pela primeira vez, me sinto constrangida. Não que não goste de humildade, só nunca precisei dela.

— Quer que eu vá com você?

— Sim, quero — respondo sinceramente, percebendo que não há motivos pra ficar enrolando.

— Os alunos do oitavo ano têm tarefas para amanhã — ele diz, apontando para trás. — Não é uma boa hora.

— Você faz a lição de casa com eles?

— Sou o líder da Casa deles.

— As líderes da minha Casa nunca fizeram lição com a gente. Era Hannah quem fazia.

— E os líderes da minha costumavam enfiar nossas cabeças na privada. Consequentemente, vou usar uma estratégia mais amigável.

— Consequentemente? Eu teria usado “naturalmente”.

— Você já usou. Enfim, como consequência por ter sido tratado assim, escolhi agir no extremo oposto, então vou ficar com “consequentemente”.

— Se eu mandar Raffaella ajudar os garotos, você vem comigo?

— Raffaella deve estar ajudando suas garotas do oitavo ano.

— Naturalmente.

Mais silêncio. A humildade tem que dar lugar à súplica agora.

— Ben, meus primeiros sete dias nessa posição já passaram e não tenho nada para mostrar. Antes, nossos líderes sempre faziam contato com os cadetes e conseguiam pelo menos redefinir as fronteiras. Mas eu não sei nem o que dizer pra aqueles caras. Estou admitindo isso para você não sei por quê.

— Porque você não me respeita e não se importa se eu te achar fraca.

Me resigno ao fato de que só tenho uma aliada agora: Raffaella. Mas Raffaella não é líder de nenhuma Casa, não tem como me salvar do golpe preparado por Richard e suas cinco assinaturas.

— Dane-se — eu digo, dando as costas. Chego ao pé da escada e viro. Ele ainda está na porta. — E fique você sabendo que não sei se tenho respeito por você ou não. Mas te escolhi no lugar de Richard ou dos outros porque confio em você. Esse é o meu motivo. A essa altura, confiança está acima de tudo pra mim e, se não é o bastante para você, então não sei o que dizer. — Começo a andar.

— O que ganho com isso? — ele grita.

— Nada — respondo. — Não vou nem fingir que vai ganhar alguma coisa.

Ele desce atrás de mim.

— Não. Isso é o que você precisa dizer para eles quando for negociar. Sempre ouvi o líder dizer “O que ganho com isso?”.

Ele continua se afastando da Casa, e sinto um grande alívio quando chego à clareira e ele ainda está ao meu lado. Meu estômago começa a revirar e percebo que estou nervosa com o prospecto dos cadetes.

— A gente pode dar sorte — Ben diz, notando meu nervosismo. — Podem estar destrinchando um porco que acabaram de matar para o jantar e arrancando a carne dos ossos com os dentes enquanto estamos aqui conversando e...

— ... por consequência?

— ... não vão estar interessados na gente espreitando.

Não estou muito convencida.

Ficamos ali por um tempo, marcando o mapa com todos os pontos de controle importantes. Na maior parte do ano, não temos que nos preocupar com as fronteiras, mas, quando chega setembro, o mapa vira nossa bíblia. Sigo as instruções e só me dou conta de como estou perto da beira da colina quando Ben agarra minha camiseta e me puxa para trás. Mas gosto de ficar perto. Mais um passo e aquelas árvores de couve-flor lá embaixo poderiam me fazer quicar de volta para cima.

Ben está me encarando.

— Você é cega? Quase caiu lá embaixo!

Estou prestes a dizer para ele não ser ridículo quando ele ergue a mão.

— Está ouvindo? — ele sussurra.

— O quê?

— Isso.

Ele me encara e abre a boca para dizer alguma coisa, mas leva dois dedos enfaixados aos lábios.

— Acho que cruzamos a fronteira sem perceber — ele continua, num sussurro.

— De acordo com o mapa, este pé de eucalipto é a fronteira.

— De acordo com o mapa, tem duas árvores desse tamanho e passamos a outra faz uns dez minutos.

Fico imóvel por um momento. Os pássaros cantam, as árvores farfalham ao vento, mas há mais alguma coisa. A sensação é a de estar no meio de uma multidão, apesar dos quarenta hectares de vegetação ao nosso redor, estendendo-se até onde a vista alcança.

Ergo um dedo, depois dois, depois três e corremos. Mas, nem um passo depois, já estou voando pelo ar. Dou de cara com o chão, arranhando meu rosto na terra.

Tento me ajoelhar, mas percebo que algum tipo de armadilha prendeu no meu pé, então percebo o coturno à minha frente. Grande, preto, militar, engraxado, amarrado com cadarço, capaz de exterminar todo um universo de formigas numa só pisada. Ergo os olhos só um pouquinho e vejo a calça cáqui enfiada no calçado, mas paro aí. Essa não é a posição em que quero estar para esse encontro. Continuo observando à frente e me ergo devagar, até ficarmos cara a cara, a uns dez centímetros um do outro.

Jonah Griggs é um tanque. Seu rosto é mais grosseiro e mais cruel do que me lembrava. Cabelo aparado. Olhos frios. Braços cruzados. Aperfeiçoou a arte de encarar as pessoas sem fazer contato visual. Dois de seus cadetes seguram Ben pelos braços, e posso ver pela cara dele e pelos membros contorcidos que está sentindo dor.

— Solte ele — digo.

Jonah Griggs me observa de cima, como se estivesse considerando meu pedido. Até parece. Pondera por um momento, levando o polegar e o indicador ao queixo, então balança a cabeça.

— Talvez outra hora — ele diz, com uma voz muito diferente daquela de três anos atrás, prestes a engrossar.

— Podemos levá-lo para dar uma volta pelas fronteiras, e depois ele pode repassá-las para você — diz o braço direito dele.

— Prefiro que você me leve para dar essa volta.

Jonah Griggs finge considerar de novo e inclina a cabeça para a frente, como se não tivesse ouvido. Ainda não faz contato visual.

Então seguro seu rosto e o encaro bem nos olhos. É como um soco no estômago encarar aquele olhar.

— Quer tornar isso pessoal, Jonah? Então solta ele.

Não sei o que toma conta de mim para eu falar o nome dele assim, mas simplesmente escorrega da minha boca. Griggs recua.

— De jeito nenhum! — grita Ben. — Não vou sem você.

— Que emocionante! — Jonah Griggs diz, soltando minha mão. — Tem muito amor neste lugar.

Ben manda um beijo para ele e então tudo vira um caos. O impacto de botas contra dedos deixa claro o que aconteceu na noite anterior. Pulo nas costas de Jonah Griggs, mas não posso nem puxar o cabelo, porque o corte dos cadetes não permite. Ele se livra de mim com facilidade e caio no chão pela segunda vez em menos de cinco minutos.

— O que aconteceu com a galera assustadora que me falaram? — ele zomba, me observando. — Você e os cidadãos estão facilitando demais pra gente.

— Quer assustador? A gente sabe ser assustador. — Levanto. — Vamos — digo para Ben, que quase não consegue falar por causa da dor.

— Me assusta, então — ouço Jonah Griggs dizer.

Viro para encará-lo.



— Sabe o tratado? Aquele que diz que nós controlamos o acesso da água? Aquele que vocês conseguiram contornar nos últimos quatro anos porque não tinha água? Então, enquanto vocês estavam fora, choveu. Isso significa que há um rio. Significa que vocês não têm acesso a nada a menos que a gente ofereça. Significa que estão limitados a um décimo da terra que usavam no passado.

— E daí?

— E daí que isso significa guerra.

Griggs dá de ombros, com arrogância.

— Bom, pelo menos a gente está vestido pra isso.

# Oito

*Tate ficou parada à porta de Webb, com o cabelo desgrenhado e o sorriso largo que nunca desaparecia. Às vezes, Webb achava que nunca sentiria nada melhor do que sentia quando a encarava; nunca veria nada ou ninguém com mais energia ou vitalidade. Às vezes, sentia a necessidade de inspirar aquela sensação e guardá-la na alma. Caso precisasse.*

*Quando disse isso a Tate, ela ficou perplexa.*

*— Mas, Webb, sou assim graças a você. Você é tudo pra mim.*

*Nos dias tristes de Narnie, ele queria poder ser tudo para ela também.*

*— É isso o que você quer? — sua irmã perguntou certa vez, enquanto estavam sentados na beira do rio, os pés balançando na água.*

*— De um jeito diferente, porque você é minha irmã, mas sim. Se eu puder te deixar feliz... ou com vontade de viver, sim, gostaria de ser tudo para você.*

*— Você sempre faz tudo, Webb — ela disse, aborrecida. — Nunca fica cansado? Ele balançou a cabeça.*

*— Não se você e Tate estiverem bem.*

*— Mas o que vai acontecer com a gente se você não estiver bem? Vamos ficar miseráveis. Ainda mais do que estou agora. Por que eu gostaria que uma pessoa fosse tudo para mim se um dia ela pode não estar mais por perto? O que vai ser de mim então?*

*— Nunca vou te deixar, Narnie. Você é minha irmã. É tudo que tenho.*

*Então Tate, parada na porta, sorria seu sorriso hipnótico.*

*— Os cadetes chegaram — ela disse. — Vai ser nosso último ano assim. Vamos lá buscar Narnie e arranjar confusão.*

*Os três pisavam na terra, na estrada Jellicoe, em frente a um ônibus cheio de cadetes. À distância, o som de um disparo ressoou e uma nuvem de poeira subiu, pairando sobre as árvores.*

— *Citadinos* — Tate disse. — *Vindo com tudo, pelo jeito.*

*O motorista do ônibus acionou a buzina, preguiçosamente.*

— *Rendam-se!* — gritou Webb. — *Mandem seu líder!*

— *Saiam da pista ou vão ser vocês que vão se render, filhos da puta!* — retrucou o motorista.

*As portas abriram. Uma bota pisou na estrada, seguida por outra.*

*Tate e Webb se entreolharam. Narnie sentiu o coração bater acelerado no peito.*

*Um cadete saiu do ônibus, vestindo o uniforme completo da escola militar. Caminhou até eles, virando para trás apenas ao perceber que o carro que estava causando tumulto na estrada estava quase em cima deles. Chegou perto do trio e observou os rostos.*

— *Nunca entendi a faixa no queixo* — Webb disse. — *Deve ser a coisa mais idiota que já vi.*

— *Como a gente pode te levar a sério assim?* — disse Tate.

— *Pois é, é bem desconfortável também* — Jude concordou, retirando-a.

*Quando os disparos ficaram mais barulhentos, todos se voltaram na direção do carro que se aproximava.*

— *Fitz?*

— *Psicótico como sempre. Foi expulso da escola umas três vezes esse ano.*

— *E você sabe como ele fica animado quando você vem* — Tate sorriu.

*Jude sorriu de volta. Deu um soquinho no ombro de Webb, que o retribuiu.*

— *Cadê todo mundo?* — um dos cadetes gritou da janela do ônibus.

— *Fim de semana com a família* — Webb respondeu. — *Somos os únicos por aqui.*

*Enquanto o ônibus partia, um carro deu a volta cantando pneu, parando com uma curva brusca. Então Fitz saiu, se jogando nas costas de Jude com a loucura febril de sempre.*

— *Como não te prenderam ainda?* — Jude disse, jogando-o no chão e pulando em cima dele. *Os dois lutaram até Fitz vencer, deixando Jude por baixo com as pernas arreganhadas.*

— *Estão adorando essa posição, hein?* — Tate deu risada.

*Webb os ajudou a levantar e os cinco desceram a estrada Jellicoe rumo à escola.*

— *Adivinha!* — Fitz disse.

— *Sei lá* — Jude disse. — *O quê? Narnie sorriu?*

*Ele a encarou pela primeira vez.*

— Quando virem Narnie sorrir, vai ser uma revelação — Webb disse, puxando-a para perto.

Jude parou na frente de Narnie e tentou forçar um sorriso, esticando o rosto dela com as mãos. Narnie fez careta.

— Deixa ela em paz — Tate disse.

— Preciso de uma revelação — Jude disse. — E você é a única que pode me oferecer uma, Narns.

— Vamos voltar para o “Adivinha!”? — Fitz disse, incontrolavelmente elétrico.

— Que foi?

— A fase um do túnel está concluída — Webb contou em voz baixa.

Todo ano, a cidade dá as boas-vindas aos cadetes com um evento de gala — se é que dá pra chamar salsichas e uma partida de rúgbi de evento de gala. Lá pelo meio do dia, recebo a informação de que vai haver uma reunião entre os três grupos depois do cerimonial. Mando Ben reunir os líderes das outras Casas e tentamos bolar uma estratégia, mas ninguém consegue chegar a um acordo. No fim, decidimos permitir o aluguel do rio, desde que apenas doze cadetes por vez façam uso dele.

Como sempre, os cadetes estão vestindo farda; o corpo musculoso de Jonah Griggs se destaca entre eles. Ele avalia o campo e a distância, guiando o time como guiaria tropas — seu time é de primeira, dá pra ver. Santangelo é obstinado, e o que falta de habilidade na equipe dele, sobra de resistência e velocidade. Já o nosso time é péssimo e, na disputa de todos contra todos, me dou conta de que somos insignificantes nessa guerra territorial.

Quando os jogos acabam, começa a parte oficial da cerimônia. Atrás dos microfones, a banda se prepara. Vejo os Irmãos Mullet plugando as guitarras ao lado de uma menina de dread e um monte de piercings.

A mãe de Santangelo é a prefeita. Ouço-a sussurrar “Se comporta!” para o filho enquanto posa para uma foto com a capitã da escola. Ela é aborígene, o que faz sentido quando penso na cor da pele de Santangelo — mesmo para um italiano, a pele dele parece mais escura. Também tiramos fotos com ela e, em seguida, posicionam Chaz, Griggs e eu em frente ao palco para mais fotos.

— Chaz! — A mãe de Santangelo está tentando chamar a atenção dele de onde está, junto com alguns funcionários da escola. Ela sussurra “Sorria!”

apontando para os próprios lábios.

— Chaz, sua mãe quer que você sorria — Jonah Griggs diz, sarcástico.

— E a sua quer que você coma merda e morra.

Estou parada entre esses dois gênios enquanto o fotógrafo da cidade pede para dizermos “férias”, “pornografia” e palavras assim.

— A sua acha que você devia relaxar — Griggs continua as provocações.

— Sério?

— Sim, ela me falou ontem à noite.

As primeiras notas do hino nacional ressoam pelo palco, fazendo todo mundo estremecer.

— O que você disse?! — Santangelo pergunta baixinho.

— Sua mãe. Boa moça. *Boa mesmo.*

Santangelo é quem parte pra cima primeiro, dando um soco direto na barriga de Jonah Griggs. No minuto seguinte, os dois estão rolando pelo chão. E então é um deus nos acuda acompanhado de muitos gritos — sem a minha participação, claro, e pode acreditar que me sinto excluída. Mas eu é que não vou entrar nessa briga. O líder da Casa Murray sai voando e cai aos meus pés, gemendo. Tento ajudá-lo a levantar, mas então percebo que ele está se divertindo. Todos estão. É como uma luta de neandertais para ver quem é o mais ridículo. Alguns dos professores citadinos tentam conter a briga. Um grande erro. Essa chatice continua por pelo menos mais uns quatro minutos. As meninas do Colégio Jellicoe me medem de cima a baixo, revirando os olhos. E, a julgar pela cara da mãe de Santangelo, não gostaria de estar na mesa de jantar com ela esta noite.

Então a polícia chega. Reconheço o pai de Santangelo, que guarda a brutalidade policial para o próprio filho. Em seguida, vejo Ben desaparecer sob um montinho de corpos e vou ajudar, porque os Irmãos Mullet caíram em cima com as guitarras ainda presas ao tronco, causando mais dor que o necessário. Só que, quando estou prestes a tirar Ben da briga, um som agudo de apito ressoa no meu ouvido e um policial me puxa pelo braço. E então acaba. Nos separam em dois grupos: os líderes e os outros. Fico no grupo dos líderes, já que meus coleguinhas fracotes, patéticos e traidores apontam para mim quando alguém pergunta quem está no comando. A única coisa positiva da situação é que, como essa cidadezinha idiota é pequena, ninguém precisa entrar no camburão para ser levado à delegacia. Levam a gente a pé. E sou colocada na mesma cela que Jonah Griggs e Chaz Santangelo, que

continuam se estranhando. Sei que isso ainda não terminou e que vou acabar no meio da briga. Na cela ao lado, estão cerca de outros trinta jovens, de todos os três grupos. Procuo Ben, mas só consigo ver os líderes das outras Casas comparando os machucados com orgulho.

Na minha cela, parece que nem existo. O pó e a sujeira começam a me irritar e sinto uma falta de ar que sei que vai me trazer problemas. Do outro lado, Jonah Griggs e Santangelo estão ocupadíssimos se medindo feito dois pit bulls que precisam provar quem tem o maior... porte.

Me recosto nas grades que nos separam dos outros.

— Deixa eu ver se entendi... — digo para uma das cidadinas. — É só xingar a mãe de alguém?

— Não. Aí é que está a beleza da coisa! Eles não precisam xingar a mãe de verdade. Só dizer “sua mãe” já basta — explica ela.

— Então se eu disser para você “a sua mãe é uma...” — digo e dou de ombros.

— Basta “sua mãe”. Mas não funciona com meninas — ela continua. — Você precisa ter um pênis para isso te afetar assim.

— Ah, que engraçadinha — diz Santangelo.

O contato com as cidadinas é o ponto alto da noite. Passo a primeira hora no cárcere conversando com uma delas sobre os mitos relacionados a piercings nas sobrancelhas. Ela, por acaso, é namorada de um dos Irmãos Mullet. Quando crio coragem, faço a pergunta que não quer calar: por que os mullets? Mas estou ficando sem ar. Reconhecendo os primeiros indícios de um ataque de asma, sento e não consigo ouvir a resposta.

A primeira leva de pais entra por volta das cinco da tarde, incluindo o supervisor da Casa Murray. Em menos de meia hora, a cela vizinha fica vazia. Só sobram Griggs, Santangelo e eu. Então me deixam sozinha na cela ao lado e pedimos comida para o jantar.

— Você prometeu uma negociação sobre a Casa Clube — Santangelo diz, se dirigindo a mim, mas ainda encarando Jonah Griggs.

— As negociações estão encerradas — digo, categórica.

— Você não pode fazer isso.

— A Casa Clube é nossa e você não pode nos impedir de usá-la — Jonah Griggs diz, arrogante.

— Espera só pra ver.

— Se entrarmos num acordo sobre a Casa Clube, vai ser lucrativo para todos — Santangelo diz.

— Entra um centímetro dentro da nossa propriedade e...

— E o quê? — Jonah Griggs grita para mim.

— Infelizmente, o Estado insiste em usar nossa escola como centro de detenção juvenil. Temos incendiários.

— E daí? Vão botar fogo na gente? — ele diz, fingindo medo.

— Não, mas vamos botar fogo em todas as propriedades de vocês, sem exceção. Começando pela Casa Clube.

Agora tenho a atenção deles.

Raffaela recebe permissão de me ver porque sabe persuadir o pai de Santangelo, que é padrinho dela.

— Chamamos o sr. Palmer, mas ele está numa reunião do Rotary Club. O sr. Grace da Casa Murray diz que não tem autorização para pagar sua fiança, então precisamos esperar até Sal, quer dizer, o sargento Santangelo — diz, o encarando e sorrindo — falar com o sr. Palmer... O que talvez só aconteça depois da meia-noite.

— Cadê o Ben? — pergunto.

— Acho que o vi indo atrás dos Irmãos Mullet.

— Até parece que ele consegue dar conta dos Irmãos Mullet. É doido? Encontre ele, Raffaela. Pode estar machucado.

— Vou passar a noite na casa dos meus pais hoje. Ele pode dormir lá.

Ouçó botas pesadas sobre o chão da delegacia. No minuto seguinte, Jonah Griggs levanta em um pulo e faz continência, espantado. Santangelo imita, tirando sarro dele.

— Ei! — grita o pai de Santangelo, e o garoto volta a sentar, emburrado.

Estico o pescoço para ver o que surpreendeu tanto Jonah Griggs. Meu coração acelera violentamente.

É a primeira vez que vejo o brigadeiro tão de perto desde que me deixou na casa de Hannah, há três anos. Na minha memória, ele sempre foi um gigante, mas hoje percebo que Griggs é mais alto do que ele. Recosto nas grades e observo a interação entre os dois.

— Não acho que você vai morrer se passar a noite aqui — ele diz a Griggs, demonstrando que não está aberto à negociação.

Não sei como uma voz que só ouvi uma vez na vida pode ficar guardada tão bem na minha cabeça, mas lembro como se fosse a de Hannah.

Percebo que Jonah Griggs está se sentindo um lixo, mas mantém a continência.

— Sim, senhor.

— Isso vale pra você também — diz o pai de Santangelo, apontando para o filho. Santangelo murmura um palavrão.

— O que você disse? — o pai pergunta alto.

— Nada — Santangelo resmunga.

Então o brigadeiro me encara e eu o encaro também, embora parte de mim se sinta mal. Ele parece mais jovem do que na minha lembrança. Mais jovem do que o pai de Santangelo, pelo menos.

— Você quer que eu a leve de volta pra escola? — o brigadeiro pergunta ao policial.

— Não! — quase grito.

O pai de Santangelo balança a cabeça.

— John Palmer está vindo. Ela vai ficar bem.

O brigadeiro continua me encarando, como se analisasse todos os detalhes do meu rosto. Parece levar milhões de anos até me dar as costas.

— Ouvi dizer que você vai ficar por algumas semanas — diz o pai de Santangelo para o brigadeiro quando os dois saem. Só então Jonah Griggs relaxa.

— Desde quando brigadeiros do exército mandam nos cadetes? — Santangelo pergunta.

— Não mandam.

Vejo que Griggs ficou confuso com a presença do brigadeiro. Me encara e vou até o outro lado da minha cela, me acomodando o mais longe possível dos dois.

A cadeia não é tão ruim assim, ainda mais quando você está acostumada com a droga da comida da escola e tem a possibilidade de pedir comida tailandesa.

— Como vai Hannah? — o pai de Santangelo me pergunta, entregando a comida.

— Você conhece Hannah?

— Desde que ela tinha a sua idade.

Dou de ombros.



— Ela saiu.

O telefone toca e outro policial se aproxima com o aparelho na mão.

— É Clara — ele diz ao pai de Santangelo. — Quer conversar com Chaz.  
— Santangelo pega o telefone entre as grades e tenta falar o mais baixo possível, enquanto Jonah Griggs ri baixinho, sentado na beliche.

— Oi... Escuta... Eu sei... É, até parece que fiz de propósito, mãe... Tá... *Você o quê?* Não vai pra casa deles, ela é uma mentirosa... Ela só finge ser fofa na frente de... Ah, que bom, você acredita mais nela do que no próprio filho. Não. Ele está sendo um bundão... Não falei “cuzão”, quem falou foi você... Beleza, fica do lado dele...

Ele entrega o telefone para o pai.

— Disse pra você não esquecer de pegar pão — ele resmunga.

Às dez, faço um pacto comigo mesma de nunca cometer um crime, porque a cadeia é o lugar mais entediante do mundo. Até mais entediante do que a Escola Jellicoe numa tarde de domingo. É tão monótona que, quando Santangelo vem para o meu lado da cela, até que fico contente por poder conversar.

— Chiclete?

Estico o braço e pego um. De perto, ele é realmente bonito. Fico curiosa para saber qual é a relação entre ele e Raffaella, mas não tenho coragem de perguntar. Santangelo me observa de um jeito estranho, nem pervertido nem interessado. Está me encarando como me encarou na cabana de negociação. Como se tivesse uma pergunta a fazer ou algo a dizer, mas não sabe como.

— Desembucha — digo.

— Desembuchar o quê?

— O que você quer falar.

Ele está prestes a negar, mas então parece mudar de ideia.

— Aquele cara... o ermitão? Meu pai me levava lá às vezes para ver como ele estava.

Me aproximo. Ninguém na Escola Jellicoe jamais mencionou o ermitão. Fingem que aquilo nunca aconteceu.

— Você conhecia ele?

Ele assente.

— Era meio doido. Tipo obsessivo-compulsivo, sabe? Vivia subindo num galho e mergulhando no mesmo lugar do rio. Simplesmente deixava a correnteza levá-lo. Achei que ele ia morrer fazendo aquilo, não...

Não falamos por um tempo.

— Você se lembra bem daquele dia? — ele pergunta.

Só lembro que, quando acordei, estava na cama da Hannah. E que ouvi alguém gritar como um bicho. Lembro de abrir os olhos e ver o corpo dela fora de foco, abraçando alguém, um homem. Ele se agarrava a ela com tristeza; os dois estavam muito abalados. Me perguntei se aquele homem era amigo do ermitão. Lembro que nunca mais vi as roupas que eu estava vestindo naquele dia, o que é uma pena, porque gostava muito da minha camiseta do Gato Félix e da minha calça jeans cinza. Sempre que as pedia para Hannah, ela só balançava a cabeça.

Não respondo.

— O que seu pai falou? — pergunto em vez disso.

Ele não me encara.

— Não sei. Só que foi doido — ele resmunga.

— Como assim “doido”? O que você quer dizer?

Ele me encara.

— Você sabe... doido.

Vejo Jonah Griggs levantar do beliche e vir na nossa direção.

— Por que está contando isso pra ela? — ele grita para Santangelo.

Ele ignora Griggs.

— Meu pai chorou... Nunca tinha visto ele chorar... Me contou que o ermitão tinha uma filha...

Sinto vontade de vomitar. Até agora, o ermitão nunca teve vida. Era só um louco que vivia no meio do mato. Mas saber que tinha deixado alguém pra trás... Um pensamento terrível passa pela minha cabeça.

— Ele era meu pai? — pergunto em um sussurro. — É isso que seu pai falou?

— Por que acha isso? — ele pergunta, surpreso.

Griggs agarra Santangelo pelo braço.

— Você está estressando a menina!

— Isso não é da sua conta. Você nem a conhece.

Sinto minha traqueia se contrair e sei o que está prestes a acontecer. Tento descobrir onde deixei minha mochila para pegar o inalador, então lembro que ela está lá fora com os policiais.

Jonah Griggs me encara por um momento e vejo uma ruga surgir na testa dele.

— Senta. Você vai desmaiar.

Sinto o gosto doce do chiclete e, no minuto seguinte, muco sobe pela minha garganta, o que me faz engasgar.

— Olha só o que você fez, seu cuzão!

Vejo os dois grudados na grade que nos separam. Parece que a ânsia não vai passar nunca, como se existisse um buraco nas minhas entranhas. Não consigo respirar. Sinto que minha traqueia está estreitando. E sinto o cheiro do sangue do ermitão, o cheiro enjoativo e doce dele. De repente, vejo o sangue seco em toda a minha roupa; e vejo o ermitão naquele dia quando o sol estava muito quente e ouço seus murmúrios e tento ficar de olhos fechados mas não consigo e tem partes dele em mim e o sangue acerta minha cara e não posso respirar e ouço Jonah Griggs gritando e Santangelo chamando: “Pai! Pai, vem aqui!”. Estou soltando um som gutural porque simplesmente não consigo respirar e, embora esteja debruçada longe das grades, sinto uma mão me segurando, me puxando. Sinto braços me envolvendo pelo peito e uma boca sussurrando... sussurrando... Jonah Griggs sussurrando...

— Respira... respira... Vamos lá, Taylor, respira... respira.

O sr. Palmer está limpando meu rosto. O pai de Santangelo também está presente, me dando um copo d’água e me ajudando a beber. Estou tomando tudo, pateticamente chorosa e me sentindo fraca.

— Vamos pra casa — John Palmer diz baixinho. — Consegue levantar?

Faço que sim.

— Desculpa a sujeira — digo ao pai de Santangelo.

Ele sorri.

— Tudo certo.

Quando passo pela outra cela, vejo Santangelo sentado no chão com as costas apoiadas na grade e a cabeça entre as mãos; e Jonah Griggs de pé, me observando. Como na plataforma da estação. Como naquelas vezes em que nos deitamos lado a lado no caminho para Yass. Está me encarando como se nunca tivesse parado de me encarar. Por um momento, a máscara dele cai, mas, a essa altura, já estou na porta.

O sr. Palmer só fala quando chegamos à estrada Jellicoe.

— Hannah está bem.

— Como você sabe? — pergunto, desencostando a cabeça da porta do carro.

— Falei com uma pessoa que a conhece. Ela está em Sydney, cuidando de uma amiga... doente.

De repente, Hannah tem “amigos”. Amigos que a conhecem desde que tinha dezessete anos. Amigos que entregam cartas. Amigos que ficam doentes.

— Quem? Não entendo... Conheço todo mundo que ela conhece.

Ele está me escondendo alguma coisa. Dá pra perceber pela maneira como evita me encarar nos olhos, e isso me assusta. Parece sentir isso e, mais uma vez, me surpreendo com a generosidade dele.

— Ela chama a amiga de “sra. Dubose”. É tudo que sei.

Sra. Dubose.

— Você conhece essa amiga? — ele pergunta.

— Sim — digo, sonolenta. — Mora na mesma rua que Jem e Scout Finch.

# Nove

Estou pedalando o mais rápido que posso. Quanto mais veloz, menos penso, e não pensar me faz bem. Pedalo com força, o rosto suado e as mãos firmes no guidão, até sentir o sangue nos dedos. Continuo pedalando com os olhos fechados, e nós — eu e a bicicleta — seguimos como se ela tivesse vontade própria e eu não tivesse controle nenhum. Freio de repente, percebendo que cheguei ao topo da colina e que estou a três centímetros da beirada. Meu rosto está encharcado de suor. Olho lá pra baixo. O mundo gira e giro junto, até entrar numa dança hipnótica que quase me instiga a pular.

Mas o farfalhar acima de mim chama minha atenção. É na árvore. Tem algo me observando de lá. Jogo a bicicleta no chão e olho para o alto, o coração batendo forte. Por um momento, penso ver o menino, ágil e veloz, me encarando com seu olhar penetrante. E então ele some. As pulsações contra minhas costelas não diminuem nem um pouco, e não consigo me mexer porque estou petrificada. Até que, na ponta de um galho, vejo uma coisa. O gato. Sem pensar duas vezes, começo a escalar a árvore. Não sei por quê, mas, em algum lugar no fundo da minha mente, acredito que o gato foi o último a ver Hannah. Quando estou na mesma altura que ele, sento no galho e chego o mais perto dele possível, esticando meu braço o máximo que consigo. Preciso me inclinar para me equilibrar. No instante em que estou bem próxima do gato, ele mia, me arranha e dá um salto pelo ar. Quase caio e fico pendurada pelas mãos.

Primeiro, vejo a sombra dele. O choque da visão me deixa sem ar.

Parado embaixo da árvore, segurando o gato, está o brigadeiro. Ele parece uma espécie de Mefistófeles com o felino tão obediente nos braços. Estou tentando ao mesmo tempo me manter firme no galho e controlar a falta de ar.

— É uma queda fácil — ele me diz. — Vai ser amortecida pelas folhas.

Ficaria contente de continuar pendurada na árvore pelo resto da vida só para não ter que falar com ele. Mas minhas mãos começam a doer e sei que preciso soltar.

A queda não é nada fácil. Dói ao chegar ao chão. Quando ele me oferece ajuda para levantar, ignoro.

Ele está me observando com atenção e, como todas as outras vezes em que esse homem esteve por perto, sinto meu estômago embrulhar. Como um aviso contra o mal. Eu poderia facilmente resumir essa sensação ao fato de que ainda sinto raiva por ele ter impedido minha fuga com Jonah Griggs. Mas não é só isso.

— Me dá o gato — digo assim que levanto.

— Talvez não seja uma boa ideia. Parece que ele não gosta de você.

Tiro o gato das mãos dele e o bicho recupera a personalidade feroz, se contorcendo e me arranhando, mas não o solto.

— É Hannah quem mora aqui, e ela não gostaria que você roubasse o gato ou ficasse perambulando em volta da casa — digo.

Ele continua me observando. É desconcertante e, embora não queira ficar de costas para ele, viro e saio andando, segurando o gato com firmeza.

É estranho. Em sonhos malucos, quando revivo o momento em que Jonah Griggs e eu estávamos sentados no furgão do carteiro, naquele distrito a duas horas de Sydney, prontos para seguir pela última parte da nossa jornada, lembro do brigadeiro. Lembro da cara dele quando estacionou na frente do furgão e saiu do carro e caminhou em nossa direção calculadamente. O olhar era para mim, e um pensamento ficou na minha cabeça todos esses anos: talvez o brigadeiro não estivesse procurando um cadete aquele dia.

Talvez, de alguma forma, estivesse atrás de mim.

No dia seguinte, eu, Raffaella e Ben decidimos fazer um inventário de todas as propriedades que cidadãos e cadetes possuem em nosso território. Dividimos a página em três colunas, e começamos a lista com a propriedade mais valiosa: a Casa Clube. Passamos para as trilhas de bicicleta, trilhas a pé, pontes e cabanas. Por fim, a Árvore da Oração, que Raffaella acha que deve ficar no topo da lista. Conversamos e discutimos a importância de cada item. A trilha de bicicleta dos cadetes. O barracão deteriorado dos cidadãos. Quanto mais discutimos, mais fico convencida da idiotice dos antigos líderes.

A trilha de bicicletas seria nosso trajeto mais rápido para a cidade. Durante a temporada dos cadetes, nossos meios de transporte são limitados e nossa jornada dura o dobro de tempo. Antigamente, o barracão guardava um carro para nós, que os líderes tiravam escondidos durante a noite, especialmente se uma banda estivesse tocando numa das cidades vizinhas. Mas Raffaella sempre volta à Árvore da Oração.

— O que ela tem de tão importante? — pergunto numa das nossas reuniões matinais na beira do rio. Além do fato de nós três nos sentirmos meio culpados por ela ter sido entregue por nossa culpa.

— Do ponto de vista espiritual ou pragmático? — ela pergunta.

— O que você acha?

— Juro por Deus, se você for até lá, vai mudar sua perspectiva sobre o mundo.

— Não acredito em Deus. Gosto do mundo como ele é.

— Beleza, então vamos até lá olhar de um ponto de vista pragmático.

— Território citadino — Ben avisa. — Se tiver armadilhas...

— São sete da manhã — Raffaella nos tranquiliza. — Nunca vão estar acordados a esta hora.

A Árvore da Oração fica bem no meio da propriedade, a uma curta distância da estrada Jellicoe. É a área que menos conheço por ser mais próxima do município e por não ter boas trilhas de onde estamos até ela. Na verdade, dá trabalho ir até lá. Ben aconselha que, no futuro, a gente use a estrada Jellicoe.

Quando chegamos à clareira, estamos arranhados por causa dos galhos e com coceira por causa das picadas de inseto. A clareira é pequena e a árvore ocupa a maior parte dela. Ergo os olhos e fico chocada com o tamanho. É quase como o pé de feijão do João da história, e deve ser uma das árvores mais altas que já vi neste terreno. Bem no alto, entre os galhos, há uma casa pequenininha, camuflada com uma pintura criativa. Mas é o tronco que mais me fascina com entalhes, símbolos, mensagens e histórias.

Tanto romance e tanta coisa feia... Uma menina chamada Bronnie, cujo nome aparece em corações apaixonados talhados por quase todos os meninos. Um garoto chamado Jason, que odeia índios, asiáticos, negros e muçulmanos. E gays também. Imagina a paciência dele para entalhar tanto ódio...

As mensagens estão todas misturadas. Sábias e desprezíveis. Profundas e repugnantes.

Rodeamos a árvore várias vezes, tentando decifrar todas.

*Você lembra que nada nos parava no campo no nosso tempo?*

Encaro essas palavras, passando os dedos pelos sulcos do entalhe no tronco.

— Suas mãos estão tremendo — Ben diz.

Porque já ouvi essas palavras muitas vezes.

— Saca só essa! — Ben me fala.

*Kenny Rogers é foda.*

— Quem? — pergunto, ainda querendo voltar à letra da música do meu sonho.

— Você não sabe quem é Kenny Rogers? — Ben pergunta, como se não pudesse acreditar. — “Coward of the County”? “Don’t Fall in Love with a Dreamer”? “Islands in the Stream”? “The Gambler”?

Para mim é como se ele estivesse falando grego. Ele balança a cabeça, decepcionado.

— Você precisa conhecer os anos 70 e 80, minha cara.

Ergo o braço e toco as palavras gravadas bem no meio da árvore. As letras são maiores do que as outras. *Mateus 10.26.*

— Deve ser uma daquelas citações do tipo “Deus é amor” — diz Raffaella, atrás de mim. Fico pensando no manuscrito de Hannah até perceber que Ben e Raffaella estão me encarando.

— Então, cadê o pragmatismo que você prometeu? — pergunto.

Ela aponta para o alto.

— Precisamos subir lá para eu te mostrar.

Pendurada do alto da árvore há uma daquelas escadas de corda simples, como as usadas no circo — só que não tem rede nenhuma embaixo. Raffaella a segura.

— Você é louca? Como sabe que é seguro? — pergunto.

Ela puxa a escada com força e dá de ombros.

— Sabendo. Santangelo é louco por essas coisas.

Ela começa a subir e a escada balança.

— Um de cada vez! — ela grita.

Encaro Ben.

— Você é o próximo.



Não que eu tenha medo de altura. Foram várias as noites em que saí pela janela e pulei para a árvore do lado de fora. Mas essa coisa é enorme, e acho que preferiria subir pelos galhos do que por uma escada de corda frágil presa a alguma coisa que não consigo ver.

Quando é a minha vez, estou assustada com o drama de Ben. Começo a subir, me mantendo concentrada, garantindo que um pé esteja no pedaço de corda seguinte antes de tirar o outro do de baixo.

Ao chegar ao topo, Raffaela e Ben me ajudam a entrar na casa.

— Fecha os olhos — Raffaela instrui.

— Você é louca?

— Essa madeira é firme — ela garante. — E estamos te segurando. Você precisa fechar os olhos.

Tenho certeza de que, se ouvir algo sobre conseguir ver o amanhã e ser superbonito, vou me jogar. Mas ajeito a postura e fecho os olhos.

— Abre.

Estou em pé numa sacada, e a parede da casa da árvore, atrás de mim. Há uma tábua contra a minha barriga, me impedindo de cair.

Raffaela aponta para a frente.

— A cidade. — Ela me vira para a esquerda. — Os cadetes. — Me vira para a direita. — Nós.

A casa da árvore tem a vista mais incrível e abrangente que já vi. Vales, casas e estábulos. Plantações e vinhedos de fazendas simétricas. Tudo viçoso e enevado sob a luz matinal, e sinto algo crescer dentro de mim. Viro para a direita e observo nossas Casas. Vejo todas as seis, parecendo mais próximas umas das outras do que realmente são. Vejo os chalés que pertencem aos coordenadores e, além deles, a casa inacabada de Hannah à beira-rio.

— Podem ver tudo — digo.

— Com um bom par de binóculos, podem ver até dentro dos nossos quartos — Raffaela diz.

Viro para a esquerda. Os cadetes, já fora de suas barracas, estão se preparando para o dia.

— Quem precisa de satélites? — diz Ben.

— É isso o que mais interessa os cidadãos — Raffaela diz, apontando para a estrada Jellicoe.

— Eles têm visão panorâmica de todas as áreas da região. Se quiserem aprontar alguma, vão saber exatamente quando alguém estiver se

aproximando.

— Quer dizer que estão nos espionando.

— Na verdade, acho que não. Acho que adoram a vista e é um ótimo lugar para passar o tempo — ela diz, andando para dentro da casa. O surpreendente é que ela é firme mesmo, então a seguimos para dentro e sentamos no chão, analisando o espaço e as possibilidades.

— Acho que foi a turma dos anos 80 que deu o nome e improvisou alguma coisa aqui em cima. Mas acho que não era tão firme quanto é agora, isso é coisa do Santangelo. Parece que ele quer até telhar. É o lado aborígene dele.

— Então você vinha aqui quando ela era nossa?

Ela faz que sim e sorri.

— Todo mundo que estava na escola e vinha da cidade fazia isso. É incrível. Olha essa vista! Coisa de Deus.

— Você pode tirar a menina da cidade, mas não pode tirar a cidadina clichê da menina — diz Ben.

— Pois é!

— Aposto que vinha aqui com Santangelo — Ben provoca.

Ela fica vermelha e sai para a sacada. Nós a seguimos e inspiramos o ar fresco.

— Querem nos encontrar de novo. Amanhã à noite. Casa Clube, dessa vez — ela diz.

— Os cadetes concordaram?

— Eles acham que sim. Mas dizem que nunca dá pra ter certeza com Jonah Griggs.

Na estrada Jellicoe, um carro aparece à distância.

— Citadinos — Raffaella avisa. — Temos uns dez minutos para dar o fora daqui.

Sou a última a descer, lançando um último olhar para a casa inacabada de Hannah à beira do rio. Percebo que a construção está quase acabada, só faltam coisas dentro agora. A ideia da quase finalização me assusta mais do que consigo entender.

Durante a noite, acordo com um barulho. Fico imóvel por um momento, com os ouvidos atentos e o coração acelerado, sem saber se foi só um

daqueles estrondos sonoros de sonho que não existem de verdade. Como não consigo voltar a dormir, saio da cama e desço a escada em silêncio. Ouço a respiração das meninas nos dormitórios e paro na porta do quarto por um tempo, observando. Noto Chloe P. na cama de outra menina, agarrando-se a ela com força, e Jessa no canto, roncando baixinho e contente. Os sons me fazem sorrir. Uma vela queima e vou apagá-la.

Abro a porta da casa e saio. O vento frio bate no meu rosto quase com carinho. Parada, encarando a escuridão, é como se pudesse ouvir o coração de tudo o que está lá. Lembro da Árvore da Oração e de todos aqueles nomes e rabiscos, cada um com a própria história, e me pergunto onde estarão aquelas pessoas agora. Será que Bronnie ainda ama algum daqueles garotos? Será que Jason ainda sente tanto ódio? Será que algum deles ainda pensa em sua época na estrada Jellicoe?

Estou prestes a entrar quando percebo que minha bicicleta, que tinha desaparecido atrás da casa de Hannah, está ao pé da escada na entrada da casa. Observo ao redor de novo, sem saber se quem a devolveu está ali, espiando.

Vou para dentro, passo pelo salão comum e procuro uma Bíblia. Mateus, capítulo dez, versículo vinte e seis: “Nada há de encoberto que não venha a ser descoberto, nem de oculto que não venha a ser revelado”. Queria entender onde se encaixa essa mensagem entre as Bronnies e os Jasons da vida.

Vou dormir pensando no personagem de Hannah, Webb, que às vezes fala sobre coisas que aparecem nos meus sonhos e, de repente, estou sentada na árvore com o menino. Ele se aproxima de mim e fala alguma coisa, mas não sai som nenhum da boca dele. Peço várias vezes para ele falar mais alto, até me cansar. Então leio os lábios, forçando os olhos, sentindo tudo doer, até conseguir repetir as palavras. Quando acordo, Jessa e Raffaella estão paradas ao pé da minha cama, me encarando.

— Eu estava gritando? — pergunto, a voz rouca.

— Você estava chorando.

— O tempo todo?

Jessa balança a cabeça.

— Sua boca estava se mexendo, mas não saía som nenhum — ela diz.

— O que eu estava dizendo?

Raffaella dá de ombros.

— Vou pegar água.

Ela sai do quarto e Jessa senta na minha cama. Depois de um ou dois segundos, sei que ela entendeu o que eu estava dizendo.

— Taylor — ela começa, baixinho e confusa —, você disse que sua mãe quer voltar pra casa.

# Dez

Estou sonhando. Sei que estou sonhando porque estou num túnel, e no mundo real não entro em túneis. Dentro do túnel, sinto um cheiro repulsivo. Não sei identificar do que é, mas consome todo o meu ser e começo a sufocar. Não consigo respirar. Então uma mão me puxa e me tira dali, e sei que é o menino da árvore dos meus sonhos. Ele está tentando me ressuscitar, mas a boca está podre e o hálito é horrível. Eu grito e grito, mas não sai nenhum som.

Pensamentos sobre minha mãe começam a ocupar todos os momentos dos meus dias e me afundam numa sensação opressiva de vazio e saudade desesperada de Hannah. Às vezes, no meio da noite, Raffaella bate à minha porta, quando vê luz vinda do meu quarto, mas a ignoro. Sento na cama e me esforço para ficar acordada, porque dormir não é mais seguro. Me pego pesquisando na internet todos os nomes que lembro de minha mãe ter sido chamada. Ela nunca usou o mesmo nome por muito tempo, e isso deve ter a ver com a profissão dela. Tentou mudar meu nome uma ou duas vezes, convencida de que tinha alguém atrás de nós.

— Vão levar você de mim — ela tinha dito. — Já fizeram isso antes.

Mas não quis mudar de nome. Era tudo o que eu tinha.

O gato não está mais calmo do que quando o trouxe para cá, mas me recuso a deixar que ele vá embora. Às vezes, vou para a casa de Hannah logo depois da aula e tento descansar um pouco por lá, ou vou até o sótão e leio.

Me sinto à vontade no cômodo. Gosto de como ele parece uma caixa, de como o teto é inclinado, do quadrado perfeito no chão, do alçapão que bloqueia o mundo exterior lá embaixo, da claraboia que, em noites claras, me permite observar todas as estrelas da galáxia que gostaria de ver. Às vezes, depois de trabalhar o dia todo na casa, eu e Hannah sentávamos no sótão e

conversávamos. Ela nunca falava muito sobre a família dela, só em algumas dessas conversas. Se eu perguntasse alguma coisa sobre parentes, ela só dizia que todos tinham morrido e que, se ela se permitisse sentir toda a tristeza, nunca conseguiria agir como uma pessoa normal novamente.

— Já estive nesse vazio — ela me disse certa vez. — Nunca se entregue a ele.

Mas às vezes quero me entregar, só porque estou cansada e a sensação de que algo está me perseguindo — que sinto faz um tempo — fica tão avassaladora que tenho medo de acordar um dia e não ter o que me faça seguir em frente. Exceto talvez as páginas que seguro no momento. Esses personagens me consolam, como se fossem meus melhores amigos também. Como Jude se sentiu quando voltou naquele segundo ano e eles estavam esperando por ele. *Me dá um sinal*, fico repetindo a quem quer que me ouça dentro da minha cabeça. *Me dá um sinal*.

Mas, na maior parte do tempo, me pergunto quanto Hannah faz parte dessa história e dessa escola. Será que ela foi líder de uma Casa que a achava fraca e tomou o cargo dela na primeira oportunidade? Será que sofreu um golpe de um fascista medonho e traiçoeiro como Richard? E de onde tirou essa ideia de que havia paz entre cidadãos, cadetes e nós?

Encontro alguns capítulos que parecem intactos. Estou ficando sem o que ler porque muitos estão pela metade ou com letra ilegível. Parte de mim não quer lidar com o fato de que um desses personagens está perdido, e tenho medo de chegar ao capítulo onde o encontram porque, no fundo, sei que não vai ser do jeito que eu quero. Sei que alguém não vai sair vivo dessa história. É como me sinto quando penso no menino na árvore dos meus sonhos. Será que ele está lá para me preparar para um acontecimento tão devastador que vai me deixar no vazio que Hanna falava?

Bem na hora que estou prestes a encontrar uma sequência, ouço uma janela quebrar e dou um pulo. Tranquei a porta da frente de propósito. Porque a casa de Hannah não parecia mais tão segura sem a moradora.

Em silêncio, rastejo até a abertura no chão e espio lá embaixo. Não vejo nada além de sombras e não ouço nada além de respirações. Quero gritar, mas estou tão assustada que fico calada e imóvel, esperando. Prestando atenção. Ouço passos pesados nos degraus da escada de madeira, subindo para o segundo andar. Meu coração ressoa incontrolavelmente. Tento me

tranquilizar dizendo que nada por aqui pode ser muito assustador, mas não adianta.

Não parece haver nenhum lugar para eu me esconder exceto a cama dobrável no meio da sala. O espaço embaixo dela é minúsculo, mas me enfio ali e respiro fundo. E então o silêncio é absoluto. De onde estou deitada, posso ver metade do manuscrito no chão. A outra metade está comigo. Estico o braço até doer, tentando puxar o que falta do manuscrito, mas, ao fazer isso, meu ombro levanta a cama. Abaixo o braço e ela desaba em cima das tábuas do chão. De repente, os passos recomeçam, subindo devagar.

Quem quer que seja, chegou ao segundo andar. Posso imaginar a pessoa parada ali, observando a abertura no teto. Avançando lentamente — um, dois, três, quatro passos. E ali está. Uma cabeça surge pelo alçapão, mas não consigo ver o rosto. A pessoa sobe e agacha para pegar as páginas no chão. Sei qual vai ser o próximo passo. Virar e olhar para o único lugar onde alguém pode estar se escondendo.

Sei que é o brigadeiro. Sei por causa do som retumbante dentro de mim, e a única opção que tenho, além de ser pega, é erguer a cama dobrável e jogá-la em cima dele. Em silêncio, enrolo os papéis, os enfio dentro da calça e me preparo. Os passos se aproximam e a bota para bem diante do meu nariz. Mal consigo respirar, mas preciso agir. *Vai logo*, digo a mim mesma. *Vai logo e sai correndo!*

— Tudo bem aí embaixo? — ele pergunta. Diz em um tom suave, como se tentasse me convencer a sair com uma abordagem de bom moço. Mas bons moços não quebram janelas para entrar na casa de outra pessoa, e bons moços não me dão medo.

— Está tudo bem. Pode confiar em mim.

*Vai logo*, repito a mim mesma.

— Não quero assustar você, mas vou me agachar — ele diz.

Bloqueio a voz porque ela é familiar demais, e essa familiaridade faz meu coração bater mais rápido e sei que preciso sair dali. *Vai logo*, digo a mim mesma. Vejo-o agachando devagar, então a mão dele está no lençol, prestes a erguê-lo, prestes a me arrancar daquele lugar e fazer o que quiser, o que pode ter feito com Hannah. A fúria dentro de mim me faz gritar e empurrar os pés da cama para o lado. Ouço o impacto do aço na cabeça dele e um resmungo surpreso. No instante seguinte, saio em disparada, me arrastando até o alçapão, saindo do sótão, descendo a escada, até sair pela porta da frente

e correr pela minha vida, balançando os braços para empurrar o máximo de ar possível e me lançar para a frente, como um nado livre em terra. Quando sinto que atingi minha velocidade máxima sem perder o fôlego, saio da trilha, me encolho embaixo de um carvalho e fico ali. Respirando. Baixinho.

Depois de um ou dois minutos, percebo que não estou sozinha. Devagar, olho para cima, além do tronco da árvore, além dos galhos, até o topo. Lá, em plena luz do dia, está o menino do meu sonho me encarando. É como se ele tivesse saído daquele mundo onírico que me recuso a visitar de novo e vindo atrás de mim. O sol me cega quando ergo a cabeça e tento cobrir os olhos, mas então ouço um soluço e percebo que ele trouxe a criatura chorosa da árvore.

Me sinto encurralada, sem ter onde me esconder. Sem consolo, sem ter um lugar. Uma vaga necessidade de me afastar do que ou de quem quer que esteja atrás de mim.

Como sempre, o que me aguarda quando chego em casa são dependentes. Dez perguntas antes de conseguir chegar sequer ao pé da escada. Sobre equações matemáticas e caronas e permissão para ir à cidade e a droga da roupa suja. Depois, há o trabalho noturno de vasculhar todas as roupas e todos os armários da nossa mais nova moradora incendiária, para verificar se ela compareceu à sessão de terapia semanal, além de ter que pedir para ela assinar uma declaração dizendo que não vai botar fogo nas nossas camas durante a noite.

Quando me certifico de que ela não vai fazer nada, vou até a cozinha para ver se as encarregadas do jantar estão cozinhando. Normalmente, há umas sessenta meninas na Casa, mas, com a partida do décimo segundo ano, estamos apenas em cinquenta até o sétimo ano chegar. Quase sempre temos espaguete à bolonhesa ou risoto e gelatina de sobremesa no jantar — é por isso que as cestas enviadas pelos pais fazem tanto sucesso, assim como o que vem dentro delas.

Na maioria dos dias, a escala funciona perfeitamente, em outros, é um desastre total. Às seis, ainda nem cheguei na escada que dá para o meu quarto quando recebo a informação de que a coordenadora da nossa Casa está vindo verificar nossos quartos. As alunas mais novas estão exaltadas.



Mais tarde, passo pela cabine telefônica para dar uma olhada antes de começar a subir. Vejo duas palavras no bloquinho que me fazem paralisar na hora.

— Quem escreveu isso? — murmuro.

Nenhuma resposta. Acho que não ouviram.

— Quem escreveu isso? — Nada ainda. — *Quem escreveu este bilhete, porra?*

Silêncio. Mas de outro tipo. As meninas do nono, do décimo e do décimo primeiro ano surgem nos corredores do segundo e do terceiro andar, chocadas. As mais novas saem da sala de estudos e ficam no corredor me observando.

— Fui... fui eu. — Chloe P. está ali parada. Jessa está ao lado dela, um braço envolvendo o ombro da amiga como se fosse uma espécie de anjo da guarda.

— Quando ela ligou?

— Eu não... eu mal consegui ouvir...

Caminho até ela e a pego pelo braço.

— O que ela disse? — Chacoalho a menina. — Falei pra vocês me chamarem se ela ligasse! Ninguém me ouviu por aqui?

Só quando ela começa a chorar é que percebo minhas unhas cravadas nela e Jessa tentando me tirar dali. Ela também está chorando, assim como metade das meninas do sétimo ano. As outras garotas me observam como se eu fosse um monstro ensandecido. Deixo todas paradas ali e começo a subir a escada, segurando o bilhete com as mãos trêmulas, querendo que houvesse mais que as palavras “Hannah ligou”. Quero um número ou uma mensagem. Quero *alguma coisa*.

Raffaela desce a escada e vem na minha direção.

— Você parece péssima. O que aconteceu?

Quero desacelerar meu coração, mas não consigo. Quanto mais a ouço falar, mais forte ele bate.

— Está todo mundo...

— *O quê?* Está todo mundo o quê? Decepcionado? Achando que perdi o controle? Achando que outra pessoa devia fazer esse trabalho?

Ela me encara por um momento com um olhar frio de fúria, um olhar que nunca tinha visto antes.

— Sabe qual é o seu problema? — ela pergunta em voz baixa. — Você nunca se interessa pelo que os outros sentem. O que estava tentando dizer

antes de você me interromper com sua *grosseria típica* é que todo mundo está *preocupado* com você, e não com a *situação*, e que a gente acha que seria bom para você tentar dormir um pouco e deixar a gente cuidar das coisas. Mas você não se importa, porque a diferença entre você e nós é que você voa com a... com a... Estou-Pouco-Me-Lixando Linhas Aéreas, enquanto a gente voa com uma mais amigável.

Um grupo se junta ao redor. Acho que é porque Raffaella levantou a voz. A maioria é do penúltimo e do décimo ano, mas sei que as mais novas também estão ouvindo lá de baixo. As antigas líderes enlouqueceriam se soubessem dos gritos e da confusão que se instalou nesta Casa depois que partiram.

— Você está certa — digo, subindo os últimos degraus. — Estou pouco me lixando mesmo.

No meu quarto, deitado na cama, enjoada, e sinto vontade de chorar. Minha cabeça está agitada demais. Sei que há algo de errado. Nos meus sonhos, no meu coração e na ausência de Hannah, pressinto intensamente uma desgraça. Como se alguma coisa estivesse vindo, alguma coisa ruim. Tento dar comida para o gato, mas ele arranha até meus braços ficarem em carne viva, e eu o deixo fazer isso porque quero sentir alguma coisa além dessa tristeza de merda. Às vezes sentamos, eu e o gato moribundo, nos encarando como se estivéssemos numa luta livre e, mais do que tudo, quero perguntar para ele o que viu. Qual foi a última coisa que Hannah disse para ele? Mas o gato me encara; mesmo doente e com idade avançada, ele é feroz, com o pelo todo emaranhado. Tento de novo. Ele parece prestes a cair morto a qualquer momento, mas me arranha até lágrimas se formarem nos meus olhos e minhas mãos ensanguentadas tremerem de desespero.

# Onze

Está escuro, um escuro surreal, e estou pendurada de cabeça para baixo na árvore. Minhas pernas estão envolvidas num galho e meus braços estão esticados ao máximo. De ponta-cabeça, vejo a silhueta do menino, mas desta vez ele está no chão.

— Se eu cair, você me segura? — pergunto para ele.

Ele não responde e começa a ir embora. Sinto que estou escorregando. Primeiro, uma perna... Ficar nessa posição dói tanto que estou suando horrores.

— Ei! Você me segura? — pergunto de novo.

Ele me encara.

— Se vira, Taylor.

Não consigo mais me segurar. Meu grito dói nos meus ouvidos. Chego ao chão bem rápido, caindo com um baque terrível.

Evito a entrada principal. Percebo que a maioria das alunas começou a jantar nos quartos. Para me evitar. A área comum está vazia e silenciosa. Já está correndo o boato de que perdi o controle da Casa e Richard está pronto para assumir a liderança.

Desenvolvo um hábito. Durante o dia, me escondo na casa de Hannah. A paz que sinto lá é muito agradável. As araucárias e as roseiras ao redor são uma mistura de cores e cantos de pássaros que voam baixo, e a natureza tem uma harmonia tão perfeita que parece errado a pessoa que a criou não estar em lugar nenhum.

Há um lugar bem na frente da casa de Hannah onde o rio cria um banco de areia. Sempre fico sentada ali. Um dia, vejo Jonah Griggs parado na outra margem do rio, encostado num eucalipto. Não sei o que sentir. Por um momento, parece a coisa mais natural do mundo ele estar ali e a gente se

cumprimentar em vez de se ignorar ou se acusar. A distância entre nós não é maior que vinte metros e nenhum de nós se move pelo que parecem horas. Há uma pergunta nos olhos dele, posso ver. E há outra coisa também. Posso ouvir os patos à distância, mas não há movimento, exceto dos pintassilgos, que não sabem nada sobre guerras territoriais ou fronteiras. Eles saem do meu lado e vão para perto de Griggs, como se dissessem: “Não nos metam nessa, só estamos admirando a paisagem”.

À noite, meu santuário é a Árvore da Oração. Passo a maior parte do tempo vasculhando os entalhes no tronco enquanto o resto do mundo está em silêncio mortal, como fantasmas sinistros ausentes dos sonhos adormecidos. Mas eu não. Procuo alguma coisa. Chamo de “ligações”. Algumas frases parecem letras de músicas e as referências bíblicas estão lá e, enquanto ilumino cada entalhe com uma lanterna, me deparo com outra peça do quebra-cabeça. Encontro os nomes. Narnie. Jude. Fitz. Webb. Tate.

Estão espalhados, mas estão lá. Como se existissem no mundo real, e não apenas na imaginação de Hannah. Uma voz me diz que a Árvore da Oração pode muito bem ser a fonte de inspiração para a história dela, mas no fundo sei que tem algo a mais. E pior ainda: um deles está morto. Sei por causa da história. E sofro como se os conhecesse desde que nasci. Copio a letra da música e, quando volto para o dormitório, jogo as palavras num site de busca. Encontro as bandas e as canções, e uma delas fala sobre o musical e um vale sujo pela chuva que me lembra algo no manuscrito de Hannah. Faço o download de todas as músicas, criando uma trilha sonora do passado. Quando finalmente ouço a música que o menino na árvore dos meus sonhos põe para tocar para mim, choro pela primeira vez desde que estive no trem com Jonah Griggs. Deixo a música me envolver, deitada na cama, pensando em Hannah, com os olhos bem abertos, me obrigando a ficar acordada. Ao contrário de Macbeth, que teve o sono roubado, eu mesma roubo o meu sono. E o gato doente e patético de Hannah fica num canto, ainda encolhido e amedrontado.

# Doze

No fim de semana, Ben recebe a informação, por meio de Raffaella, de que cidadãos e cadetes querem um encontro no salão dos escoteiros, na cidade. É a última coisa que quero fazer, mas não posso dar nenhuma chance para Richard assumir o comando, e definitivamente não quero ficar na Casa.

Durante a caminhada, quase não falo. Ben me lança olhares, prestes a dizer alguma coisa, e depois muda de ideia. Até que ele finalmente fala:

— Semana difícil?

Dou de ombros.

— Raffy está preocupada. Acha que os cidadãos e os cadetes têm algo mais com que barganhar — ele diz.

— Acho que a Raffaella não confia muito em mim.

— Bom, você está errada — ele diz, sério como nunca.

— Acho que ninguém da minha Casa confia.

Ele segura meu braço gentilmente e me faz parar.

— Não fala isso. Sei que não é verdade.

— Você não estava lá essa semana — digo baixinho.

— Não, mas me contaram tudo e só lembro da preocupação delas. E lembro de outra coisa também: andar de patins com você e Raffy no estacionamento daquela igreja evangélica, no sétimo ano. Todos aqueles cristãos ficavam louvando o Senhor com toda força, e você parou e perguntou pra gente: “Em quem vocês acreditam?”. Queria ser todo místico como o sr. Miyagi do *Karatê Kid*. Lembra do que Raffy disse?

Mas chegamos ao salão dos escoteiros e vejo Raffaella esperando por nós ali.

— Pessoas como Raffy não perdem a confiança — ele diz baixinho enquanto entramos.

Santangelo e os Irmãos Mullet, segurando suas guitarras, estão sentados no palco. Então Jonah Griggs entra com seu braço direito, Anson Choi, e todos

sentamos em volta de uma mesa.

— Vocês não parecem nem um pouco contentes — diz Santangelo.

— É uma caminhada longa. Precisamos daquelas trilhas — digo.

— Tenho uma proposta. Podemos começar? — Santangelo pergunta.

— Seria inteligente da sua parte — Griggs fala para ele. — Porque, de todo mundo aqui, você é o que tem menos a oferecer.

Eles ficam em silêncio e sei que, a qualquer minuto, vão sair no braço.

— Você acha que deixar que *qualquer um de vocês* ande pelas nossas ruas nos fins de semana é pouco a oferecer? — Santangelo ameaça, friamente.

— Você não pode controlar isso. Muitos de nós são daqui — Raffaella diz.

— Faz três anos que você não é daqui — ele zomba.

— O que está sugerindo? — Raffaella pergunta. Percebo mágoa ali, mas também raiva.

— Acusando, não sugerindo. Quer que eu explique a diferença? — ele pergunta.

— Bastou ganhar de mim em uma competição de soletrar para virar o sr. Intelectual — ela diz, me encarando como se eu realmente fosse me envolver nessa discussão ridícula. — No segundo ano — ela continua. — Supera, Chaz!

— Vocês acabaram? — Griggs pergunta educadamente. — Porque a gente quer conversar sobre o acesso a pelo menos uma via aquática.

Eu o encaro, balançando a cabeça.

— Sem chances. Seria o mesmo que cortar nossas próprias mãos.

— Então aprenda a viver sem mãos.

— Não, porque sem elas a gente não poderia fazer isto — Ben diz enquanto mostra o dedo do meio para Jonah Griggs. O cadete o chama de filho da puta e quase pula por cima da mesa, e todo mundo se ocupa em segurar um dos dois ou xingar e ameaçar.

— Vamos falar sobre a Casa Clube! — Santangelo diz, com vigor.

— Então fala!

— Não quero falar sobre a Casa Clube — Griggs diz. — Queremos falar sobre a via aquática. É pra isso que estamos aqui.

Santangelo balança a cabeça.

— Sabe o que você é? Você é um...

— O quê? Fala!

Os dois estão de pé agora, com os punhos cerrados, e a discussão começa a sair do controle. De novo.

— Santangelo! — grito no tumulto. — A proposta. Agora. Ou vamos sair e não voltar mais. *Nunca mais*.

Ele leva um momento para se acalmar e aponto para a cadeira.

— Chega de interrupções — ele diz, sentando. Ele encara Raffaella, então me viro para ela e levo um dedo à boca, sinalizando para que fique quieta. Ela respira fundo e consente, como se fosse a coisa mais difícil que já teve de fazer. Anson Choi faz Jonah Griggs sentar, e a situação quase se acalma.

— Certo. Só os mais velhos, o que significa o décimo primeiro ano. Abrimos três noites por semana, das onze e meia às duas da manhã. Cinco dólares para entrar. Não mais que cem pessoas por noite. Um de nós fica responsável por cada noite, o que significa arrumar entretenimento, comida, bebida etc.

— Bebida vai ser um problema — digo. — Primeiro, como a gente vai conseguir? Segundo, o que acontece se algum idiota ficar doidão e quebrar o pescoço tentando voltar pro alojamento? Ou... pra barraca ou voltar pra cidade dirigindo bêbado? Os professores vão cair em cima da gente e não vamos poder sair nunca mais.

— Ela tem razão — concorda Jonah Griggs. — Além disso, os cadetes assinaram um contrato que dizia nada de drogas ou álcool enquanto estivermos aqui. Se formos pegos, é expulsão na certa.

— Mas e a diversão? — Ben pergunta.

— Até parece que a gente vai ter que parar de beber, Ben — diz Raffaella. — A gente *nunca* bebeu.

— Mas se é uma festa e vai ter música ao vivo...

— Espera aí, que música ao vivo? — Santangelo pergunta.

— Como se isso fosse impossível... — um dos Irmãos Mullet argumenta. — A gente tem uma banda... mais ou menos.

— *Não é* uma banda. São só dois guitarristas — Santangelo diz.

Os Irmãos Mullet ficam tão ofendidos que não conseguem falar nada, e encaram Santangelo como se ele os tivesse traído. Sem nem discutir, os dois viram e saem emburrados na direção do palco.

— Vamos voltar ao plano e deixar pra resolver a falta de entretenimento depois — Jonah Griggs sugere. — A gente pode considerar dividir a Casa Clube, mas são eles que controlam a maior parte da área em volta.

Então todos me encaram.

— Setenta estranhos no nosso território três vezes por semana? É muita coisa pra aceitar.

— Além do acesso ao rio — Jonah Griggs insiste.

No palco, os Irmãos Mullet começam a tocar com os amplificadores em um volume tão alto que mal conseguimos nos ouvir.

— Quero saber uma coisa. O que eu ganho com isso? O que *nós* ganhamos com isso? — pergunto e faço um sinal para Ben, esperando agradá-lo ao usar a frase dele. Mas Ben está concentrado demais no que está acontecendo no palco.

— Coloca os amplificadores no dois. O som vai melhorar! — ele grita, como se tivessem perguntado.

— Ben? — eu o chamo, o encarando, lembrando-o do motivo de estarmos aqui. Posso ver pela cara dele que o perdi pelo resto da tarde.

— E coloquem os amplificadores da guitarra num volume menor que o do baixo! — Choi grita. Jonah Griggs não fala nada, só olha feio.

— Encontre um lugar onde a gente não tenha que aturar essa droga — digo, levantando para sair.

— Eu sei o lugar perfeito! — Santangelo anuncia. — Chama Casa Clube. Dou meia-volta.

— Vou ter que repetir: O que eu ganho com isso?

Percebo que Ben não está nem me seguindo. Ele já está perto do palco, conversando com Choi e os Irmãos Mullet sobre amplificadores.

Jonah Griggs e Santangelo estão parados quase lado a lado. Quase.

— Informações — diz Santangelo.

Ele está com aquela cara de novo, como se quisesse me contar alguma coisa, mas não sabe como. Ele balança a cabeça, como se tivesse mudado de ideia.

— Chaz? O que foi? — Raffaella grita.

— Nada.

— Bom, então me chame quando tiver alguma coisa — digo, me dirigindo à saída.

— O brigadeiro conheceu sua mãe — Jonah Griggs diz, falando como se fosse uma grande revelação.

Não quero parar, mas paro. Porque não acredito na audácia dele e estou curiosa para saber aonde quer chegar com isso.



— Quer saber um segredinho? — eu digo. — Muitos homens conheceram minha mãe. Então nem pense em começar esse assunto.

— Três anos atrás, você queria que eu começasse — ele diz, se aproximando de mim.

Estamos tão próximos que quase nos tocamos. Meus punhos estão cerrados ao lado do corpo. Estou tentando encontrar as palavras certas.

— Então você acha que sou a mesma pessoa que era naquele trem? — pergunto, fervendo de ódio. — Não quero mais as mesmas coisas. Não, muito obrigada. É o que acontece quando traem a gente.

Ele nem pisca.

— Sei muito mais agora do que sabia na época, e tenho certeza que esse babaca aqui também sabe alguma coisa sobre você — ele diz, lançando um olhar para Santangelo. — E acho que é bem óbvio que você ainda fica muito mal procurando sua mãe e que você sabe que, se encontrá-la, vai encontrar seu pai também — ele continua com frieza. — Então vamos falar sobre o rio e a Casa Clube e te conto o que você está louca pra saber há anos.

Estou encarando-o tão furiosa que mal consigo falar.

— Sabe o que eu estou louca pra saber, Griggs? — pergunto. — O que você usou no seu pai? Um revólver ou uma faca?

Um silêncio absoluto toma conta do salão, e o único som que ouvimos são os passos de Choi correndo na nossa direção, como se soubesse o que Griggs vai fazer em seguida. Mas ele demora demais, porque Griggs já me prendeu contra a parede, me erguendo para ficarmos olho a olho.

Ben pula em cima dele seguido por Santangelo. Raffaella me segura, mas não perco o contato visual com Griggs. Choi aponta o dedo para mim, como uma ameaça de que minha hora vai chegar, puxa Griggs para longe e os dois saem andando.

Ben, Santangelo e Raffaella me encaram chocados.

— Você ficou maluca?

Não sei quem perguntou, e não respondo porque não sinto nada além de vontade de me afastar de todo mundo. Meu instinto diz para eu ir à casa de Hannah, mas ela não mora mais lá, e é então que percebo a grande diferença entre minha mãe e Hannah. Minha mãe me abandonou numa loja de conveniência, a centenas de quilômetros de casa.

Hannah, no entanto, fez o imperdoável.

Ela me abandonou no meu próprio quintal.

Voltando sozinha para a escola, percebo que estou chorando. Então retorno às histórias que li sobre os cinco garotos e tento encontrar um sentido na vida deles, porque talvez assim eu possa encontrar um sentido para a minha. Repito os seus nomes várias e várias vezes. Narnie, Webb, Tate, Fitz, Jude. Narnie, Webb, Tate, Fitz, Jude. Narnie, Webb, Tate, Fitz, Jude. Narnie, Narnie...

— *Narnie! Abre a porta, Narnie! Por favor!*

*Webb parecia doente com o rosto tão pálido. Tate se segurava a ele, chorando, enquanto Fitz andava de um lado para o outro no corredor, na frente do quarto de Narnie.*

— *Sai da frente — Jude disse, empurrando Webb para o lado. Ele bateu várias vezes na porta. — Abre a porra da porta, Narnie.*

*Depois de um tempo, ouviram o clique da fechadura e Jude empurrou a porta antes que Narnie pudesse mudar de ideia.*

— *Narnie? — Webb disse, abraçando-a. — Não faça isso com a gente. Por favor.*

— *O que você tomou? — Tate perguntou, sacudindo-a de leve.*

— *Panadol. Estava com dor de cabeça — ela murmurou.*

— *Quantos?*

— *Preciso dormir — ela disse. — Se eu dormir, tudo vai melhorar.*

*Webb a levou para a cama e Tate sentou ao lado dela.*

*Jude ficou observando os dois cuidando dela, como pareciam sempre fazer. Ele lembrou da história que Webb tinha contado sobre Narnie, sobre quando estavam no carro na noite do acidente. Depois que Fitz passou para resgatá-los. Como Narnie ficou imóvel, paralisada de medo, se recusando a se mexer. Narnie, a mais frágil, a que não conseguia lidar com a vida.*

— *Se for se matar, espera até amanhã depois das dez da noite — Tate disse.*

— *Promete? — Webb implorou.*

— *Estava com dor de cabeça e não passava de jeito nenhum. Foi por isso que liguei pra você, Webb.*

— *Jura pela sua vida?*

— *Ela não liga pra vida dela — Jude retrucou.*

— Ela sabe o que quero dizer — Tate disse.

Narnie fez o sinal da cruz próximo ao coração.

— Não é aí que fica o coração — Jude ironizou.

— Scanlon, deixa ela — Webb disse, exausto.

— Bom, não é. Ela fez a cruz na escápula. Que tipo de suicida é você, Narnie, que não sabe nem onde fica a força vital que está louca para destruir? É bem aqui. — Ele cutucou o peito dela, na altura no coração. — Se quiser fazer direito, tenta acertar pelo menos.

Narnie o encarou e ele sentiu uma onda de ódio por si mesmo, mas não se importou.

— Você é um babaca, Jude. Dos grandes — Tate disse, quase chorando, abraçando Narnie.

— É, devo ser. Mas não posso participar desse acordo. Vai se ferrar, Narnie. Se você morrer, uma parte grande de nós vai morrer também.

Ele saiu do quarto batendo a porta, e nem Fitz sabia o que dizer.

Narnie deitou no colchão e Tate deitou ao lado dela.

— Amanhã a gente se vê — Tate disse para os outros.

Webb abaixou, deu um beijo em Narnie e outro em Tate.

— Pode ficar com o Presidente Miau — ele disse, deixando o gato ao lado de Narnie antes de sair.

A expressão de Tate ficou mais suave.

— Talvez seja uma boa esperar para dormir.

— Não consigo ficar acordada.

— Posso te contar o que acontece em O sol é para todos. Você pode se dar mal se não ler até amanhã — Tate disse. — Lembra em que parte parou?

Narnie pensou por um momento e assentiu.

— Atticus fez Jem ler pra velha.

Tate se acomodou ao lado dela.

— Então, a sra. Dubose é muito malvada — Tate começou. — Ela mora na casa ao lado e, sempre que eles passam, grita que são mal-educados e coisa e tal. Enfim, toda tarde Jem precisa ler para ela e, às vezes, leva Scout junto. Eles descobrem que a sra. Dubose está morrendo. Mas tem um problema. Ela passou quase a vida toda viciada em morfina, sabe, e como é muito orgulhosa, decide que não quer morrer dependente de nada nem de ninguém.

— Por mais que a morfina aliviasse a dor da morte? — Narnie perguntou.

— *Aham. Então as leituras de Jem são um tipo de analgésico pra ela. A sra. Dubose deixa de pensar na dor. No final do capítulo, ela morre, mas fica livre, e o respeito de Jem por ela é enorme.*

— *Meu pai... ele teria feito a gente fazer isso também. — Depois de um momento, Narnie sorriu. — Lê pra mim, Jem.*

— *Mas é claro, sra. Dubose.*

*Então Tate leu para Narnie a noite toda e, de manhã, quando Tate mal conseguia ficar de olhos abertos e Narnie podia ver um pouco de luz, as duas fecharam os olhos.*

— *Um dia, se você precisar, vou ser Jem e você vai ser a sra. Dubose — Narnie prometeu, sonolenta.*

— *Vou te cobrar, hein — Tate disse baixinho, e as duas dormiram.*

De volta ao meu quarto, o impasse com o gato moribundo chega ao fim. Ele está lânguido quando o pego nos braços, e de repente sou tomada por amor por ele e uma vontade de libertá-lo. Fico pensando qual seria o melhor lugar e escolho um ponto no jardim de Hannah, perto do rio.

Por bastante tempo, sento e fico observando, mas ele não se move. Não foge como eu esperava. Não mia nem resmunga. É como se quisesse desistir, mas não sabe como.

— *Vai!* — falo para ele, mas o gato está trêmulo, com um sofrimento tão visível que me pego chorando pela segunda vez no mesmo dia.

Lembro do que Hannah me falou certa vez, sobre como ele estava morrendo havia anos e que devia ter sido sacrificado muito tempo atrás. Mas ela não tinha coragem. Então eu preciso ter. Pego o gato nos braços, sussurrando gentilmente nas orelhas dele, e o levo para o rio. Não suporto a ideia dele embaixo d'água sozinho, então entro com ele, segurando-o, murmurando “Estou aqui, estou aqui” várias e várias vezes, até mergulharmos, com os olhos abertos, nos encarando. Quero saber os segredos dele. Por um momento, sinto algo inexplicável. Paz. Quero ficar lá embaixo mesmo depois que o gato para de se mexer. Mas acima de mim vejo o sol entrar pelos galhos do carvalho e é como se uma luz me chamasse para algo melhor. Nado de volta à superfície, com os pulmões latejando, trazendo o gato comigo, e subitamente consigo respirar como não fazia há muito tempo.

Deito no banco de areia à beira do rio, com o corpo tremendo de frio; mas uma paz toma conta de mim. Ao cair no sono, sinto que não estou sozinha e parece que estou sendo carregada e é como se estivesse de volta à infância, novamente em cima dos ombros de um gigante, feliz.

Quando acordo, estou no meu quarto e Raffaela e a srta. Morris estão lá.

— Quer comer alguma coisa? — a srta. Morris pergunta gentilmente.

Faço que sim. Ela sai e Raffaela, agitada, me envolve com cobertores, evitando me encarar. Não falamos por um segundo ou dois e seguro a mão dela para conter sua agitação.

Raffaela aperta minha mão, e nunca me senti tão segura desde que Hannah foi embora. É o poder que Raffaela sempre teve, e talvez seja por isso que passei a maior parte da vida afastando-a de mim. Porque ser tão dependente das pessoas me assusta. Mas não tenho mais energia para evitar Raffaela.

— Vou procurar minha mãe — digo baixinho para ela.

— Não — ela diz, e percebo a frustração. — Esta é sua casa, Taylor, não importa o que você pensa dela. Quando as aulas terminarem ano que vem, a gente vai pra universidade em Bathurst e daí você pode voltar pra cá e ficar com a Hannah. Porque aqui é o seu lugar. Nesta cidade.

Mas Raffy sabe que é uma causa perdida.

— Raffy, lembra do alojamento? — pergunto. — Te contei uma coisa que aconteceu quando eu era pequena, na cidade. Você chorou. Lembra?

Por um momento, ela não se move. A expressão dela está tensa, e então ela assente.

— Bom, não lembro e preciso que você me conte o que era.

Ela balança a cabeça, enfática.

— É uma lembrança minha — eu digo com firmeza. — *Minha*. Você precisa me devolver.

— O que você me contou não vai te levar para perto da sua mãe — ela começa. — Só vai fazer você lembrar de uma coisa que devia esquecer e sobre a qual ninguém nunca devia conversar. Você tem razão. A lembrança é sua e você tem mais direito sobre ela do que eu, mas vou ficar com ela, Taylor.

— Você precisa perguntar a Santangelo o que ele sabe. — Tento outra abordagem.

— Santangelo não sabe de nada — ela diz, chorando. — Ele é um idiota. Acha que vai ser um agente federal importante e se acha muito bonito e sente coisas demais e nunca perdoa nada e tenho ódio dele porque ele vai te deixar maluca.

Eu a seguro firme.

— Não — digo. — Preciso da sua ajuda para cuidar desta Casa, desta escola, e não posso fazer isso se nós duas estivermos chorando.

— Quando o brigadeiro trouxe você pra cá... achei que você estava morta... Sempre achei que você ia tentar se matar, Taylor...

Eu a solto e balanço a cabeça.

— Não estou interessada em morrer ainda — digo, levantando.

Quando saio do quarto, paro de repente. Parece que todas estão ali. As veteranas. Sentadas na escada, encostadas no batente ou andando de um lado para o outro. Como se estivessem me esperando. Não sei o que dizer a elas e, enquanto desço a escada, percebo que estão procurando alguma coisa no meu rosto que mostre que estou bem. O silêncio é tão grande que consome a minha pele e me deixa exposta.

Se lembro do que Raffaella falou no estacionamento da igreja evangélica?

— Em quem eu acredito? — ela repetiu, como se fosse a pergunta mais idiota que já tinha ouvido. — Acredito em você, Taylor Markham.

— O jantar é daqui a uma hora — digo a todas, firme. — As veteranas são as responsáveis. E hoje a gente vai comer juntas.

Entro na sala de estudos e caminho na direção de Jessa e Chloe P. Sento ao lado de Chloe, tiro o transferidor da sua mão trêmula e faço um círculo perfeito. Minha mão também está tremendo. Quando ergo os olhos, vejo medo nos olhos de Jessa. Me sinto como aqueles pais psicopatas dos filmes: num minuto, sou violenta, no outro, humana.

— Taylor, vou te procurar da próxima vez que Hannah ligar — Chloe P. sussurra. — Prometo. Onde quer que você esteja.

Aceno, engolindo em seco. Ainda estão tremendo.

Jessa segura minhas mãos arranhadas até ficarem firmes.

— Era isso que meu pai fazia quando eu ficava com medo — ela me diz.

Mais tarde, estou de pé, lado a lado com a srta. Morris, Raffaella e as outras veteranas que preparam o jantar, enquanto o resto das alunas mais novas nos

enche com testes ridículos de revistas adolescentes e nos obriga a ouvir situações hipotéticas absurdas. Mas isso acalma as batidas do meu coração e me faz rir. Toda vez que uma das meninas passa por mim, sinto uma mão no meu ombro ou um aperto no meu braço que me faz sentir que esta noite dormir vai ser mais seguro.

# Treze

Na semana seguinte, acontecem três coisas que me deixam tensa e agitada.

Primeiro, vimos no jornal que duas meninas desapareceram na estrada perto de uma cidade chamada Rabine. É bem longe daqui, mas Jessa consegue convencer todo mundo de que vamos ser as próximas. Segundo, Richard arrisca um golpe, informando os cidadãos e os cadetes que, devido a circunstâncias imprevistas, ele está assumindo o controle da UC. E terceiro, os cadetes, fiéis a seu estilo, aproveitam a situação e levam três meninas da Casa Darling como reféns.

— Só podem estar de brincadeira — digo a Raffaella e Ben enquanto corremos em direção à clareira.

— Mandaram uma mensagem através da Chloe P.

— Ela está bem?

— Mais ou menos. Está entre a histeria e a euforia total, então pode ir para qualquer um dos lados.

— Richard acha que está no comando — Raffaella diz.

Está o caramba.

A notícia se espalhou rápido e está acontecendo um êxodo em massa das Casas. A maioria das pessoas se reúne no vale na frente da Casa Murrumbidgee, onde consolam Trini, a líder da Casa Darling. Dois professores nos encaram desconfiados. Ben acena e Trini segura o choro.

— Passeio pela floresta! — ele grita. — Interessados?

Eles fazem que não e saem andando. Quando somem de vista, o choro recomeça.

— Vamos — digo, correndo. Pegamos a trilha atrás da Casa Murray, que deve ser a mais densa e a menos cuidada.

— Que tipo de acordo eles estão querendo? — pergunto a Chloe P.

— Ele só falou que as negociações para a possível liberação das reféns vão ser às quatro e meia — ela responde, ofegante.



— Tem certeza de que elas não foram pegas pelo *serial killer*? — Jessa se intromete. Ela está eufórica e preocupada ao mesmo tempo. Ouço exclamações de pavor das mais novas. Paro para retomar o fôlego e fico espantada com o tamanho da multidão espremida em uma fila, numa trilha que nunca teve tanta gente reunida.

— Voltem para as Casas — digo com firmeza. — Só os veteranos vão! Voltem para as suas Casas!

Ouço protestos e reclamações. Especialmente dos meninos mais novos, que imploram para que eu os deixe nos acompanhar.

— Precisamos proteger as Casas também — digo aos líderes. — Li que isso aconteceu em 1992. Eles sequestraram três alunos e, enquanto os líderes iam negociar, invadiram as Casas. Os professores nunca descobriram porque os mantiveram escondidos.

— Por quê? — pergunta a líder da Hastings.

— Não tinha outra opção. As regras de invasão permitem vinte e quatro horas de imunidade diplomática aos invasores em território inimigo — Raffaella explica para eles.

— Tranquem as entradas de todas as Casas. Os alunos mais novos devem ficar confinados lá dentro. Raffy, quero você lá.

Levamos um tempo para chegar à fronteira, e tenho que ouvir as ameaças de alguns dos veteranos sobre o que vão fazer quando cruzarem com os cadetes. O que é um tanto quanto engraçado porque, conhecendo esses caras, bastaria um olhar de Jonah Griggs para me empurrarem para a frente como um escudo humano.

Chegamos à clareira e trazem Chloe P. para perto de mim.

— É aqui o lugar? — pergunto, paciente.

Ela assente, solene.

— Está vendo? Ali está a boina da Teresa.

Trini volta a chorar e se agarra à boina, dramática. Ben troca um longo olhar sofrido comigo e o empurro na direção dela. Enquanto ele dá tapinhas metódicos nas costas dela, saio andando, estudando as marcas das fronteiras. Não consigo deixar de pensar em como os cadetes foram mesquinhos neste caso. As meninas não devem ter dado mais de dois passos no território deles e já caíram em cima delas. Começo a me perguntar o que Jonah Griggs está planejando. Tento ouvir a aproximação deles, sinalizando para os outros ficarem quietos. Mas não vamos ficar imperceptíveis por muito tempo. Trini

está hiperventilando e alguns dos veteranos não param de observar ao redor, numa tentativa paranoica de descobrir quem está atrás deles. Até eu sinto frio na barriga.

Além do drama dos alunos da Jellicoe, o silêncio no local faz parecer que não há mais ninguém. Mas os cadetes são espertos e, conhecendo Jonah Griggs, ele já deve estar nos observando.

— Isso quer dizer que vamos perder mais uma trilha ou parte da propriedade — Ben fala baixinho.

— Shh. — Dou alguns passos para trás. — Talvez sim, mas já não temos o que trocar com eles de qualquer forma — sussurro.

Quatro e meia, cinco horas... e ninguém aparece. Fico parada, de pé o tempo todo, em guarda, mas lá pelas cinco e vinte, estou exausta e quase disposta a aceitar a sugestão de um dos meninos de invadir.

— É melhor ficarmos do nosso lado da fronteira — digo a eles. — Não sei qual é o plano de Griggs, mas precisamos saber o que vamos enfrentar. Aposto que, assim que cruzarmos os limites, vão cair matando com mil pedras na mão, e vai ser muito mais difícil negociar a devolução de veteranos.

— Não acho que eles estejam por aqui, Taylor — me diz o líder da Murray.

— Não tenha tanta certeza.

Depois de esperar por mais uma hora, Richard fica ao meu lado. É o jeito dele para fazer parecer que somos iguais e impor certo poder em toda essa farsa.

— Se eles quiserem alguma coisa da gente, vou dar a trilha mais próxima da sua Casa — digo a ele calmamente —, para que toda vez que eles passarem lá, você lembre como sua tentativazinha de golpe contribuiu pra tudo isso.

— Por que você não vai embora e tem uma crise em outro lugar? — ele diz e sai andando.

Às cinco e meia, estou irritada e entediada, e não faço ideia se os caras vão pular do céu ou sair da mata bem na nossa cara.

— Jonah Griggs! — grito.

— Taylor Markham! — ele responde de trás dos arbustos à minha frente.

Ben me encara e revira os olhos. Dou meia-volta e faço sinal para os outros recuarem.

— Fica aí — digo para Ben, ultrapassando a fronteira.

Griggs sai do esconderijo e se aproxima de mim como se passeasse numa tarde de sábado, admirando a natureza ao seu redor.

— Cadê as meninas? — pergunto, furiosa.

Ele me encara de perto.

— Não estou gostando nada disso — ele diz, apontando para o que presumo ser as olheiras embaixo dos meus olhos. — Você realmente precisa dormir um pouco.

Dou um tapa na mão dele.

— Cadê as meninas? — pergunto de novo, com mais vigor.

— Você não avisou àquelas meninas sobre as fronteiras, elas não faziam ideia de nada. Os meus calouros conseguem apontar os limites de olhos fechados.

— Por que você não se dá um tapinha nas costas por ser o melhor líder do mundo então?

Ele se dá um tapinha nas costas, se divertindo às minhas custas.

— Não acredito em como você é mesquinho. Elas estão no sétimo ano!

— Por que isso te surpreende? — ele pergunta. — Sempre foi assim. Se um de vocês se aventura no nosso território, tem troco. Lembra? — ele grita para Ben. — O troco por ultrapassar?

— Lembro bem demais — Ben retruca.

— O mesmo acontece com a gente. Aconteceu com Choi, meu amigo aqui, no ano passado. Lembra, Choi?

Atrás dele, vejo pelo menos uns cem cadetes sentados nas árvores ou saindo de trás de arbustos e galhos. Preciso admitir: eles definitivamente sabem o que fazer quando o assunto é camuflagem.

— Ele se aventurou no seu território e o nosso líder teve que lutar com o seu para consegui-lo de volta.

Anson Choi assente com solenidade.

— Momento traumático. Me colocaram na Casa Murrumbidgee. Com um bando de filhinhos de papai. Acharam que eu era bom em xadrez e me obrigaram a jogar a noite toda.

— Então quer sair no tapa comigo? — pergunto a Griggs.

— O que você propõe?

— Me devolve as meninas.

— É assim que sempre foram as guerras territoriais — ele diz, firme. — Está no manual. Ou você achou que ficaria só nas ameaças? O combate é na mão. Alguém sempre sai perdendo. Às vezes, é só um soco no queixo. Ou alguns no estômago. E pronto, devolvemos as reféns. A única questão é que, nos últimos quatro anos, os líderes sempre foram homens.

— Vamos mudar as regras este ano. Porque, cá entre nós, você está me assustando.

Ele volta a me observar com atenção.

— Você precisa resolver suas coisas, porque já tivemos pelo menos duas reuniões sobre a Casa Clube sem você, e está faltando isso aqui — ele diz, indicando alguns centímetros entre os dedos — para Santangelo e eu quebrarmos o pescoço um do outro.

— Jonah, entrega as meninas logo.

Ele vira e solta um assobio. As três meninas da Darling são tiradas do esconderijo e eu relaxo um pouco, um tanto grata, um tanto surpresa. Essa é uma boa vitória para mim na frente da escola. Tudo feito sem nenhuma gota de sangue ou lutinha idiota.

— Você está no comando? — ele grita sobre o meu ombro.

Viro e vejo Richard fazer que sim com arrogância.

— Tecnicamente — ele diz, vindo na nossa direção.

— “Tecnicamente” não é resposta — Griggs diz, e dá um soco na cara de Richard. — A gente não gosta muito de assustar criancinhas — ele diz pacientemente, olhando para onde Richard caiu. — Então você precisa avisar seus calouros que, para cada vez que um deles entrar no nosso território, o líder deles leva o troco. Você, claro, pode passar a punição adiante para um dos seus calouros. Já eu, se tenho que virar o saco de pancadas de algum dos meus, normalmente faço com que ele engraxe meus sapatos, talvez lave minhas roupas, essas coisinhas, sabe? Mas quase nunca acontece. Meus calouros sabem quem está no comando. A gente tenta não confundi-los porque isso os deixa em perigo. — Griggs finge confusão. — Então quem está no comando mesmo aqui?

— Eu estou — digo, encarando-o, furiosa.

Ele observa Richard e estende a mão. Richard ainda está em choque e não sabe se aceita.

— Tudo bem por você, queridinho? Posso te chamar assim, aliás? Já que é ela quem está no comando?

Richard resmungava alguma coisa ininteligível.

— Bom saber. — Griggs sai andando.

Richard está cambaleando um pouco, então o seguro. Ele leva a manga da camisa até o nariz.

— Talvez seja bom nos reunirmos mais tarde para conversar sobre as fronteiras — ele diz.

— Esvazia esta área agora — digo para ele, antes de virar para Trini, que está abraçando as três meninas junto ao peito. — Vocês estão bem? — pergunto, mas elas estão muito ocupadas tentando se soltar. — Lembra de interrogar as meninas e cuidar delas — digo para Trini. — Depois passo lá.

— Não quero que elas sejam incomodadas — ela diz, levando-as embora.

Vou em direção aos cadetes, que estão indo embora.

— Ei! — grito para Jonah Griggs. Ele e Anson Choi param perto de uma árvore e Griggs recosta nela, com um leve sorriso no rosto. Ele está contente com o que fez e lhe dou esse pequeno momento de triunfo até chegar perto o bastante para lhe dar um tapa na cara bem forte. — Nunca mais faça isso — digo, furiosa.

— Ai, doeu! — ele diz, passando a mão na bochecha.

— Posso lutar minhas próprias batalhas.

— Não estava lutando suas batalhas — ele argumenta.

— Estava sim. Aquilo é problema meu — digo, apontando para onde os outros se refugiaram, com exceção de Ben. — Sua encenaçãozinha benevolente pode me deixar numa posição frágil com eles.

— Acho que eles nem se tocaram que ele estava protegendo seus interesses, Tay — Ben diz. — São idiotas demais.

— Eu não estava protegendo a Taylor — Griggs retruca sobre meu ombro, furioso.

— Meio que pareceu — Anson Choi explica a Griggs paciente.

— Pedi sua opinião, Choi?

— Não, mas do meu ponto de vista e pelo que sei da história de vocês, pareceu que você estava... — Anson Choi diz calmamente.

Griggs olha feio para ele. Choi ergue a mão e acena com a cabeça para mostrar que entendeu que é melhor ficar quieto.

— Protejam suas fronteiras e isso não vai acontecer de novo — Griggs nos diz.

— Se você acha que está nos assustando, pense de novo, Comandante dos Cuzões — Ben diz.

Encaro Ben, impressionada com a bravura e a sagacidade.

— Desencana — digo para ele, e vamos embora.

Quando fazemos a curva e ficamos fora da vista dos cadetes, Ben solta uma gargalhada.

— Foi ou não foi impressionante?

— Muito impressionante — elogio.

— Não, estou falando do tabefe que ele deu no Richard.

Paro e encarro Ben.

— Ele mereceu, Taylor. Enquanto você estava toda dramática na semana passada com suas músicas dos anos 80, Richard estava sendo um babaca. Fiquei muito impressionado com Griggs — ele me diz. — Ele passou de zero a dois no meu conceito.

— E o que precisa pra ele chegar a dez?

— Ele tem que fazer com Richard o que fez comigo. Levei o pacote completo, sabe. Um na cara e dois no estômago. E mais umas pisadas nos dedos.

— Então quando acontece com outra pessoa não tem problema?

— Qualquer dor infligida em Richard aquece o meu coração e aquece o seu também. Vai, admite. Quando ele caiu no chão e o sangue escorreu e você soube que o nariz dele estava quebrado, no fundo você não quis pular de felicidade e pisar naquela cara feia?

Olho para ele, balançando a cabeça.

— Na verdade, não, Ben. Não quis, não. Estava pensando que preferia estar no salão comum assistindo à novela.

— Sabe qual é o seu problema? Você não consegue se divertir. Foi engraçado. Foi bem melhor que a novela.

Mais tarde, vou ver as meninas da Darling. Levo Jessa e Chloe P. comigo só porque elas insistem que têm talento para interrogar meninas da própria idade, ao contrário de mim, cujo interrogatório pode ser intimidador, segundo Jessa.

A Casa Darling tem meninas delicadas. Todo mundo é muito meigo e até fazem orações antes de comer. É interessante ver como as outras Casas

funcionam. Os antigos líderes da Lachlan eram tão decididos a ser os melhores que não havia espaço para nada que não fosse poder. Aqui, a emoção, o talento e a liberdade de opinião são incentivados e defendidos.

— Obrigada pelo que você fez — Trini diz, me oferecendo chá e tortinhas de geleia no que parece a mais fina louça.

— Na verdade, não estou aqui atrás de gratidão — digo, sincera. — Preciso do seu apoio e, francamente, não estou sentindo nem o cheiro dele.

— Bom, mudanças assustam — ela diz, como se estivesse passando uma lição para suas calouras. — Os antigos líderes sempre foram déspotas. A gente se sente seguro assim. Richard é exatamente igual a eles, e todos têm medo do desconhecido.

— Mas você não administra sua Casa como uma déspota.

— Claro que não. É contra a nossa ideologia. Mas, fora desta Casa, ainda precisamos de ordem. Se você deixar os cadetes andarem pela nossa propriedade, vou ficar preocupada com as meninas o tempo todo. Já é difícil manter aqueles caras da Murray e da Clarence longe.

— Nunca deixaria os cadetes andarem pela nossa propriedade.

— Bom, o Richard falou...

— Foda-se o Richard, Trini.

— Taylor, não usamos esse tipo de linguagem na nossa Casa — Trini me repreende.

Ela se debruça e me encara atentamente.

— Sou responsável por essas meninas, Taylor. Assim como você é pelas suas. Quando saio nos feriados, levo as que não têm para onde ir pra casa comigo. Então, se aqueles cadetes chegarem perto das minhas meninas do sétimo ano, vou acabar com a raça deles.

Assinto.

— Quer vê-las agora?

Entramos no dormitório das calouras, onde Jessa e Chloe P. estão profundamente concentradas numa conversa com um grupo que está bombardeando as refêns de perguntas.

— Me contem sobre a configuração — peço a elas, sentando numa das camas.

As meninas me encaram sem entender.

— O que ela quer saber é como é por lá, meninas. Tentem descrever pra gente — Jessa diz, sorrindo para elas e para mim. Trini também sorri. Tem

um monte de sorrisos no quarto.

A porta-voz das três se ajeita.

— Deixaram a gente numa barraca com dois veteranos de guarda o tempo todo e um monte de meninos vinha olhar pra gente porque não costumam ver muitas meninas. Mas os dois meninos de guarda não deixavam ninguém chegar perto porque alguém falou pra eles que Jonah Griggs disse que quebraria os braços do cara que ousasse encostar o dedo na gente.

— Jonah Griggs é o líder deles — outra delas explica.

— Assustaram vocês? — pergunto.

— Quando vieram nos pegar, foi um pouco assustador.

— Eles fazem churrasco toda noite. Foi o que o cadete de guarda falou.

— Puxa! — Jessa exclama. Chloe P. está igualmente impressionada.

— Então... Como é por lá? — pergunto alegremente, repetindo as palavras de Jessa. — Tentem descrever.

— Tem seis meninos em cada barraca e umas quinze barracas por fileira. As barracas do décimo primeiro ano são as mais próximas das trilhas da floresta e as dos professores ficam bem no meio de todas. Tem um brigadeiro do exército de verdade acampado com eles e todo mundo acha legal, mas dizem que ele pode ser um pouco assustador. Você devia ver a barraca dele, é enorme e sempre trancada.

— E onde fica a barraca do brigadeiro? — pergunto, inocente.

As meninas desenham um mapa e fico impressionada em como elas prestaram atenção.

— Taylor está muito impressionada — Jessa diz para elas, sorrindo.

Todo mundo está sorrindo, e, desta vez, retribuo o sorriso.



# Catorze

O olhar do guarda disse tudo para Jude. Mais quinze minutos da vida deles seriam desperdiçados com indiferença. Mas, sentado à mesa atrás deles, dava para ver o policial mais jovem, aquele que sempre parava Fitz na rua para saber se estava tudo bem. O jovem guarda encarou Jude nos olhos e, um momento depois, veio andando casualmente.

— Quer que eu cuide disso? — ele perguntou ao policial em serviço.

— Fique à vontade.

Jude notou que o guarda não era muito mais velho do que eles. De perto, a pele morena dele parecia macia, e os olhos eram interrogativos, mas gentis.

— Então... quer me contar o que está acontecendo?

— Você é a quarta pessoa que pergunta e ninguém está ouvindo de verdade — Jude disse.

— Estou ouvindo.

— Um de nós sumiu.

— Não foi o Fitz?

— Não, mas ele desertou. Nosso amigo, Webb, o irmão da Narnie, sumiu. A escola deve ter falado para vocês. A gente não sabe onde ele está, mas já faz dois dias.

O jovem policial sentiu um frio na barriga. Ele conhecia aquelas crianças, pelo menos as meninas. Durante sua primeira semana de trabalho, cinco anos atrás, ele tinha sido chamado em um acidente na estrada Jellicoe. Aquela tinha sido a primeira vez que ele havia visto cadáveres na vida, e lembrava como tinha vomitado à beira da estrada enquanto o sargento mandava que ele se recompusesse. Lembrava daqueles rostos. Lembrava de Fitz com eles, do olhar diferente na cara do menino problemático.

— Sei o que você vai dizer — Jude continuou. — Alguma merda sobre ele ter dezessete anos e provavelmente precisar de “um tempo”. Mas aposto que vocês ouviriam se os pais dele estivessem batendo na porta.

— Disse que estou ouvindo — o guarda falou com firmeza.

Seu olhar passou de Jude para as meninas.

— Quem foi o último a vê-lo?

Um som abafado saiu de Tate, mas Jude mal conseguiu encará-la. Era como se ela tivesse desaparecido nos últimos dois dias também. Como se a luz tivesse sumido dos olhos dela. Jude não sabia como lidar com Tate daquele jeito. Com Narnie, ele estava acostumado, mas com Tate, não.

— Ele estava agindo de maneira estranha? — perguntou o policial. — Levou alguma coisa?

— Não está faltando nada — Jude respondeu. — Só o que ele sempre leva com ele, como o boné do Félix e o walkman, que sumiram. Mas nada além disso.

— E dinheiro?

Jude encarou Narnie, que balançou a cabeça sem vigor.

— Não temos dinheiro até os dezoito.

— Mas falta pouco pra isso, não? — ele perguntou gentilmente.

Narnie encarou o jovem guarda.

— Por que você está nos perguntando isso? Ele não foi embora. Ele nunca iria embora. Alguma coisa aconteceu. Alguma coisa ruim.

— Escuta, não estou falando que não acredito em vocês — ele começa —, mas a gente sempre ouve histórias desse tipo. Que tal pessoa nunca fugiria ou iria embora, mas elas fogem. Acontecem coisas que nem a pessoa mais próxima pode saber.

— Você não conhece meu irmão.

— Tate, você foi a última a falar com ele — Jude disse. — Você lembra?

Ela olhou para Jude, espantada.

— Se lembro? Lembro de tudo que já falei para ele e tudo que ele já me falou na vida.

Eles ficaram olhando para ela, esperando.

— Ele me contou sobre as opções de universidade e que estava procurando nos jornais um lugar pra gente morar e que Narnie viria morar com a gente no ano que vem, quando as aulas dela acabassem. E que a gente ficaria na cidade só por quatro anos, e depois voltaria pra cá porque ele ia construir uma casa pra mim. Uma casa pra mim, Narnie e ele. E que seria difícil deixar Fitz pra trás, mas que talvez, só talvez, desse para convencer Fitz a ir pra cidade com a gente e que Jude também estaria lá e eu falei pra ele... falei que a gente vai ter um filho.

— Tate — Narnie murmurou baixinho. — Ah, Tate.

— Ele ficou... chocado, sei lá. Tipo, não conseguia acreditar. Quer dizer, a gente está junto... meio que... pra sempre... porque nunca vai ter ninguém além de Webb. Naquela noite... — ela disse, encarando Narnie. — Lembra daquela noite? Ouvi a

*voz dele e foi como se... foi como se Deus estivesse falando e eu soube que, daquele momento em diante, ficaria com Webb pelo resto da vida. Esse é o único motivo por que sobrevivi. Para ficar com aquele menino e com aquela voz. Lembra, Narnie? Ele atravessou a janela, atravessou todo o vidro, só pra segurar minha mão.*

*— Não, Tate, foi você que atravessou a janela pra segurar nossas mãos. Você cortou seu braço, lembra? Só pra ficar com a gente.*

*Jude ficou observando Narnie abraçar Tate. Ele não conhecia aquela Narnie. A voz dela estava mais forte, e ele tinha passado os dois últimos dias sem conseguir encará-la porque o olhar dela era tão focado e cortante que o perfurava.*

*— Talvez ele tenha decidido... — o policial começou.*

*— Não — Narnie disse, encarando-o, alertando-o para não falar nada que chateasse Tate. — Meu irmão nunca abandonaria a gente. Pode citar todas as suas estatísticas e o que você já viu no trabalho, mas você não conhece Webb.*

*O guarda pegou a caneta e começou a registrar os detalhes, assumindo um ar profissional, mas, no fundo, ele sentia por essas crianças uma enorme tristeza que fazia suas entranhas se agitarem.*

*— Preciso de uma foto — ele disse. — E posso sugerir um médico? Minha mulher também está grávida.*

*Narnie olhou para Tate e assentiu.*

*— Vamos começar com o nome dele — disse o guarda.*

Comparecemos à outra reunião com os cidadãos e os cadetes no salão dos escoteiros, prontos para discutir problemas reais e fazer boas exigências. Quando eu, Raffaella e Ben chegamos, algumas das cidadinas estão perto da entrada pela qual Jonah Griggs e Anson Choi estão prestes a passar. Uma das meninas se aproxima de Griggs e simplesmente entrega o celular dela. Sem aquecimento, sem “Oi, tudo bem? Posso te ligar algum dia?”. Ela simplesmente oferece o aparelho para ele gravar o próprio número. Quero ser arrogante e dizer que não tem sinal perto da estrada Jellicoe, mas isso significaria que me importo.

*— Desculpa, não tem sinal perto da estrada Jellicoe — Jonah Griggs diz, devolvendo o celular para ela e entrando.*

*Quando passo pelas meninas, ouço uma delas dizer:*

*— Essa é a namorada dele.*

*Olho para elas.*

— O que você falou?

Elas me ignoram com aquele olhar arregalado de “Quem ela pensa que é pra responder?”.

— Não sou namorada dele — digo alto.

— Que bom pra nós, então — uma delas zomba.

— Nem tanto — Raffaella diz para elas. — Ele tem uma namorada e está completamente apaixonado por ela. É a vizinha dele.

Fico surpresa com a novidade. Ainda mais surpresa por Raffy saber, mas, enfim, ela sempre sabe de tudo. Quando entramos no salão, faço a pergunta que não quer calar com o ar mais indiferente possível.

— Como você descobriu sobre Griggs e a namorada?

— Foi fácil. Eu inventei.

A reunião é um absurdo desde o começo. Santangelo está cuidando de três das irmãs dele, que estão ensaiando uma coreografia da Beyoncé enquanto os Irmãos Mullet insistem em tocar guitarra.

— Sua mãe falou pra minha que quer chamar Jessa McKenzie para o feriado — Raffaella diz para Santangelo, mais alto que o barulho. — Vocês a conhecem?

É a primeira vez que ouço esse plano e fico ansiosa sem entender por quê.

— Ah, que maravilha! — ele exclama, irritado. — Como se já não tivesse mulher demais na minha casa.

Os Irmãos Mullet brigam entre si o tempo todo e, a certa altura, Anson Choi e Ben tentam impedir que os dois se atraiam enquanto discutem sobre tônicas musicais. Até que Jonah Griggs grita:

— Isso é ridículo. Não vou voltar. — E tenho que concordar com ele desta vez.

Do lado de fora, as cidadinas ainda estão por perto. Enquanto esperamos Ben, noto que elas estão conversando com Griggs, que ri do que elas dizem — o que deve ser falsidade, porque duvido que essas meninas sejam minimamente engraçadas.

Voltamos para casa a pé, seguidos pelos cadetes. Sem querer que ouçam nossa conversa, caminhamos em silêncio.

— Você sabe o que vou fazer quando voltar para o acampamento, Choi?

— Griggs pergunta, exageradamente animado.

— O quê?

— Vou escrever uma carta pra minha vizinha. Ela é minha namorada. Estamos completamente apaixonados.

Raffaella me lança um olhar e percebo que ela está se controlando para não rir. Agora entendo o que Griggs achou tão engraçado enquanto conversava com as cidadinas.

— Não sabia que você estava namorando, Griggs. — Anson Choi finge surpresa. — Como ela chama?

— Não sei o nome dela — Griggs continua.

— Lily — Raffaella diz por sobre o ombro. Dessa vez, sou eu que lanço um olhar para ela.

— Bom saber que estou apaixonado por uma menina com um nome legal.

— É o nome do meio da Taylor — Raffaella grita pra eles.

Jogar Raffaella na frente de um carro em alta velocidade vira uma das minhas prioridades da vida durante os dez segundos seguintes.

— Então, além de escrever cartas pras suas namoradas imaginárias — Ben diz, andando de costas —, o que vocês fazem lá sem televisão nem celular?

— Coisas de homem. Meio confidencial — Griggs diz, com ar condescendente.

— Poxa, queria ser igual a vocês — Ben diz, balançando a cabeça e fingindo tristeza. — A única coisa que vou fazer hoje é ficar no quarto da Taylor, deitado na cama dela, dividindo meus fones de ouvido com ela, torcendo pra ela não ocupar o espaço todo porque a cama é muito apertada, sabe.

Ele acena para os dois.

— Mas divirtam-se com suas coisas de homem e lembrem um pouco do meu sofrimento.

Griggs e Ben competem para ver quem consegue encarar o outro por mais tempo, até que Anson Choi puxa Griggs para o outro lado da estrada.

Encaro Ben e depois Raffaella.

— Que história é essa? — sussurro, furiosa. — Esse lance de Lily e de ficar no quarto da Taylor?

Os dois fazem cara de inocentes.

— Ele acabou de passar de zero para dois no meu conceito por não quebrar a sua cara, Ben!

— O que precisa para ele chegar a dez?

Olho para o outro lado da estrada e observo Griggs enquanto ele caminha. É uma caminhada lenta, mas tão confiante que dá vontade de ficar atrás dele o caminho todo.

Como Jonah Griggs chegaria a dez? Ele senta num trem comigo aos catorze anos e chora, puxando o cabelo, batendo a cabeça na palma da mão, expelindo ódio por si mesmo assim como as tripas expõem sangue num filme de guerra. Pela primeira vez em toda a minha vida, eu tenho um propósito. Sou o suporte para a dor, para o sofrimento, para a culpa e a paixão de Jonah Griggs. Sentados lado a lado no vagão, ele me deixa segurá-lo e dizer: “Shh, Jonah, não foi culpa sua”. Embora o corpo dele ainda esteja tremendo das convulsões, ele segura minha mão e entrelaça os dedos nos meus e sinto a dor de outra pessoa pela primeira vez.

A batida na minha janela à noite quase me mata de susto. Faz anos que uso essa janela como saída, mas ninguém nunca a usou como entrada e, por um momento de loucura, me convenço de que o menino da árvore dos meus sonhos está vindo atrás de mim.

Saio da frente do computador e espio lá fora. Agachado no parapeito da janela, está Griggs. Ele não pede para entrar. Só levanta, esperando que eu lhe dê permissão. Tecnicamente, isso poderia ser considerado contra as regras das guerras territoriais, mas abro a janela mesmo assim. Ele observa minha regata e minha calcinha, e mantém o olhar fixo nelas por muito tempo, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Em seguida, entra e observa o quarto sem comentar nada.

Vou até minha cômoda e pego um vestido, que mal chega às minhas coxas.

— Espero que não tenha feito isso por minha causa.

Não digo nada e ele se apoia casualmente na minha mesa e pega um livro.

— Que bobagem — ele fala, folheando as páginas. — Esse tal de Atticus Finch nem existe.

Dou de ombros.

— Seria bom se existisse. Por que você está aqui?

— Por que mais seria? A Casa Clube — ele diz.

Assinto.

— Se concordamos em relação a isso, precisamos explicar as regras para os cidadãos — falo para ele.

— Certo — ele diz. — Nenhum código ridículo de vestimenta inventado por mulheres irracionais.

Parece que ele está tirando as coisas da cabeça na hora.

— Nossos homens são irracionais — explico para ele. — Preferimos ser chamadas de pragmáticas e martirizadas.

— Então como eles entram aqui?

— Eles quem?

— Seus homens irracionais. Cassidy? Os outros?

Por um momento, tenho a impressão de que sei o verdadeiro motivo de ele estar aqui. Sinto meu rosto corar e vejo que o dele também fica vermelho.

Limpo a garganta e volto a falar de negócios.

— Expulsão vitalícia pra quem ficar bêbado.

— Nada de *boy bands*.

Não sei o que responder porque também estou inventando na hora.

— Nada de... Benny Rogers.

— Kenny — ele me corrige.

— Os Irmãos Mullet não podem tocar toda noite.

— Irmãos Mullet? — Um segundo depois, ele entende de quem estou falando e concorda. — A gente chama eles de Faísca e Fumaça.

— E você nunca mais vai pisar nos dedos de Ben, meu braço direito.

Ele concorda de novo.

— O meu braço direito? Choi? Ele é DJ. Vai querer tocar pelo menos uma vez.

Concordo. É tudo muito constrangedor. Alguns dias atrás, falei de um dos assuntos mais proibidos da vida dele e fui jogada contra a parede, e agora aqui estamos nós, fingindo que nada aconteceu.

— Se isso sair pela culatra, vai ter guerra — digo.

— Já tem guerra. Acho que às vezes você esquece disso.

— E você não?

— Nunca. Você não pode se dar ao luxo de esquecer.

— Isso é uma ameaça?

— Talvez. Mas não vamos complicar as coisas. Vamos tomar cuidado pra não sair pela culatra.

Ele oferece a mão e eu a aperto. Ao fazer isso, ele desencosta da mesa e parece pairar sobre mim, o que é estranho, porque sempre fui da mesma altura que os meninos daqui.

Sinto os dedos dele na minha clavícula, tocando de leve as marcas que os botões da minha blusa deixaram na minha pele quando ele me agarrou dias atrás.

— Eu não devia ter falado aquilo — digo baixinho. — Não sei por que falei.

Ele dá de ombros.

— Não vim aqui para pedir ou oferecer perdão.

É como se ele tivesse dito uma palavra-chave, fazendo meu peito latejar.

— Me perdoa — sussurro, atordoada pela sensação.

Ele se aproxima e nossas testas quase se tocam. Por um momento, um brevíssimo momento, ele expressa uma leve vulnerabilidade.

— Não tem o que perdoar — ele diz.

Balanço a cabeça.

— Não. Foi o que ele disse. “Me perdoa.” Foi o que o ermitão murmurou na minha orelha antes de se matar.

*— Meu pai demorou cento e trinta e dois minutos para morrer. Eu contei. Foi na estrada Jellicoe, a estrada mais bonita que eu já vi...*

*Jude sentou imóvel, ouvindo uma lembrança tão triste que se perguntava como Narnie podia contá-la com tanta calma, clareza e tantos detalhes. Ao longo dos anos, ele havia formado uma ideia do que tinha acontecido naquela noite na estrada Jellicoe e, às vezes, se odiava por querer fazer parte de algo tão trágico. Ele queria ser o herói que tinha passado na bicicleta roubada. Queria ser aquele que tirou os pais deles e a irmã de Tate dos carros. Ele queria ser igual a eles. Com eles, ele encontrava consolo.*

*Estavam sentados à beira-rio e ele quis segurar a mão de Narnie, mas não teve coragem.*

*— Sabe por que não consegui contar quanto tempo minha mãe demorou pra morrer?*

*Por mais que não quisesse ouvir a resposta, ele fez que não.*

*— Porque ela saiu voando pela janela. Eu podia vê-la o tempo todo. De onde eu estava sentada. Sabia que ela tinha morrido na hora porque estava sem cabeça, Jude, e eu fiquei naquele lugar, sem me mover um centímetro sequer, e todo mundo pensou*



*que eu estava com medo, mas não estava. Porque, se eu me movesse um centímetro, Webb poderia vê-la, e você sabe quanto Webb amava a mamãe, Jude, e eu teria morrido ali mesmo se soubesse que Webb tinha visto ela daquele jeito, eu teria... teria...*

*A boca de Narnie derramava um desespero que ele não conseguia entender. Sem saber como fazê-la parar, ele cobriu a boca dela com a mão, mas ela a tirou.*

*— Se ele não voltar, não vai sobrar ninguém, Jude — ela sussurrou, com uma expressão de horror. — Todos eles se foram. Todos morreram.*

*Ele a segurou junto de si e, pela primeira vez, entendeu o que ela sentia todos os dias desde que a conheceu.*

*— Segura a minha mão — ela disse. — Segura a minha mão, senão posso desaparecer.*

# Quinze

É bem tranquilo assim, de costas. O sol é adorável e acaricia meu rosto, me envolvendo com um lençol de nuvens macias, e é quando minha mãe me segurou pela primeira vez. Por um momento, estou lá, onde quero estar.

Mas então, em algum lugar rio acima, uma lancha ou um jet-ski causa um efeito cascata e pequenas ondas fazem a água espirrar no meu rosto, como um tapinha de repreensão, e a surpresa quase me faz afundar. Resisto para continuar boiando e, subitamente, me lembro da sensação de medo no toque da minha mãe. Dizem que é impossível, que a gente não lembra nada de quando tinha cinco segundos de idade, mas juro que lembro do tremor do corpo da minha mãe quando a parteira me colocou nos braços dela pela primeira vez. Lembro da sensação de escorregar entre seus dedos. É como se ela nunca tivesse conseguido me segurar com a firmeza de quem promete que nunca vai soltar. É como se ela nunca tivesse feito nada certo.

Mas agora a responsabilidade é só minha.

Meu corpo vira uma balsa, e parte de mim quer, literalmente, seguir a corrente. Fechar os olhos e me deixar levar. Mas sei que, mais cedo ou mais tarde, vou ter que sair. Vou precisar sentir a terra sob os meus pés, entre os meus dedos — as farpas, as ervas daninhas, a sensação da terra quente, a dor dos cortes, dos gravetos, das picadas, do calor, do desconforto, de tudo. Preciso desesperadamente sentir tudo, para que, quando algo maravilhoso acontecer, o contraste seja tão grande que eu guarde aquilo comigo e carregue pelo resto da vida.

Por um momento, sinto algo pairando ameaçadoramente sobre mim e tenho um sobressalto, perdendo o equilíbrio. Dessa vez, afundo de verdade. Mas o céu é de um azul infinito, sem pássaros, sem nuvens. Só uma calmaria me dizendo que sou a única pessoa que sobrou no mundo.

Até eu ver Jonah Griggs.

Do meu lado do rio.

Nado e tento sair com a maior dignidade possível. Uma pessoa pingando e de maiô sempre está em desvantagem, por mais recatado que seja o maiô.

Tento pensar nas regras e começo a dizê-las numa voz forte e categórica.

— O Pequeno Livro Roxo...

— ... diz que o inimigo não deve acessar qualquer território negociado e que, caso ele seja pego em flagrante, a entrega do território deve ser realizada espontaneamente — ele termina por mim.

— Você sabe que o acesso via água pertence a nós. Você está ultrapassando...

Antes que eu consiga dizer outra palavra, um corpo voa sobre o rio e pousa, habilidosamente, ao meu lado. Griggs e Anson Choi apertam as mãos, com alegria evidente. Por um momento, lembro que Jonah Griggs é só mais um garoto da minha idade. Há uma suavidade nele que é quase dolorosa de ver porque ela o torna vulnerável, e pensar em Jonah Griggs vulnerável é imaginá-lo como um menino de dez anos à mercê do pai.

— Então a quem pertence o ar? — ele me pergunta. — Não me lembro disso estar no Pequeno Livro Roxo.

— Aqui é propriedade privada.

— Segundo a regra quatro-quatro-três do Pequeno Livro Roxo, propriedade privada é terreno neutro.

Concordo. Como se eu conhecesse muito bem a regra quatro-quatro-três. Estamos a cerca de um quilômetro das Casas da Jellicoe. Os líderes teriam um chique se soubessem que os cadetes estão tão perto. Se eles entram nas Casas, precisamos negociar. Se entramos nas barracas deles, eles precisam negociar.

Estou tremendo de frio. Ele deve ter visto um pouco de pânico no meu olhar.

— Não se preocupa — ele diz, antes de assobiar, perfurando meus tímpanos. Uma corda surge pelos ares e ele a segura. — Hoje só estamos praticando.

Ben e Raffy ficam perplexos.

— Eles estão planejando uma invasão, não é?

— Sim.

— Que audácia — Ben diz com um assobio.

— E os cidadãos? — Raffy pergunta. — Podemos pedir ajuda para eles e finalizar o acordo.

Faço que não. Os cidadãos iriam querer algo de nós. Não temos muito para oferecer.

— E se eles entrarem nas Casas? — ela pergunta.

— Me fala a regra sobre invasão — peço.

— Você precisa de seis inimigos no seu território para confirmar que é uma invasão. Se tentarem duas vezes e fracassarem nas duas, podemos negociar imunidade diplomática pelo resto da estadia deles.

— Hoje foram só dois, então não conta.

Observo pela janela. Qualquer movimento me deixa inquieta. Estamos estudando *Macbeth* para a aula de teatro e fico esperando que, a qualquer momento, Birnam Wood venha ter com Dunsinane. Seria bem o estilo deles.

— Vou pra casa da Hannah — digo.

Vejo a decepção no rosto dos dois.

— Taylor, por favor. Agora não é a hora. Precisamos nos concentrar nas guerras territoriais pelo menos esta semana — Raffy diz.

Estou saindo do quarto, mas eles me seguem.

— Quero vacas — falo para eles.

— Vacas?

Do lado de fora, eles continuam tentando me acompanhar.

— Não vai ser como... a história do gato, vai? — Ben pergunta.

Vejo Raffy sinalizar para Ben ficar quieto. Qualquer conversa sobre o afogamento do gato está proibida. É tipo uma regra tácita.

— Hannah queria que eu cuidasse do jardim dela e nunca cuidei.

— Nosso problema não é a casa da Hannah, Taylor — Raffy me diz.

— É sim. — Continuo andando.

Ben me segura pelo braço.

— Então vou assumir o comando — ele me diz, furioso. — Cuida da casa da Hannah, mas eu vou me esforçar para que os cadetes não cheguem a um metro de nós. Você só consegue pensar em plantar...

— Esterco — digo para os dois. — Em todo o jardim da frente. É perfeito para cultivar verduras.

Ele parece querer me bater com sua frustração.

— Você está ficando maluca! — ele grita. — Ninguém quer te falar isso, mas você... — O rosto dele se ilumina. — Você é um gênio.

Raffy o encara, confusa.

— Ela é um gênio? Não entendi.

— O que ele quer dizer é que não vamos nos entregar sem pelo menos uma lutinha de merda — digo para os dois. — Literalmente.

As estratégias vêm em todas as formas e tamanhos e, por mais infantil que seja esta, ela me diverte.

Eles vêm nos visitar novamente no fim da tarde seguinte. Griggs é o primeiro. Guerras territoriais à parte, é um prazer observá-lo, como se ele fosse feito para voar.

Ele levanta, examinando a farda. Em seguida, olha para onde estou sentada na varanda de Hannah, balançando as pernas na beirada. Ele escorrega na minha direção e posso ver que não é nada fácil.

Ouçõ um grito de guerra do outro lado e, antes que ele tenha tempo de avisá-los, pelo menos seis cadetes voam por sobre o rio e caem ao lado dele. Todos parecem chocados. Dou risada do espanto deles.

— Somos uma escola agrícola — explico para eles. — Não tão boa quanto aquela em Yanco, mas temos nossa criação.

— Vacas? — Anson Choi pergunta, tapando o nariz.

— Porcos também. E cavalos. É ótimo para cultivar tomates.

Cadetes são aspirantes a soldados. Gente da cidade grande. Podem ser bons em brigas de rua, mas não são tão incríveis assim ao andar no meio do esterco.

— Vou vomitar — diz um deles.

— Não se sinta mal por isso — explico. — Alguns dos nossos vomitaram enquanto preparavam isso aí. Aliás, foi bem aí onde você está.

Os cadetes ficam ainda mais horrorizados, olhando para baixo, imaginando o pior.

Aponto para a trilha neutra que é uma caminhada de pelo menos uns quarenta minutos para o acampamento deles.

— Lá não tem esterco — sugiro. — E acho que vocês têm acesso à trilha.

Griggs me encara.

— Se vocês fracassarem na próxima invasão, a gente pode ter o que conversar. Regra três-dois-um do Pequeno Livro Roxo.

— Isso significa guerra — ele diz baixo.

— Bom, agradeça a Deus que você está vestido para isso, Griggs.

E assim começam os jogos de guerra. Às vezes é tão divertido que Hannah e minha mãe somem da minha cabeça por um minuto ou dois. Os cidadãos ficam sabendo da tentativa de invasão e decidem não deixar que nenhum de nós use o território deles como terreno neutro, então os planos de guerra são elaborados por Richard, que está à vontade na função. Parece que, a qualquer instante, ele vai começar a fumar um cachimbo e usar uma boina.

O plano é obrigarmos os cadetes a invadir, em vez de esperar que eles nos ataquem de surpresa. Então, na manhã de sábado, quando sabemos que as tropas de Jonah Griggs estão fazendo as séries de exercícios matinais, eu, Ben e Raffy entramos em território inimigo. Sem querer querendo.

O cadete da frente nos vê quase no mesmo segundo, e percebo os olhos dele se estreitarem. Ele vira para trás — para Griggs, imagino. Fico na trilha, a menos de dez metros, e me permito demonstrar um pouquinho de medo antes de virar e sair correndo.

Corremos desesperadamente. Os passos duros dos cadetes ressoam atrás de nós. Raffy sabe exatamente por onde nos guiar. Meu coração está saltando de medo de que nos agarrem antes que atravessemos nossa fronteira. Nossa única vantagem é que conhecemos a mata de trás para a frente. É o nosso parquinho durante a maior parte do ano, quando eles não estão aqui. Enquanto para eles é uma corrida de obstáculos, nós sabemos muito bem como passar por baixo e por cima dos galhos. Sabemos em quais árvores nos segurar e quais vão nos desapontar, cedendo sob a pressão das nossas mãos. Sabemos onde estão as árvores com limo, desviando delas como participantes de *Dançando com as Estrelas*. Sabemos quais plantas devemos evitar por causa dos espinhos ocultos e pontiagudos. Mas os cadetes são velozes e disciplinados e, vez por outra, sinto a respiração de um deles na minha nuca.

Então, ao longe, vejo a área que chamamos de “terra de ninguém”. É a região mais estranha da propriedade, com exatamente um hectare de terra, sem árvores e com grama selvagem dos dois lados de uma trilha que parece uma trincheira. Nosso território começa oficialmente bem no meio dela.

Estou sem fôlego, mas sei que não posso parar, não antes de atravessarmos a fronteira. Mais importante, não posso parar antes de os cadetes atravessarem a nossa fronteira. As trincheiras são complicadas, mas é fácil para nós. Atravessamos a linha invisível e, alguns segundos depois, sei que todos os oito cadetes também. Ouço o berro de ambos os lados da grama e a voz de Richard ressoa:

— Sem prisioneiros! Sem prisioneiros! — O que é ridículo, porque até parece que a gente vai matar alguém. Mas ele tem uma obsessão com Lawrence da Arábia. De repente, nossos veteranos surgem voando de todas as direções.

Depois, lembro que Jonah Griggs joga rúgbi, e se tem uma coisa que ele consegue fazer, é empurrar ou se esquivar de um bando de estudantes cujo único esporte de contato que conhecem é um tabefe depois de uma partida de xadrez. Portanto, não me surpreendo quando viro e vejo que ele está abrindo caminho por entre os nossos garotos. Parece uma cena em câmera lenta quando nossos olhos se encontram e grito para Ben e Raffy continuarem correndo. Há algo no olhar de Griggs que me diz que nosso exército não vai conseguir impedi-lo. Quando saímos da terra de ninguém, Raffy faz um desvio e sei que está nos guiando para a Árvore da Oração. É muito cedo para os cidadãos estarem lá.

A Árvore da Oração é uma espécie de Jerusalém. Ela já foi nossa, a trilha que dá acesso a ela é dos cadetes, e agora ela é dos cidadãos. Quando a vejo ao longe, sou tomada por uma sensação de euforia, mas, quando nos aproximamos, não encontramos a escada de corda em lugar nenhum.

Encaramos a copa, nosso torso dolorido com pontadas excruciantes. Olho para trás, esperando que Jonah Griggs apareça.

A cabeça de Santangelo surge no alto.

— Se pegarem vocês, o que é a pior coisa que eles podem fazer?

Estamos em território dos cadetes. Santangelo sabe muito bem o que eles podem fazer. Ele é nossa única esperança.

— Vamos fazer um acordo — digo, finalmente.

— Casa Clube?

Encaro Raffy e ela assente.

— Casa Clube — digo, ofegante.

A escada é jogada para baixo e começamos a subir. Estou no meio do caminho quando vejo Griggs sair da clareira. Tento subir mais rápido, mas

meus pés enroscam nos degraus. Santangelo, Ben e Raffy me puxam para cima nos últimos quatro degraus, e recolhem a escada no exato momento em que Griggs tenta alcançá-la. Ele está sozinho, mas sabe-se lá quantos cadetes conseguiram passar e estão vindo.

— Eles não têm como subir aqui. Sem chance — Santangelo diz atrás de mim.

Mal consigo respirar. Raffy tira o inalador do bolso e o coloca na minha mão.

Quando recuperamos o fôlego, olho para o lado.

— Não é como se ele fosse cortar a árvore — Raffy diz.

— Estamos presos aqui até ele ir embora — Ben diz.

— Eles têm problema com o tempo. Assim que a corneta soar, vão dar o fora daqui — Santangelo diz. — Soa às dez.

Daqui duas horas e meia.

Griggs fica lá embaixo, encarando o tronco, e posso ver que ele está lendo as mensagens. Me pergunto se ele vê o nome dos cinco ou se entende que nada os detinha no tempo deles. Me pergunto qual é a declaração favorita dele. Me pergunto se ele vê o sangue de alguém que se cortou enquanto entalhava a alma. Ou se ele está imaginando o que escreveria se tivesse uma faca agora.

Mas então ele vai embora. Fico mais assustada com o fato de que não posso vê-lo do que se ele ainda estivesse lá embaixo. Conhecendo Griggs, sei que ele está lá à espreita.

Por incrível que pareça, o tempo passa de maneira agradável, apesar de Santangelo ficar detalhando seus planos para a Casa Clube. No entanto, meia hora depois, Griggs volta. Segurando um balde.

— Linda árvore — ele grita para nós.

— O que ele está segurando? — Raffy pergunta, tentando espiar sobre meu ombro.

— O que quer que seja, não vai ajudá-lo a subir — Santangelo diz.

De repente, meu coração para. Ele está segurando um rolo de tinta. Jonah Griggs vai pintar o tronco.

— Você não pode fazer isso! — grito.

— Então vem aqui me impedir!

Sou dominada por fúria, mas não me mexo. Porque, no fundo, não acredito que ele vá mesmo apagar aquelas mensagens.



— Qual você quer que eu apague primeiro? — ele grita, arrogante.

— Estou pouco me lixando! — grito em resposta, esperando que ele não perceba meu blefe.

— Mesmo? Porque, segundo minha equipe de vigilância, você vem aqui toda noite.

Sei que Raffy e Ben estão me encarando. Santangelo faz menção de dizer alguma coisa, mas, pelo som de “ai”, levou uma cotovelada de Raffy nas costelas.

Do alto, assisto a Griggs mergulhar o rolo no balde e passar no tronco. No minuto seguinte, pego a escada e a jogo para baixo. Quando ela está segura, começo a descer, passando mal ao pensar no que estou prestes a ver.

Chego no chão e dou um soco em Griggs com o máximo de força que consigo juntar. Ele cai, e não acredito em como foi derrubado tão fácil, como se estivesse desequilibrado.

— Você não se importa com nada, seu bostinha!

Estou à beira das lágrimas, como sempre nesses últimos dias. Ouço minha voz embargada e me odeio por isso. Ele me tira de cima dele e vejo que está furioso.

— *Nunca* — ele me diz friamente — subestime com *quem* ou com *o que* eu me importo.

Observo o balde caído e vejo que não havia tinta nem piche nem nada. Só água. Encaro o tronco e vejo que tudo continua intacto, exceto pelas gotas d’água alojadas nos entalhes.

Ele está no chão ao meu lado. Sem olhar para ele, ofereço a mão.

— Trégua? — pergunto.

Ele pega minha mão, mas não aperta. Só segura, e ela cai sobre o peito dele, e sinto as batidas do seu coração. Não sei direito como interromper esse momento ou quanto tempo vamos ficar assim, mas tudo isso é constrangedoramente tranquilo, deitados sob a *Árvore da Oração*.

— Café? — Santangelo grita para nós. Olhamos para cima. Ele, Ben e Raffy estão debruçados na lateral da casa.

— É espresso? — Anson Choi pergunta atrás de nós.

— Coado na hora — Ben responde. — Você tem que ver os apetrechos que temos aqui.

Anson Choi lança um olhar suplicante para Griggs.

— Você quer se vender por café? — Griggs pergunta com repugnância.

— Eles também têm bolinhos — digo para os dois. — Com gotas de chocolate. Foi a mãe de Santangelo quem fez.

Griggs levanta e me oferece a mão.

— Trégua.

# Dezesseis

No segundo dia dos feriados de fim de ano, todo mundo sai da Casa. Ignoro os protestos de Jessa dizendo que preferia ficar comigo — primeiro porque sei que ela me deixaria maluca, e segundo porque sei que ela está mentindo, o que confirmo quando vejo o entusiasmo dela quando a mãe e as irmãs de Santangelo vêm buscá-la.

Durante os dois primeiros dias, aproveito a paz, o silêncio e a calma, e o fato de não ter que aguentar perguntas e dramas e de não ter que dividir nem a TV, nem a internet e nem mesmo os lanchinhos com ninguém. Mas, quando Raffy aparece na varanda da frente na quarta-feira, a companhia exclusiva de Taylor Lily Markham está começando a me cansar um pouco.

— Estou morta de tédio — ela diz. — Quer sair daqui? Que tal algum lugar que tenha um shopping?

— Vamos demorar séculos para chegar. Até descer para a cidade e pegar o ônibus...

— E se a gente tivesse um carro?

Olho para ela, sem entender nada.

— Santangelo tem um — ela explica. — Fica no velho barracão perto da trilha do outro lado do rio.

— Como você sabe?

Ela dá de ombros.

— Estive com o grupo de jovens no sábado à noite.

— Santangelo é do grupo de jovens?

— Não, mas a namorada dele é e, juro por Deus, me impressiona o quanto consigo arrancar daquela menina. Sabe, Santangelo precisa manter o carro em segredo porque o pai dele o pegou correndo cinco quilômetros por hora a mais do que o limite de velocidade e tirou a carteira dele.

— Coitado — digo, pensando que deve ser um saco ser filho do sargento da polícia. Mas minha compaixão não dura muito. — Chaves?

Ela ri.

— Ninguém nesta cidade tranca as portas. Além disso, a gente pode fazer ligação direta.

Devo estar com uma cara confusa, porque ela explica:

— Coisa de cidadãos. Uma história muito longa e sem importância, mas ter aprendido a fazer ligação direta tem valido muito a pena.

Estou gostando da ideia. Ter acesso a um carro durante o feriado pode me levar até Sydney.

Chegar até o velho barracão exige uma caminhada de pelo menos trinta minutos, então pegamos nossas bicicletas e passamos pelo território cadete, torcendo para não sermos pegas. Os cadetes estão em feriado parcial: nenhum trabalho da escola, mas um monte de caminhadas fora da área. Não há momento melhor do que este para quebrar o acordo.

É divertido subir na bicicleta de novo. Lembro quando dávamos voltas de um lado para o outro pela estrada de terra no nono ano, antes de perdermos a trilha para os cadetes, acelerando pelos terrenos mais perigosos e terríveis da região. Uma vez, quebrei meu braço dando de cara com uma árvore, e Hannah não falou comigo por uma semana. Mas Hannah não está mais aqui, então Raffy e eu apostamos corrida e caímos da bicicleta cada uma pelo menos uma vez. O machucado na minha perna arde, mas chego antes dela. A adrenalina me deixa disposta a cometer qualquer crime, inclusive roubar o carro ilegal do filho do sargento da cidade.

Algo no barracão deteriorado me faz pensar que nada poderia ser estacionado lá dentro sem que o abrigo caísse aos pedaços. Estacionamos as bicicletas atrás dele e, com bastante dificuldade, tentamos abrir as portas de madeira. Quando finalmente conseguimos, estamos exaustas e empapadas de suor. Mas, ao entrar, nosso cansaço se transforma em triunfo. À nossa frente está um velho Commodore azul-escuro reluzente. Como Raffy disse, as portas estão destrancadas. Rodeamos o carro por um momento, celebrando a audácia do que estamos prestes a fazer.

Raffy entra e desaparece embaixo do painel. Me apoio na janela para observá-la puxando fios e conectando-os, assim como as pessoas fazem em filmes. Nunca botei muita fé na técnica porque sempre me pareceu fácil demais.

— Você está me deixando extremamente impressionada aqui — digo a ela.

— Mal posso esperar para contar isso pra ele algum dia — ela diz com uma risadinha. — “Ei, Chaz, adivinha! Sempre soubemos do seu precioso carro.” Vou querer tirar uma foto da cara dele. O que você acha?

O carro começa a roncar e ela solta um “Eba!” vitorioso.

— Prometo dar um lindo sorriso na foto — Santangelo diz atrás de mim, me empurrando para fora do caminho. — Ciente de que você vai dormir com ela embaixo do seu travesseiro pro resto da vida.

Ele abre a porta do carro e a tira de dentro, e ela bate a cabeça no teto. Jonah Griggs está atrás dele, com o mesmo ar indiferente.

— *Nunca mais* encoste um dedo no meu carro — diz Santangelo, com a mesma fúria de quando Jonah Griggs falou da mãe dele.

Raffy encosta o dedo no carro com dramaticidade.

— Você acabou de entrar pra nossa lista negra — ele diz, tirando um lenço do bolso e limpando uma marca invisível. Fazia séculos que eu não via um lenço, e ao ver Santangelo com um fica muito difícil manter uma expressão séria.

— Ah, que medo, que medo! — Raffy diz. — Vamos, Taylor.

— O que vocês estão tramando? — pergunto, desconfiada. — Por que estão saindo juntos?

— Não estamos saindo juntos — responde Santangelo.

— Bom, parece que estão sim — digo.

— Não estamos, não — Jonah Griggs diz. — Pode acreditar. O pai dele nos obrigou a pintar metade da cidade e, se perdermos mais tempo aqui, ele vai mandar a gente pintar a outra metade.

— Como punição pelo que aconteceu na festa de gala? — Raffy pergunta.

— Não. Acho que foi por causa do lance da loja de conveniência — ele murmura, desviando o olhar.

— Pode ser por causa daquela vez perto de Woolworths — Santangelo diz. Dessa a gente não sabia. — Minha vó Faye viu e contou pra minha mãe, que contou pro meu pai.

— Vocês deviam parar de brigar — Raffy diz. — É tão démodé. Ninguém sai no soco hoje em dia.

— Toda esta maldita cidade é démodé — Griggs diz. — A gente já pode dar o fora daqui?

— Você vai dar um soco nele por isso ou quer que eu mesma dê? — Raffy pergunta para Santangelo, olhando feio para Griggs.

Puxo-a para o lado.

— Vamos embora.

Não olhamos para trás. Bicicletas são proibidas na cidade, então voltamos para um mundo sem rodas, mas pelo menos agora tenho companhia para dividir meu tédio. Nossas opções são limitadas a duas ou três lojas de roupas. Levamos mais tempo para chegar à estrada Jellicoe da garagem do que levaríamos da Casa e, quando chegamos, o carro de Santangelo está parado à beira da trilha.

— Podemos dar uma carona para vocês — ele diz com má vontade. Griggs está encarando o caminho à frente, como se não se importasse.

— Mas e se a gente deixar marcas de dedo nos bancos? — pergunto. — Podemos pegar seu lencinho emprestado?

Eu e Raffy rimos da minha piada.

— Só não encostem em nada.

Tirando a carona do sr. Palmer na noite da minha passagem pela cadeia, fazia séculos que eu não entrava em um carro, muito menos durante o dia. Há algo tão normal nisso tudo, por mais que os caras no banco da frente sejam nossos arqui-inimigos. Santangelo e Griggs discutem feio para decidir qual CD devemos ouvir primeiro e Griggs vence, porque Santangelo está com as mãos no volante. É uma música do New Order. Quando os acordes da introdução acabam e começa toda a intensidade da música, sinto como se estivesse a mil quilômetros de distância de todo o tumulto da última semana. Com a janela aberta e a cabeça para fora, sinto que tudo dentro de mim está conectado. Santangelo é um bom motorista e conhece cada centímetro da estrada, fazendo as curvas e desviando dos buracos sem esforço. Me deixo levar pela batida da música, e as vozes dos cantores me fazem fechar os olhos, mas ainda assim as cores ao meu redor atravessam minhas pálpebras. Lampejos de verde e marrom e verde e marrom e...

— Para o carro! — grito. — Santangelo, para o carro!

Ele para, cantando pneu, e somos todos lançados para a frente.

— O que foi? — eles me perguntam ao mesmo tempo.

— Você está bem? — Raffy pergunta.

Solto o cinto de segurança, saio do carro e começo a caminhar de volta pela pista. Ouço três portas baterem atrás de mim e sei que eles estão me seguindo.

À nossa frente, na beira da estrada, entre ervas daninhas e samambaias e pedras e arbustos emaranhados, há um jardim de papoulas. Em volta dele, há uma borda de pedrinhas que parecem indicar para manter distância. Fico encarando as flores, maravilhada, e então olho para Griggs.

— Vocês correm aqui?

Ele faz que não.

— Vamos por outro caminho.

— O que é isso? — Raffy pergunta. — Um daqueles túmulos à beira da estrada ou coisa assim?

— Faz sentido — diz Santangelo. — Deve ser aqui que aconteceu o pior acidente do mundo uns vinte anos atrás.

Viro para ele.

— Quem morreu?

Ele dá de ombros.

— Meu pai deve saber. Acho que duas famílias inteiras. Mas não eram daqui.

Griggs me observa com cautela.

— Você está bem? — ele pergunta baixinho.

Parte de mim não quer contar a história para eles. Ela é minha... e da Hannah. Não sei o que é verdade. Será que Hannah sabia dessas famílias?

— Tem uma história que fala que essas papoulas foram plantadas por uns alunos da Escola Jellicoe — começo — e, um dia, foram destruídas pelos cadetes enquanto eles estavam correndo. Foi no primeiro ano que os cadetes vieram. Mas, no dia seguinte, um dos cadetes voltou e as plantou de novo. Junto com os alunos da escola.

— Onde você ouviu essa história? — Griggs pergunta.

— Hannah.

— Aquela mulher que cuida de você?

Não respondo. Tem alguma coisa neste lugar. Viro e encaro o outro lado da estrada, onde Jude viu Narnie pela primeira vez, achando que ela era uma aparição. *Eles não são reais*, fico dizendo a mim mesma. *Essas pessoas não são reais*.

Griggs, Santangelo e Raffy me observam com atenção. Volto para o carro.

Griggs convence Santangelo de que é melhor ele dirigir, caso o sargento nos veja.

— Então... para onde? — ele pergunta.

Santangelo vira no banco, me encarando.

— Vou mostrar pra vocês o lugar onde encontraram uma coisa da criança que desapareceu.

— Que mórbido! — Raffy exclama.

— Que criança desaparecida? — Griggs pergunta.

Santangelo vira para a frente, mas nos encaramos pelo espelho retrovisor e ele desvia o olhar. De novo tenho a impressão de que ele sabe mais sobre a minha vida do que eu mesma. Não consigo imaginar o que é, mas desconfio que, por ser filho de um policial, se depare com todo tipo de informação. Presa na escola, no meio de uma guerra territorial, nunca tive acesso a nada. De qualquer forma, nunca procurei muito, porque Jellicoe nunca foi mais que um elo fraco entre minha mãe e Hannah. Ao longo dos anos, cogitei algumas vezes que talvez elas tivessem se conhecido enquanto Hannah estava na universidade ou que talvez tivessem trabalhado juntas em algum lugar. Ou talvez Hannah fosse uma vizinha que sentia empatia por uma mãe solteira da idade dela que não conseguia passar o dia sem bebidas, drogas e analgésicos. Ou Hannah podia ter trabalhado numa das clínicas de reabilitação que minha mãe frequentou para tentar largar as drogas. Mas sempre que perguntei a Hannah sobre a relação entre ela e minha mãe, ela só dizia:

— Você se sente segura? — Eu dava de ombros porque não me sentia ameaçada, e ela continuava: — Então, por enquanto, isso basta.

Mas nunca bastava. E agora, mais do que nunca, sinto raiva dela por isso.

Mas Santangelo parece saber alguma coisa. E, mais importante, parece disposto a me contar.

— Leva a gente pra lá — digo baixinho.

O lugar fica no outro lado da cidade. Seguimos o rio, atravessamos a zona urbana e chegamos ao meio do nada.

A paisagem é quase tão majestosa quanto a do terreno de Hannah. Grandes salgueiros-chorões projetam sombras perto do rio. Cipós pendurados nos galhos estão prontos para os nadadores se lançarem na água.

Sentamos, observando o rio, sem muito o que dizer, já que não somos amigos com assuntos em comum. Mas, por mais estranho que pareça, não é desconfortável, só silencioso — exceto, é claro, pelos sons da natureza



zunindo no ar. Vez ou outra, algum inseto pousa bem na ponta do meu nariz e depois sai fazendo uma volta maluca de trezentos e sessenta graus antes de voar descontrolado para outro lugar.

— Você não é mais um obcecado por *serial killers*, é? — pergunto a Santangelo.

— Não.

— Então por que mencionar um menino que desapareceu quase vinte anos atrás?

— Como você sabe que foi quase vinte anos atrás? — Santangelo pergunta.

— Você falou.

— Não, ele não falou — Griggs diz, subitamente interessado.

— E eu não falei que foi um menino.

— Mas foi? — Griggs pergunta para ele.

Santangelo faz que sim.

— Já devem ter me contado isso antes — eu digo. Não quero falar sobre o manuscrito de Hannah. — E como você descobriu?

Ele dá de ombros, mas continuo encarando-o até ele se remexer, incomodado.

— Vi uma foto dele uma vez — ele diz baixinho. — Me deixou impressionado.

— Porque ele tinha a nossa idade? — Raffy pergunta.

Santangelo pensa por um momento, como se precisasse entender antes de explicar para nós.

— Já se perguntou como é possível alguém da nossa idade morrer? Parece contra as leis da natureza.

Fico observando o rosto dele enquanto tenta explicar.

— Se vocês vissem a foto, entenderiam. Vocês iam querer dizer para o garoto: “Por que você não foi forte o bastante para resistir à morte? Por que seu olhar não conseguiu impedir que nada de ruim acontecesse com você?”.

— Mas você não está falando sobre idade agora, está falando do espírito deles — Raffy diz.

— Pode ser. É igual quando eu estava no oitavo ano e tive que ler *O diário de Anne Frank*. Tipo, ela morreu de tifo. Dá pra acreditar? Como a Anne Frank foi morrer de tifo? A menina nunca calava a boca, era irritante pra cacete e parecia que nada era capaz de matar o que havia dentro dela. Eu

pensava “Beleza, talvez a câmara de gás ou o esquadrão de fuzilamento possam matá-la”, mas não uma doença a que outras pessoas sobrevivem.

Fico muito perturbada ao descobrir que o líder dos cidadãos tem uma alma, e estou começando a desenvolver uma quedinha por ele.

— No fim das contas, o que importa são os batimentos cardíacos e o fluxo sanguíneo — Griggs diz, categórico. — O espírito das pessoas não é capaz de mantê-las vivas.

Santangelo volta a me encarar.

— O menino da foto... O cabelo dele era meio ondulado, castanho-claro, e os olhos eram daquela cor que não é nem azul nem verde. Ele estava sorrindo e tinha um furinho no rosto, como se o sorriso deixasse um buraco na bochecha dele. Mas não eram covinhas.

Raffy e Griggs me encaram. Volto a observar o rio.

— Eu te vi uma vez — Santangelo diz, e sei que é pra mim. — Foi uns dois anos atrás e você estava sentada com a Raf. Tinha um artista na feira de Jellicoe. Um daqueles itinerantes pastelões que fazem comédias de Shakespeare, sabe? Você estava rindo e meio que... assim, não quero te ofender nem nada porque você não parece mais um menino... os caras sempre dizem “Até que aquela Taylor Markham é bonitinha”, então não quero que você pense que te acho masculina, porque juro por Deus que não acho, você é...

— Vai direto ao ponto — Griggs interrompe.

— Parecia que eu estava olhando pra ele — Santangelo conclui. — Pro menino da foto.

— Isso tudo por causa de uma foto? — Raffy diz.

— Você precisa ver pra entender. Na verdade, são duas fotos. A outra é do grupo.

— Que grupo? — pergunto. Meu coração está acelerado e estou sentindo aquele gosto doce e quente de enjoo na minha boca.

— São uns cinco. Um deles é cadete, dá pra ver pela farda. Meu pai estava com o arquivo aberto na mesa um dia. Só vi as duas fotos e o boné, que foi encontrado ali — ele diz, apontando para o rio.

— Como ele se chamava?

— Xavier.

Minha barriga se acalma e suspiro aliviada.

— Nunca ouvi falar.

— Xavier Webster Schroeder.

Sinto que vou desmaiar e o ar parece abandonar meu corpo em uma velocidade incontrolável. Preciso desesperadamente do ar, porque a sensação de respirar por um canudinho me mata de medo.

— Você está bem? — Griggs pergunta, olhando para mim e virando para Santangelo. — Por que você sempre faz isso?

— Por que você sempre fica descontrolado quando ela fica um pouquinho pálida? — Santangelo retruca.

— Porque ela tem asma, seu idiota, e ela sempre esquece de respirar quando você abre a sua boca pra contar alguma coisa.

Tenho a horrível sensação de que esses dois vão se esmurrar de novo enquanto estou no meio de um ataque de asma.

Raffy remexe na minha mochila procurando meu inalador e respiro com ele algumas vezes até conseguir controlar a respiração. Ela olha feio para os dois, também um pouco pálida.

— O que foi? — Santangelo pergunta de novo.

— Deixa a gente em casa — ela diz, me ajudando a levantar. — E se vocês brigarem de novo, juro por Deus, Chaz, que nunca mais falo com você.

Eles levantam sem desviar o olhar e fico esperando a resposta dele. Mas Santangelo parece um pouco envergonhado e percebo que é porque Raffy está tão mal quanto eu. Tenho um vislumbre de como realmente é a relação dos dois.

Sem encarar Griggs, Santangelo lhe estende a mão e o cadete aperta, relutante.

Entramos no carro e recosto no banco, exausta. Santangelo vira para trás para olhar nós duas.

— Então, qual é a história?

Fecho os olhos e me encolho no banco.

— A guardiã da Lachlan que mora perto do rio — Raffy diz. — O nome dela é Hannah Schroeder.

Somos deixadas na casa de Raffy e a mãe dela me obriga a deitar e se recusa a me levar para a Casa naquela noite. Fico aprisionada e sou obrigada a usar uma camisola branca e fina para gente de meia-idade, com lacinhos

brancos e rosa nos ombros. Raffy está arrependida por ter deixado na escola todos os pijamas que poderia me emprestar. Ficamos vendo TV até tarde. Não falei muito desde que descobri a relação do menino desaparecido com Hannah, nem comentei minha misteriosa semelhança com ele. Não quero nem pensar nisso agora, por isso deitamos fingindo que o assunto nunca surgiu, e nos concentramos apenas em coisas triviais, como meninos.

— Você sente falta de ser amiga do Santangelo? — pergunto, depois que apagamos as luzes e estamos quase pegando no sono.

— Por que você acha que éramos amigos?

— Por tudo.

Ouçõ ela bocejar.

— É melhor ser inimiga dele — ela me diz.

Raffy faz uma pausa e penso que ela vai dizer mais alguma coisa, mas não diz. Ficamos em silêncio por um bom tempo.

— Meu pai... — começo, percebendo que nunca disse essas palavras em voz alta. — Se pareço com aquele menino da foto, e ele desapareceu...

Ela vira para me olhar e, embora eu não possa enxergar no escuro, sinto a presença dela.

— Não dê ouvidos a Santangelo. Uma vez ele cismou que uma namoradinha dele era exatamente igual à Cameron Diaz. Juro por Deus que meu pai parece mais com a Cameron Diaz do que ela.

Me aconcheço na camisola, o algodão fino me envolvendo, passando uma sensação de segurança. Adormeço pensando no menino das fotos de Santangelo.

Porque pensar nele me traz consolo.

Às onze da manhã do dia seguinte, ainda estamos de pijama. O pai de Raffy está fazendo café da manhã para nós. A campainha toca e a mãe de Raffy grita “Está aberta!”. Não acredito que essas pessoas convidam outras a entrar assim na casa delas sem nem perguntar quem é.

Santangelo e Griggs entram, e eu e Raffy trocamos olhares, um pouco envergonhadas. Eles ficam surpresos ao me ver, mas a mãe de Raffy está beijando Santangelo com tanto entusiasmo que parece que Jesus Cristo acabou de entrar.

— E esse é Gri... Jonah — Santangelo diz, se esforçando para pronunciar o primeiro nome dele.

Jonah Griggs aperta a mão dos pais de Raffy como se estivesse no exército. Como sempre, ele está de farda e desvia o olhar assim que alguém tenta fazer contato visual. A mãe de Raffy os faz sentar e eles nos observam em nossos pijamas. Acho que fiquei menos envergonhada de calcinha e regata na noite em que Griggs foi ao meu quarto.

Observo a mãe de Raffy parada atrás da cadeira da filha, segurando o longo cabelo de Raffy como se fosse amarrá-lo em um rabo de cavalo. A expressão dela é de orgulho, como se dissesse: “Olha como minha filha é linda!”. Aquilo faz meus olhos se encherem de lágrimas e trato de escondê-las bem rápido. Mas, como sempre, Jonah Griggs está me observando, e quero derreter no chão e fazer a camisola cobrir a poça insignificante que sou eu. Não é que eu sinta falta da minha mãe. É só que sinto falta da ideia de ter uma mãe.

— A gente só estava passando de carro e pensamos em buscar Raffy e depois Taylor na escola, mas obviamente ela já está aqui.

— Que pena! A gente já planejou fazer compras — diz a mãe de Raffy.

— Uma pena mesmo — Raffy diz. — Levamos vocês até a porta — ela acrescenta, levantando.

— Raffy, talvez eles queiram tomar café da manhã.

Os meninos sobrepõem suas falas, explicando que já comeram, e saio com Griggs enquanto Santangelo está ocupado em uma despedida de vinte minutos com os pais de Raffy.

— Por que você está usando isso? — Griggs pergunta quando estamos lá fora, esperando os outros.

— É bem horrível, né? — digo.

— Não me faz olhar — ele diz. — É transparente.

Ficamos sem assunto por alguns segundos.

— É estranho ver você andando com o Santangelo — digo, tentando impedir que o silêncio fique ainda mais constrangedor. É muito mais fácil lidar com ele como inimigo do que assim.

— Estranho? Acho que isso nem chega perto de descrever o que é. Minhas tropas estão passando a noite num acampamento a trezentos quilômetros daqui. Precisei dormir na Penitenciária Santangelo para meninas pré-adolescentes. São centenas delas, incluindo aquela peste insuportável que

é uma das suas. Tenho um irmão e moro com quatrocentos homens. Meninas com menos de catorze anos são as criaturas mais assustadoras que já vi. Todas insistem em correr pela casa de calcinha e sutiã. Depois tem a vó Faye e também a *nonna* Caterina e tenho que levar as duas para o bingo no “meu carro” e então elas nos obrigam a ficar e temos que gritar os números e elas têm uns códigos de bingo, tipo “beliscão no dedão”, “para e corre”, “duas mulheres gordas”, “cliquete clique”. Sabia que o Santangelo tem ascendência negra e italiana? Sabe quantos primos ele tem por causa disso? Enfim, conheci todos e me encheram de perguntas e eu quase nunca falo com ninguém além dos meus parentes próximos e dos colegas da escola, então digamos que as últimas vinte e quatro horas foram um tanto quanto traumáticas. E ainda por cima tem o sargento, que olha para mim como se eu fosse matar a família dele no meio da noite.

— Até parece que o pai do Santangelo deixaria você ficar na casa dele se pensasse isso — digo baixinho.

Ele não está olhando para mim, e de repente entendo por que ele não encara as pessoas nos olhos. É como se ele pensasse que vai ver a dúvida, a desconfiança ou as perguntas sobre o passado.

— Tá, então não é tão mal assim — ele diz depois de um tempo. — Então... Por que você está usando essa camisola?

— Ela cheira como sempre pensei que fosse o cheiro das mães — digo honestamente para ele, e sei que não preciso explicar.

Ele assente.

— Minha mãe tem uma igualzinha e você não faz ideia de como é perturbador essa camisola estar me deixando excitado.

Antes mesmo que eu tenha tempo de ficar vermelha, Raffy e Santangelo vêm em nossa direção.

— Sua camisola é transparente — Santangelo fala, entrando no carro. Ele abre a janela. — Eu tenho um plano.

Balanço a cabeça.

— Não posso discutir guerras territoriais agora.

— Não é sobre isso — ele diz. — É sobre aquelas fotos.

— Você tem um último desejo? — Griggs ameaça.

Santangelo o ignora.

— Vou arranjar elas para você — ele me diz.

— Como?

— Fácil. Vou invadir a delegacia.

Falo que vou voltar para a Casa todo dia, mas sempre acabo ficando. No sábado à noite, eles me levam para uma festa de vinte e um anos. Não faço ideia de quem é o aniversariante, mas é no salão dos escoteiros e tenho quase certeza de que a cidade toda foi convidada. Jonah Griggs está sentado numa mesa com Santangelo, a namorada dele e algumas amigas dela. Quando me vê, Griggs faz uma cara de surpresa. Mas tem algo mais.

Estou com vergonha por causa da saia que comprei com Raffy e da camiseta que mal cobre minha barriga, e por ter deixado a mãe de Raffy me convencer de que nenhuma mulher deve sair sem batom, mas gosto de como isso tudo me faz me sentir.

Os cadetes veteranos podem sair aos sábados à noite durante o feriado, então o salão está cheio deles. A música é alta, mas as vozes das pessoas são ainda mais, e todo mundo parece contente. Nunca vi tanta gente feliz num só lugar sem ser na TV, mas as pessoas no salão não parecem estar fingindo.

Fico surpresa ao ver Ben em uma roda com os Irmãos Mullet, Anson Choi e alguns dos cidadãos. Não sabia que ele já tinha voltado do feriado. Ele caminha na minha direção fazendo um passo de chá-chá-chá, e vou dançando até ele. Ben me puxa e me apresenta para as pessoas que acabou de conhecer.

— Te acharam gatinha — ele sussurra no meu ouvido e, como ninguém nunca me chamou de gatinha antes, fico encantada.

Então Griggs e Santangelo aparecem ao meu lado. Não sei como, mas Griggs conseguiu ficar entre mim e Ben. Por mais que eu não olhe para ele, sinto sua presença durante a maior parte da noite. Os cidadãos tiram sarro de Griggs e Choi porque estão de farda, mas as piadas não são maldosas, e me surpreendo com as respostas inteligentes de Griggs.

Estamos num mundo cheio de gente que Raffy conhece, de pessoas que a enchem de vida. Parece que os pés dela mal tocam o chão porque a todo segundo ela é abraçada ou erguida. Enquanto ela está falando com o tio, seus amigos do primário vêm se apresentar para mim.

— Casei com ela no sexto ano — um tal de Joe Salvatore me conta, sorrindo.

— Como é um casamento no sexto ano? — pergunto.

— Uma troca de anéis feitos de grama e uma festa de aborígenes e sorvete de frutas — ele explica. — Chaz se recusou a comparecer porque ela era a melhor amiga dele desde que nasceram e achava que ela era dele.

— Até parece — Santangelo diz, fechando a cara. Griggs também não se impressiona e Joe Salvatore parece gostar de irritar os dois. Quando Raffy finalmente chega, Joe a tira do chão e a enche de beijos barulhentos. Ela ri de um jeito que nunca vi antes.

Discuto sobre política local com a mãe de Santangelo e sobre a escassez de professores com o pai de Raffy. Danço twist com Santangelo e educadamente recuso dar uma voltinha com um dos amigos dele. Danço “Time Warp” com Jessa e música grega com Raffy e, quando preciso parar para respirar, Jonah Griggs pega minha mão e me conduz para fora do salão.

Respiro fundo, observando a cidade diante de mim. Quando viro, ele coloca as mãos no meu rosto e me beija tão intensamente que não sei quem está respirando por quem, e a boca e a língua dele têm gosto de mel quente. Não sei quanto tempo o beijo dura, mas, quando recuo, sinto saudades na mesma hora.

Vamos com os citadinos e os cadetes para o McDonald’s da rodovia às duas da manhã. Observo todos ao redor e não consigo deixar de pensar em como parecemos normais. Acho que nunca me senti tão normal na vida. Assisto a Raffy tirar os pickles do hambúrguer e os dar para Santangelo sem trocarem uma palavra, e percebo que a relação deles vai além de competições de soletrar do segundo ano e inimizade em guerras territoriais. Eles têm uma história, e anseio por uma história. Por alguém que me conheça tão bem ao ponto de saber o que estou pensando. Jonah Griggs segura minha mão embaixo da mesa e entrelaça os dedos nos meus, e sei que eu sacrificaria quase qualquer coisa só para manter esse estado de espírito, pelo menos pelo resto da semana.



# Dezessete

*Num daqueles dias durante o feriado, quando estavam completamente entediados, Webb inventou um plano. Os cinco sentaram à beira do rio, no mesmo lugar em que Webb sonhava construir uma casa.*

*— Vamos construir um túnel — Webb disse. — Da minha Casa até a de Tate e Narnie. Depois um desvio da Casa delas até a clareira, por baixo da rodovia.*

*— Por quê? — Jude perguntou, treinando arremessar rochas contra a árvore.*

*— Pra passar o tempo. Vai ser incrível.*

*— Incrível, é?*

*— Fugindo do inferno. Eles construíram um túnel no filme — Fitz diz, entusiasmado.*

*— Eles precisavam do túnel, seus imbecis. Era uma questão de vida ou morte — Jude falou, seco.*

*— Estamos mortos de tédio, Jude, então não é uma questão de vida ou morte? — Tate perguntou.*

*Webb estava sorrindo. Tate também. Eles sempre sorriam ao mesmo tempo. Como se pensassem com a mesma cabeça, dividissem o mesmo coração. Desde que podiam se lembrar, Webb e Tate eram assim. Jude sabia que esse era o motivo que o atraiu a eles. Eles eram como faróis para Narnie, que não sabia funcionar sem eles, e Fitz e Jude adoravam os três claramente.*

*— Eles pensam que eu os salvei, mas foram eles que me salvaram — Fitz tinha dito a Jude uma vez. — Eu não existia antes de fazer parte do Quarteto Fodido.*

*— Quinteto — o cadete corrigira.*

*Jude podia ouvir Webb, Tate e Fitz conversando sobre o túnel como se ele já existisse.*

*— Narnie, explica pra esses três malucos por que os prisioneiros de guerra precisavam daquele túnel mais do que a gente? — ele pediu.*

*— Nazistas — ela murmurou, recostando na árvore. Era um dia ruim para Narnie.*

— Seus avós não eram nazistas? — Fitz perguntou, enfileirando pelo menos cinco inimigos imaginários com os dedos e fazendo sons de tiros, eliminando um a um.

— Eles eram alemães — Narnie disse. — Tem uma grande diferença.

— Mas Oma Rose era nazista quando o assunto era comer chucrute — Webb disse com um péssimo sotaque alemão e, pela primeira vez em muito tempo, Narnie riu.

— Eu apoio a ideia do túnel. Pode salvar nossas vidas algum dia — Tate disse.

— A gente pode ser perseguido por demônios e ter que se esconder lá.

— Demônios em Jellicoe? Quem dera! — Fitz disse.

— Pensa em como os túneis salvaram as pessoas do Hitler — Tate argumentou.

— Sim, mas da última vez que ouvi falar, Hitler estava morto. O bunker, uma arma, Eva. Faz você lembrar de alguma coisa? — Jude disse.

— Cianeto — Narnie corrigiu.

— Vamos fingir que somos alemães orientais tentando fugir pra Alemanha Ocidental. Sem nazistas.

— Só comunistas.

— Apenas precisamos ir de uma Casa pra outra e de lá pra clareira — Webb disse, ligeiramente frustrado por ninguém além de Tate levá-lo a sério.

Jude olhou de Tate para Webb, balançando a cabeça.

— Quer saber? — Webb perguntou. — Estou tendo outra ideia fantástica. — O sinal das sete da noite soou ao longe, mas Webb estava em outro mundo. — Combate! — ele disse, impressionado consigo mesmo. — Vamos fazer uma guerra.

Todo dia havia um plano novo, maior e melhor do que o do dia anterior. Toda tarde, às quatro, eles se reuniam para discutir.

No último dia de Jude, eles se encontraram à meia-noite e acamparam embaixo do carvalho à margem do rio. Fitz entregou uma garrafa para eles e Webb tomou um gole, mas cuspiu logo em seguida.

— Que droga é essa, Fitz? — ele perguntou, tentando recuperar o fôlego.

— Grapa. Peguei dos vizinhos italianos. Queima a gente por dentro.

— E o que tem de bom nisso? — Jude perguntou, dando um gole. Seus olhos lacrimejaram na hora e ele engasgou.

— Acho que se eu colocar um fósforo aqui dentro, vocês vão ver fogos de artifício — Fitz continuou, tirando os fósforos e soprando o ar com força.

Ainda tentando se recuperar, Jude o encarou.

— Por que você faria uma coisa dessas, idiota?

— Viver perigosamente, comandante Jude. Esse é o meu lema.

Fitz pegou um cigarro e Jude o tirou da boca do amigo.

— Você vai botar fogo em todos nós, seu frutinha selvagem assassino.

— Dá aqui — Tate disse, inspirando fundo antes de beber da garrafa. Ela arregalou os olhos para Narnie e começou a tossir incontrolavelmente. Narnie a abanou, dando tapinhas nas costas dela até a tosse passar.

— Podemos nos concentrar? — Webb perguntou, tirando do bolso um caderno de couro roxo.

— Cara, ninguém vai te levar a sério com um caderno desses — Jude disse.

— Sim, presidente Mao e seu pequeno livro roxo — Fitz disse, rindo da própria piada.

— É Presidente Miau pra você. Invenetei um sistema que vai te levar pro céu.

— Conheço outros jeitos de chegar lá...

— Fitz! — Tate disse. — Que nojo! Para.

— Alguém está me ouvindo? — Webb perguntou, irritado. — É demais pedir para vocês me ouvirem?

— Eu estou ouvindo — Narnie respondeu.

Webb se aproximou e segurou o rosto dela.

— Então posso morrer feliz.

Narnie deu uma batidinha para indicar o lugar ao seu lado e Fitz sentou, obediente.

— Certo, vamos brincar de combate — Webb disse. — Cadetes, cidadãos e nós. Vamos dividir a área em territórios e quem tentar invadir, perde o terreno. Vamos criar regras de luta, imunidade diplomática e uma ou duas batalhas.

— Que parte vai ser interessante pra gente? — Tate perguntou, apontando para si mesma e para Narnie.

— A parte em que viram nossas reféns e acabamos com vocês.

— Você é um animal.

Fitz imita um gorila e Narnie sinaliza para ele ficar quieto, com doçura.

— Fitz, você é o líder dos cidadãos; Jude chefia os cadetes; e eu vou juntar as Casas daqui. Precisamos que as seis Casas se deem bem, então precisamos de regras.

— Nada de confraternizar com os líderes das outras Casas — Tate disse. — Regra número um.

Webb foi pego de surpresa.

— E se a gente confraternizar? — ele perguntou, pulando em cima dela e prendendo-a com braços e pernas.

— Os dois líderes serão exilados... juntos. Para o resto da vida deles.

— Certo — ele disse entusiasmado, saindo de cima dela. — Vou incluir essa regra: “Relacionamentos entre líderes de Casas rivais são proibidos”.

— Eu tenho uma para as guerras territoriais — Fitz disse, os olhos vermelhos por causa da bebida. — Se alguém ultrapassar as fronteiras, vai ter troco. — Ele socou o ar. — Um no queixo, dois na barriga.

— Então o que o vencedor ganha no fim? — Tate perguntou.

— Ele pode sentar com os perdedores e dizer “Sou o rei Xavier do mundo”. Repete depois de mim.

— E eu? — Tate perguntou.

— Você pode ser minha rainha.

Tate pareceu contente com a ideia.

— Por que você é o líder da comunidade? — Narnie perguntou, quase sorrindo.

— Por que não Tate?

Webb encarou a irmã, sorrindo.

— Por que não você, Narnie?

Fitz encostou a cabeça no ombro de Narnie e disse:

— Vou ser a sua rainha?

— Você pode ser o eunuco — Jude disse, empurrando-o — e eu vou ser o príncipe.

— Ele fez uma reverência e pegou a mão de Narnie, beijando-a, e os olhos deles se encontraram. Foi constrangedor até Narnie desviar o olhar.

— Então quanto tempo você vai levar para preparar suas tropas? — Webb perguntou. — Estamos falando sério aqui, viu.

— Cara, a gente está pronto há anos.

— Quando você voltar no ano que vem, vamos estar prontos, com túnel e tudo.

— Se for pra ser como Fugindo do inferno, lembra de fazer trilhas de bicicleta

— Jude disse.

— Então você está dentro?

Ele deu de ombros.

— Só se eu puder fazer o papel do Steve McQueen.

Passar os dias com Santangelo e Griggs vira hábito durante o resto do feriado. Na maioria das vezes, os Irmãos Mullet, Choi, Ben, as irmãs de Santangelo e Jessa McKenzie também nos acompanham. Acabamos ou na casa de Santangelo ou na de Raffy, mas principalmente na de Santangelo porque os pais de Raffy dão aula para os cidadãos e vivem cobrando lições de casa atrasadas.

A casa de Santangelo parece um hospício. Não sei direito como a mãe dele encontra tempo para também ser prefeita da cidade, mas ela dá um jeito. Ela é a única pessoa que consegue chamar Santangelo de “bostinha” e sair impune, e de vez em quando usa o plural e se refere a Griggs e Santangelo como “dois bostinhas”. Na maioria das vezes, os “dois bostinhas” não reclamam, mas às vezes Santangelo diz “Vou dar o fora desta porra” e a mãe dele o repreende com um “Não fala palavrão, seu bostinha”. As irmãs de Santangelo, Griggs e Raffy ignoram tudo, mas eu e Jessa ficamos fascinadas e assustadas ao mesmo tempo. Sempre esperamos por um barraco, mas normalmente nada acontece e tudo fica calmo, e as únicas que sobram em meio ao caos são Jessa e eu. Às vezes, ficamos muito aliviadas por escapar de tudo.

Nesses momentos, percebo como somos parecidas. Tanto eu quanto Jessa fomos criadas por pessoas que não são nossos pais por metade das nossas vidas, e nenhuma de nós tem irmãos. Jessa não tem lembranças da mãe, que morreu de câncer quando ela tinha dois anos; enquanto eu tenho lembranças demais da minha. Ela morava com a tia, mas idolatrava o pai como um herói que morreu num acidente quando ela tinha nove anos; enquanto a única memória que tenho do meu pai é a de estar nos ombros dele, tocando o céu. No entanto, depois da revelação de Santangelo sobre o menino da foto, não tenho mais tanta certeza. Mais do que qualquer coisa, nós temos Hannah em comum e, de alguma forma, durante o feriado, começo a ver Jessa como uma espécie de laço com o que está lá fora e preciso descobrir.

— Você pensa muito na Hannah? — ela me pergunta, quando voltamos para a Casa quase no fim do feriado. Estou deixando ela dormir na cama vazia do meu quarto porque as outras garotas só voltam no fim de semana e não tem mais ninguém no alojamento.

O tempo todo, quero dizer.

— Às vezes.

— Você pensa no que aconteceu com ela? — ela pergunta baixinho.

O tempo todo, quero dizer.

— Às vezes.

— Taylor, e se o *serial ki...*

— Nem começa! — a interrompo, irritada, dando as costas para ela. — Jessa, esquece esse *serial killer*. Temos outras coisas com que nos preocupar.

— Ela nunca nos abandonaria, então só pode ter sido o *serial killer*.

Cerro os dentes e conto até dez para não gritar com ela.

— Ele só pega adolescentes — digo, não muito tranquilizadora. — E ela tem trinta e tantos anos.

— Mas eu li num site que, nos distritos de Sturt até a rodovia Hume, teve onze tentativas de rapto e três raptos de verdade de mulheres com mais de vinte e cinco anos de idade nos últimos dez anos.

— Posso sugerir outro site? É [www.calaabocasobreserialkiller.com](http://www.calaabocasobreserialkiller.com).

Ela fica quieta por um momento e me sinto culpada pela agressividade.

— Se Hannah não voltar, não vou ter ninguém — ela diz, com o tom de voz mais frágil que já ouvi dela.

Relutante, viro para encará-la, mas olhar direto no rosto de Jessa sempre me causa um impacto, então deito de costas e observo o teto.

— Hannah vai voltar. De qualquer jeito, você tem aquela pessoa lá que cuidou de você antes de vir pra cá.

— Minha tia. Mas ela tem meus primos e sei que ela gosta de mim, até me ama, mas eu não me sentia parte de uma família. Até Hannah aparecer.

— Ela apareceu um dia, assim, do nada?

— Aham. Eu só pensava em como ela era bonita. Ela falava “Me deixa olhar pra você”, e depois chorava e me abraçava e dizia que, se soubesse da minha existência, teria aparecido muito antes.

— Que engraçado. Ela apareceu assim do nada pra mim também.

— Talvez ela seja que nem aquele programa de TV em que anjos ganham forma de gente e descem para ajudar os outros. Sabe? Como *O toque de um anjo*.

— Não acho que ela seja um anjo, Jessa. Ela fala mais palavrão do que Santangelo e Griggs juntos. — Viro e me apoio no cotovelo, de frente para ela. — Então, o que ela falou quando apareceu?

— Falou que era amiga do meu pai, mas não acredito muito. Não conseguia imaginar Hannah conhecendo meu pai, e ela parecia muito mais nova do que ele.

— Nunca conheci meu pai — digo para ela.

— Minha tia falava que o meu era um louco e que perdeu a cabeça uns anos atrás, mas não acho que ele era louco, sabe. Acho que ele só ficou muito triste.

— Talvez porque sua mãe morreu.

— Sei lá... Mas, quando ele vinha me visitar, contava as melhores histórias sobre crescer aqui. Quando Hannah me falou que eu viria pra cá quando fizesse doze anos, fiquei muito empolgada.

Ela me observa com atenção.

— Ela me falava de você. Dizia que, quando eu viesse pra cá, teria você, e que ela seria a pessoa mais feliz do mundo com nós duas por perto. Achava que ela era sua mãe.

— Eu tenho uma mãe e ela não é a Hannah.

— Mas você nunca quis que ela fosse? Eu já.

Não respondo. Só quero que Hannah volte e me dê broncas como antigamente. Ou mesmo que me mantenha a uma distância razoável, como quase sempre fazia. Ao contrário do que aconteceria com Jessa. Eu veria as duas juntas: Hannah encheria Jessa de beijos e abraços e elas ririam como crianças. Talvez eu estivesse mantendo a guarda o tempo todo e ela estivesse apenas reagindo. Queria que ela pudesse ver além disso. E queria que uma vez, só *uma vez* eu tivesse dito para ela como me sentia. Que me sentia mais segura quando ela estava por perto. Às vezes eu a testava, querendo muito que ela me decepcionasse para eu poder ter uma desculpa para me afastar. Mas ela nunca me decepcionava. Eu queria poder dizer que sinto mais falta dela do que já senti da minha mãe, e que isso me deixa muito triste. E que a coisa que mais me assusta sobre eu me formar em outubro do ano que vem não é não ter um lar, mas não tê-la por perto.

— Sabe o que eu acho? — Jessa diz depois de um momento, bocejando.

— O brigadeiro sabe onde ela está.

Meu coração acelera daquele jeito que sempre acontece quando penso nele.

— Por que você está falando isso? Ele já te incomodou? Fala!

Ela franze a testa e não sei se é porque está lembrando de alguma coisa ou se é por causa da minha agressividade.

— Ele vive me olhando.

— Isso não te assusta? — pergunto, sem querer enfiar mais medo na cabecinha dela.

— Não, mas Chloe P. acha que ele pode ser o *serial killer*.

— Ah, faça-me o favor! — digo, por mais que eu já tenha pensado o mesmo.

— Ela acha que quem quer que seja, mora entre Sydney e Truscott.

— O que é uma área de setecentos quilômetros, reduzindo nossos suspeitos a um milhão de pessoas.

— Os raptos sempre aconteceram entre setembro e o fim do ano e devem ter sido cometidos por alguém que dirige entre esses setecentos quilômetros. O brigadeiro percorre pelo menos quinhentos. Ele está sempre indo e voltando de Sydney. Quer dizer, pelo menos este ano ele fez isso. Ano passado, ele não estava aqui, nem no anterior, e não teve nenhum rapto.

— Como você sabe?

— Que ele não estava aqui o ano passado? Porque a Teresa, uma das reféns, está saindo com um dos cadetes, e ele contou pra ela, que contou para mim.

— Você pode falar pra Teresa que os cadetes são nossos inimigos e que ela não pode “sair” com eles?

— Mas você ficou com Jonah Griggs e ele é líder dos inimigos.

Encaro Jessa com espanto, absolutamente sem resposta.

— Nós vimos vocês na festa sábado à noite — ela diz, sorrindo. — Achamos muito romântico.

— Nós quem?

— Mary e Sarah e Elisha e Tilly Santangelo e as primas delas e algumas amigas delas da escola. Como você consegue respirar com a língua dele...

— Vai dormir — digo, virando de novo.

Eu queria responder que não precisava respirar por conta própria quando Jonah Griggs me beijava, mas, como ele não encostou mais em mim desde aquela noite, não posso pensar nele. Não é que ele esteja me ignorando, porque isso exigiria uma ação. É como se eu fosse só mais uma. Mesmo quando estávamos espremidos no banco de trás, com os joelhos colados um no outro e os ombros se tocando e eu sentia um frio na barriga, ele ficou falando o tempo todo com Santangelo sobre algum lance ridículo da liga de rúgbi ou da liga australiana de futebol. Em algum lugar no meio do



caminho, Jonah Griggs tinha virado uma prioridade na minha vida, e sua atitude nessa semana foi simplesmente esmagadora.

No último sábado do feriado, Santangelo leva Griggs, Raffy e eu até a margem do rio do outro lado da cidade. Ele está convencido de que há alguma outra pista sobre o menino desaparecido e, se tem alguma coisa que notei em relação a Santangelo, é que ele é um pouco obsessivo-compulsivo, porque não consegue tirar uma ideia da cabeça.

— Dizem que o ermitão era obcecado por esse rio — ele conta. — Vocês sabem o motivo? — ele insiste.

Dou de ombros, mas posso ver que Raffy e Griggs estão tentando pensar numa resposta inteligente. Como ninguém responde, ele ergue as mãos como se dissesse “Vamos, gente, respondam!”.

— Santangelo, você está doido pra contar, então fala logo — Griggs diz, irritado.

— Acho que é porque ele conhecia aquele garoto, o Xavier.

— Webb — digo e os três olham para mim. — Era o apelido dele.

— Webb — Santangelo concorda. — Enfim, pensem nesse rio. Tem um monte de curvas onde os troços que afundam ficam presos.

— Troços? — pergunto. — Nossa. Cuidado com os jargões.

— Então vamos mergulhar — Griggs conclui.

— É fundo e, quando você chegar lá embaixo, vai ter que voltar para respirar.

— Eu mergulho — Raffy diz. — Sou a nadadora de mil e quinhentos metros aqui e consigo prender a respiração por mais tempo.

Observo os meninos. É como se ela tivesse arrancado a masculinidade deles.

— Não é nada de mais. É só uma questão de pulmões melhores — ela os tranquiliza, virando para me encarar e revirar os olhos enquanto tira o sapato e a meia. Os meninos não estão conseguindo lidar, e me recosto, abraçando os joelhos para assistir ao show.

— Como você sabe que Griggs não é um nadador de longa distância com pulmões fantásticos? — Santangelo pergunta.

— Porque ele parece um jogador de rúgbi, não um nadador — Raffy responde. — E você parece um jogador de futebol, não um nadador. Eu

pareço uma nadadora.

— E eu? — pergunto.

Os três olham para mim. Ser alta nunca significou que eu fosse tachada como atlética, só desengonçada.

— Você parece uma pessoa que vai tirar uma nota muito, muito alta no vestibular — Raffy diz.

— Ganhei no tênis de mesa dois anos seguidos — eu a lembro.

— Mas você não é uma nadadora.

— Você só me venceu uma vez no mil e quinhentos metros — Santangelo diz.

Dá para ver que isso pode durar uma eternidade e não estou no clima.

— Escuta, ele venceu você no concurso de soletrar — digo para Raffy e, em seguida, viro para Santangelo. — Ela venceu você no mil e quinhentos metros. Vamos acabar logo com essa aventura do Quarteto Fantástico e ir pra casa.

— Acho que dois de nós deviam mergulhar — Raffy diz, tirando a blusa.

— Olha pra lá! — Santangelo diz a Griggs quando ela abre o zíper da calça.

— Até parece.

Raffy fica só de calcinha e regata e mergulha com tranquilidade. Sua cabeça emerge e ela está batendo os dentes. Santangelo começa a tirar a roupa também e eu definitivamente não olho para o outro lado.

Assim que Santangelo e Raffy mergulham, Griggs se aproxima e me beija. É um tipo de beijo sedento, como se ele estivesse louco para fazer isso há séculos. Ele não parece se saciar, mas, depois de um tempo, abro os olhos e o encaro.

— Você devia fechar os olhos — ele diz, um pouco incomodado.

— Eu não devia fazer nada — digo, me afastando e observando o rio, à espera de Raffy e Santangelo.

— Tem algum problema aqui?

— Não tem nada aqui.

— Jura? Porque não era isso que você estava dando a entender sábado à noite.

— E entre sábado e hoje se passaram pelo menos seis dias, então digamos que estou seguindo o que você estava dando a entender nesse meio-tempo.

— Estávamos cercados pelo circo de Santangelo e por aquela peste que está presa cirurgicamente ou a você ou a mim, e quando eles não estavam por perto, o Casanova Cassidy estava ouvindo tudo o que você dizia ou Raffy estava me lançando um daqueles olhares de alerta para “zona de mulheres” — ele diz. — Então, se não estou te dando atenção...

— Então você está admitindo. Que pode simplesmente ligar e desligar isto aqui?

— É, entenda como quiser. Cansei.

— Que bom, porque nunca liguei muito mesmo!

Eu me sinto como em um daqueles programas de problemas de família. A qualquer momento, vou acabar falando “namorado” com um jeito de barraqueira, não vou conseguir evitar.

Santangelo emerge e me sinto horrível porque quase esqueci que estavam lá embaixo. Ele vira de um lado para o outro à procura de Raffy. Eu me aproximo do rio até ver a cabeça dela aparecer.

— Nada? — pergunto, como se houvesse alguma possibilidade de eles encontrarem algo só por estarmos procurando.

— Nada — Santangelo diz, saindo do rio. — Mas tem um monte de troncos no fundo do rio, e pode ter de tudo preso neles ou embaixo deles.

Santangelo tem outra ideia para aprimorar a busca usando equipamentos de mergulho, mas eu e Griggs não estamos prestando atenção.

Santangelo e Raffy nos deixam na estrada Jellicoe. Saio sem dizer uma palavra e começo a andar, mas Griggs vem logo atrás de mim.

— Me explica o que eu fiz de errado.

Eu não paro.

— Sabe o que é? Você não fez nada de errado. Eu que fiz. É essa coisa idiota que eu faço. Olho pras coisas e vejo mais do que devia ver.

— Você está supondo que a última semana não significou nada pra mim?

Dessa vez paro para encará-lo.

— Não é uma suposição. É um fato. Assim como quando a gente fugiu. Não foi nada de mais, Griggs.

— Foi sim. Por que você está fingindo que não foi?

— Não. Não foi. Foi só uma coincidência. Estávamos esperando o mesmo trem, pelo mesmo motivo: ver nossas mães. Talvez estar juntos significou

mais para mim do que para você. Talvez eu tenha que parar de pensar que as pessoas sentem o mesmo que eu sobre as coisas.

*Como a minha mãe, quero dizer para ele. Como Hannah. Como você.*

— Escrevi para você durante um ano e você nunca me respondeu — ele diz. — Liguei várias vezes e você nunca atendeu o telefone. Que parte disso te dá a impressão de que eu não me importava?

— Sabe o que eu acho? — falo para ele. — Você pensou que eu era bagagem demais. Ou talvez tenha se cansado. Como ela. Ela se cansava de ser boazinha. Ela se cansava de tentar ficar limpa. Ela se cansou de ser minha mãe. Eu queria perguntar o porquê pra ela, mas você desistiu e ligou pro brigadeiro vir pegar você quando eu estava muito perto de onde eu queria estar e não acredito que você preferiu perder a chance de ver sua mãe e seu irmão só pra não ter que passar mais tempo comigo.

Ele balança a cabeça como se não pudesse acreditar no que está ouvindo.

— Não liguei pro brigadeiro — ele responde. — Eu nem conhecia o brigadeiro na época. Um dia, quando você estiver interessada, posso te contar por que liguei para a escola. Mas por enquanto, por que você não continua sentindo pena de si mesma e comparando o resto das pessoas com a sua mãe? Você vai ficar muito popular assim. — Ele atravessa a pista, não sem um último olhar de despedida tão carregado de ódio que me faz passar mal.

— Não vai ter “um dia”! — grito. — Porque o feriado acabou, Griggs, e nossos caminhos nunca mais vão se cruzar. Nem nos próximos dez dias, nem nunca! Tenha uma ótima vida!

Ele caminha de volta até mim e dou um passo para trás, não porque estou com medo, mas porque ele não me dá muito espaço e esse é o Griggs descontrolado. Além do trem e daquela vez no salão de escoteiros, nunca o vi assim. Já vi o Griggs calculista que provoca brigas, que nunca é pego de surpresa, que segue o próprio ritmo na canção da vida. Mas não *esse* Griggs.

— Toma cuidado com o que você deseja — ele diz baixo, em um tom ameaçador —, porque falta só um pouquinho para eu mandar você sumir da minha vida.

Encaro-o fixamente.

— O que você quer de mim? — ele pergunta.

“O que eu quero de todas as pessoas”, gostaria de responder para ele.

Quero mais.

Mas não digo nada e nenhum de nós se move.

— E se eu dissesse que menti pra você naquele dia na plataforma? — ele fala, depois de um momento.

— Você está mentindo agora — digo, furiosa. — Não ouse fugir do fato de que você sentia saudade da sua mãe e do seu irmão e de que queria ver os dois. Você estava arrasado. Eu estava lá, lembra?

Ele balança a cabeça.

— Eu menti.

— Então tenho que acreditar que você é todo durão porque não precisa de ninguém, Griggs? É isso que você está tentando dizer?

— Não, quem é assim é você.

— Então para de mentir e admite que você estava lá porque estava com saudade da sua família.

— Sinto saudade da minha mãe e do meu irmão todo dia que estive aqui. Mas não senti naquele dia.

Alguma coisa no olhar dele me assusta muito. Quero sair andando. Não quero ouvir nem mais uma palavra porque sei que o que ele vai dizer vai destruir uma parte de mim.

— Eu sabia quem você era antes daquele dia — ele disse. — Algum idiota mórbido apontou para você na rua quando cheguei aqui no primeiro ano. Me contou que um ermitão tinha sussurrado alguma coisa no seu ouvido e depois estourado os próprios miolos.

As palavras são brutais. Nunca ouvi o acontecimento desse jeito. Tampo os ouvidos por um momento, mas, quando tampo os ouvidos, fecho os olhos e, quando fecho os olhos, vejo sangue e massa cinzenta, e sinto um cheiro repulsivo de sangue.

— Então você estava na estação, me viu chegar e pensou que eu seria uma pessoa divertida para passar o fim de semana? — pergunto, sarcástica. — E inventou a história de que queria ver sua mãe e seu irmão?

— Não, eu estava esperando o trem. O três quarenta e sete para Yass. Passa toda tarde e, segundo o chefe da estação, ele nunca atrasa, e eu sabia disso. E então você se aproximou e falou comigo e fazia anos que ninguém me encarava nos olhos. Nem mesmo minha mãe. Ela me contou depois que não conseguia, porque tinha medo de ver se eu a odiava. Ela acha que não me protegeu dele. Mas lembro de você naquele dia. Você parecia em paz consigo mesma e me fez reconsiderar tudo o que eu tinha planejado. Porque

eu pensei “Você não pode fazer isso com ela, não depois da história do ermitão”.

— Fazer o quê comigo? Não acho que me deixar sozinha naquela plataforma teria mudado minha vida, Griggs — minto.

— Você mudou a minha naquele dia.

Não é romance. Não é uma declaração de amor ou de amizade. É algo mais.

— Eu não estava lá para pegar o três quarenta e sete para Yass — ele disse.

— Estava lá pra me jogar na frente do trem.

## Dezoito

No último dia do feriado, Santangelo manda uma mensagem pelos cadetes dizendo que tem uma coisa que eu quero. O que me faz pensar como Santangelo sabe o que eu quero se nem eu mesma sei? Será que conseguir o que quero significa ainda mais confusão?

— É um truque — Raffy diz. — Ele só quer conversar sobre a Casa Clube. Ele acha que as guerras territoriais acabaram porque você ficou com o Griggs. Acho melhor a gente não ir, não.

Só que ela não me encara nos olhos. Sei que Raffy está com medo de descobrirmos algo sobre Webb que possa mudar a minha vida.

— Eu vou — digo, firme e categórica. Mas ouço minha própria voz suplicando ao perguntar: — Você vem comigo?

Santangelo combina de nos encontrar no salão dos escoteiros, só que os escoteiros estão lá, então nossa reunião é na escada da torre d'água, no meio da cidade. Começo a entender o desejo desesperado pela Casa Clube e a necessidade dos cidadãos para ter um lugar para frequentar.

Eu e Raffy levamos Jessa conosco porque nem todo mundo voltou do feriado ainda. Enquanto esperamos por Santangelo, conto a elas sobre as crianças do manuscrito de Hannah. Tento contar na ordem cronológica, o que é difícil em algumas partes, mas elas ficam hipnotizadas. Jessa me faz repetir a parte do menino que passou em uma bicicleta roubada pelo menos duas vezes.

— Ele entra pela janela do passageiro do carro de cima — explico — e a primeira pessoa que encontra é Narnie. Só que Narnie não se move. Ela está petrificada e ele implora para que ela saia com ele, mas ela não sai. Os outros dois, Tate e Webb, suplicam “Vai, Narnie, por favor”. Eles tinham começado a sentir cheiro de gasolina e estavam com medo de que os carros explodissem. Então Narnie se debruça e sussurra alguma coisa no ouvido do menino da bicicleta roubada. Tate e Webb dizem depois que ele ficou

horrorizado e que eles só choravam. Eles acham que Narnie pediu para ele deixá-la lá pra morrer. Então ele começa pelos dois. Primeiro Tate, e depois Webb. Ele os retira e os deixa embaixo de uma árvore e faz os dois prometerem que não vão se mexer. Ele diz que, se eles não se mexerem, pode convencer Narnie a sair também. Cinco minutos depois, Narnie sai com ele, ele a deixa ao lado do irmão e pede para Webb não perdê-la de vista. Eles perguntam aonde ele vai, mas o garoto não responde. Depois, volta para os carros e retira de lá os corpos da mãe de Tate, depois do pai, depois da irmã, e depois do pai de Webb e Narnie. Ele os deixa do outro lado da pista.

— E a mãe de Narnie e Webb? — Jessa pergunta.

Balanço a cabeça. É a parte da história que não quero contar.

— Enfim — continuo —, menos de dois minutos depois, os carros explodem.

— Ele podia ter morrido — Jessa sussurra.

— Sim — respondo. — E ele sabia disso, mas tinha sido tratado como um lixo a vida toda, então ele achava que era um lixo. Ele nunca tinha feito nada de bom e ninguém falava nada positivo para ele. Mas, naquela noite, na estrada Jellicoe, foi como se ele tivesse renascido. As vidas que salvou deram um objetivo ao garoto, e ele amava aquelas pessoas mais do que tudo.

— E onde está o resto da história? — Raffy pergunta.

— Deixei o manuscrito no chão da casa da Hannah e o brigadeiro roubou.

— Por quê?

Dou de ombros, mas Jessa não consegue se conter.

— Porque ele é o *serial killer*.

Raffy fica irritada.

— Não fala isso na frente do Chaz. A família Santangelo está apavorada por sua culpa, Jessa. Chega dessa história de *serial killer* — ela diz, firme.

— Você acha que eles existem? As pessoas da história de Hannah? — Jessa pergunta.

— Sim, acho — respondo. E é a primeira vez que falo em voz alta que a história de Hannah é real.

— Por que a gente não pega o resto do manuscrito? — Jessa pergunta.

— Como? Batendo na porta da barraca dele e falando “Ei, lembra de mim? Joguei uma cama dobrável em cima de você. Pode me devolver o



manuscrito?”?

— Pelo que Teresa e o cadete com quem ela está ficando falaram, o brigadeiro não fica lá durante o feriado. Ele só volta amanhã.

— Como Teresa sabe disso? — Raffy pergunta.

— Teresa está com um dos cadetes. Eles estão “ficando” — explico, paciente.

— Os cadetes são nossos inimigos — Raffy diz. — Não podemos ter relacionamentos com eles.

Concordo.

— Mas a cidade inteira está falando da pegação que você e o Griggs...

— Chega dessa história — a interrompo. — Foi só uma vez.

— O que foi só uma vez? — Santangelo pergunta ao chegar.

Raffy me encara, sabendo que vou perder a paciência se alguém falar de novo.

— Nada — ela murmura.

Jessa sai correndo com Tilly, a irmã de Santangelo, e ficamos enrolando até Raffy estender a mão.

— O que você tem aí? — ela pergunta para ele.

— Não é sobre as guerras territoriais.

A mão dela ainda está estendida e ele me encara, pois a minha não está. Então, relutante, ele entrega um envelope.

— É uma foto — ele diz. — Peguei do arquivo da delegacia.

Uma foto que estou louca para ver, embora eu desconfie que algo dentro de mim vá morrer quando eu a contemplar.

— Qual é a pior coisa que pode acontecer? — ele pergunta.

Observo Jessa e Tilly balançarem nos degraus da escada da torre d'água feito macaquinhas, sem nenhuma preocupação no mundo.

— Tomem cuidado! — Santangelo grita para as duas.

Levo um momento para recuperar a voz.

— Se eu vir a foto e quem estiver lá for igual a mim, isso significa que ele só pode ser meu pai. E se meu pai for o garoto que desapareceu há dezoito anos, significa que ele morreu e eu nunca considerei isso. *Nunca*.

— Então não veja — diz Raffy. — Você sabe que teve um pai, Taylor. Que você ficava nos ombros dele e que se deitava entre ele e sua mãe. Foi a primeira coisa que você me contou no sétimo ano. Lembra?

— Sim — respondo. — E depois te contei outra coisa.

Ela me encara.

— Mas a história dos ombros do gigante é melhor.

Lembro do amor. É do que preciso ficar me lembrando. É engraçado como esquecemos tudo, menos de sermos amados. Talvez seja por isso que os humanos achem tão difícil superar relacionamentos amorosos. Não é a tristeza que eles precisam superar, é o amor.

— Então vou levar de volta — Santangelo diz. — Talvez as lembranças devam ficar como estão.

Posso sentir o olhar de Raffy sobre mim e pego o envelope gentilmente das mãos dela.

— Obrigada, Raf, mas acho que isso pertence a mim.

Conto até dez, até onze, e então começo de novo. Até criar coragem para olhar.

Ele é a pessoa mais bonita que já vi na vida, e não estou falando só do seu rosto, mas da vitalidade que vejo nele. O sorriso e a promessa sincera de tudo que ele tem para oferecer. Como se dissesse “Estou aqui, mundo! Você está pronto para toda a intensidade, beleza, bondade, o amor e todas as outras palavras que deviam estar no dicionário descrevendo *vida*?”. Só que esse menino está morto e isso é tão contrário às leis da natureza que tenho vontade de arrancar os cabelos por causa do luto de Tate, Narnie, Fitz e Jude. Tenho vontade de gritar para o Deus no qual não queria acreditar. Por levar tudo para si. Quero gritar “Seu Deus ganancioso! Devolve meu pai! Preciso dele aqui!”.

Um silêncio completo se instala ao meu redor e não sei direito se gritei isso em voz alta ou só dentro do peito.

Mostro a foto para Raffy e ela faz o que não consigo. Ela se debulha em lágrimas.

É isto o que sei: pareço com meu pai. Meu pai desapareceu quando ele tinha dezessete anos. Hannah me falou uma vez que parece contra as leis da natureza ser mais velha do que nosso pai jamais vai ser. Poder dizer isso aos dezessete anos de idade é um tipo diferente de devastação.

Mais tarde, vamos até a delegacia perguntar para o pai de Santangelo se Tilly pode passar a noite na escola. Sinto que estou entorpecida com uma

raiva contra ninguém em especial, mas a sinto arder dentro de mim e quero descontar em alguém.

O pai de Santangelo sai. A filha pula nele, e ele a coloca em cima dos ombros. Vejo a cara que ela faz de quem diz que nada pode acontecer com ela se estiver se segurando no pai. Quero morrer com o ódio que sinto por eles terem isso.

— Ela pode passar a noite com a gente — Raffy diz. — Tem camas sobrando no alojamento.

Tilly e Jessa estão doidas de euforia.

— Cuida da minha garotinha — o pai de Santangelo diz para mim e, por um momento, meu sangue congela.

— *Quê?* O que você falou?

Ele fica confuso.

— Tilly. Cuida dela.

O momento passa, mas as palavras ainda ecoam nos meus ouvidos.

— Acho que ele está preocupado com o *serial killer* — Jessa diz.

— Está proibido falar sobre o *serial killer* — o pai de Santangelo diz em tom de ameaça, levando as duas para dentro para ligar para a mãe de Santangelo.

Nós três sentamos na calçada e percebo que Raffy e Santangelo querem falar alguma coisa. *Qualquer coisa.*

— Pelo menos significa que seu pai não foi covarde e te largou — diz Santangelo.

Olho fixamente para ele.

— Morto ou covarde? Essas são as minhas opções? Acho que eu preferia um pai covarde a um pai morto, se você não se importa.

Ele tenta encontrar outra coisa para dizer. Quero facilitar porque a culpa não é dele, mas só consigo pensar na história de Hannah. Na história da minha tia. É tão estranho pensar nessa palavra pela primeira vez. Tenho uma tia e nem sei onde ela está. Mas sei que preciso dela mais do que tudo e que, de alguma forma, ela escreveu a história da minha família. E parte dessa história está na barraca do brigadeiro. No meio do discurso de Santangelo sobre questões da Casa Clube, Raffy me encara e sabe exatamente em que estou pensando.

— Vamos entrar em território cadete — ela o interrompe. — Hoje. E você vem com a gente.

— Como assim?

— Preciso pegar uma coisa na barraca do brigadeiro — explico. — Ele não está lá e vou invadir.

— Você está doida? — ele pergunta, como se não estivéssemos falando sério. — Vocês duas?

— Ele está com uma coisa minha... quer dizer, mais ou menos minha.

— Não vou invadir a barraca do brigadeiro e nem vocês!

— Poxa, Chaz — Raffy diz. — Você e Joe Salvatore são especialistas em cadeado. — Ela vira para mim. — O pai do Joe é chaveiro e Chaz trabalhou com ele por um tempo. Ele abriu a porta do colégio para minha mãe quando ela esqueceu a pasta dela lá dentro.

— Puxa.

— Invasão é crime — ele nos lembra, sem ser convencido pelo meu falso entusiasmo. — Podemos voltar para o que eu estava falando? Stevie acha que consegue uma máquina de espresso e...

— Você invadiu a delegacia do seu pai — eu o lembro. — É um crime.

— Para te ajudar — ele diz, energicamente, desistindo de falar sobre a Casa Clube.

— Santangelo, juro para você que pressinto que o que está na barraca do brigadeiro vai me ajudar — digo. — Por favor.

— Vou pra casa — Santangelo diz. — Vocês vão voltar pra casa de vocês e ninguém vai invadir território cadete.

— O que você vai fazer? Nos prender? — Raffy pergunta.

Santangelo se irrita.

— Não devíamos colaborar. Isso era pra ser uma guerra e vocês deviam ficar dentro das suas fronteiras.

— Nós vimos você de cueca — ela o lembra. — Taylor e Griggs se beijaram. Você invadiu a delegacia do seu pai por nós. Não acha que a guerra perdeu um pouco da tensão?

— É, mas eles não parecem ter perdido a tensão — ele diz, aparentemente se referindo a mim e Griggs.

— Por quê? O que ele te contou? — pergunto.

— Vou pra casa — ele diz, ignorando minha pergunta. — Não contem comigo.

Raffy o ignora, dando de ombros.

— A gente se vira, Taylor. Além disso, Joe Salvatore disse que Chaz é um caso perdido quando está sob pressão.

Santangelo não demora muito para abrir o cadeado. Fico muito impressionada com a capacidade de Raffy e Santangelo de cometer crimes com tanta destreza.

— Vocês ficam vigiando — sussurro, observando as fileiras de barracas ao redor.

Uma ou duas vezes vejo uma lanterna acesa, mas as chances de algum cadete sair para dar um passeio a essa hora da noite devem ser baixas. Me pego pensando em qual será a barraca de Jonah Griggs. Parte de mim quer desesperadamente falar com ele, fazê-lo prometer dois trilhões de vezes que nunca vai fazer nada para me magoar. Mas sou covarde e sei que Griggs nunca vai entender o quanto ele significa para mim.

— Griggs vai matar a gente — Santangelo sussurra.

— Você não deve nada a Griggs — digo, abrindo a barraca.

Entro, tiro uma lanterna pequena do bolso e tento ser o mais discreta possível. Fico surpresa ao ver o tamanho do interior da barraca, quase tão grande quanto um escritório, com uma cama num canto e uma mesa e um armário no outro, além de apetrechos para fazer chá e café. Quando me aproximo da mesa, procuro outras fechaduras, pronta para chamar Santangelo, mas encontrar as coisas não é nenhum mistério. Acho o manuscrito. Ao lado dele, está outra coisa que pertence a Hannah: uma caixa que ela deixa guardada na cabana da Casa Lachlan. Percebo que o brigadeiro não só esteve na casa à beira do rio, mas também no terreno da escola. Nunca tive curiosidade sobre a caixa, mas é diferente agora que o brigadeiro acha que ela é importante o suficiente para roubá-la. Eu a abro devagar e ilumino o que há dentro: passaportes e certidões de nascimento de Hannah e de Xavier Webster Schroeder, uma fita cassete, alguns recortes de jornal e algumas fotos. Meu coração acelera quando toco nas fotografias. Estou prestes a ver os cinco jovens. Me pergunto se eles vão atender às minhas expectativas e responder minhas perguntas. Mas as primeiras fotos são de uma criança de uns três anos de idade, com olhos grandes e arregalados e o cabelo cortado com um mullet de fazer inveja aos cidadãos. Embora eu nunca tenha visto uma fotografia minha de quando era criança, sei que sou

eu. Quem quer que eu fosse naquela época, eu parecia feliz. E quem quer que fosse a pessoa para quem eu estava olhando, era ela quem me fazia feliz. Como alguém que me fazia tão feliz não está mais na minha vida?

Volto a atenção para os dois artigos de jornal. Um é pequeno e parece mais antigo do que o outro. É sobre o desaparecimento de Xavier Webster Schroeder. Tem só umas cinquenta palavras. Isso era tudo o que ele valia? Quando penso nas manchetes alarmantes sobre adolescentes que desapareceram ao longo dos anos, não consigo deixar de especular quantas palavras gastariam comigo se eu sumisse. O artigo menciona a Escola Jellicoe e pede que quaisquer informações sejam encaminhadas à delegacia de polícia. Não fico surpresa ao ver o nome do policial Santangelo ali, que na época era apenas um guarda. Examinoo o segundo artigo, mas mal consigo ler. Parece que as palavras se apagaram por causa da luz, mas a foto e a manchete ainda estão nítidas e me dão um arrepio. Porque na foto, me encarando com o rosto mais magro e quase dez anos mais jovem, está o brigadeiro. Mas não é a fotografia o que mais me espanta. É a manchete: ACUSAÇÕES DE RAPTO SÃO ARQUIVADAS. Me sinto tonta e enjoada e, pela primeira vez em quatro semanas, aceito a possibilidade de Chloe P. e Jessa estarem certas em relação ao brigadeiro, e que talvez eu *nunca mais* veja Hannah novamente. Sinto um soluço de choro subindo pela garganta, mas, de repente, uma mão cobre a minha boca.

— Você está maluca? — Griggs sussurra no meu ouvido.

Quando relaxo um pouco, ele me solta e eu me afasto. Coloco tudo de volta na caixa e a seguro, fingindo que ele não está ali.

— Você não pode levar isso — ele sussurra mais alto, me virando para encará-lo. É a primeira vez que o vejo de roupas que não são sua farda. Ele está de cueca boxer e camiseta de manga longa do time de futebol South Sydney. Ele está exatamente como me sinto: um lixo.

— É minha — digo, com dificuldade.

— Por que o brigadeiro teria uma coisa sua?

— Porque é da Hannah.

— Então não é sua.

— Bom, não é dele — digo o mais enérgica que consigo, mas no fundo me sinto mal. Respiro fundo algumas vezes, ainda segurando a caixa e o manuscrito com firmeza. — Preciso ir. — Desligo a lanterna. Ele tenta pegar minha mão.

— Não vai — ele diz.

Mas eu me afasto de novo.

— Preciso ir, Jonah.

— Eles devem ter alguma história juntos, Taylor. Não tem nada a ver com você.

Ligo a lanterna de novo e, com raiva, jogo a caixa no braço dele, tiro uma foto e a jogo na cara dele.

— Você acha que isso não tem nada a ver comigo?

Ele apoia a caixa na mesa e pega a fotografia, examinando-a com atenção. De repente, vejo a expressão dele indicando que reconhece que a história não é tão simples assim.

— E se eu te disser que acho que o brigadeiro é o *serial killer*, que Hannah sabia e que ele fez alguma coisa com ela?

— Meu Deus, Taylor! Por favor, não seja maluca.

— Talvez eu seja — digo, assentindo e me esforçando muito para não chorar, mas minha voz sai embargada. — E se eu te disser que tem um menino que é muito parecido comigo, que deve ser meu pai e que deve estar morto, que vem me visitar à noite e que estou enlouquecendo porque ele está tentando me avisar que alguma coisa ruim vai acontecer?

Tiro a foto da mão dele.

— E se eu te disser que, desde quando esta foto foi tirada até eu ter dez anos, eu não existia? Não existe nenhuma prova da minha existência. Eu não ia à escola, então não há nenhum registro escolar, nenhum amigo de infância.

— Você tem uma mãe.

— E se eu tiver inventado? E se ela também não existe? Cadê a prova? Cadê minha certidão de nascimento? Cadê meu pai? Cadê a Hannah?

Tento me controlar, me concentrar em outra coisa. Um pensamento surge em minha mente e me afasto, abrindo as outras gavetas da mesa.

— Aposto que conheço a letra dele — digo, tirando as coisas do caminho.

Griggs me segura e consigo me soltar, mas tombo contra a cadeira atrás de mim e ela cai com estrondo, jogando longe o manuscrito e a caixa. Ele me segura de novo e me empurra contra a mesa, tentando me manter parada enquanto luto para me livrar. A mão dele está me machucando e o rosto está tão próximo que é como se Griggs pudesse ver dentro da minha alma.

— E se eu te disser que, se você me levasse para aquele trem agora, eu me atiraria na frente dele sem hesitar? — sussurro. — Juro por Deus, Jonah.

Santangelo espia o interior da barraca.

— Sai daqui! — Griggs diz energicamente, sem tirar os olhos de mim.

— Solta a menina, Griggs.

— Eu mandei você sair, porra!

— Você tem um minuto. Depois vou levar a Taylor embora — Santangelo responde com a mesma agressividade.

Estou tremendo tanto que acho que nunca vou conseguir parar.

— Por favor, não seja maluca, Taylor — Griggs sussurra, encostando a testa na minha. — Por favor, não seja maluca. — Ele me beija, segurando meu rosto entre as mãos, sussurrando várias e várias vezes. — *Por favor.*

É a súplica na sua voz que acalma o meu coração.

— Você vai me ouvir? — murmuro.

Gentilmente, ele tira o meu cabelo do rosto, coloca-o atrás da orelha e assente.

— Acho que ele fez alguma coisa com meu pai e Hannah sabe coisas sobre ele e agora ela sumiu — tento explicar. — Lembra quando ele buscou a gente em Yass e, no mesmo dia, umas crianças desapareceram? Você acha que é coincidência que ele estivesse na cidade *no mesmo dia*?

— Passei a noite toda com ele depois que deixamos você. Ele me levou de volta para Sydney.

— Elas podem ter sido raptadas de manhã. Vai saber quanto tempo ele ficou lá antes de ter alcançado a gente no furgão do correio!

— Taylor, ele já sentou à mesa com a minha família, na minha casa.

— O seu pai esteve na sua casa, comeu com a sua família e era sua maior ameaça.

Ele fica quieto por um momento.

— Meu pai e o brigadeiro não são nada parecidos — ele diz, por fim.

— Aposto que, se eu encontrar a letra dele aqui, vai ser a mesma no envelope da Hannah.

— Isso só prova que eles são amigos.

— Não — digo, balançando a cabeça. — Não são. Lembra daquela vez que ele estava com ela? Ela não conseguia nem olhar na cara dele. Ele ficava todo duro e tinha mais alguma coisa, como se ele soubesse que ela estava de olho nele.



— Talvez tenha alguma coisa rolando entre eles. Você só os viu juntos uma vez. Talvez eles se vissem quando você não estava por perto. Às vezes, ele vai para minha casa depois de ir para a “mata”, como ele diz. Ele fica mais relaxado. Como se alguém o tivesse acalmado. Talvez este lugar seja a “mata” dele?

— Ele fica relaxado aqui com vocês?

— Não. Sabe quem ele me lembra? Você. Distraído, perdido e tudo mais. Já passou pela sua cabeça que o motivo de vocês sempre se trombarem perto da casa da Hannah é porque vocês dois sentem uma saudade louca da mesma pessoa?

Balanço a cabeça.

— Por que ela nunca me contou?

— Pelo mesmo motivo pelo qual ela nunca te contou outras coisas. Talvez ela tenha prometido a alguém que não contaria. Taylor, eu estava lá no dia que devolveram você para ela. Ela estava maluca. Minha mãe fica com a mesma expressão maluca quando acha que alguma coisa aconteceu comigo ou com o meu irmão. Você e Hannah têm uma ligação muito forte.

— Acabei de descobrir que ela é irmã do meu pai. Acho que sou tudo o que resta pra ela. Mas nunca vou entender por que ela não me contou.

— Pelo que você me falou dela, deve ter um bom motivo.

Mostro para ele o artigo de jornal sobre o brigadeiro.

— Você pode me explicar isso?

Ele leva um momento para ler.

— Não. Mas se eu te dissesse quais foram as manchetes no dia seguinte à morte do meu pai, você acharia que eu fui o assassino?

Santangelo volta a espiar.

— Vamos, Taylor.

Encaro Griggs e assinto, e ele não se mexe.

— A gente pode ter um pouquinho de privacidade aqui? — Griggs pergunta para Santangelo, furioso.

— Pra quê? Pra você enlouquecer a Taylor?

— Quem foi o imbecil que deixou ela invadir essa barraca hoje? Não pense nem por um minuto que eu esqueci disso!

Raffy empurra Santangelo e espia o interior da barraca.

— Tem alguém aqui fora — ela sussurra —, então será que dá pra vocês dois diminuírem o nível de testosterona?

Encaro Griggs e me solto do seu abraço.

— Preciso ir — digo, pegando o manuscrito e a caixa do chão, tentando reunir todas as coisas que cáiram dela. Embaixo da mesa, num canto longe do meu alcance, vejo algumas fotos e estendo o braço, mas Raffy está me chamando com insistência e não consigo alcançar.

Quando me viro para sair, Griggs segura meu braço.

— Você sempre entendeu aquele dia errado — ele sussurra. — Eu nunca tinha visto o brigadeiro antes. Ele não estava me procurando, Taylor. Ele estava procurando você.

Na manhã seguinte, Jessa entra no meu quarto e sobe ao meu lado na cama.

— Passou no jornal — ela sussurra. — Duas crianças de Mittagong desapareceram. — Ela está tremendo muito, então a abraço forte até sentir o coração dela desacelerar. Conto para ela a história do menino na bicicleta roubada que salvou a vida daquelas crianças na estrada Jellicoe e virou nosso herói.

# Dezenove

Vou ver o pai de Santangelo na delegacia. Ele está trabalhando com a cabeça baixa e, quando ergue os olhos, leva um susto, como se visse um fantasma.

— Eu te lembro alguém? — pergunto baixinho.

Ele faz uma careta, como se estivesse arrependido de me deixar perceber o seu susto.

— Narnie Schroeder — ele diz, com um suspiro.

— Por que a chamavam de Narnie?

Ele caminha até o balcão e se debruça. Gosto do rosto dele. É confiável.

— Ela me contou uma vez que era como o irmão dela a chamava quando eram pequenos. Ele não conseguia falar Hannah e acabava dizendo Narnie.

Assinto.

— O que posso fazer por você, Taylor? — ele pergunta, como se temesse a resposta.

O que ele pode fazer por mim? Pode me contar tudo que sabe.

— Sei que você não vai me contar onde Hannah está porque ela deve ter feito você prometer que não falaria, então vou tornar as coisas mais fáceis. Quero entrar em contato com Fitz e sei que você sabe onde ele está.

Ele balança a cabeça. A careta volta com ainda mais emoções agora.

— Por favor, só quero falar com ele — peço. — Eu preciso. Já descobri que meu pai morreu e que ele era amigo de Fitz, que deve estar por aqui porque ele era cidadão. Quero conhecer alguém que conheceu meu pai. É muito para se pedir?

— Não tenho como fazer isso, Taylor.

— *Por que não?* — pergunto e percebo que estou contendo as lágrimas. — Só me dá *um* motivo.

Ele para um momento e percebo que as lágrimas não estão só nos meus olhos.

— Porque Fitz morreu.

Não sai nada da minha boca além de uma respiração trêmula. Estou arrasada, o que tem sido comum esses dias.

— Como? — pergunto, quando recupero a voz.

Ele balança a cabeça.

— Não posso te contar isso.

— Não pode porque não sabe?

— O que você acha de eu ligar para a mãe da Raffy vir te buscar? — o pai de Santangelo pergunta, e sei que ele não vai me dar as respostas de que preciso.

— Não quero que você ligue pra mãe da Raffy. Quero que você ligue pra minha mãe e sei que você tem como fazer isso através da Hannah. Mas você não pode ou não vai, ou adoraria-mas-não-hoje-muito-obrigado. Não é um bom dia para dar informações.

Ele estende o braço e toca a minha mão, e eu recuo. Fico envergonhada pela minha reação, mas mantenho a distância mesmo assim.

— Juro para você, Taylor. Hannah vai voltar. Hannah sempre volta para cuidar de você. Você é tudo para ela e para Jude.

*Jude.* Jude está vivo. Sinto alívio pela primeira vez em muito tempo. Narnie também está viva.

— E Tate?

Ele hesita por um momento e então assente. Por enquanto, isso deve bastar.

Ouçoo fazendo uma ligação e sei que ele está ligando para alguém vir me buscar, então me viro para ir embora, mas vejo um pôster na parede. É antigo, dá para perceber pelas bordas amareladas. Foi desenhado por uma criança. Ou crianças. Há dois nomes embaixo: *Chaz e Raffy, 5 anos, Primário São Francisco, Jellicoe*. Eles desenharam árvores grandes, cheias de bichos e passarinhos. São tantas cores e muita imaginação para um lugar como este. Já vi esse desenho antes. Minha memória é como o manuscrito de Hannah — distorcido e fora da sequência — mas, na mesma hora, sei que, anos antes de a minha mãe ter me largado na estrada Jellicoe, eu já tinha estado nesta delegacia.

*Narnie e Jude estavam sentados lado a lado vendo os mergulhadores da polícia.*

Já tinha se passado uma semana desde o desaparecimento de Webb e, de repente, o foco passou a ser dragar o rio. Até a imprensa estava lá e, ao longo do dia, Jude tentou chegar perto para pelo menos ouvir ou ver alguma coisa útil para contar para Narnie.

— Mantenha a menina longe — aconselhou o jovem guarda baixinho. — Você não vai querer que ela esteja perto se a gente o encontrar.

— O que faz você pensar que vão encontrá-lo aqui?

— Leva Narnie para casa, Jude.

Mas Narnie não cedia. Ela observava os mergulhadores descerem devagar pelo rio, concentrada, como se tentasse resolver um enigma.

Na maior parte do tempo, porém, eles observavam Fitz. Ele ficava subindo até o galho mais alto da árvore e se jogando no rio. Depois, nadava até a margem e subia até o topo da árvore de novo.

Uma hora Jude pensou ver Fitz observando-os de trás dos galhos e, pela primeira vez no dia, deixou Narnie e subiu. Trepar em árvores sempre foi o forte de Webb, e tanto ele quanto Fitz conseguiam fazer aquilo com uma agilidade que Jude não tinha. Quando ele se ergueu, o som de sua respiração só era cortado pelo som do choro de Fitz.

— Fitz? Cara, desce. Narnie e Tate precisam de você.

Não houve resposta, só um som abafado, como se Fitz estivesse enfiando o punho na boca para parar de chorar.

— Vamos, Fitz. — Jude montou no galho e se aproximou até conseguir ver onde Fitz estava.

Mas o Fitz na frente dele era quase um estranho: coberto de lama, com o cabelo cheio de sujeira e o rosto manchado de terra.

— Fitz... — Jude murmurou. — Onde você esteve? Por que está fazendo isso consigo mesmo?

Fitz ficou de pé sobre o galho e encarou Jude com os olhos vermelhos. Quase caindo, ele se inclinou na direção dele.

— Escuta o som, Jude — ele sussurrou. — Escuta.

E se atirou na água. Jude viu Narnie lá embaixo, esperando a cabeça de Fitz sair da água, como fazia toda vez. Quando Fitz chegou à margem, ele ergueu os olhos para onde Jude estava sentado.

— Você ouviu, Jude? Ouviu? — ele gritou.

Jude olhou de novo para Narnie, que estava em pé agora, esperando o que aconteceria em seguida.

— Ouvi o quê, Fitz? — ele perguntou, confuso. Para a sua tristeza, Fitz começou a subir na árvore de novo.

— Não! Fica aí embaixo, Fitz!

Mas Fitz já tinha subido no galho com Jude. Havia sangue na sua testa, onde ele acertara o leito do rio.

— Eu voltei — Fitz sussurrou. — Eu voltei, Jude.

— Voltou para onde?

— Para a quinta lata — ele respondeu. — Aquela que eu errava. Ping, ping, ping, ping. Lembra que eu errava a quinta lata, sim? — Fitz riu a risada maluca de sempre. — Quase rima.

O sangue de Jude gelou.

— Do que você está falando, Fitz?

— E, quando eu voltei, ouvi alguma coisa cair na água e pensei que tinha matado alguma porra de um passarinho. Olhei, mas não vi nada em lugar nenhum.

— Fitz? Do que você está falando?

— Quer ouvir o som que fez?

Jude avançou, tentando segurar Fitz antes que ele pulasse de novo, mas era tarde demais. Jude se voltou para Narnie, que continuava olhando fixamente para ele, e começou a descer da árvore.

— Quando ele vai parar? — Narnie perguntou baixinho.

Jude sentou ao lado dela. Não respondeu.

— Conserta as coisas, Jude. Fala para ele parar — Narnie implorou.

— Não consigo. Vamos para casa, Narnie.

Mas Narnie balançou a cabeça.

— Não temos casa.

Então eles ficaram. Até muito depois de os mergulhadores da polícia terem ido embora. Muito depois de os fotógrafos terem guardado seus equipamentos e sumido. Muito depois de os cadetes, cidadãos e alunos de Jellicoe terem ido para suas casas.

Ficaram lá observando Fitz pular do galho mais alto, nadar até a margem, subir na árvore, pular do galho. Várias e várias vezes. Dez vezes, quinze vezes... Seus grunhidos e soluços quando ele saía da água eram insuportáveis. Então Jude percebeu que também estava chorando, e a dor daquilo era maior do que tudo que ele já tinha sentido. Mas Narnie levantou e foi até o rio, escorregando na direção de Fitz, que estava deitado, exausto, na parte rasa. Ela puxou a roupa molhada dele com toda a sua força, mesmo ele sendo pesado para ela. Jude se aproximou, levando os dois para a margem, onde Narnie aninhou Fitz em seus braços, embalando-o.

— *Shh, Fitz. Shh.*

*Ele tremia incontrolavelmente, mas Narnie o segurava firme.*

— *Narnie...* — *ele falou entre soluços. — Desculpa. Desculpa.*

— *Shh, Fitz.*

— *Me perdoa, por favor. Por favor. Por favor. Por favor. Por favor.* — *As palavras jorravam da boca dele, encharcadas de lágrimas, muco, cuspe e sangue enquanto ela continuava embalando-o e Jude segurava os dois.*

*E, naquele momento, Jude pensou uma coisa pela qual nunca se perdoou.*

*Ele desejou nunca ter conhecido nenhum deles.*

Quando eu tinha catorze anos, conheci o ermitão que morava na margem da propriedade ao fim da estrada Jellicoe. Antes de conhecê-lo, eu o sentia me observando. Às vezes eu chamava, mas ninguém respondia. Mas, nesse dia, lá estava ele. Quando o encarei em seus olhos, vi um amor genuíno. Não um amor contido como o de Hannah ou um amor louco e inconstante como o da minha mãe. Vi amor de verdade. Não sei por que não senti medo. Talvez ele me lembrasse as ilustrações de Jesus Cristo na Bíblia de Raffy.

Sentei com ele e lhe mostrei como fazer um jogo americano com cardos. Deixávamos os cardos nos furarem até nossos dedos estarem sangrando, porque isso nos fazia nos sentir vivos.

Depois, conversamos sobre nossos sonhos e como sempre nos sentíamos seguros dentro deles, por pior que tudo parecesse. Ele me falou que aquele era um dos melhores dias da sua vida e depois sacou a arma. Um rifle semiautomático. Ele se inclinou para a frente e sussurrou:

— *Me perdoa, Taylor Markham.* — *Antes que eu pudesse perguntar para ele como sabia meu nome e por que eu tinha que perdoá-lo, ele disse: — Cuida da minha garotinha.*

*E então ele me mandou fechar os olhos.*

*E acho que tenho medo de fazer isso desde então.*

# Vinte

Finalmente, chegamos a um acordo sobre a Casa Clube e, uma semana antes de os cadetes terem que ir embora, fazemos a inauguração. Não estou com muita cabeça para isso, e as únicas pessoas que parecem entusiasmadas são Ben, Anson Choi e os Irmãos Mullet, que passaram todos os momentos juntos fingindo ser uma banda.

Fico surpresa por termos chegado tão longe, então imagino que devemos comemorar. Mas a verdade é que não sei como. Trinta pessoas de cada grupo, noventa pessoas ao todo, estão ao redor se entreolhando sem fazer ideia do que dizer. Há um palco, uma máquina de refrigerantes e algumas mesas e cadeiras, mas, fora isso, não há mais nada. Nada de personalidade. Nada de conversa. Nada de clima. *Nicht. Nix.*

Raffy está ao meu lado em solidariedade e, pela primeira vez, quero que alguém comece uma briga só para agitar o lugar. Do outro lado do salão, Griggs está encostado na parede com aquele olhar duro enquanto o resto dos cadetes está no canto. Um dos caras perto dele está até segurando um tabuleiro de xadrez, como se tivesse sido forçado a vir no meio de uma partida. Em outro canto, Santangelo parece um pouco entediado, mesmo com a namorada pendurada em cima dele, e, atrás de mim, consigo sentir os olhos de Richard me perfurando como se eu fosse a responsável por este inferno.

Mas então encontro os olhos de Griggs e ele me encara daquele jeito que me diz exatamente o que está sentindo, e eu amo esse olhar. De repente, quero gritar para todo mundo ouvir: “Essa história de guerras territoriais é só um jogo! Eles se amavam!”.

Em vez disso, viro para Raffy e digo:

— Está vendo aquele cara perto de Jonah Griggs? É o campeão de xadrez deles. Dizem que ninguém consegue vencê-lo.

Ela olha para mim com uma cara de “E daí?”.



— Até parece — ouço Richard dizer.

— É verdade. Jonah Griggs acha que ele é um maníaco. Eles já venceram todas as escolas de Sydney.

— Sabe o que eu ouvi? — Raffy pergunta, percebendo minha tática. — Que ele acha que ninguém nesta região conseguiria vencer alguém da cidade grande.

Richard olha feio para o cara e vejo desafio em seus olhos.

— Seria ótimo se alguém desinflasse o ego dele — digo, saindo de perto. Me aproximo de Griggs, vendo quando ele desencosta da parede sem saber direito o que está por vir, mas com uma cara de alívio.

— O que foi? — ele pergunta. Há uma vulnerabilidade em seu rosto e sinto que ele ficou tão afetado quanto eu com nossa última conversa. Quero dizer para ele milhões de coisas, mas, no fim, parece mais seguro conversar sobre este fiasco.

Chego mais perto, tentando não parecer tão amistosa para o resto do mundo.

— Isso é um desastre — sussurro.

— Já vi maiores e melhores. — Ele abre espaço entre ele e o cara do xadrez e sinto nossos dedos se tocarem de leve, mas nenhum de nós se afasta.

— Sabe o cara que você socou dia desses? — digo um pouco mais alto. — Ele é nosso campeão de xadrez. Ele se acha invencível.

Ele olha para mim com uma cara de “E daí?”.

— Até parece — ouço o cara com o tabuleiro de xadrez dizer.

— É verdade. Ele é um maníaco, e a equipe dele venceu todas as escolas na competição nacional.

— Ele se acha — Griggs diz, entendendo minha tática. — Choi comentou que o ouviu dizer que nenhuma escola da cidade grande venceria a equipe dele.

O cara com o tabuleiro de xadrez olha feio para Richard e vejo o desafio em seus olhos. Ele se afasta de nós e se junta a uns outros caras, que seguem o olhar dele na direção de Richard.

— Acho que eu venceria todos eles — falo baixo para Griggs.

— Você joga xadrez?

— Venço Richard de olhos fechados. Por que você acha que ele me odeia tanto?

— Porque ele é a fim de você e odeia que você não seja a fim dele — ele diz, olhando para mim.

— Como você sabe disso? — Sorrio. — Que não sou a fim dele?

Ele dá risada e percebo que estão nos observando.

— O que você acha que aconteceria se a gente se beijasse aqui e agora? — ele pergunta, enfiando as mãos nos bolsos da calça cáqui e sorrindo.

— Acho que isso aqui viraria um quebra-quebra.

— Bom, você me conhece — ele diz, abaixando a cabeça na minha direção. — Confusão é a minha especialidade.

Santangelo chega perto antes que Griggs se aproxime mais e o afasta.

— Vocês estão malucos? — ele pergunta, irritado.

— O nome disso é coexistência pacífica, Santangelo. Você devia experimentar e, se der certo, podemos até tentar vender a ideia para os israelenses e palestinos — digo, usando as suas palavras contra ele.

— Isto não é coexistência pacífica. É a pior ideia que eu já tive. Está todo mundo infeliz.

— Eu não estou — Griggs diz. — É fácil. — Ele chama alguns dos cadetes e me apresenta aos dois primeiros. — Eles protegeram as refêns — me conta. Tenho a impressão de que Santangelo já os conhece. Alguns cidadãos que reconhecem a festa cumprimentam Griggs e seus rapazes.

Vejo Trini da Casa Darling na multidão e a chamo. Ela hesita, então arrasto os dois cadetes até ela.

— Esses foram os meninos que cuidaram do nosso trio do sétimo ano — digo, olhando para eles com uma gratidão ligeiramente exagerada. — Protegeram as garotas com a própria vida.

Os meninos ficam vermelhos.

— Griggs estava me contando que não consegue dormir por causa do medo que causou no coração das meninas — digo, olhando para Griggs.

Trini e sua amiga parecem espantadas com a notícia e Griggs dá de ombros.

— Imagino que você seja a responsável pelo comportamento incrível delas numa situação tão angustiante — ele diz, todo charmoso, e até dá um sorriso afável.

As meninas ficam radiantes.

— Nós somos muito rígidas, mas muito justas. Querem conhecer as outras veteranas da Casa? — Trini pergunta aos dois cadetes. Eles fazem que sim e

outros cinco ou seis rapazes os seguem para o outro lado da sala.

— Estamos de saco cheio uns dos outros — Griggs me fala, vendo seus rapazes sendo apresentados às meninas da Casa Darling. — Está todo mundo doido para ir para casa.

Olho para ele e sinto um frio na barriga. Daqui a dez dias, nunca mais vou ver Jonah Griggs de novo. Nunca mais. Ele olha para mim como se soubesse no que estou pensando.

Até Santangelo parece desanimado.

— Me arrependo de termos proibido bebida alcoólica — ele diz, enquanto abrimos caminho até onde um cara está fazendo café.

Depois que tomamos nosso segundo copo, o jogo de xadrez entre os caras da Murrumbidgee e os cadetes começa num canto. Do outro lado da sala, as meninas da Darling estão cercadas por cadetes enquanto as da Hastings olham com inveja. Então a banda começa e eu odeio admitir, mas eles meio que fazem tudo valer a pena. É difícil explicar o que acontece quando jazz e punk se misturam com um toque de violino, mas funciona. Talvez porque Anson Choi tira a camiseta enquanto toca saxofone. Todos que não estão conversando com um cadete ou com uma menina da Darling ou jogando xadrez estão assistindo à banda. Eu viro fã.

Ben toca violino como um maníaco e até os Irmãos Mullet estão bem, tendo deixado as costeletas crescerem para a ocasião. Um deles olha fixamente para o vazio daquele jeito inexpressivo da maioria dos baixistas, enquanto o outro faz umas piruetas no ar toda vez que pula. Infelizmente, eles só têm três músicas, mas isso ajuda a quebrar o gelo.

O baterista acena para Raffy e ela vai até o palco para conversar com ele.

— Quem é aquele? — Santangelo pergunta, me oferecendo umas batatinhas.

— O incendiário da Casa Clarence — digo, com a boca meio cheia.

Do palco, Ben olha para mim.

— Essa é para você, Taylor! — ele grita quando começam a tocar.

É uma canção dos Waterboys e, assim como toda vez que ouço a música do menino da árvore dos meus sonhos, sinto uma nostalgia ao mesmo tempo doce e amarga que não tenho direito de sentir. Quando chega a hora de Ben tocar seu solo, de olhos fechados, com a mente em algum lugar que não é aqui e os dedos tão duros e precisos que parecem doer, meus olhos se enchem de lágrimas. Porque posso ver na expressão de Ben que ele está no

lugar que queria estar. Um lugar que os cinco encontravam sempre que estavam juntos. Mas o lugar se esvai. Sinto o ombro de Griggs tocar o meu e o ouço murmurar alguma coisa.

— O que foi? — digo, irritada. — Ele é fantástico.

Não reconheço o olhar dele e só entendo quando Ben desce do palco, cercado por meninas citadinas.

— Ei! — Griggs grita para ele. — Você do violino!

Ben aponta para si mesmo com aquela cara de “Quem, eu?” e anda em nossa direção.

Griggs não fala nada por um momento, mas depois pigarreia.

— Se eu soubesse... não teria pisado em seus dedos naquela vez.

— Você teria escolhido outra parte do corpo? — Ben pergunta.

— Provavelmente. Mas não os dedos.

Ben assente.

— Viva. — Ele parece satisfeito consigo mesmo. — Tenho números neste celular que não tinha no começo da noite — ele diz, mostrando o aparelho para mim.

— Não tem sinal — Griggs o lembra.

— E celulares são bloqueados nos nossos telefones fixos — acrescento.

— Valeu pelo otimismo.

Ben avista Santangelo ainda observando Raffy e o baterista, e dá um tapinha nas costas dele.

— Não precisa se preocupar. Uma vez ele botou fogo no cabelo dela durante a aula de ciências e isso acabou com todo o romance.

— Por que eu estaria preocupado? — Santangelo pergunta, irritado, enquanto Raffy caminha em nossa direção.

— Você devia se preocupar — Ben diz. — Porque está saindo com aquela menina e Raffy vai sair com algum cara e vocês vão passar o tempo todo com essa coisa entre vocês e depois vocês vão casar com outras pessoas e, um dia, quando estiverem na meia-idade, quando seus filhos estiverem na mesma escola, vocês vão ter um caso por causa de toda essa atração contida e destruir a vida de todo mundo na associação de pais e amigos da escola.

— Seus amigos são esquisitos — Santangelo fala para Raffy quando ela se aproxima de nós.

— Chaz, meus amigos sempre foram esquisitos. Você devia saber disso.

Olho para Richard, que está claramente dominando o jogo de xadrez, e cutuco Griggs.

— Quer que eu te ensine a jogar xadrez relâmpago? — pergunto.

Passo a meia hora seguinte acabando com Richard e, depois, jogamos em duplas. O cadete mais nerd é meu parceiro e, no final, ele pede meu telefone. Fico muito lisonjeada e ele parece desanimado quando digo não.

— É porque não tem sinal aqui — Griggs fala para ele.

— Não — corrijo, lançando um olhar para Griggs. — Na verdade é porque meu coração pertence a outra pessoa.

Se desse para guardar numa caixa o olhar que Griggs me lançou, eu a deixaria na minha cabeceira para o resto da vida.

# Vinte e um

*Um dia, Tate estava lá. Um fantasma de Tate, sentada à beira do rio onde Webb havia planejado construir uma casa. Seu olhar estava sem brilho, seus lábios, retorcidos, sua pele, num tom pálido que revelava desespero. No dia seguinte, ela foi embora de mala e cuia, sem deixar nenhum bilhete. E, para Narnie, as horas sem eles passaram, depois dias e depois semanas. E, entre esses segundos, minutos, horas, dias e semanas, vinha a mais forte solidão que ela já havia sentido. Às vezes, ela sabia que Fitz a observava, então ela gritava:*

*— Fitzeee. Por favor! Não me deixe!*

*Mas ninguém vinha.*

*Só Jude.*

Como previsto, a Casa Clube foi lucrativa e, depois de três noites, dividimos o dinheiro entre os três grupos e, em seguida, subdividimos entre as Casas. Os líderes se reúnem para decidir o que suas Casas vão fazer com os fundos e aprovo fortemente a união de todos com tanta maturidade e pragmatismo.

Richard planeja contratar um instrutor de matemática computacional para a Murrumbidgee, enquanto Ben quer comprar um violão para a Clarence. Trini organiza uma colaboração anual com o Greenpeace, e eu murmuro algo sobre comprar livros e DVDs para a nossa biblioteca, ou talvez algum programa para os nossos computadores.

— Vamos comprar alguma coisa divertida! — Jessa implora numa noite em que estamos encarregadas da lavanderia.

— Não estamos aqui para nos divertir — digo.

— Quem disse? — uma das meninas do décimo ano me pergunta. Penso por um momento e depois dou de ombros.

— Não sei, na verdade. Não funciona muito quando a gente não sabe, não é?

Então compramos um karaokê.

Na primeira noite, as meninas do décimo ano organizam uma competição, insistindo que todas da Casa participem, então esvaziamos os dormitórios do sétimo e do oitavo ano e esperamos a nossa vez. Raffy é a segunda e impressiona com “Without You” da Mariah Carey, mas daí uma das veteranas comenta que ela escolheu uma música sobre dependência e Raffy passa o resto da noite neurótica com isso.

— Acabei de descobrir que não tenho ambição — ela diz, enquanto uma das meninas do oitavo ano canta com emoção “Am I Not Pretty Enough?”, da Kasey Chambers. Começo a fazer uma lista de todas as meninas que eu devia encaminhar para o terapeuta da escola com base na escolha de músicas delas.

— Acho que ela está vendo coisa onde não tem, Raf.

— Não, não está. Sabe quais eram minhas outras opções? “Don’t Leave Me This Way” e “I Just Don’t Know What to Do with Myself”.

— Mary Grace escolheu “Brown-Eyed Girl” e ela tem olhos azuis, e Serina cantou “It’s Raining Men” e ela é lésbica. Você está levando isso a sério demais. Desencana.

— Qual você escolheu?

— Vou cantar uma com a Jessa. Parece que o pai dela era fã de Lenny Rogers.

— Kenny — ela corrige. — “Coward of the County”?

Olho para ela desconfiada.

— Por que essa? Você está insinuando que sou covarde?

— Não fala besteira. É uma das mais famosas dele.

— Por que você não falou “The Gambler”? É bem conhecida também, pelo que a Jessa falou. Eu preferia ser uma jogadora do que uma covarde.

— É só uma música — ela insiste. Mas não me deixo convencer.

Eu levanto e canto “Islands in the Stream” com Jessa. Como sempre, ela leva tudo muito a sério e gesticula como se arrancasse o coração e o desse para a plateia. Eu me recuso a fazer o mesmo, mas me divirto. Organizamos um mata-mata ao longo da semana depois do jantar, e é durante esse período que realmente começo a conhecer minha Casa. As escolhas delas me fazem

rir tanto que lágrimas escorrem pelo meu rosto e, às vezes, são tão comoventes que me fazem amá-las sem o menor esforço.

Eu e Raffy passamos quase toda noite na Árvore da Oração com Santangelo e Griggs. Toda vez, fazemos uma pauta que inclui a Casa Clube e as fronteiras territoriais como itens a serem discutidos, mas nunca funciona. Sempre acabamos conversando sobre outras coisas, como o sentido da vida ou a importância das escolhas no karaokê.

— Vocês acham que elas definem as pessoas? — Raffy pergunta para eles.

— Tomara que não. Sempre canto alguma música do Michael Jackson — Santangelo diz.

— O que você escolheu? — Griggs me pergunta.

— Kenny Rogers.

— “Coward of the County”?

Eu me recosto sem dizer uma palavra. Fico magoada. Griggs olha para mim e então para Raffy.

— Falei besteira, não falei? — ele pergunta.

Ela não diz nada em voz alta, mas sei que está mexendo a boca para ele porque, logo depois, ele diz:

— Eu quis dizer “The Gambler”.

Continuo sem falar nada.

— No fim, ele salva a Becky. — Santangelo tenta ajudar. — Lembra? Todo mundo achava que ele era o covarde do condado, mas no fundo ele não era.

— É assustador o quanto você analisou essa letra — Griggs diz.

— Não é minha culpa — Santangelo diz. — Você sabe como são pais com mau gosto musical.

Só que Griggs não sabe e posso ver que Santangelo se sente mal por ter dito isso.

— O namorado da minha mãe escuta Cold Chisel — Griggs fala, tentando fazer Santangelo se sentir melhor. — Ele ensinou meu irmão a letra toda de “Khe San”. Eles cantam sem parar.

Santangelo continua quieto, e posso ver que está bravo consigo mesmo.

Ficamos em silêncio por um momento. Lá fora, as primeiras cigarras da estação estão zumbindo e parece que não há ninguém no mundo além de



nós quatro. É Griggs quem quebra o silêncio.

— Eu adorava o meu pai, sabia? — ele diz baixinho. A confissão não me surpreende tanto quanto o fato de ele estar falando sobre o assunto. — Isso deve chocar as pessoas, mas eu adorava. Eu sou igual a ele. O mesmo corpo, o mesmo rosto. Ele era um cretino, mas nem cretinos merecem apanhar na cabeça com um taco de críquete.

— Há controvérsias — Raffy diz.

— Sabe qual é a pior parte? — ele continua. Percebo o quanto é difícil para Griggs porque ele não olha para nós. — Às vezes, esqueço de como ele era terrível, então só lembro que ele morreu por minha culpa. O que eu fiz é abominável. Às vezes, fico pensando nisso no meio da aula, saio andando e ligo para minha mãe para dizer: “Lembro que ele levou a gente pro circo e que a gente estava rindo, então por que eu fiz o que fiz?”. Ela sempre tem uma resposta: “E naquela noite ele bateu a minha cabeça no armário de vidro, Jonah. Lembra? E quando ele queimou seu irmão com cigarro, Jonah?”. Outras vezes eu a acordo no meio da noite e falo: “Ele me dizia que ninguém nos amava tanto quanto ele”. E ela responde: “E depois saiu andando pela casa com uma arma ameaçando nos matar porque queria que ficássemos juntos para sempre”.

Griggs olha para mim.

— O que vai acontecer se ela deixar de ser minha memória? O que vai acontecer quando ela não estiver por perto para me contar das marcas de cinto no rosto do meu irmão de dois anos ou de quando ele bateu nela com tanta força que ela perdeu a audição por uma semana? Quem vai ser minha memória?

Santangelo não espera nenhum segundo.

— Eu vou. Liga pra mim.

— Idem — Raffy concorda.

Olho para ele. Não consigo nem falar porque, se eu falar, sei que vou chorar, mas sorrio e ele sabe no que estou pensando.

— Então, voltando pra história do karaokê — Griggs diz, sem querer lidar com tantas emoções —, eu escolheria... — Ele pensa por um momento. — Guns N’ Roses, “Paradise City”.

— Ah, por favor! — eu exclamo. — Eu prefiro ser a covarde do condado.

— O Guns N’ Roses tem um monte de gostosas seminuas nos cliques — diz Raffy.

— E qual é o problema? — Santangelo pergunta.

Já passou da meia-noite quando Griggs tira algo do bolso e coloca na minha frente.

— Você deixou isso cair na barraca do brigadeiro.

Olho para as fotos à minha frente. Não estou preparada para isso. Não depois de termos falado sobre o pai dele, canções pouco profundas e gostosas seminuas.

— Pode levar para casa e olhar para elas lá — ele diz.

Continuo sem dizer nada. Eu quero, mas não consigo. Quero explicar tudo o que se passa na minha cabeça, mas não encontro as palavras certas.

— Quem são? — Raffy pergunta baixo.

— Só um bando de garotos da nossa idade.

Estendo a mão trêmula e as viro para cima, no chão, no meio de nós. Para poder apresentar os primeiros cinco a eles.

Eles são tudo o que eu imaginava e mais.

— Hannah — eu digo, apontando para uma. Ela está muito mais jovem, mas eu a reconheceria em qualquer lugar. — Esse é o cadete. Ele os ajudou a plantar as papoulas no lugar onde as famílias deles morreram — explico ao apontar para um dos garotos.

— É esse o Fitz? — Raffy pergunta, apontando para o mais alto deles.

Faço que sim, engolindo em seco.

— Que passou numa bicicleta roubada e salvou a vida deles. — Minha voz sai embargada, mas só um pouco.

Olho para Fitz por muito tempo. Ele parece tão rebelde quanto eu o imaginava, e tão insolente quanto. Quase espero que ele salte da fotografia e me dê um peteleco no nariz.

— Tenho a impressão de que conheço ele, mas não sei de onde — Raffy diz.

— Ele era cidadão — digo.

Santangelo olha para a foto e depois para mim, um pouco confuso.

— Ele é...

Faço que sim.

— Quem? — Raffy pergunta.

Santangelo pega a foto e vejo uma lágrima turva. Envergonhado, ele se apressa em secar.

— O ermitão — eu digo, e ouço um gemido de Raffy, mas, antes que eu reaja, vejo outra pessoa.

Ao lado dele na foto, com um braço em torno do seu pescoço, está Webb. Com um sorriso de orelha a orelha e um olhar tão contente que uma segunda onda de tristeza toma conta de mim. Penso nesse garoto. Em sentir o que ele sentia. Me sinto nauseada e maravilhada ao mesmo tempo.

— Webb — digo. — Foi ele quem começou com as guerras territoriais. Mas era uma brincadeira. Tipo, seus melhores amigos eram cadetes e cidadãos, e só inventaram as fronteiras porque estavam entediados e queriam passar o tempo juntos.

— Quem é essa? — Griggs pergunta, apontando.

É como se meu coração parasse de bater. Tudo por causa da pessoa na ponta. Tate. Olhando para Webb com um misto de amor e exasperação, como se eles fossem as duas únicas pessoas no mundo. Ela está tão linda que me faz sofrer e mal consigo respirar. Os outros olham para mim curiosos, porque lágrimas escorrem dos meus olhos e não paro de balançar a cabeça.

— Ela está tão linda... — sussurro.

Olho para eles.

— Ela não era linda?

— Era? Quem é essa? — Griggs pergunta, confuso com a minha reação.

Pego a foto e a examino com atenção. Mas os olhos dela se recusam a encontrar os meus porque, para ela, não existe ninguém além de Webb.

— O nome dela é Tate — digo para eles. — Ela é minha mãe.

Deito na cama, ainda segurando as fotos. É uma da manhã e sei o que tenho de fazer. Todo esse tempo, pensei que as respostas estariam aqui. Mas agora sei que Tate levou essas respostas consigo e que, de alguma forma, Hannah está envolvida. Se eu pudesse desejar alguma coisa, só uma, seria que Hannah nunca visse Tate do jeito que eu vi. Nunca visse seu lindo e volumoso cabelo ficar quebradiço, sua pele, pálida, seus dentes, destruídos por qualquer coisa que ela conseguisse enfiar goela abaixo para esquecer. Que Hannah nunca contasse quantos homens já passaram na terra e nunca conhecesse as perversidades humanas. Que nunca visse os momentos na minha vida cheios de negligência, medo e repulsa — momentos aos quais nunca vou poder voltar porque sei que me atrasariam se eu me permitisse

lembrar deles por um segundo sequer. Tate, que mantivera Hannah viva naquela noite lendo para ela a história de Jem e da sra. Dubose. E, de repente, sei que preciso ir, mas, desta vez, sem ser perseguida por um brigadeiro, sem passar pela gentileza de um carteiro de Yass e sem levar comigo um cadete que mudaria a forma como respiro para sempre.

Quando chego ao fim da clareira que leva para a estrada Jellicoe, parte de mim não se surpreende ao ver Griggs lá. Embora sejam duas da manhã e esteja um breu, sei que é ele. Ficamos de frente um para o outro, sem conseguir enxergar muito na escuridão, mas consigo sentir sua presença.

Pergunto o inevitável:

— O que você está fazendo aqui?

— O que *voce* está fazendo aqui?

— Perguntei primeiro.

— Importa quem perguntou primeiro?

Começo a caminhar para longe.

— Não me segue, Jonah.

— Eu tenho um carro — ele grita para mim. — E você tem um lugar para ir.

— Como você sabe?

— Eu tenho essa capacidade incrível de ler a sua mente, ué.

Paro por um momento.

— Quer que eu lembre você do que aconteceu da última vez? Eu nunca mais quero sentir tanta raiva de você de novo, Jonah. Quero passar de Yass dessa vez e descobrir onde ela está.

— Talvez ela não queira que você descubra.

— Ah, então você estava lendo a mente dela daquela vez também? Foi por isso que ligou pra sua escola?

— Não, mas digamos que eu estava lendo a sua, que dizia “O que vou encontrar lá vai me matar um pouco por dentro”. E eu sei o que você está pensando agora. Que se encontrar Hannah, vai encontrar sua mãe.

— Você está errado — digo, mas volto para perto dele e pegamos a trilha que leva para a garagem.

E ele *está* errado. Porque eu estava pensando exatamente o oposto. Se eu encontrar minha mãe, ela vai me levar até Hannah.



Depois que saímos da estrada Jellicoe, paramos na casa de Santangelo e mandamos uma mensagem para ele nos encontrar do lado de fora. Ele sai, descalço e com os olhos embaçados de sono, segurando alguma coisa na mão, e Griggs sai do carro para cumprimentá-lo. Eles conversam por um tempo, mas não quero participar. Tenho medo de que todos tentem me convencer a não ir. Santangelo se aproxima e enfia a cabeça na janela do carro.

— Assim que cheguei em casa, gravei um CD para você — ele diz, entregando-o para mim.

Agradeço.

— Pega isso — ele diz, colocando dinheiro na minha mão. — É a minha parte da Casa Clube. O Comandos em Ação está se recusando a aceitar.

— Não.

— *Sim*. Depois você me paga. Só de gasolina vai sair uma fortuna, e não garanto que esse carro vá aguentar.

Griggs abre a porta.

— Precisamos ir.

Santangelo se debruça na janela e me abraça.

— A Raffy vai me matar — ele sussurra.

Ele vai para o lado de Griggs e eles fazem aquele troço esquisito de não conseguir admitir que são amigos. Depois de ficarem parados perto um do outro por um momento, eles apertam as mãos.

— Você sabe que a merda vai bater no ventilador, e tudo vai voar na sua direção — Griggs diz a ele assim que entra no carro.

— Vou dar um jeito no sargento. Mas vou falar uma coisa: dou três dias para vocês. Se não voltarem em três dias, falo para eles exatamente onde estão.

— Justo — Griggs diz, e eu concordo.

# Vinte e dois

Em algum ponto da estrada para Sydney, começo a chorar, e é como se eu não conseguisse parar mais. Griggs estende o braço e toca meu rosto, depois abaixa e segura minha mão. Ficamos assim por um tempo, em silêncio. Como naquela vez no trem, me sinto inteira e, mais uma vez, fico admirada por conseguir me sentir tão completa quando estou revisitando o período mais fragmentado da minha vida.

Ouvimos o CD que Santangelo gravou. Um pouco de Guns N' Roses, Kenny Rogers e Waterboys, e pelo menos umas três ou quatro canções românticas sobre dependência muito, muito trágicas. Vejo um sorriso no rosto de Griggs e também sorrio.

Não temos um plano. Uma opção fácil seria ficar na casa dele, mas ele sabe que sua mãe vai ligar para o brigadeiro assim que chegarmos, e ele me prometeu três dias sem as vozes da razão ou das autoridades. Assim, as setenta e duas horas seguintes serão no meu território, com as minhas regras. Só que lembrar é algo difícil. Viver com a minha mãe significava que nos mudamos pelo menos oito vezes, porque ela era obcecada com a ideia de que havia alguém nos perseguindo. Lembro de uma vez ter adormecido numa ocupação em Melbourne e, na manhã seguinte, acordar em Adelaide. Outra vez, fiquei com uma família por um tempo. Não sei ao certo quantos anos eu tinha, mas lembro de ser bem tratada. Lembro de uma vez que acordei numa delegacia quando tinha uns sete anos. Não sei como cheguei lá, só sei que a viagem de volta até minha mãe pareceu um longo caminho e, quando paro para pensar agora, me dou conta de que era a delegacia de Jellicoe.

Minha primeira lembrança clara de tempo e espaço foi aos quatro anos, quando me levaram ao hospital por causa da minha asma. As paredes tinham pinturas de árvores e bichos e, enquanto eu olhava para uma dessas árvores, podia jurar que havia um menino escondido entre os galhos. Só fui ver aquele menino de novo na casa de Hannah. Nunca tive medo dele nem

achei estranho, porque eu pensava que todo mundo levava a vida como nós. Então, minha mãe me ensinou a ler durante um de seus períodos mais lúcidos, e percebi que havia algo um pouco disfuncional na nossa existência. Quando paro para pensar, me admiro com o fato de que, quando minha mãe me deixou na loja de conveniência da estrada Jellicoe, ela só tinha vinte e oito anos. Mais estranho ainda é que Hannah era ainda mais jovem.

Pego no sono, um daqueles sonos malucos em que a gente pensa que está acordada, mas acaba em uma máquina do tempo e, quando olhamos no relógio, passaram-se três horas. O sol da manhã é ofuscante e sinto um gosto ruim na boca.

— Você estava babando — Griggs diz. Ele parece cansado, mas contente.

— Valeu por comentar.

— Anson Choi babou no meu ombro durante o caminho todo na ida — ele diz. Ele olha para mim por um momento e sei que quer dizer alguma coisa.

— O que foi? — pergunto.

— Passamos de Yass faz uma meia hora.

Abro um sorriso. Três anos depois e seguimos em frente, deixando para trás a cidadezinha onde o brigadeiro nos encontrou.

— Se você não estivesse dirigindo, eu te beijaria loucamente — falo para ele.

Ele encosta na beira da estrada e freia o carro abruptamente.

— Não estou mais dirigindo.

A única coisa que lembro da Sydney do meu passado é que o último lugar em que morei ficava perto do bairro Kings Cross. A certa altura, estamos numa avenida com quatro pistas de cada lado, bem na hora de pico do trânsito. Vejo um anúncio da Coca-Cola à distância e me espanto com todas as lembranças que voltam de repente.

— A gente morava em algum lugar por aqui, à esquerda. E a gente também já morou logo atrás daquele anúncio.

Fico impressionada com a habilidade de Griggs de dirigir na cidade. Eu me sinto claustrofóbica e engaiolada. Os motoristas buzina impaciente, e são muitas placas e setas. Dirigimos por séculos, tentando descobrir onde estacionar o carro. Há parquímetros em todos os lugares que vamos. Griggs

decide que precisamos estacionar numa rua mais calma, logo depois da cidade.

— Sabe onde? — pergunto.

Ele dá de ombros.

— Não quero ser visto muito perto de casa. Todo mundo conhece todo mundo.

— Onde é a sua casa?

— Waterloo. A uns cinco minutos daqui.

— Waterloo. É um lugar perigoso?

— Não, mas as pessoas levam vidas perigosas. Eu te levo lá algum dia.

— Vire à esquerda — falo para ele. — Aqui deve ter algumas ruas sem parquímetro.

O carro não está no melhor estado e me sinto mal por Santangelo, porque ele provavelmente sabia que uma viagem de sete horas acabaria com seu carro, mas nos deixou usá-lo mesmo assim. Pensar nele me faz pensar em Raffy e em todos os outros, que devem estar se arrumando para a aula agora. Queria saber em que eles estão pensando. Eu deixei um bilhete dizendo que voltaria dali a alguns dias e, por um momento, sinto saudade deles. De Raffy, Jessa, Ben, e até do sr. Palmer e da pobre Chloe P., e de todas as outras veteranas e das meninas do décimo ano, cuja energia eu adoro. Sinto até falta de Richard.

Quando finalmente encontramos onde estacionar, Griggs fica pragmático e começa a agir como um sargento. Posso ver que já está tenso. Esse é um mundo que ele não consegue controlar do jeito que controla as guerras territoriais ou os amigos de escola.

— Vamos começar pelas pessoas que você lembra, pelos lugares que lembra. Casas em que morou, lojinhas de esquina, restaurantes.

Mas não sei por onde começar porque não reconheço nada. Mesmo quando cruzamos um parquinho que me parece familiar, vejo que todos os terraços e casas ao redor foram reformados. Eles parecem caros e modernos, e acho que não há nenhuma chance de termos morado aqui. Estou ficando confusa. A renovação da área é de enlouquecer. Restaurantes, cafés e um enorme hotel internacional.

— Para onde foram as outras pessoas? — pergunto a Griggs. — As pessoas sem nada a não ser sacolas de plástico e carrinhos de compras? O que falaram para elas? Que não podiam mais ser sem-teto aqui?



— Vamos comer alguma coisa. Você não comeu nada desde ontem à noite.

Não respondo. Estou pensando que isso tudo foi um grande erro. Ele me dá a mão, mas me afasto. Estou começando a ter uma crise de ansiedade que me deixa irritada e nervosa.

— Você já comeu em algum restaurante por aqui? — ele pergunta.

— Jonah, quem come em restaurantes? — retruco. — Nunca comi num restaurante em toda a minha vida. Para de me fazer perguntas idiotas.

— Só estou perguntando porque talvez outra pessoa possa reconhecer você e consiga ajudar — ele diz, paciente.

De repente, tudo nele começa a me irritar. Seu pragmatismo, sua paciência, sua calça jeans e sua camiseta azul-marinho de manga longa. Quero que ele volte a usar farda. Com aquele Jonah Griggs eu consigo lidar. Sem uniforme, ele não está mais representando um papel, e o verdadeiro Jonah Griggs é mais assustador do que o líder dos cadetes. Suas emoções são mil vezes mais reais.

Eu o encaro e ele está com aquela cara de quem pergunta “Que foi?”.

— Aonde quer que a gente vá e quem quer que a gente encontre, promete para mim que não vai julgar minha mãe.

Ele não fala nada.

— Promete.

— Eu não posso — ele diz, não só com irritação, mas com desprezo. — Não me pede para fazer isso.

— Quanta frieza.

— Tá. Pode chamar de frieza. Mas você me contou um monte de coisas pelas quais nunca vou conseguir perdoá-la.

— Então eu preferia não ter te contado — retruco.

— Mas contou — ele responde. — Então encontra outra pessoa para amá-la e perdoá-la, porque essa pessoa não sou eu.

— Então por que você está aqui? — Agora estou gritando e não sei bem o motivo. Afinal, a última coisa que quero é brigar com ele no meio de uma rua de Sydney.

Ele para e me encara.

— Estou aqui por você. Você é minha prioridade. A sua felicidade, de algum jeito bizarro, virou a minha. Enfia isso na sua cabecinha dura. Se eu

gostaria que fosse de outro jeito? Porra, claro que sim, mas não acho que isso vá acontecer nesta vida.

— Nossa — digo com sarcasmo. — É romance demais para mim hoje.

— Se é romance que você quer, vai ficar com Ben Cassidy. Ele pode te bajular ou tocar uma linda música no violino. Eu nunca te prometi romance. E para de procurar motivos para ficar brava comigo. Não fui eu que reformei este lugar. Só perguntei se você já comeu em algum restaurante.

Por um tempo, caminhamos num silêncio tenso e cheio de raiva. Encontramos um café numa esquina com dois rapazes animados, rápidos e eficientes atrás do balcão, onde executivos estão esperando em fila para pedir seus espressos. Às vezes, os rapazes olham para um dos fregueses e perguntam “Um pingado e um croissant de presunto e queijo?” antes que a pessoa tenha tempo de abrir a boca, e eu queria que fizessem o mesmo comigo. Só olhassem para mim e me reconhecessem, e soubessem exatamente o que peço todo dia.

Mas eles não me reconhecem, porque todo esse mundo aqui é diferente de onde vivi nos últimos sete anos. Griggs pede café e ovos com bacon para ele, e depois olha para mim. Dou de ombros.

— Torrada com geleia e um chocolate quente — ele diz, e não fico surpresa com o quanto ele aprendeu sobre mim.

Comemos em silêncio. Ele compra umas frutas e guarda na minha mochila, então partimos em direção a Kings Cross.

— Você come em restaurantes? — pergunto baixinho, pensando se ele está arrependido de ter vindo comigo.

— Sim. Com a minha mãe e o Daniel, meu irmão. Ou às vezes com o Jack, o namorado dela. Pelo menos uma vez por semana.

— Você gosta do Jack?

— Ele é ótimo. É fantástico com o Daniel e cuida da minha mãe sem tentar mandar em nada.

— Parece que seu irmão é seu amigo também.

— Meu irmão é um deus para mim — ele diz. — Nem consigo explicar como ele é legal.

Ele olha para mim e vejo seu corpo relaxar um pouco. Ele me envolve com seu braço e beija a minha testa enquanto andamos.

— Jonah... — digo baixinho, querendo que ele nunca me solte. — E se eu não existisse?

É o dia mais longo da minha vida. A falta de familiaridade só piora. O centro de Kings Cross me traz fragmentos de lembranças, mas não é o suficiente. Sinto que estou em terra estrangeira. Aqui é mais limpo e as pessoas são diferentes: mais bem-vestidas, mais bonitas, mais bem de vida. Não que haja algo de errado com o fato de a região ter sido reformada, especialmente porque ela era conhecida pela prostituição, pelas drogas e pela corrupção, mas isso aniquilou minha história. Todos os cheiros são diferentes e as pessoas andam num outro ritmo.

— Quando a gente morava aqui, o nome dela era Annie — conto a Griggs. — Ela mudava o tempo todo. Dizia que estavam atrás da gente e falava: “Seu nome hoje é Tessa”. Mas eu deitava na cama à noite e dizia a mim mesma várias e várias vezes: “Meu nome é Taylor Markham”. Nunca quis ser outra pessoa. Ela costumava dizer que eu tinha me dado meu nome. Como se ela não se importasse o bastante para me dar um.

— Deve haver um motivo melhor do que esse. Você brincava com alguma criança por aqui?

— Não muito. Tinha um menino, Simon. O pai dele era travesti e nos deixava usar as roupas dele. A gente gostava de fliperamas e salas de jogos. Ele era viciado em todos os joguinhos. Às vezes, a gente brincava nos parques. Foi assim que aprendi a jogar xadrez, sabia?

— Podemos começar por aí — Griggs diz.

— Acho que não lembro como ele era — digo. — E duvido que ainda esteja aqui.

— Aonde mais você ia além do parque?

Vamos a um fliperama. É a lembrança mais próxima da minha vida antiga que tenho por enquanto. Alguns adolescentes estão bêbados e alguém vomitou perto da entrada. Alguns estão de uniforme e imagino que saíram de casa de manhã fingindo que iam à escola. Mas os que mais impressionam são os que estão com roupas normais. Eles não precisam obedecer a ninguém. Pergunto ao moço na caixa registradora se ele conhece algum Simon, mas ele só dá de ombros e volta a ler sua revista. Quando volto a incomodá-lo, ele apenas diz:

— É um nome bem comum.

— Se ele vier, pode dizer que Taylor Markham está procurando por ele? Que vou estar no McDonald's do outro lado da rua às seis e meia hoje?

É como se eu estivesse falando com uma parede, mas é ainda pior porque numa parede eu poderia me recostar pelo menos. Falo com outras pessoas ali e dou a mesma informação para elas, mas, quando saio, aceito que Simon não é uma opção.

Vamos a um dos abrigos para sem-teto no leste de Sydney. Num minuto, estamos descendo uma rua que Griggs diz ter terrenos de um milhão de dólares e, no minuto seguinte, entramos numa alameda onde velhos se deitam em colchões imundos no meio da rua, com lixo para todo lado. Ao estudá-los com atenção, percebo que não são velhos coisa nenhuma. O abrigo atende apenas homens e, depois de perguntarmos, somos direcionados ao outro lado da avenida principal. Pela primeira vez no que parecem séculos, me pego pensando no ermitão. Na minha cabeça, ele era velho, mas agora me dou conta de que não era. Ele era como esses homens; a sujeira e o abandono os fazem parecer mil anos mais velhos do que realmente são.

Quando chegamos ao fim da fila do segundo sopão, tiro do bolso a foto dos cinco e mostro para a garota que está servindo.

— Você reconhece essa pessoa? — pergunto, apontando para Tate. — A foto é muito antiga, mas ela pode parecer familiar.

— Desculpa, mas não, querida — ela responde, balançando a cabeça.

— Preciso muito descobrir onde ela está — digo. — Pode perguntar para as outras pessoas aí?

Quais são as chances de alguém reconhecer minha mãe? Quais são as chances de essas pessoas terem olhado com atenção no rosto daqueles que entram neste lugar? Olho de relance para Griggs, que observa todos ao redor. Posso ver que ele está um tanto quanto chocado. Ele tenta abrir um sorriso, mas não tem forças para mantê-lo no rosto.

Quando não estamos fazendo perguntas para as pessoas ou vagando pelas ruas em busca de algo reconhecível, sentamos no McDonald's, porque é o único lugar onde ninguém insiste para fazermos um pedido ou nos expulsa. Ao fim da tarde, estou cansada e quero voltar para o meu dormitório na escola e deitar. Posso sentir que Griggs está exausto, ainda mais depois de dirigir a noite toda. Fazemos planos para nos registrar num dos hostels na rua atrás da região central, tomando cuidado com a forma como gastamos o dinheiro. Descobrimos onde ficam os furgões de comida, para o caso de eu

reconhecer algum conhecido da minha mãe ou mesmo de Simon, mas minha mente está vazia e sinto que nunca vou reconhecer ninguém. Toda vez que olho as horas, penso no que Raffy e os outros estão fazendo na escola. Não faz nem vinte e quatro horas que saí e sinto uma saudade incompreensível.

À noite, o lugar começa a parecer um pouco mais como me lembro, e Griggs sugere que fiquemos por ali, já que esse pode ser o horário que as pessoas que posso reconhecer saem da toca.

Ficamos perto da fonte na rodovia Darlington e, por um momento, vislumbro quem eu era naquela época. Seguindo minha mãe por estas ruas, com os pés sujos, mas com vestidos muito bonitos. Uma vez, usei um que era branco, um antigo vestido de primeira comunhão que encontramos num brechó, e me senti uma princesa. De repente, por um momento inacreditável, lembro de uma coisa. Minha mãe sorriu para mim, maravilhada, e disse: “Que linda a minha garotinha”.

*Fazia um ano que ele estava longe da estrada Jellicoe e, quando terminou as provas finais, voltou porque tinha prometido a Narnie que voltaria. Ao longo do caminho, viu os fantasmas de todos eles, plantando papoulas, esperando por ele na porta do armazém, planejando o túnel, sofrendo por seus mortos. Mas o coração de Narnie era o único lar que ele já havia conhecido. No fundo, ele sabia que sozinho não bastaria para trazer Narnie à vida. Mas não custava tentar.*

*— Promete para mim... — ele pediu à porta dela, com o coração apertado ao ver a alma de Webb no olhar dela. Mas então ele se deteve. Nada de promessas de morte ou vida. Esse tinha sido o trabalho de Tate quando Narnie era frágil. Parecia fraco vindo dele. — Promete para mim que nunca vai procurar a Tate, não importa a situação.*

*— Promete para mim que nunca vai me pedir isso de novo — ela retrucou, com a voz forte e clara.*

*Ele balançou a cabeça.*

*— Ela não é mais a mesma Tate de antes, Narnie. Ela virou outra pessoa, e aquela bebê...*

*— Promete para mim que, um dia, vamos trazer as duas de volta para cá, Jude.*

*Ele podia contar agora o que ela encontraria, porque ele próprio tinha ido procurar. Na cidade grande, a Tate que conheciam não existia mais. Estava perdida para eles.*

*Perdida para si mesma. Mas Narnie olhou fundo dentro dele e então ele lembrou o que o trouxe a esse lugar: essa menina, parada à beira da estrada Jellicoe feito uma aparição, prometendo a ele uma vida mais rica do que ele jamais teria imaginado. E ele não conseguiu se conter, não conseguiu se conter até estarem no quarto dela, tirando as roupas um do outro, respirando o ar um do outro, sentindo o sofrimento um do outro.*

*— Promete para mim... promete para mim... — ele disse entre suspiros, erguendo a saia dela, tirando tudo que havia no caminho. A ânsia de estar ligado a ela fazia seu corpo tremer. Ela o agarrava cravando os dedos como se precisasse juntar partes dele para serem sua segunda pele para o resto da vida. Ele nunca tinha ouvido tantas emoções vindas de Narnie antes, e agora... agora, ela soltava tantos sons, tão viscerais que ele tinha vontade de cobrir a boca dela com a mão. Conter tudo dentro dela. Mas Narnie tinha se segurado por tanto tempo, e sua raiva ou dor ou luto ou amor perfurava seus ouvidos e ele soube que, o que quer que acontecesse, ele nunca conseguiria impedir. Que nunca gostaria de impedir.*

*Então, depois que acabou, ela o envolveu em seus braços. E lhe contou a terrível ironia da sua vida.*

*Que, durante todos aqueles anos que seu irmão estava vivo, ela queria estar morta. Esse tinha sido seu pecado.*

*E essa era sua penitência.*

*Querer viver quando parecia que todos os outros estavam mortos.*

# Vinte e três

— Taylor Markham?

Ergo os olhos para o menino na minha frente. Um ou dois de seus dentes estão lascados, e sua pele parece áspera, com vasinhos estourados. Não é acne, mas parece inflamado e dolorido. Ele é pequeno e esquelético, e seus olhos têm o mesmo brilho selvagem e intenso que vi em tantos rostos nas cozinhas de sopão e furgões de comida. Esse menino, uns dois anos mais jovem que eu, parece um sócia de Charles Manson. Encaro-o por um momento sem entender nada porque sei que ele não é Simon. Mas então compreendo, e meu coração acelera com euforia.

Não porque ele significa alguma coisa para mim, mas porque é prova de que eu existia. Ele morava no quarto vizinho ao nosso. Ele e a mãe. Ela o deixava comigo de vez em quando, e não consigo me lembrar do resto.

Ele sabe que mal me lembro dele. Está fazendo aquela cara de repulsa de quando alguém esquece seu nome.

— Pensei que você tinha morrido — ele diz, inexpressivo.

O choque de suas palavras faz meu sangue gelar e sinto Griggs ficar tenso ao meu lado. O menino está agitado, como se tivesse usado alguma coisa. Olho para o seu braço e vejo as marcas de agulha. Ele me pega olhando, mas não há nenhuma expressão em seu rosto. Está dormente para o mundo.

Encaro-o. Como é possível esquecer completamente alguém até ver o seu rosto de novo? Quem mais está escondido no fundo da minha cabeça?

— A minha mãe? Você a viu? — pergunto.

— Por aí. Mas faz tempo que não vejo.

— Quanto tempo?

— Sei lá. Preciso ir — ele diz e sai andando de repente.

Fico observando-o, a cabeça com mil pensamentos que estou tão acostumada a trancafiar em gavetas. Mas, dessa vez, deixo que eles saiam, por mais terríveis que sejam.

*Sam.* Não sei exatamente de onde vem o nome, mas ele surge nos meus lábios como um soluço. Corro atrás dele.

— Sam! — O som de seu nome o faz parar e, por um momento, vejo um lampejo de algo, vulnerabilidade talvez.

— Vai — eu digo. — Para onde precisa ir. Mas encontra a gente depois. No McDonald's.

Ele sabe qual McDonald's porque já fomos lá antes.

— Eu pago.

Esperamos horas, e então ele chega. Ele ignora Griggs totalmente e senta na minha frente.

Não sei o que dizer e não tenho a sensação de que ele realmente queira conversar comigo, mas ele não se mexe.

— Quer comer alguma coisa? — pergunto.

Ele dá de ombros.

— Talvez um Big Mac.

Olho para Griggs, que continua encarando o menino como se não confiasse nele nem um pouco.

— Jonah? — digo. Ele me lança um daqueles olhares que dizem “Não vou a lugar nenhum”, mas depois se levanta, relutante.

— Vai querer batata? — ele pergunta a Sam, com sarcasmo.

— E uma coca grande.

— Pra mim também — digo.

Ficamos a sós.

— Por que você pensou que eu estava morta? — pergunto, encarando-o o tempo todo, sem realmente querer ouvir a resposta.

O menino dá de ombros. Ele coça uma ferida no dedo e a casquinha cai na mesa.

— Você tem um cigarro? — ele pergunta.

— Não pode fumar aqui.

— Pra depois.

Faço que não.

— Tem dez dólares?

Faço que sim e não falamos nada por um tempo.

Griggs volta e senta de novo. Embaixo da mesa, aperto sua mão.



— A mãe de Sam trabalhava com a minha — falo para Griggs, quase casualmente. — Eu cuidava dele.

Griggs assente.

— Acho que ele não entende o que você quer dizer por “trabalho” — Sam diz. — Entende, babaca?

— Talvez a gente possa ir lá fora pra você me explicar — Griggs diz baixo para ele.

“Agora não, Griggs”, quero dizer. Posso ver que vai ser um suplício para ele ficar de boca fechada.

Sam se concentra no lanche e o devora em quase três dentadas. Dou mordidas pequenas no meu.

— Preciso descobrir onde ela está, Sam — digo quando parece que ele terminou. — É muito importante. Talvez a sua mãe saiba.

— Eve? Ela é completamente pirada. Parece que todos os miolinhos dela fritaram, saca? Toda vez que ligo para ela, ela vem dizendo: “Sam, me empresta vinte dólares?”. — Ele imita uma voz chorosa. — “Me compra uma caixa de cerveja? Me compra uns cigarrinhos?” — Ele me encara. Como se o pensamento tivesse acabado de passar pela sua cabeça. — E ela nunca me devolve. Ela é um desperdício de espaço e não para de ter aqueles malditos filhos.

Agora lembro de Eve. Ela vivia apenas para o homem com quem estava e Sam era uma das últimas prioridades da sua vida. Sam era uma criança digna de pena, minúscula e carente. Seu nariz não parava de escorrer e ele vivia sendo espancado pelos meninos mais velhos do bairro. Uma coisa boa da minha mãe era que ela nunca formava laços sentimentais com os homens, então nunca precisei sofrer as consequências de seus relacionamentos. Às vezes, quando andávamos juntas, eu a via olhando à distância, como se estivesse procurando alguém. Agora penso que ela achava que Webb poderia estar aqui, e esse foi o motivo que a manteve nesta cidade por tanto tempo.

— Você lembra da última vez que você me viu? — ele pergunta.

Não respondo e ele continua.

— Eve tinha nos deixado em casa com Les, aquele filho da puta com quem ela namorava.

Sinto um calafrio e percebo que Griggs está olhando para mim.

— Os policiais prenderam ele, sabia? Ele fazia parte daquele lance de pornografia infantil de alguns meses atrás. Lembra que sua mãe voltava do

turno dela e ficava maluca, batendo em Les com tudo que conseguia encontrar, e ficava gritando “Que porra você fez com eles?”?

Faço que não. Mas me lembro agora e sei que é a história que contei para Raffy que ela nunca vai esquecer. Aquela que ela não me deixava lembrar.

— E ficamos lá de cueca e calcinha, chorando, porque a gente não entendia por que ela tinha ficado doidona, e ela te puxou e te arrancou de lá e Eve ficou gritando com ela, chamando ela de puta maluca e os vizinhos ficaram loucos.

— Que mãe era a mais pirada? A sua ou a minha?

Sinto a mudança na respiração de Griggs ao meu lado.

— E eu nunca mais vi você de novo. Dois dias depois, sua mãe voltou sem você. Ela estava muito chapada. Eve perguntou: “Cadê a menina?”, e sua mãe respondeu: “Ela está no céu”, e se acabou de tanto rir. Porra, chorei por uma semana, sabia?

Fico olhando para ele, boquiaberta.

— Por que minha mãe diria uma coisa dessas?

Sam não responde, e não espero respostas. Ele só fala e eu não posso impedir porque é esforço demais.

— Você tinha uma fantasia do Homem-Aranha — ele continua.

— O amigo da vizinhança, salvando todos do mal — eu disse baixinho, lembrando da minha frase de efeito.

Ele levanta.

— Preciso ir — ele fala. — Você disse que tinha grana.

Olho suplicante para Griggs, mas ele me encara como se tivesse sido atropelado por um caminhão.

Volto o olhar para Sam, que está com uma expressão de ódio.

— Você está bravo comigo — digo, quando ele começa a ir embora.

— Deixa o menino ir — Griggs diz baixo.

Mas não posso. Levanto num salto e vou atrás dele.

— Eu não pedi para ela me levar para uma loja de conveniência a seiscentos quilômetros daqui e me largar lá, Sam. Pelo menos a sua mãe não fez isso com você — digo, furiosa. Griggs tenta me puxar.

— A minha foi para Canberra por duas semanas — diz Sam, me encarando com olhos enormes e frios. — Mas ela não me largou lá. Me deixou com Les.

Encaro-o. Griggs está parado do meu lado, esfregando os olhos, como se quisesse muito desaparecer. Depois de alguns minutos, pego um pouco do dinheiro de Santangelo e coloco na mão de Sam. Nossos dedos se tocam por um momento.

— Você nem sabia quem eu era — ele diz. — Eu reconheci você na hora. — Então aquele menininho magoado está de volta e me permito lembrar de coisas que venho bloqueando há anos.

— Do que você queria que eu lembrasse, Sam? Que eu te ensinei a ler? Que lemos o primeiro livro do Harry Potter e que, quando a gente terminou, você disse... você disse... — Mal consigo falar, porque estou chorando de novo.

— Eu disse que queria ser bruxo — ele sussurra.

Nos olhamos por um momento. Ele enfia o dinheiro no bolso.

— Sabe onde fica a rua Oxford? — ele pergunta, depois de um instante.

Olho para Griggs e ele assente.

— Me encontra lá hoje à noite umas dez e meia. Nos postes na frente do hotel Court House.

Faço que sim de novo.

— Vou ver o que consigo descobrir com a Eve.

Eu e Griggs caminhamos em completo silêncio. Estamos numa travessa onde as lixeiras transbordam e o lixo está se espalhando pelo chão. De repente, ele chuta uma das lixeiras com força e ela sai voando. Fico parada encarando. Ele está de costas para mim. Vou até ele e o abraço, apoiando-me nele.

Sinto seu coração bater forte, e suas mãos trêmulas seguram as minhas.

— Você está bem agora? — pergunto para ele depois de um tempo.

Ele não fala nada, mas vira e me abraça.

— Jonah, apesar do que aconteceu, passei os últimos seis anos vivendo em...

Penso por um momento e sinto um pequeno toque de esperança.

— Em quê? — ele pergunta.

— Eu ia dizer que passei os últimos seis anos vivendo em um paraíso. Você entende? É como o céu. Foi isso o que ela quis dizer.

— Mas o menino achou que você estava morta.

— Ela me levou para lá e ligou para Hannah porque, se tinha um lugar que Tate amava, era Jellicoe, e ela sabia que seria o lugar mais seguro para mim.

— E, quando voltou, o garoto disse que ela estava completamente chapada porque você não estava mais na vida dela — ele disse.

Olho para ele maravilhada.

— Nunca pensei que ela me amasse, sabe?

São quinze para as onze quando Sam chega. Ele está com aquela expressão elétrica, sem conseguir ficar parado, com o olhar de um coelho ensandecido prestes a ser capturado.

— Ela está num hos... hospício? Mais para cima. St. Vincent's.

— Hospital — corrijo.

— Tanto faz.

— O que ela tem?

Ele dá de ombros. Olha ao redor, se afastando, mas vejo de relance uma carência em seus olhos. Como se não tivesse desistido completamente.

Griggs pega a minha mão e me puxa para o outro lado, mas não quero desistir.

— Sam! — grito e ele dá meia-volta. — Eu moro na estrada Jellicoe. Onde as copas das árvores fazem uma cobertura e dá para sentar no topo delas e ver o infinito. Minha tia construiu uma casa para mim lá. Lembre disso.

Ele fica me encarando, mas já é melhor do que sair andando.

— Me promete que vai lembrar — digo com vigor.

Ele faz que sim e partimos, mas, como a mulher de Ló, eu olho para trás. Ele está falando com um homem de meia-idade, que põe a mão em seu ombro. No minuto seguinte, os dois entram num táxi e desaparecem.

— Vamos — Griggs diz baixo.

No hostel, pegamos um quarto só para nós. É minúsculo, tem apenas um beliche, mas nos deitamos na mesma cama e Griggs me abraça como se nunca mais fosse soltar.

— Quer saber por que liguei para a escola daquela vez? — ele pergunta no escuro.

— Não precisa se explicar.

— Eu quero explicar. Eu tive um sonho. Uma pessoa, que na verdade era meu pai, conversava comigo e dizia: “Jonah, se você for mais além, nunca vai ter volta”. Por mais que tenham me falado um milhão de vezes na terapia que não preciso do perdão dele, eu pensei que essa seria a coisa mais próxima de perdão que eu podia conseguir. Que talvez ele estivesse me protegendo de alguma coisa lá fora e que o aviso era sua forma de me dizer que me perdoava. Então pensei que, se eu não voltasse, você também não voltaria, então liguei pra escola e, logo depois, apareceram o brigadeiro e o pai de Santangelo.

Sua voz é tão triste que parte meu coração.

— Mas agora que a gente está aqui, por mais ruim que tudo pareça, não acho que a minha vida ou a sua estivessem em risco. Então devo ter imaginado tudo. Não tinha mensagem nenhuma. Não tinha perdão nenhum. Nada.

— Você não tem como saber. A gente era muito novo na época, Jonah. Talvez alguma coisa fosse acontecer se a gente chegasse na cidade. E, como Jessa diz, sempre tem o *serial killer*. Talvez seu pai estivesse avisando você porque ele se importava.

Ele balança a cabeça e, mesmo no escuro, percebo que está chorando.

— No que você está pensando? — sussurro depois de um tempo.

— Que você merece romance.

Passo os dedos pelo seu rosto.

— Deixa eu ver. Um menino me fala que teria se atirado na frente do trem se não fosse por mim e depois dirige por sete horas seguidas, sem reclamar nenhuma vez, numa busca desenfreada pela minha mãe sem absolutamente nenhuma pista sobre por onde começar. É muito provável que ele vá enfrentar a corte marcial por minha causa. Ele aguentou meu mau humor o dia todo e sabe exatamente o que pedir para mim no café da manhã. Não dá para ser mais romântico que isso, Jonah.

— Estou no décimo primeiro ano, Taylor. Não vou para a corte marcial.

— E se você for expulso?

— Dane-se. Mesmo assim eu teria dirigido sete horas e pedido chocolate quente e torrada com geleia.

— E você não acha isso romântico? Meu Deus, você tem muito a aprender.

Sento no escuro. Depois de um momento, tiro a regata e o ouço tirando a camiseta, e ficamos ali sentados, nos abraçando e nos beijando até nossas bocas doerem, e então tiramos o resto das roupas. Fico embaixo dele, sentindo como se ele estivesse gravado na minha pele. Tudo dói, tudo, incluindo seu peso, e choro porque dói e ele pede desculpas sem parar e entendo que, mais tarde, vamos descobrir o jeito certo de fazer isso, mas não quero desistir porque, esta noite, não quero nada além de me tornar parte dele. Porque ser parte dele não é uma coisa qualquer. É tudo.

# Vinte e quatro

Durante esse tempo, começo a conhecer minha mãe de novo, juntando os fragmentos de nossas vidas, trechos da história de Hannah e das lembranças terríveis de Sam. O que mais me aflige é minha incapacidade de lembrar daquela viagem em que ela me levou até a estrada Jellicoe. E eu quero me lembrar. Quero lembrar do olhar dela quando se deu conta de que precisava abandonar a pessoa que era o seu vínculo mais próximo com Webb. Será que ela olhou para mim e disse que me amava? Ou não falou nada porque as palavras cortariam sua garganta, fazendo-a sangrar até a morte no caminho de volta?

Sentada na sala de espera do hospital St. Vincent's, esperando a recepcionista terminar sua ligação, penso em tudo que sempre quis dizer à minha mãe e em como tudo mudou nas últimas vinte e quatro horas.

— Está pronta? — Griggs pergunta, voltando do telefonema para Santangelo.

Faço que não.

— Quer que eu vá perguntar?

Olho para ele, tentando sorrir.

— No que você está pensando? — ele pergunta. Estou juntando pequenos detalhes sobre ele também. Ele sempre pergunta isso porque vai à terapia toda semana em Sydney e é isso que seu terapeuta lhe pergunta. E às vezes ele fica um pouco tímido, como agora, e esta manhã. Isso me faz ficar tímida também. Queria saber se todo mundo fica assim na manhã seguinte, ou se conversam e riem como se fosse a coisa mais natural do mundo. Queria saber se somos aberrações da natureza.

— Estou pensando que, depois de ontem à noite, você não devia passar a manhã num hospital descobrindo se minha mãe quase teve uma overdose.

— E estou pensando que, depois de ontem à noite, quero estar em qualquer lugar que você esteja, mesmo que seja num hospital perguntando

sobre sua mãe.

Mas nós sabemos que estamos pensando muito mais do que no agora.

— Digamos que, depois de quarta, a gente nunca mais se veja...

— Para — ele diz, bravo.

— Jonah, você mora a seiscentos quilômetros de mim — argumento.

— Entre hoje e quando a gente se formar no ano que vem, tem pelo menos umas dez semanas de férias e uns cinco feriados. Existe e-mail e mensagens de texto e celular, se você conseguir sinal na cidade. Se não, os cinco minutos que você pode falar comigo pelo telefone fixo são melhores que nada. Tem os nerds do xadrez que querem convidar você para nossa escola para a competição de março e tem essa cidade no meio, projetada por Walter Burley Griffin, onde a gente pode se encontrar e protestar contra a recusa do governo a assinar o Protocolo de Kyoto.

— Nossa, Jonah — digo, fingindo indignação. — Queria que você pensasse mais na nossa relação.

— E depois a gente faz planos.

— Desde que você não tenha um caso com Lily, a sua vizinha.

— Na verdade, o nome da minha vizinha é Gerty. Ela é maior que eu e pode me vencer numa luta de braço. Eu *nunca* nesse mundo sairia com uma menina chamada Gerty porque, se a gente casasse e ela quisesse pegar meu sobrenome, passaria a se chamar Gerty Griggs.

Dou risada pela primeira vez em dias, então respiro fundo e me levanto.

— Estou pronta.

Vamos até o balcão e pergunto com educação por Tate Markham, na esperança de que ela esteja usando seu nome verdadeiro. A recepcionista olha uma lista na frente dela e balança a cabeça.

— Tem certeza de que ela está aqui? — ela pergunta.

— Não, mas nos falaram que ela estava.

Ela digita algo e começo a me sentir mal. Rezo para não ter que fazer tudo de novo. Ela balança a cabeça novamente e ouço Griggs pigarrear.

— Tem algum asilo St. Vincent por aqui?

— Ao lado.

Solto um suspiro aliviado e agradeço antes de sairmos.

— Qual é a diferença? — pergunto para ele.

Ele dá de ombros.



Quando entramos no asilo, passo pelo mesmo procedimento. Depois de um momento, vejo que a recepcionista encontrou o nome e o examina com atenção.

— Ela esteve aqui — ela diz.

Sinto o braço de Griggs em volta de mim. *Esteve*. O que *esteve* quer dizer? Verbo *estar*. No passado. Significa que não *está* mais?

— Ela recebeu alta.

O alívio quase me faz pular o balcão e dar um abraço nela.

— Recebeu alta? Não é um eufemismo não, né?

A mulher fica confusa.

— Ela recebeu alta umas seis semanas atrás.

Há seis semanas tudo mudou no meu mundo. Hannah foi embora. Griggs chegou. O menino da árvore dos meus sonhos começou a trazer uma criatura chorosa para o nosso bate-papo noturno.

— Em que dia?

Ela olha para nós e posso ver a janela se fechando.

— Temos leis de privacidade, não podemos simplesmente dar essa informação...

— Por favor — eu suplico, tirando a carteira do bolso e mostrando minha carteirinha de estudante para ela. — Temos o mesmo sobrenome. Posso te mostrar a foto dela. Ela é minha mãe e faz seis anos que não a vejo.

Ela olha para mim, depois para Griggs, e sinto que vai ficar emotiva também, mas então volta a digitar.

— Ela saiu no dia 16 de setembro.

Olho para Griggs.

— A última vez que vi Hannah foi no dia 15.

— Tem certeza?

— Reunimos o Conselho de Liderança todo dia 15 de setembro, todo ano, e eu a vi naquela manhã. Nós brigamos.

Viro para a recepcionista.

— Ela mesma assinou os papéis? — pergunto.

— Não — ela diz, lendo a tela.

— Foi Hannah Schroeder que assinou?

— Não — a recepcionista examina a tela com atenção. — Foi Jude Scanlon.

— Jude... — sussurro, entusiasmada. — Ai, meu Deus, Jonah! Vou conhecer Jude.

— Jude Scanlon? — Griggs diz. — Você nunca mencionou nenhum Jude Scanlon.

— Sim, mencionei — olho para a mulher e sorrio. — Obrigada.

— Boa sorte — ela deseja.

— Ele é o cadete — explico enquanto saímos. — Aquele que eu te contei que plantou as papoulas.

— Taylor — ele diz, e vejo em sua expressão que há algo errado. — Jude Scanlon não é só um cadete. Ele é o brigadeiro.

Fico em choque, mas tudo começa a fazer sentido. Voltamos para o carro, que não quer ligar. Enquanto Griggs tenta consertá-lo, sento no meio-fio e uso o celular dele para ligar para casa. Uma das meninas do nono ano atende e me faz um pequeno questionário torturante sobre onde estou, quando vou voltar e *se* vou voltar, e fala alguma coisa sobre o sr. Palmer e o homem do exército terem levado Jessa naquela manhã. Peço para ela passar o telefone para Raffy e, segundos depois, ouço a voz familiar da minha amiga.

— Onde você está? — ela pergunta, e noto uns cinco tons diferentes na sua voz, incluindo tristeza, preocupação e alívio.

— O que está acontecendo aí? — pergunto.

— Não sei — ela suspira. — O sr. Palmer e o brigadeiro levaram Jessa hoje de manhã e ainda não a devolveram. Por favor, me diz que eles não são os *serial killers*.

— Não, eles não são. Promete para mim que nunca vai repetir essa teoria.

— Promete para mim que você vai voltar.

— Claro que vou voltar. Mas por que eles levaram Jessa? Você não consegue descobrir com o pai de Chaz?

— O pai de Chaz está puto. Tipo, muito PUTO.

— Ele descobriu que Chaz invadiu a delegacia?

Posso ver que Griggs tirou os olhos do que está fazendo e está esperando a resposta.

— Chaz está ferrado — ela diz.

— Como assim? Na cadeia ou pintando a cidade? — tento descontraír.

— Taylor, o pai dele não está falando com ele. — Noto que Raffy não está no clima para brincadeiras.

Olho para Griggs e digo para ele:

— O pai do Chaz não está falando com ele. Ele te contou?

— Putz, não — ele diz, chocado. — Ele não vai conseguir lidar com isso.

Volto para Raffy, que continua falando.

— ... e Chaz está muito magoado com isso. E o pior é que ele não fala onde vocês estão, então virou uma Guerra Fria lá. Ele diz que o pai dele acha que nunca mais vai confiar nele. Tem certeza de que você está bem?

— *Você* está bem?

— Como vou estar bem? Você fugiu, Jessa foi levada por uma pessoa que vocês duas me disseram que era um *serial killer*, Ben está lendo o Antigo Testamento e não para de citar cenas de vingança e o nome do Jonah Griggs, e Chaz está tão pra baixo que não falou metade do tempo que passei com ele ontem à noite.

— E o que vocês fizeram na outra metade? — pergunto.

— Muito engraçadinha você, Taylor. Volta para casa e para de complicar as coisas.

— Não consigo achar minha mãe, as coisas *estão* complicadas.

— Então simplifica e volta para casa.

— Só busca a Jessa. Logo mais eu volto.

Griggs senta na calçada ao meu lado, segurando uma peça que tirou do motor. Ele não faz ideia de como consertar carros e, quanto mais olha para a peça, mais confuso fica. Não sei em que me concentrar nem em que ordem. Começo pela minha mãe, que saiu de um asilo sabe Deus por qual motivo? Ou pelo brigadeiro, que acabei de descobrir que é um dos seus adorados amigos de infância? Ou talvez por Raffy, que está preocupada com Chaz? Ou por Jessa, que está sendo interrogada neste exato momento? Ou eu devia começar por Griggs, com quem eu... eu o quê? Eu nem sei que termo usar. Nós transamos? Fizemos amor? Dormimos juntos? Ele é meu namorado? E Hannah? Onde está Hannah no meio disso tudo?

— Vamos precisar pegar o trem para Yass e depois voltar de lá. — Griggs diz. — Temos que deixar o carro aqui.

Olho para ele e balanço a cabeça.

— Você me deixou traumatizada com os trens para Yass — falo. — Vou ligar para a delegacia de Jellicoe.

Griggs olha para mim como se eu estivesse maluca. Quando me atendem, falo quem eu sou e peço para chamarem o pai de Santangelo. Espero menos de três segundos e ele já está na linha.

— Taylor? Cadê você? — ele pergunta, num tom devastado.

— Em Sydney. Jude Scanlon está aí?

— Não. Jonah está com você?

— Sim.

Ouço um suspiro de alívio. Dois adolescentes desaparecidos encontrados.

— Vocês vão voltar logo? — Agora é um tom desconfiado.

— Depende do brigadeiro. Pode passar uma mensagem para ele? Diz que vamos estar no asilo. Aquele de onde ele tirou minha mãe seis semanas atrás. Ele pode ligar pra gente lá ou no celular do Jonah. Fala para ele que eu quero saber onde minha mãe e Hanna estão, e quero Jessa McKenzie de volta ao alojamento o mais rápido possível.

— Mais alguma coisa? — Agora é um tom seco.

Estou prestes a dizer “não” e desligar, mas mudo de ideia.

— Sim, na verdade sim — eu digo. — Encontrei um menino aqui que eu conheci quando era criança e sua mãe o largou com um pedófilo por duas semanas quando ele tinha oito anos. Imagino que você saiba tudo que há para saber sobre o pai de Jonah, e que o meu pai está morto, e que minha mãe não está presente há anos e sabe-se lá Deus a verdadeira história de Jessa. O que estou querendo dizer, sargento, é que falta só um pouquinho pra gente atingir a cota de adultos confiáveis, então você não tem o menor direito de ser hipócrita com o que Chaz fez e, se continuar se recusando a falar com ele, sendo que o único crime dele foi querer que eu tivesse o que ele tem, pense que você vai virar um péssimo pai e, quer saber? Estou cansada das pequenas decepções da vida. Entende o que estou falando?

Ele fica em silêncio por um momento.

— Só queremos vocês aqui de volta. — O tom preocupado em sua voz me dá vontade de chorar, mas preciso manter minha raiva focada para seguir em frente.

— Por quê?

— Porque é o que sua mãe quer e, se ela souber que você foi até aí e encontrou sabe-se lá Deus quem, isso iria...

— Sem broncas — eu digo. — Só respostas. *Por favor.*

Ouço um suspiro.

— Vou falar com Chaz e passar sua mensagem para Jude. Ele vai ter as respostas para você, Taylor.

Desligo. Griggs me encara, desconcertado.

— Você consegue ser meio assustadora às vezes.

Devolvo o celular para ele e encosto a cabeça no seu ombro.

— Você acha que o brigadeiro vai vir nos buscar? — pergunto.

— São onze e meia — ele diz. — Dá uma viagem de seis, no máximo sete horas. Aposto dois trilhões de dólares que ele vai estar aqui às dezoito em ponto.

Quando Griggs ganha a aposta, falo que vou levar uma vida para juntar dois trilhões de dólares, e ele me diz que meu prazo é de no máximo setenta anos.

O brigadeiro para o carro na frente do asilo e, ao sair, deixa muito claro que não está nada contente. É a primeira vez que o vejo sem uniforme, e é a primeira vez que olho para ele com atenção. Devo estar tremendo, porque Griggs se aproxima e sussurra para eu não me preocupar. O brigadeiro nota a conversa e não se impressiona. Ele tem aquele olhar que diz “Eu sei o que vocês fizeram na noite passada”.

— Hannah está louca de preocupação.

— Jura? — eu pergunto. — Bom, agora ela deve saber como me senti nas últimas seis semanas.

Ele me lança um olhar de desdém e se volta para Griggs.

— Vou deixar você na sua casa, Jonah. Estaremos de volta daqui a dois dias, então não tem por que fazer todo o caminho de novo.

Não consigo me mover. Estou agarrada a Griggs, sem conseguir soltá-lo, mas Griggs me empurra de leve para o banco do passageiro da frente.

— Eu prefiro voltar, senhor.

— Não é uma opção, Jonah — ele diz baixo.

— Não importa se o senhor vai me levar ou se vou ter que pedir carona na beira da estrada. Vou voltar para o acampamento, senhor. — Griggs não derrama uma gota de suor, o que é incrível, porque sei como ele se sente em relação ao brigadeiro. Ele entra no banco traseiro e coloca o cinto de segurança com calma. O brigadeiro olha para ele pelo retrovisor.

— Teria sido melhor ter deixado tudo como estava há três anos.

Suponho que “tudo” seja minha relação com Griggs.

— Como você e Narnie fizeram? — pergunto. — Você teve uma opção. Podia ter ficado longe, mas voltou.

Ele se senta, olhando para a frente.

— Cadê minha mãe? — pergunto.

O brigadeiro dá partida no carro e sai da rua estreita.

— Cadê elas? Minha mãe e Hannah?

— Não podemos ver nenhuma das duas agora.

— Para o carro! — eu digo, furiosa.

Ele continua dirigindo.

— Quero ver as duas *agora!* — Tiro o cinto. — Para o carro.

Ele não para e bato nele com força. O carro dá uma guinada e Griggs me segura por trás do banco.

— Taylor, calma — ele diz firme, sem me soltar.

O brigadeiro diminui a velocidade e estaciona à beira da estrada. Estou tão furiosa com ele que quero que ele sofra mais do que ninguém que já conheci na vida.

— Logo mais — ele diz e percebo que o cansei. — É o que Tate quer, Taylor, e pode parecer a coisa mais injusta do mundo para você, mas precisamos obedecer o desejo dela.

Relaxo um pouco e Griggs me solta.

— Senhor — ele diz, e tem algo diferente na sua voz. — Conta a verdade para ela. Por favor.

Não entendo do que ele está falando até Griggs se inclinar para a frente.

— A mãe dela estava num asilo. A minha vó esteve num asilo. Eu sei o que isso quer dizer.

O brigadeiro olha para mim e o vejo engolir em seco. As coisas vão se encaixando devagar.

— Ela não tem muito tempo.

Ouçõ um som. É tipo um animal moribundo e me dou conta de que vem da minha própria garganta. No minuto seguinte, saio do carro e corro rápido. Ouço os passos de botas pesadas atrás de mim e sinto uma mão me segurar. Ele me faz parar, mas me solto da mão do brigadeiro e bato nele com força várias e várias vezes. Meu punho está cerrado e grito de raiva, e dói ter tantos sentimentos. Por um tempo, ele me deixa bater, como se estivesse resignado. Depois, pega meus braços e me segura com tanta força

que chega a doer. Encosta meu rosto contra o seu peito e ouço as batidas do seu coração.

De repente, estou em outro lugar, em outro tempo. Nos ombros de um gigante. Eu queria que fossem os ombros do meu pai e, todo esse tempo, eram os de Jude. Mas ele me abraça de um jeito que Hannah nunca me abraçou. Sinto seu alívio, como se não abraçasse ninguém há muito, muito tempo. Por mais que quisesse.

Não falamos muito na caminhada de volta ao carro, mas ele continua com a mão no meu ombro e a sinto tremer. Quando entramos, ele pigarreja e dá partida.

— Ela achava que você era o *serial killer* — Griggs conta para ele.

— Fiquei sabendo. Pela Jessa McKenzie.

Não quero falar ainda, mas fico curiosa.

— O que você fez com ela? — pergunto baixo.

— Além de perguntar sobre você, fiquei ouvindo uma história fascinante sobre a minha vida secreta como sequestrador.

— Com base em evidências incriminadoras — Griggs acrescenta. — Aparentemente, você sempre esteve perto ou longe quando alguém desaparecia.

— Bom, enfim, eu gosto de raptar pessoas — ele diz, seco.

— Segundo o jornal, gosta mesmo.

— Aquilo não foi rapto. Foi levar você para um lugar mais seguro.

— Eu?

— Você.

Nada vem fácil. É como se ele tivesse passado a vida toda se censurando. E eu entendo, porque conheço Hannah há muito tempo.

— Como?

— Você tinha sete anos. Tate ligou para Hannah, chapada, sem fazer a menor ideia de onde tinha deixado você. Quando cheguei, você, que era muito esperta, tinha sido encontrada num dos carrinhos de bagagem na Central.

Minha mãe me largando por aí não era nenhuma novidade. O fato de isso significar alguma coisa para ela, sim, me surpreende.

— Ela ficou apagada por alguns dias, então eu fiquei com vocês — ele continua. — Um dia, enquanto ela estava dormindo, decidi levar você de

volta pra casa da Narnie. Só que, quando cheguei a Jellicoe, Tate tinha ligado para a polícia e eles me acusaram de rapto.

Tiro do bolso a fotografia de mim quando tinha três anos e a mostro para ele. Ele a pega da minha mão, observando-a por um momento antes de voltar os olhos para a estrada.

— Foi você que tirou esta foto? — pergunto.

— Narnie tirou. Você veio morar com a gente. Foi um período ruim para Tate. Ela nos fez prometer não devolver você para ela até ela ficar completamente sóbria.

— Então por que você me devolveu?

— Porque ela ficou sóbria. Se havia alguém capaz de fazer Tate sentir alguma coisa era você, Taylor. Mas então, sabe-se lá como, ela escorregou, e daí foi ladeira abaixo. Às vezes, ela sumia com você. Perdemos o rastro de vocês por anos e então, um dia, quando você tinha onze anos, ela ligou para Narnie, louca da vida, e disse que estava levando você. Ela assinou os documentos e nos falou que, em nenhuma condição, poderíamos permitir que ela ficasse com você de novo. Que ela era tóxica. O ódio que ela sentia de si mesma era... não sei explicar. Ela se recusou até a encontrar Narnie. Ela falou que você estaria na loja de conveniência às doze e quinze. Mas fez Narnie prometer uma coisa: que nunca seria uma mãe para você. Porque você tinha uma mãe.

E Narnie honrou a promessa. Mantendo-me à distância desde que consigo me lembrar.

— Ainda não fazemos ideia do que a fez reagir daquele jeito — ele disse.

— Não importa — digo baixinho, pensando em Sam.

Ele me observa com cautela.

— Ah, importa sim, acredite em mim. Tudo que acontece com você importa.

— Mas não hoje, senhor — Griggs diz, firme.

Ficamos em silêncio por um tempo e quero fazer mil perguntas, mas não sei como. Fico observando enquanto ele dirige. Há um pouco de tristeza em seus olhos e, embora ele seja musculoso e não tenha nenhuma gordura, ele parece magro e doente.

Ele sente meu olhar e se volta para mim por um momento. Então abre um sorriso tão carinhoso que me traz lágrimas aos olhos.

— Eu pareço com Narnie — digo, como se conseguisse ler sua mente.



— Um pouco. Mas parece muito com Webb.

Quando o silêncio fica pesado, coloco o CD de Santangelo e ele olha para mim, confuso.

— Kenny Rogers?

— Jessa é fã. Estou começando a me identificar com algumas das músicas — falo para ele.

— “Coward of the County”?

Olho feio e ele fica sem jeito e, por um minuto, noto seus olhos se voltando para Griggs pelo retrovisor.

— Eu quis dizer “The Gambler”.

— Mentiroso.

Mas meu tom é mais suave. Chegamos a uma espécie de trégua e, quando ele volta a falar, começo a lembrar da sua voz. Eu a conheço desde pequena. Percebo que foi entre esse homem e Hannah que dormi uma vez quando era criança. Lembro de acordar no meio de pesadelos, com o coração acelerado, e que sua voz me acalmava, lendo para mim histórias de dragões e monstros. Toda vez que o personagem do livro, Max, fazia a jornada de volta para casa, eu apontava para a página e dizia: “Ele está voltando para a mamãe dele”.

Enquanto Griggs dorme, o brigadeiro me conta histórias que eu nunca tinha ouvido. Sobre todos os filmes que eles gravavam numa super-8, sobre danças em meio às árvores como se fossem pagãos, sobre o rifle semiautomático de Fitz e os tiros que ele dava em tudo que se movia, sobre ficar sentado numa árvore com Webb, filosofando sobre o sentido da vida. E sobre os planos deles de construir um abrigo contra bombas caso os russos e os americanos se atacassem com armas nucleares, sobre as maratonas de competições de pedra, papel e tesoura, e sobre os jogos de baralho.

Eu me apaixono por aquelas crianças de novo e de novo, e meu coração dói com suas tragédias e se maravilha diante da amizade. E é como se estivéssemos conversando há cinco minutos, e não há cinco horas.

*Os dias que eles mais adoravam eram os passados na clareira, falando sobre aonde iriam depois dali. Jude, em especial, gostava desses dias porque mostravam que ele tinha algo a oferecer. A cidade grande era uma paisagem inteiramente nova, que Jude conhecia melhor do que todos eles.*

*Fitz estava na árvore, posicionando as cinco latas estrategicamente.*

— Desde que a gente não more num bairro metido a besta onde as pessoas bebem café e falam merda — ele gritou.

— A arma vai ter que ficar — Jude disse. — As pessoas na cidade grande não ficam atirando em árvores.

Fitz pulou de um galho para o outro e desceu pelo tronco antes de saltar e rolar no chão como um soldado.

— Acha que eu poderia entrar para os cadetes, Jude? — ele ironizou depois de levantar.

— Você tem psicopata tatuado na testa, Fitz. É óbvio que vão deixar você entrar. Fitz pegou a arma, mirou e atirou, acertando duas das latas escondidas.

— O que vai acontecer com Narnie? — Tate perguntou. — Se sairmos daqui ano que vem, ela vai ficar sozinha por mais um ano.

— Vocês não podem ficar aqui — Narnie disse baixinho. — Não têm onde morar e não têm emprego. Precisam ir pra cidade.

— Mas vamos ter dinheiro quando fizermos dezoito — Webb explicou. — E vamos comprar aquele terreno perto do rio, deste lado da estrada Jellicoe. A casa vai ter três andares; o de cima vai ser um sótão. Vai ter um teto solar pra gente poder ver todas as estrelas da galáxia. Da janela da frente, no térreo, vai dar para ver o rio e, quando todos estivermos velhos e grisalhos, vamos sentar ao lado da janela e morrer tranquilamente ali, fumando nossos charutos, falando merda, reunindo a família...

Ele imitou um sotaque americano e Narnie deu risada.

Uma bala acertou a terceira lata e, alguns segundos depois, outra acertou a quarta.

— Ei, comandante Jude, consegue acertar aquela?

— Ei, Fitz Fodido, não estou a fim.

— Boa pedida — Tate riu.

— Quando vamos voltar pra construir a casa? — perguntou Jude.

— Quando terminarmos a faculdade. Nós voltamos, construímos a casa durante um ano e depois nos espalhamos. Mas é para a casa que sempre vamos voltar.

— Nos espalhamos? — Tate perguntou. — Por quê? Vamos ficar aqui. Por que ir a outro lugar?

— Porque nunca vamos saber como esse lugar é incrível se não sairmos — Narnie respondeu.

— Eu sinto falta daqui sempre que vou embora — Jude disse.

— E você nem é daqui — Fitz disse.

Jude o encarou.

— Que foi? — ele perguntou, com raiva. — Precisa ter nascido aqui? Seus pais precisam estar enterrados aqui? Ou precisa ser parente de alguém?

Fitz voltou a mirar e atirou e, por um momento, todos pararam, esperando o som da bala na lata. Mas nunca ouviram. Ele olhou para Jude e deu de ombros.

— Não. Só precisa se sentir bem aqui. Bem sentir.

— Por sangue?

— Por amor — Narnie disse, sem levantar os olhos.

— Boa pedida — Webb falou para ela, orgulhoso.

— Então você está dentro, Jude — Fitz disse, pulando em cima dele. — Porque eu te amo. Te amo, Jude, você é meu herói. Me beija, me beija, me beija, me beija.

— Vai sonhando. — Jude o tirou de cima dele e eles ficaram lutando entre as folhas. Webb se jogou em cima dos dois e Narnie também, com seu risinho se transformando numa gargalhada crepitante quando fizeram cócegas nela.

E Tate ficou vendo, ouvindo e absorvendo tudo.

— Você está ouvindo? — ela disse baixo, tocando a barriga. — Porque você vai se sentir bem aqui também.

Mais tarde, eles voltaram para a estrada para se despedir de Fitz e Jude. Como sempre, a despedida demorou mais do que o tempo que tinham passado juntos na clareira. E, quando o sol se pôs e as copas das árvores sacudiram acima deles, eles se separaram.

— Você não acertou a quinta lata — Webb gritou para Fitz antes de eles entrarem na floresta.

— Não se preocupa — ele disse com um aceno. — Depois volto para acertar.

— Por que você e Hannah não estão mais juntos? — pergunto, sonolenta, quando chegamos aos arredores de Jellicoe.

— Eu e Hannah sempre estivemos juntos de certa forma. Só que é complicado. Quando perdemos Fitz...

Então o silêncio volta. Sempre o silêncio.

— Eu sei quem ele é, tá? Mas isso é tudo que eu sei. E que Webb está morto e Tate está morrendo. Mas tem mais.

— O que mais você precisa saber, Taylor? Eu sou seu guardião. Assim como Hannah. Trazíamos você para cá sempre que Tate te perdia de vista. Quando Hannah estava com você, ela ficava feliz.

— E quando você ficava com Hannah, você ficava feliz?

Ele tira os olhos da estrada.

— Sem você, ela sentia culpa, remorso e desespero, e olhava para mim e eu sabia em que estava pensando. Ela queria que eu fosse o irmão dela, Fitz ou Tate. Não era para nós termos sobrevivido, Hannah e eu. Éramos os que tinham menos esperança.

Entramos na estrada Jellicoe e sinto a presença dos cinco ao meu redor, porém, mais do que tudo, quero falar para Jude Scanlon que ele está errado sobre o que se passa na cabeça de Hannah. Quero dizer que, no fundo, toda vez que Hannah olha para ele, ela fica agradecida porque é ele, porque ele fez algo que os outros não fizeram. Ele voltou para ela.

— O que aconteceu com ele? — Griggs pergunta baixinho. — Com Fitz?

— A loucura foi chegando, ela ia e voltava — o brigadeiro disse depois de um tempo. — Conheceu uma menina linda, teve uma filha e depois a mãe da criança morreu. Câncer. Acho que Fitz pensou que tudo que ele tocava morria, então ele se impôs o exílio, como se quisesse se afastar da filha para ela não ficar amaldiçoada de alguma forma. A verdade sobre Fitz e Tate é que eles também amavam as filhas deles, e não conseguiam abandoná-las. Mas, um dia, quando não conseguiu mais aguentar os demônios na sua cabeça...

Ele não terminou a frase. Não precisava.

— E a filha dele? — pergunto. — A gente devia encontrá-la.

Mas de repente um caminhão de bombeiros passa zunindo por nós, e depois outro e mais outro.

— Que diabos foi aquilo? — pergunto, estreitando os olhos para ver melhor. O brigadeiro acende o farol alto, mas o desliga imediatamente. Vindo na nossa direção estão outros dois pares de faróis.

— O que está acontecendo? — Griggs pergunta. — Por que as pessoas estão na estrada a esta hora da noite?

Um terceiro carro passa por nós quando cruzamos o único farol da estrada Jellicoe. Vejo um rosto pressionado contra as janelas de trás, um rosto tão pequeno e amedrontado que me faz sentir uma onda de choque e que quase me paralisa. É o rosto de uma das meninas do sétimo ano da Lachlan.

— A escola — sussurro. — Acho que está pegando fogo.

# Vinte e cinco

Sinto um frio na barriga quando chegamos na entrada da escola. Sei que meu mundo está prestes a cair e isso me deixa tão fraca que mal consigo respirar. Em outros tempos, eu teria me encantado com as cores. O fogo é espetacular, e há raios de luz vindo dos carros e caminhões, e holofotes e sirenes vermelhas girando. Mas a luz só deixa ver a expressão das pessoas por uma fração de segundo; depois elas ficam obscurecidas de novo e, nesse meio-tempo, sou forçada a pensar no que poderia deixar alguém tão devastado.

O brigadeiro freia o carro de repente. Abro a porta com tudo e saio correndo pelo terreno. Não sei para quem ou para onde estou correndo, mas estou voando, seguindo a luz, cada vez mais perto da chama. Minha Casa está pegando fogo. *Minha Casa*. Caminhões de bombeiros estão estacionados no gramado, bombeando água para o andar térreo. Ao meu redor, é o caos. Há pessoas por toda parte, se agarrando a qualquer menina de pijama que encontram no meio da confusão. Os líderes das Casas e os professores estão tentando manter os alunos longe, gritando para todos voltarem para suas respectivas Casas. A polícia está aqui, os paramédicos, os bombeiros. Nunca vi tantos estranhos na escola em toda a minha vida. Quero que todo mundo vá embora para eu poder encontrar minhas meninas. Vejo algumas de relance e examino seus rostos, sabendo que preciso conferir se todas as quarenta e nove estão a salvo. Quando elas me veem, me chamam ou vêm correndo, e algumas se agarram a mim com toda a força. Cruzo com o olhar de um dos professores, que parece derrotado.

Ajudo as meninas a vestir os casacos ou blusas que as outras Casas nos deram. Três do sétimo ano estão paralisadas e me ajoelho na frente delas.

— Quero que vocês vão com essas pessoas. Elas vão cuidar de vocês. Amanhã vou buscá-las. Todas vocês. Prometo. Juro pela Bíblia Sagrada.

Elas olham para mim e assentem, segurando minha mão, com o lábio trêmulo, lágrimas caindo e soluços disparados como metralhadoras de tristeza, criando sua própria carnificina de desespero.

— Não conseguimos chegar até elas — uma delas sussurra. — Elas estavam no quarto do fundo, onde ficam todas as tralhas. Uma delas correu para lá quando tudo começou a pegar fogo. Mas eu vi. Vi as duas e elas não conseguiram chegar até nós e nós não conseguimos chegar até elas e então tudo...

— Elas quem? — pergunto, tentando não demonstrar o pavor na minha voz.

— ... e ela ficava dizendo “Não se preocupem”... e depois tudo desmoronou e ela ficou repetindo “Não se preocupem, meu pai... meu pai... meu pai...”. O que ela vivia dizendo sobre o pai, Taylor? Não lembro mais.

Sinto alguém colocar um cobertor sobre mim, mas não viro para ver quem é. Seguro as três meninas até um dos pais citadinos vir pegá-las. Então vejo Raffy ao lado da sra. Morris, completamente desnordeada. Por um momento, volto ao estado de meia hora atrás. Meu coração bate num ritmo normal. Vou andando até elas, observando os movimentos maníacos de Raffy, que está anotando coisas numa folha de papel. Quando ela olha para mim, quase não a reconheço. É como se eu tivesse ficado fora por um milhão de anos e o mundo inteiro tivesse mudado.

— Anotei o nome de todas — ela diz para mim e para a sra. Morris naquele seu tom de voz prático. — Escrevi C ao lado do nome das que foram pra cidade ou o nome da Casa para onde foram. Olha. Assim a gente pode manter o controle e saber onde encontrá-las depois.

Não consigo ler a lista porque a mão dela treme demais. Olhamos uma para a outra e só aceno. Não consigo falar.

— Anotei todos os telefones também — ela diz.

— Quantas faltam? — consigo perguntar.

— Duas.

Sinto que estou perdendo o fôlego e me recrimino. Agora não, Taylor. Nem tudo gira em torno de sua incapacidade de respirar quando está sob pressão.

— Me mostra a lista — digo, ofegante.

Mas ela balança a cabeça várias e várias vezes.

— Espera até todas estarem aqui, Taylor. Só mais dois nomes e todas vão estar aqui. *Todas.*

Olho para a Casa, ainda em chamas. Olho para os bombeiros em volta dela.

Pego a lista das mãos trêmulas de Raffy e vejo os nomes de todas as meninas, com exceção de duas. Uma onda de náusea toma conta de mim. *Por favor, não essas duas. Por favor, nenhuma delas.*

— Vamos tirar você daqui — ouço a sra. Morris dizer. — Essa fumaça não vai fazer bem pro seu pulmão.

Mas ela é só uma das vozes e um dos rostos que vejo.

Raffy se mantém ocupada, falando sem parar, conduzindo as meninas do sétimo e do oitavo ano para os carros que vieram da cidade. Vejo a mãe de Santangelo chegar. Quero voltar para duas semanas atrás, quando ela estava chamando Santangelo de bostinha, e eu e Jessa ríamos da bagunça organizada da casa deles, querendo fazer parte daquele lugar, mas sentindo alívio por podermos sair dali.

Raffy continua a dar instruções.

— Georgina é diabética. Nada de açúcar, insulina antes de tudo de manhã... Sarah, coloca o aparelho antes que você perca...

Vejo Trini da Casa Darling. Nada histérica. Está dando ordens práticas, como se fosse uma executiva. Então, olhamos uma para a outra e ela encosta em mim, mas me afasto porque sou um bloco de gelo. Não quero sentir nada. Não quero pensar.

— Vamos levar as veteranas e as meninas do décimo ano. A Hastings vai levar as do nono — ela me diz.

Só aceno com a cabeça, ela retribui e volta ao trabalho.

Atrás de mim, Raffy continua dando instruções.

— ... ela é alérgica a penicilina. E elas têm lição de casa sobre pronomes pessoais, e têm que juntar pelo menos cinco exemplos de...

Num minuto, está tudo tão perto, e logo em seguida está tudo girando e esse giro brinca com meu estômago. Então Chaz está aqui, olhando para mim muito triste, e depois ele vê Raffy.

— ... nada de amendoim. Ela morreria com amendoim, não pode nem sentir o cheiro...

— Raf — ele diz, com uma voz cansada. E isso é tudo. Só “Raf”.

Ele a abraça. Por um momento, eles ficam em completo silêncio, e sei que é aquela parte silenciosa do choro, anunciando que o sofrimento mais terrível está por vir. E o sofrimento vem, e Chaz tenta abafar o som, mas consigo ouvi-lo e quero que alguém venha e injete um sedativo em Raffy porque seu choro corta a minha alma.

Tremo ao ver o pai de Santangelo vindo em nossa direção. Como é que todo mundo parece mil anos mais velho depois de tão poucas horas?

Ele se ajoelha ao lado de Raffy.

— Tem certeza de que não as viu? — ele pergunta com gentileza, tentando se fazer ouvir entre o barulho. — Elas podem ter sido levadas por um dos pais citadinos.

Ela balança a cabeça várias e várias vezes.

— Sal... — ela sussurra, horrorizada. — Elas estão lá dentro.

Começo a andar na direção da Casa, deixando o cobertor cair dos meus ombros.

Jessa. Chloe P. Jessa. Chloe P. Estou andando na direção da Casa. Jessa e Chloe P. estão no quartinho do fundo do alojamento. Estou correndo. Seus nomes estão martelando na minha cabeça e me dou conta de que não estou só pensando neles, estou grunhindo seus nomes, e dói. Jessa e Chloe P. Me aproximo dos caminhões de bombeiros, estacionados a poucos metros da varanda da frente.

— Jessa! — grito com a voz tão rouca que parece que o som ressoa pelos meus ouvidos e os faz estalar. — Chloe!

As mãos de alguém me puxam para trás. As mãos do brigadeiro. As mãos de Jude Scanlon. E então vejo os bombeiros correndo para fora da casa na mesma hora que um estrondo atordoa nossos ouvidos. Todos recuam, observando a cena sem poder fazer nada. As janelas implodem com a pressão e o fogo urra contra nós, como um ogro se recusando a nos deixar entrar.

Olho ao redor e o mundo se transformou em uma nevasca sombria e nebulosa. Estou afundando cada vez mais. Ouço pessoas dizendo “Alguém segura a menina!” e “Chamem uma ambulância, porra!”. Então uma mão em forma de garra entra pela minha boca, desce pela minha garganta, alcança meus pulmões, arranca meu ar e tira minha vida, e eu a deixo...



Estou com o menino da árvore dos meus sonhos. Aqui em cima, consigo respirar e estou feliz. Conto para ele que sonhei que ia para a escola à beira da estrada Jellicoe e lá travava uma guerra contra os cadetes e os cidadãos, mas eu perdi porque, anos antes, tinha me rendido ao líder do inimigo.

Então ouço um choro e nos viramos na direção do som.

— De onde ele vem? — pergunto.

O menino olha para mim, confuso.

— Foi você que o trouxe para mim, Taylor. Umas semanas atrás.

— Eu?

— Ele não quer sair. — ele diz — E eu não consigo entrar.

Vou engatinhando, seguindo o som. Estou cada vez mais perto, mais perto... quando estou bem pertinho, coloco a mão entre os galhos e a deixo lá. Parece levar séculos, mas enfim ele a pega e me puxa para dentro. Então fico sentada frente a frente com o ermitão, que está chorando.

— Me perdoa, me perdoa.

Percebo que não é comigo que ele está falando e sei o que tenho de fazer. Seguro sua mão com firmeza e o convenço a ir para o galho onde o menino está esperando.

Ficamos ali sentados por um tempo, o menino, o ermitão e eu. Às vezes, penso ouvir alguém chamando meu nome, mas bloqueio esse som porque, no momento, não há nenhum outro lugar onde eu queira estar. O menino se inclina para a frente e me pede para explicar ao ermitão que não há nada para perdoar. Eu obedeço, e a cara que o ermitão faz é de pura alegria.

Eles falam sobre Tate, Narnie e Jude. Falam sobre a Árvore da Oração e sobre as mensagens que escreviam no tronco. Falam sobre o túnel e me contam que, uma vez, mediram quanto tempo levava de uma ponta à outra, e que Webb desmaiou porque nunca tinha visto o mundo tão escuro.

— Nós vimos o diabo lá embaixo — o ermitão me diz e eles riem tanto que sinto inveja por não poder participar.

Eu fico de pé porque a vista daqui é fantástica e o menino sorri tanto que cria um vinco nas bochechas, e eu nunca vou ver nada tão bonito. Então, ele me pega pela mão e me leva até a beirada.

Olho para Webb e digo:

— Era atrás de mim que você vinha todo esse tempo.

Mas ele faz que não

e me empurra...

Abro os olhos. Os rostos ao meu redor estão pálidos e em choque. O brigadeiro, o pai de Santangelo, o comandante dos bombeiros. Raffaella está segurando meu inalador diante da minha boca. Um segundo depois, Griggs e Santangelo vêm correndo até mim e ficam me observando. Griggs está com cara de quem viu um fantasma. Será que ele sabe de alguma coisa que eu não sei? Ele tenta me contar, tenta me abraçar, mas o pai de Santangelo o afasta devagar.

— Deixa ela respirar.

— Nós ficamos sabendo... — Santangelo começa, com a respiração tão ofegante que quase não consegue falar.

Estou de volta à realidade e, de repente, lembro de tudo. Mas tem barulho demais nos meus ouvidos e gente demais falando ao mesmo tempo. Observo a casa. Tudo parece estar sob controle, mas sei que tem algo estranho, e olho para os homens à minha frente.

— Vocês não estão conseguindo encontrar as meninas, não é? Não estão conseguindo encontrar os corpos delas?

Posso ver que o moço da brigada rural se surpreende com a pergunta porque troca um olhar com o pai de Santangelo.

— E não tem nenhuma outra saída daquele alojamento.

— Não tem como elas terem saído — o pai de Santangelo diz. — São duas menininhas.

Mas estou encarando o brigadeiro. Vejo algo em seus olhos.

— Exceto pelo subterrâneo. “Meu pai falou que tem um túnel em algum lugar aqui embaixo” — sussurro. — É o que Jessa sempre dizia. E Fitz saberia, não é, Jude? Você sabia quem era ela, não sabia? — digo, virando para o pai de Santangelo. — É por isso que vocês a levavam para passar as festas de fim de ano com vocês. Vocês sabiam que ela era filha do Fitz.

— Vamos pro hospital — o pai de Santangelo diz, levantando e assobiando para a equipe de emergência.

— Jude, ela está no túnel. Fica embaixo da Casa Lachlan, não é? Começa no almoxarifado. Não é lá que elas ficaram presas? Chloe P. correu para o almoxarifado quando o incêndio começou, Jessa foi atrás dela e elas ficaram presas lá.

Jude se levanta, olhando fixo para a casa, depois para mim, e depois para a Casa Murrumbidgee.

— O que está acontecendo? — o pai de Santangelo pergunta.

Jude balança a cabeça, confuso.

— Vamos — ele diz, estendendo a mão para mim.

O moço da brigada de incêndio rural está irritado.

— Você está tentando me dizer que acha que existe um túnel embaixo daqueles prédios? — ele pergunta. Jude sai correndo e todos o seguem.

— Eu deveria saber — Jude diz, enquanto me esforço para acompanhar seu ritmo. — Eu ajudei a construir.

Entramos na Casa Murrumbidgee e Jude nos conduz pelos dormitórios até a lavanderia. No alojamento, os meninos estão tremendo, ainda em choque. Noto Richard com eles, como se não tivesse saído de perto a noite toda. Tiramos tudo do caminho. Lá, embaixo de cinco ladrilhos no canto da lavanderia, há um buraco no chão.

— Meu Deus! — o pai de Santangelo exclama, balançando a cabeça.

E eles começam uma discussão ridícula para decidir quem desce.

O moço da brigada se oferece, mas o pai de Santangelo diz que ele é do tamanho de um armário e que mal conseguiu passar pela porta da lavanderia, que dirá por um buraco no chão. Até o sr. Palmer se oferece, mas ele está à beira de um ataque cardíaco, embora ninguém diga isso para ele.

— Eu vou — Jude diz, com firmeza.

— O senhor dirigiu por quase treze horas seguidas — Griggs fala. — Deixa que eu vou.

— Estou mais em forma — Santangelo argumenta.

— Eu sou um cadete, seu imbecil. Sabe quantas vezes já rastejei com a barriga no chão?

— Você não vai descer lá — o pai de Santangelo diz, com vigor. — Nenhum de vocês.

— Você vai? — Santangelo pergunta. — Você tem pressão alta e a mamãe vai me matar se eu te deixar ir.

— Eu vou — Jude repete. — Fui eu que construí o túnel.

Griggs já está com a cabeça no buraco. Ele olha para Jude.

— Imagino que seja para ir de cabeça porque não tem espaço para mover o corpo.

— Jonah...

— Deixa que eu vou — Griggs diz. Ele olha para mim. — Preciso fazer isso.

Jude sabe que não tem escolha e concorda, relutante.

— Você vai ficar com a barriga no chão a maior parte do tempo.

— Espera um minuto — diz o moço da brigada, depois de acompanhar toda a discussão. — Há a chance de que elas possam...

... estar mortas. Jessa e Chloe P. podem estar mortas. Pior ainda é que Griggs pode encontrar os corpos. É isso que o comandante dos bombeiros não quer dizer.

Quero falar mil coisas para Griggs, mas Jude já pegou as botas dele, pronto para segurá-lo de cabeça para baixo.

— Não podemos perder mais tempo. Se encontrar as meninas, você não vai conseguir se virar. Não tem espaço suficiente. Vai ter que voltar de ré. Vamos tentar iluminar o máximo possível, mas, por enquanto, você tem nossas lanternas. É mais escuro do que qualquer lugar a que você já tenha ido nos seus treinos, Jonah.

Griggs assente e desce antes que tenhamos tempo de dizer outra palavra.

O rosto do pai de Santangelo deixa claro que ele não acredita que vamos obter um bom resultado. Essa é a pior parte dos policiais. Eles já viram tanta merda que quase nunca esperam um final feliz. Santangelo é igual. Ele fica o tempo todo com a cabeça no buraco, apontando a lanterna para o túnel para que Griggs tenha um pouco de luz.

— Quando eu desmaiei — começo a contar para Jude —, vi meu pai e o ermitão, que na verdade era Fitz. Eu sempre pensei que ele fosse velho, mas é só uma questão de perspectiva. Como naquela vez que o vi com a arma e ele ficou me dizendo “Me perdoa, me perdoa”, mas nunca foi para mim. Era com Webb que ele estava falando. Todo esse tempo, pensei que Webb o estava trazendo para o meu sonho, mas agora sei que era eu quem o estava levando até Webb. Ele só queria ser perdoado. E Webb disse que não tinha o que perdoar.

O pai de Santangelo olha para mim e depois para Jude. Eu sei que eles me acham maluca, mas também sei que não sou.

— Foi um sonho muito bom — digo para Jude, querendo que ele acredite em mim. — E eu queria ficar, mas ele me empurrou da árvore, daí eu acordei.

— Você não estava dormindo, Taylor — o sr. Palmer diz, categórico. — E você não desmaiou.

Alguém chega com holofotes e os enfia no buraco. Richard se agacha perto de mim e ficamos esperando.

— Acha que Jessa e Chloe P. estão lá embaixo? — ele pergunta.

— Eu sei que estão.

Ele chega o mais perto possível do buraco e depois volta para onde estou.

— Quem construiu? — ele pergunta.

— Hannah, o brigadeiro, o pai de Jessa, minha mãe e meu pai. Meu pai era o líder da Casa Murrumbidgee, sabia? — explico e, pela primeira vez em toda a minha vida, sinto orgulho. — Foi ideia dele.

— Isso explica sua personalidade psicótica — ele murmura, antes de sair.

Fico olhando para o moço da brigada. Parece que ele vai ser nosso primeiro profeta da morte.

— Jude? Posso ter uma palavrinha com você? — ele pergunta. Eles trocam um olhar não muito confiável.

— Você vai perguntar por quanto tempo elas podem ficar lá embaixo, não é? — pergunto, olhando para Jude à espera da resposta. — Vai perguntar quanto tempo elas têm.

O silêncio paira por um momento e até Santangelo tira a cabeça do buraco só para ouvir a resposta.

— O mais rápido que alguém já conseguiu atravessar foi vinte minutos. Narnie. Porque ela era pequena. Então Jessa e a outra menina têm isso a seu favor.

— O nome dela é Chloe — o sr. Palmer lhe informa.

— E o mais devagar? — pergunto.

— Quarenta minutos. Um de nós desmaiou lá embaixo e, quando o tiramos, ele estava com dificuldade para respirar. Vocês têm que entender que não é como rastejar por um túnel. É mais como se apertar dentro de um buraco.

— Webb? — pergunto.

— Sim — ele responde. — Webb era fortinho.

— Então por que você deixou Jonah entrar? — pergunto, furiosa. — Ele é enorme e vai ficar preso lá embaixo.

— Porque ele é o menor e o mais em forma de todos nós. Ele tem resistência física. Além disso, não vai ficar com medo e, acredite em mim, Taylor, lá embaixo...

— ... dá para ver o diabo de tão escuro.

Ele faz que sim.

— Eu só fiz o trajeto todo uma vez e jurei que nunca mais faria de novo. Era diferente quando a gente estava construindo porque começamos a cavar das duas pontas, então só precisávamos engatinhar metade do caminho.

— Há quanto tempo elas estão lá embaixo? — Santangelo pergunta.

— Imagino que tenham ficado no almoxarifado até não aguentarem mais a fumaça. Acho que já faz uns trinta minutos.

— Elas já não teriam chegado aqui a essa altura?

Ninguém responde. A cabeça de Santangelo desaparece no buraco de novo e olho para Jude, querendo ver alguma coisa, *qualquer coisa*, em seu rosto.

Ficamos sentados em silêncio enquanto a equipe de emergência entra e sai, e os paramédicos começam a chegar. Às vezes, vejo o rosto dos meninos da Murrumbidgee na porta, mas o pai de Santangelo manda Richard levá-los para os dormitórios dos veteranos lá em cima. Porque ele está achando que vão ter que carregar os corpos pelo alojamento e não quer que as crianças os vejam. Eu me sinto enjoada pela bilionésima vez.

— Ela não escreveu sobre o túnel — falo baixo para Jude.

— Ela não escreveu sobre muita coisa.

— Por quê? Estar no túnel foi pior do que ver a própria mãe morta? Ou mais pessoal do que o que aconteceu entre vocês dois?

Acho que ele não gosta muito que eu saiba dos detalhes íntimos da vida deles.

— Quando Webb não voltou do túnel e todo mundo estava ficando preocupado, Narnie entrou. Ela ficava assustadora quando perdia o medo. Eu lembro da expressão deles quando tiramos os dois de lá. Meu Deus, ela estava, sei lá, atordoada.

— Acha que ele falou alguma coisa para ela? — pergunto. — Talvez tenha contado que deixaria todos vocês. Talvez estivesse cansado da depressão de

Narnie ou de Tate sempre grudada nele. Talvez não tenha sido o Fitz no fim das contas...

— Não, acho que aconteceu uma coisa no túnel que Narnie já tinha sentido muito tempo antes. Ele perdeu a esperança. Webb sem esperança era como um motor enguiçado num avião. Ele era nossa força vital. Acho que ela viu isso e ficou com medo.

— Shh! — Santangelo diz para todo mundo. — Estou ouvindo um barulho! — Ele enfia a cabeça e metade do corpo pelo buraco de novo, e seu pai o segura pelos joelhos.

Não ouço nada. Ficamos esperando; meu coração bate descontroladamente e sinto enjoo.

Digamos que Griggs perca a esperança lá embaixo. E Chloe P. E Jessa.

Digamos que Jessa nunca volte a rir. Ou cantar no karaokê ou me importunar com um trilhão de perguntas sem sentido. Digamos que ela nunca mais deite na cama com as outras meninas, sussurrando sobre os meninos de quem elas gostam. Digamos que ela nunca chegue a ter a minha idade, e digamos que ela nunca se apaixone ou descubra como eram os pais dela. Digamos que ela nunca seja mãe de alguém ou amiga de longa data de alguém. Digamos que ela nunca me ouça dizer que eu sempre soube que ela era especial e que por isso eu era tão horrível com ela. Porque pessoas com tanta energia me dão muito medo. Elas me fazem querer ser uma pessoa melhor, e isso não é possível.

— Beleza — diz a voz abafada de Santangelo, e começam a puxá-lo para cima.

Ele segura as pernas de Griggs, e há terra por toda parte. As mãos de todos estão se agarrando onde podem, tentando tirá-los dali. Vejo o torso de Griggs, completamente escurecido, e então seus braços e suas mãos, e depois outras mãos, e posso ver que são de Jessa, mas ela não se mexe. Ele está ofegando e estão puxando Jessa, e a equipe de emergência está colocando equipamentos de respiração na boca deles e só me deixam chegar perto quando está tudo no lugar.

Griggs parece abalado. Eu sei que ele está se odiando por não poder descer de novo.

Ele olha para Santangelo, que olha para o pai, que assente, incerto.

— Se você fechar os olhos, vai conseguir controlar sua própria escuridão — Jude diz para Santangelo. — Entendeu?

Santangelo faz que sim e entra.

Não quero me sentir aliviada; Jessa não está se mexendo e Chloe P. ainda está lá embaixo. Vou até Jessa, mas os paramédicos estão cuidando dela e precisam de espaço. Eu me sinto inútil.

— Ela vai reconhecer sua voz? — um deles me pergunta.

— Sim — respondo. — Claro.

— Acho que quebrei o braço dela — Griggs diz, encolhendo-se no chão.

— Não se mexa até darmos uma olhada em você também — diz um dos paramédicos.

Os paramédicos olham para mim.

— Fala com ela. Precisamos que ela reaja.

Deito ao lado de Jessa e pego sua mão. Por um momento, não sei o que dizer. Mas depois conto para ela sua história favorita. De quando seu pai roubou uma bicicleta e desceu pela estrada Jellicoe e salvou a vida dos meus pais e de Hannah. Conto que o amavam como um irmão e que aquela noite mudou a vida deles para sempre. Conto sobre a irmã de Tate, que só tinha oito anos quando morreu, e como Fitz entrou nos destroços várias e várias vezes para tirar o corpo dela e os corpos dos meus avós de lá, mesmo sabendo que poderia morrer. E, quando paro de contar a história porque estou com o coração partido, o pai de Santangelo assume, porque ele estava lá naquela noite. O motorista da ambulância também tem uma história para contar sobre Fitz McKenzie, e Jude completa o resto.

Sento e fico ouvindo a história da minha família, dos Schroeder e Markham, que partiram em jornadas diferentes naquele dia sem saber das trágicas ironias e das alegrias daquela colisão de mundos na estrada Jellicoe. Penso sobre as pessoas que nunca teriam se conhecido se aquilo não tivesse acontecido. Como Fitz e Jude.

E eu.

As pessoas que eu nunca teria conhecido se eu pertencesse a apenas uma dessas famílias. Como Raffy, Jessa, Chaz e Ben.

E Jonah Griggs.

Olho para ele enquanto o enchem de curativos, e ele olha para mim, e sei que essa vai ser uma das últimas chances que vou ter de vê-lo tão de perto por muito tempo.

Ficamos sentados em silêncio, esperando Santangelo sair e, cinco minutos depois, Chloe P. emerge do túnel chorando. Ela se agarra a mim enquanto



checam se há algum osso quebrado. Seu rosto está sujo de lama e ela entra em pânico sempre que tentam colocar a máscara de oxigênio nela.

E então, pela primeira vez naquela noite, todos respiram calmamente. O sr. Palmer, como todos os outros adultos que vi naquela noite, parece mil anos mais velho, mas está aliviado e quebra a regra de não encostar em ninguém, me abraçando com tanta força que quase paro de respirar. De novo.

— Elas estão bem? — Richard pergunta na porta.

O moço da ambulância faz que sim e Richard desaparece. Alguns segundos depois, ouvimos gritos de alegria e passos no andar de cima e do lado de fora, e o lugar vira um fuzuê.

Quando levam as meninas na maca, a escola toda parece estar esperando na entrada. As meninas da Lachlan pulam em cima de mim, vindo de todas as direções. Olho para Griggs, mas ele é tragado pelo caos. Sinto um cansaço que não consigo ignorar.

Chegamos no hospital e vemos que Raffy e a maior parte das meninas do sétimo e do oitavo ano que tinham sido levadas para a cidade estão aqui. Acho que ninguém tem coragem de dizer para elas pararem de fazer barulho.

— Essa é a melhor noite da minha vida — Raffy diz, chorando.

— Raffy, metade da Casa pegou fogo — digo, exausta. — Perdemos a cozinha.

— Por que você sempre precisa ser tão pessimista? — ela pergunta. — Podemos dividir os quartos e fazer churrasco toda noite, como os cadetes.

Em silêncio, prometo a mim mesma manter Raffy por perto pelo resto da vida.

Acordo na sala de espera do hospital, apoiada no ombro de Jude. Ele está lendo um jornal e olha para mim quando me mexo. Fico encarando-o por um bom tempo; talvez porque, durante muito tempo, toda vez que ele cruzava meu caminho, eu desviava o olhar. Eu tinha interpretado mal meu nervosismo.

— Eu lembro... de ficar nos seus ombros — digo, com sono.

— Eu lembro de você nos meus ombros — ele responde, abaixando o jornal.

Eu sento e espreguiço, com o pescoço tenso.

— Você estava errado ontem no carro, sabia? — falo para ele. — Quando disse que, toda vez que Hannah olha para você, ela na verdade está querendo que você fosse outra pessoa. Acho que toda vez que ela olha para você, ela tem medo de que você não volte, assim como os outros.

Ele não diz nada, mas depois de um momento, ele abre um sorriso triste.

— Sua mãe ligou para Hannah umas seis semanas atrás. Contou que não tinha muito tempo de vida, mas que Hannah devia um favor a ela. Falou que queria morrer sóbria.

Ele se interrompe e sei que ainda haverá muitas outras pausas. Por um segundo ou dois, fecho os olhos. Quero voltar para a árvore, mas não volto. Volto para os ombros do gigante.

— Hannah ficou... inconsolável, assim como quando Webb morreu e depois Fitz. O pior era que o plano de Tate era uma loucura. Se em algum momento Tate precisou de drogas de verdade, era esse. Mas você não conhece sua mãe. Ela já tinha decidido tudo. Não queria ir pra reabilitação; ela não conseguiria lidar com as típicas afirmações positivas, nem conseguiria passar tanto tempo perto de estranhos logo agora, no fim da vida. Ela queria parar com todas as drogas, com tudo, até com a quimioterapia, e queria que Hannah e eu ficássemos lá com ela. Então fui buscá-la e Hannah foi depois. Elas estão no alto das montanhas, perto de Sydney.

— É porque minha mãe queria morrer sem dever nada a ninguém. Como a sra. Dubose.

— Não, não é isso. Quando assinei os papéis, ela disse: “Quero morrer sóbria pela minha garotinha, Jude. É tudo que eu quero. É tudo que posso dar para ela”.

Fico pensando nas coisas. Em como ela imagina que eu sou, e se ela e meu pai já conversaram sobre o que queriam para mim. Mas, antes que eu possa dizer alguma coisa, Jude está olhando sobre o meu ombro e vejo uma mudança nele. Eu nunca vi aquele olhar antes, mas já o imaginei. O olhar de Jude Scanlon aos catorze anos quando viu Narnie do outro lado da estrada.

Sigo seu olhar e lá está ela, entrando pela porta do hospital. Hannah.

Eu levanto e vou até ela. Minha espera finalmente terminou. Se eu quiser mais, preciso ir pegar, exigir, segurar com toda a minha força e fazer o melhor possível. Abraço-a e a seguro firme e, pela primeira vez, não existe nada entre nós. Estou abraçando a única pessoa no mundo que tem o mesmo sangue que eu: a irmã do meu pai. Aquela que, numa noite, ficou parada no

mesmo lugar durante horas só para proteger o irmão de ver algo que acabaria com a vida dele.

— Minha mãe está aqui? — pergunto baixinho quando ela me solta.

— No asilo. Podemos ir para Sydney amanhã.

Faço que não.

— Hannah... — digo. — Acho que meu pai gostaria que ela viesse para casa. Pra casa à beira do rio.

Ela concorda. Pela primeira vez, posso tomar as decisões.

— Então, cadê nossas ratinhas do túnel? — ela pergunta por sobre minha cabeça, olhando para Jude.

Ele pega a mão dela e a puxa para o seu lado. Eles não dizem nada enquanto caminham comigo, mas já estive aqui antes, por isso sei que palavras são desnecessárias. Eu lembro desse amor. Essas duas pessoas me ensinaram o amor e, quando vejo Hannah se aproximar e dar um beijo na cabeça adormecida de Jessa, sei que, aconteça o que acontecer, Hannah e Jude sempre estarão lá. Como sempre estiveram. E amanhã precisarei deles mais do que nunca.

Quando minha mãe voltar pela última vez para a casa da estrada Jellicoe.

# Vinte e seis

No dia seguinte. Todo mundo fala isso o tempo todo, então me acostumo com a expressão. No dia seguinte, temos que enfrentar a realidade de que o andar térreo da Lachlan está completamente destruído. Nenhuma foto, nenhum pôster, nenhum peixe, nenhuma roupa, nenhum livro, nenhum diário. Tudo se foi. No dia seguinte, as paredes do meu mundo estão carbonizadas e sinto um gosto de cinzas na boca, e minha mãe está prestes a voltar para a minha vida durante as últimas semanas da vida dela. No dia seguinte, Jonah Griggs se prepara para partir, e preciso acreditar na sua boa-fé e no meu pressentimento de que vamos nos ver, talvez pelo resto de nossas vidas. No dia seguinte, finalmente aceito que meu pai está morto e que o legado deixado por aquele que o matou é uma menina de treze anos que segura meu braço enquanto observamos o espaço ao nosso redor. Ela sussurra:

— Eu sabia que você viria me buscar, Taylor. Falei para a Chloe P.: “Não se preocupa, a Taylor vai encontrar a gente”.

Ouçõ o sr. Palmer falar para Hannah que foi uma falha elétrica. Temos cinco incendiários na escola, e o motivo é algo tão sem graça. Eles nos prometem que o alojamento e a cozinha estarão finalizados até voltarmos do Natal, dali a alguns meses, e já sinto falta das meninas. Já sinto falta de tudo no meu mundo.

Passamos o último dia de Griggs na casa de Hannah, com Santangelo e Raffy. É a primeira vez que ele vê Hannah, tirando aquele dia quando tínhamos catorze anos, e a atmosfera era fria e hostil.

— Parece que você tem um problema comigo — ele diz, no seu típico estilo Griggs.

Percebo que ele se arrepende de ter dito isso ao ser agraciado com um dos longos olhares frios de Hannah.

— Acho que vai demorar um pouco até eu perdoar aquela viagem para Sydney — ela diz, categórica.

— Justo. Acho que vai demorar um pouco até eu perdoar o que você fez a Taylor passar nas últimas seis semanas.

Fico olhando para os dois e, pela primeira vez, me ocorre que não estou mais sozinha, e que não pretendo fingir que estou. Tenho uma tia e tenho Griggs, e é essa a sensação de estar conectada às pessoas.

— Sabem de uma coisa? — pergunto para os dois. — Se vocês não se derem bem e não esquecerem essas coisas, eu é que nunca vou perdoar vocês.

Da varanda, vejo Griggs lá dentro através da janela, conversando com Raffy e Santangelo.

Consigo sentir o olhar de Hannah sobre mim e o ignoro pelo maior tempo possível.

— Eu sei no que você está pensando — digo.

Ela não diz nada.

— Fala alguma coisa — peço, querendo descontar todos os sentimentos ruins em Hannah porque é o mais fácil a fazer.

— O que quer que eu diga? — ela pergunta, paciente.

— O que você está pensando.

— Tá. Por que as coisas têm que ser tão intensas entre vocês dois? — ela pergunta.

— Porque eu tenho uma tia chamada Narnie e uma mãe chamada Tate — retruco. Quero me controlar, mas não consigo. Estou triste demais. Encaro-a e sinto meus olhos se encherem de lágrimas. — Você acha que eu não quero que ele vá embora mais do que você mesma quer? Pois eu *quero*. Porque preciso saber se consigo respirar direito sem ele por perto. Se alguma coisa acontecer com ele, preciso saber que não vou ficar arrasada, como Tate ficou sem Webb. Ou você sem Jude. Não é só do meu pai, nem de Fitz nem mesmo da Tate que você sentiu falta todo esse tempo. É de Jude.

— Jude está na minha vida, Taylor.

— Então por que vocês não estão juntos?

— Ele é um soldado, Taylor — ela diz, cansada. — Ele vai aonde o mandam ir. Timor Leste. Ilhas Salomão. Iraque. Onde precisarem manter a

paz. Por que a gente sempre tem que brigar?

— Não estamos brigando, Hannah. Só não quero me segurar mais e não quero que você se segure. Eu sou a sua única parente viva e, um dia, vou precisar te visitar num asilo e te dar gelatina na boca, então acho que tenho o direito de saber o que te motiva nessa vida.

Ela me encara e sinto muito amor. Agora conheço a história dela e entendo por que ela age assim às vezes.

— O que me motiva? Tate. Jessa. Você. Jude.

— Quando você olha para ele, ele acha que você fica pensando que preferia que fosse Webb, Fitz ou Tate. Você sabia disso?

— Ele sabe o que significa para mim. Não pensaria uma coisa dessas.

— Ele me contou. Eu perguntei por que vocês não estavam juntos e ele disse que vocês sempre estiveram juntos. Mas isso é besteira. Eu já entendi tudo e acho que vocês eram um casal até eu ter sete anos, mas, nos últimos dez, vocês estiveram separados, e vocês só se encontram quando precisam resolver alguma coisa a meu respeito. Você escreveu o livro sobre tudo isso, Hannah. Nunca notou que ele sempre se sentiu deixado de fora? É como se ele quisesse ter feito parte daquele acidente ou quisesse ser louco como o Fitz. Como se ser Jude Scanlon não fosse o bastante para você.

— Você não sabe do que está falando.

— Por que não casa com ele?

— Porque ele nunca me pediu em casamento. Talvez não seja para dar certo. Talvez seja só porque nós sobrevivemos. O laço...

— Hannah, você e Jude não têm um laço porque são os únicos sobreviventes. Você e Jude têm um *problema* por serem os sobreviventes. Parece que vocês não conseguem perdoar um ao outro. Como você conseguiu perdoar Tate pelo que ela fez e Webb por ter morrido? E Fitz! Como você conseguiu perdoar Fitz? Ele matou seu irmão! Atirou nele na árvore! Você conseguiu perdoar todos eles, mas não consegue perdoar Jude por viver.

Hannah fica em choque.

— O que você quer que eu diga? Que, se ele me pedisse em casamento, eu diria sim? Tá. Sim. Mas o luto às vezes nos transforma em monstros, Taylor, e às vezes dizemos e fazemos coisas com as pessoas que amamos e não conseguimos nos perdoar depois.

Mas eu não desisto.

— Eu me perdoaria. Eu faria de tudo para ficar com Jonah.

Jude para o carro na mesma hora em que Griggs sai da casa.

— Preciso ir — Griggs diz da porta. Hannah vira e noto que está mais frágil do que nunca. Ela passou as últimas seis semanas cuidando de uma viciada, e posso ver pelo seu rosto magro que isso não fez bem para ela. O que será que aconteceu entre ela e Tate? Será que Tate sempre teve inveja da relação de Webb e Narnie? É por isso que não deixou que Hannah fosse minha mãe durante todos esses anos?

— Boa viagem, Jonah — ela diz baixinho.

— Obrigado.

Ele fica me esperando.

— Eu já vou — digo para ele enquanto Raffy e Santangelo caminham na direção de Jude, apertando sua mão em despedida.

O plano é que Jude vá com os cadetes e volte no dia seguinte com minha mãe. Parece o que ele sempre faz: nos salvar de nós mesmos. Lembro dos santos dos livros de Raffy no sétimo ano. São Judas Tadeu era o santo padroeiro das causas impossíveis e desesperadas. Acho que Jude assumiu esse papel quando conheceu os Markham e os Schroeder.

— Precisa de alguma coisa? — ele pergunta ao pé da escada.

Hannah faz que não.

— Não dirige se estiver cansado amanhã.

— É melhor eu ir — falo baixo, descendo os degraus. Quando passo por ele, paro.

Quero dizer um monte de coisas para Jude e Hannah. Quero agradecer a eles e contar que minha vida seria igual à de Sam se não fosse por eles. Quero contar que o esplendor da lembrança de deitar entre os dois não será superado facilmente e que a história de amor deles me toca de um jeito que eu não acreditava ser possível. Quero convencê-los de que meu pai vem falar comigo à noite e que o amor dele pelos dois é infinito.

— Jude — digo, respirando fundo. — Hannah considera que, se você a pedir em casamento, ela vai dizer sim.

Dou um tapinha no seu ombro e saio andando, começando a correr ao chegar à clareira. Griggs está à minha espera. Ele pega minha mão e seguimos.

Os cadetes saem do armazém. As pessoas se amontoam em volta dos ônibus, se despedindo e organizando as comidas necessárias. Permaneço perto de Griggs enquanto ele fala com as pessoas ao seu redor e, embora não troquemos uma palavra, nunca nos afastamos mais que dois centímetros. De vez em quando, nossos olhares se cruzam enquanto ele fala com a mãe de Santangelo ou com um dos cadetes. Não ousa abrir a boca por medo de chorar.

Um dos professores chama os cadetes para a frente do ônibus e eles começam a fazer uma fila, gritando despedidas de último minuto. Vejo Ben dando instruções para Anson Choi, e os Irmãos Mullet discutem com eles na janela do ônibus. Eles têm um show agendado em Canberra e não conseguem entrar num acordo sobre a ordem das músicas. É evidente que todos se gostam muito, por mais que um dos Irmãos Mullet esteja dando uma chave de braço em Ben, fingindo bater a cabeça dele contra a lateral do veículo.

Ben sai e vem na nossa direção, me envolvendo com seu braço. Inocente, como sempre.

— Acho que já era para vocês terem entrado no ônibus — ele diz para Griggs.

— E eu acho que você pode acabar sendo atropelado por ele — Griggs diz, me puxando para longe de Ben com gentileza.

Ficamos nos observando. Como de costume, com Griggs é tudo intenso demais.

— Então você vai falar de mim para sua mãe? — ele pergunta.

Olho ao redor, onde Teresa, a refém da Casa Darling, está chorando. Seu cadete a olha com tristeza da janela do ônibus.

Dou de ombros.

— Talvez eu mencione que estou apaixonada por você.

Ele dá risada.

— Só que você vai dizer num tom de quem fala “Acho que vou lavar o cabelo hoje”.

Ele se abaixa para me beijar. Seguro sua camiseta, querendo aproveitar todos os segundos.

Ouçoo assovios, mas ele os ignora.

Estou despedaçada por dentro, me sentindo um personagem daqueles filmes trágicos de guerra.



O motorista do ônibus buzina.

— Sabe aquela árvore que parece um velho curvado? Na estrada Jellicoe?  
— ele pergunta, segurando meu rosto entre as mãos. É a sensação de que vou ter mais saudade.

Aceno.

— É o lugar com melhor sinal de celular.

— Griggs, eles estão esperando — Santangelo fala baixo.

— Eles que esperem.

Nos beijamos de novo e não ligamos para quem está vendo ou o quanto vão se atrasar.

Aos poucos, ele vai me soltando. Finalmente, se vira na direção dos outros.

— Até mais, Raffy — ele diz, erguendo-a do chão num abraço. Ele fala para Santangelo: — Você vai levar as duas pro Natal. Promete?

Eles trocam um aperto de mãos e dão um abraço rápido, depois ele me beija de novo e entra no ônibus. Posso vê-lo passando pelo corredor, mostrando o dedo do meio para alguém, e imagino o que está sendo dito lá dentro.

Teresa está chorando ao meu lado e Trini tenta consolá-la.

— Teresa, ele está no oitavo ano — eu a lembro. — Quer dizer que vai voltar pelo menos mais três vezes.

— Mas e se ele me esquecer ou conhecer outra pessoa ou fingir que eu não existo?

Olho para ela, depois para Trini e Raffy.

— Teresa, Teresa... Você não aprendeu nada com a gente? — Raffy diz irritada. — Isso é guerra. Então você entra e caça esse menino até ele se dar conta de que cometeu um erro.

Teresa parece esperançosa.

— Muitas guerras começaram por motivos mais bestas — Trini acrescenta.

Os Irmãos Mullet param ao nosso lado e ficamos vendo o ônibus partir. Sinto a tristeza de todos. Vamos juntos até a cidade.

— Querem que a gente vá lá amanhã? — Santangelo pergunta baixo.

Faço que sim.

— Fechado.

Sinto as lágrimas escorrerem pelo meu rosto e Raffy pega a minha mão e a aperta.

— Por que está tão triste? — Santangelo me pergunta. — Ele nunca vai sair das nossas vidas.

O carro para na frente da casa e eu me levanto. Nas fotos de quando ela tinha dezessete anos, o seu cabelo era preto e brilhante, sua pele muito branca e seus olhos azul-escuros, e ela tinha o rosto rechonchudo de uma pessoa saudável. Quando eu era pequena, ela oxigenou o cabelo, sua pele ficou pálida, seus olhos estavam sempre vermelhos e ela era muito magra. Mal lembro dela comendo, só fumando um cigarro atrás do outro, nervosa. Não sei que imagem é mais forte, mas sei que quero a menina com o cabelo preto e as bochechas coradas de volta.

No entanto, quem sai do carro não é nenhuma das duas, graças à quimioterapia. Ela está mais magra do que me lembro e me espanto ao pensar que, na verdade, ela tem a mesma idade que Hannah e Jude. Mas posso ver que seus olhos estão alertas e brilhantes. Ela olha para além da casa, para o carvalho à beira do rio, com a sombra de um sorriso no rosto, e sei que o está imaginando lá, como Hannah faz nas tardes de ventania quando está a sós com seus pensamentos. E como eu faço quando ele me visita nos meus sonhos.

Ela sorri quando Jude diz alguma coisa e vem andando na direção da casa, devagar. Fico parada no topo da escada, procurando algum sinal de mim em seu rosto. Imagino como deve ter sido difícil para ela ficar vendo todo aquele tempo os rostos de Webb e Narnie estampados no meu, e nenhuma marca dela. Quando chega perto da escada, ela me vê e para. Seu rosto está maravilhado, como se não conseguisse acreditar no que está vendo. Acho que ela estava esperando a menina emburrada de onze anos que tinha abandonado e, por um momento, tenho medo de que ela não saiba quem sou eu. Mas então ela começa a chorar. Não de maneira dramática, mas com muita tristeza, com a mão na garganta, olhando para mim. Ela tenta falar, mas não consegue. Desço os degraus da varanda em sua direção. Com as mãos trêmulas, ela segura meu rosto, soluçando.

— Que linda a minha garotinha.

Presto atenção em cada centímetro de seu rosto, na palidez doentia de sua pele, na secura de seus lábios. Me aproximo e encosto os lábios nos dela, como se quisesse devolver a ela um pouco de cor. Toco o seu rosto e o

cabelo áspero que está começando a crescer. Gosto da sensação dele na ponta dos meus dedos, como uma massagem.

— Não é bom para ela ficar do lado de fora — Jude diz baixo.

Pego-a pela mão, subimos a escada e entramos na casa. Ela olha ao redor, em êxtase.

— É exatamente como ele planejou — ela diz num sussurro, enquanto Hannah se aproxima e lhe dá um leve beijo. Apresento-a para Santangelo e Raffy, e então Jessa entra correndo, com o braço engessado, sorrindo aquele seu sorriso maníaco.

— Estou atrasada, não queria estar, mas precisaram arrumar meu gesso e o sr. Palmer demorou para me buscar. — Ela olha para a minha mãe. — Eles te contaram do incêndio e do túnel? E que Griggs quebrou meu braço?

Pego a mão de Jessa e a trago para a frente.

— Esta é Jessa McKenzie. Ela é filha do Fitz.

Minha mãe olha para Jessa, balançando a cabeça como se não conseguisse acreditar. Hannah se aproxima e a ajuda a sentar na cadeira perto da janela, colocando um travesseiro em suas costas. Ficamos ao redor dela.

— Olha só nossas meninas — ela diz para Hannah e Jude. — Como fomos ter tanta sorte?

— Acho que a gente mereceu, Tate.

Mais tarde, ela preenche as lacunas das histórias de Hannah e da minha imaginação. Ela me conta da vez em que meu pai sonhou comigo antes de eu nascer. Que estávamos sentados numa árvore, e que ele perguntou meu nome e eu disse que era Taylor.

# Vinte e sete

E a vida continua, o que parece meio estranho e cruel quando você está vendo alguém morrer. Mas também há alegria e fartura em tudo — risadas, verão e muitas histórias. Minha mãe me manda escrevê-las porque “Você é a última dos Markham, meu amor”. Então registro as datas, viagens, personalidades, características, os heróis, perdedores, as fraquezas e forças, tentando capturar todas essas pessoas porque, um dia, vou precisar do que elas têm a me oferecer. O pior e o melhor de tudo é que posso ver quem Tate Markham poderia ter sido e, às vezes, sinto muita raiva por só ter conhecido essa pessoa incrível quando estou prestes a perdê-la. Ela tem uma gargalhada que Narnie não conseguia ouvir por causa do luto, então Hannah não escreveu sobre ela. Se Webb tivesse escrito a história, eu já saberia daquela gargalhada. Tate me conta sobre sua irmã, Lily, que tinha apenas oito anos quando morreu, e que ainda consegue se lembrar do dia em que seu pai a colocou em seus braços, quando Tate tinha quatro anos, e disse: “Não existe bênção maior do que essa”.

E a vida continua.

Quando alguns dias são piores do que os outros, eu saio da escola e sento naquele lugar da estrada Jellicoe onde há sinal para ligar para Jonah. Sinto sua frustração e sua sensação de inutilidade por estar a seiscentos quilômetros de distância, mas preciso ouvir suas histórias sobre Danny, a mãe dele e o namorado dela, Jack, e como todos jantam comida tailandesa nas noites de quinta-feira e assistem a uma série policial. Conto que Jude se mudou e está dormindo no quarto da Hannah, e que Tate e eu atormentamos os dois para passarem um fim de semana fora, insistindo na nossa necessidade de ficar um tempo a sós. E que Raffy e eu precisamos dividir o quarto com Trini enquanto a Casa Lachlan é reformada, então temos que rezar com Trini toda

noite. E posso sentir sua inveja quando ele ouve sobre nossos fins de semana com a família Santangelo, com a mãe de Chaz contando para Hannah e Tate sobre as vezes que aqueles “dois bostinhas” andaram pela cidade num carro sem placa.

E a vida continua.

Quando um dia o destino nos visita novamente, Jessa entra correndo na casa de Hannah para nos contar que prenderam o *serial killer*. A voz dela é sussurrada e me esforço para não olhar para Jude, que está consertando os rodapés. Sinto seu sorriso quando seu olhar pousa sobre mim, e sei que ele nunca vai esquecer que desconfiei dele um dia. Pergunto “Quem?”, um pouco curiosa, mas Jessa já saiu pela porta à procura de Hannah e Tate.

— Ninguém importante — ela grita do outro cômodo. — Só um carteiro de Yass. — Olho para Jude e o vejo ficar pálido. Em silêncio, juramos nunca contar isso para os outros. À noite, minha cabeça se enche com o retrato daqueles adolescentes que vi nos recortes de jornal na cama de Jessa, e com as fotos dos outros dois que desapareceram em Yass no dia em que Jude nos encontrou. Penso na voz que Jonah acreditava ser do seu pai, nos avisando para não irmos além porque senão não voltaríamos.

E a vida continua.

Quando sabemos que o fim está próximo, eu me mudo para a casa à beira do rio e ficamos deitadas ali, minha mãe e eu. Coloco fones em seus ouvidos e deixo que ela ouça a música que Webb estava ouvindo quando morreu. A música sobre árvores de fogo e uma saudade dos que não estão perto. Conto que, desde que ela me deixou, ele me visita toda noite nos meus sonhos. Conto que a euforia que ele sente é como um elixir, e que acredito que vai ser o suficiente para que ela sobreviva.

Mas, uma noite, ele não está mais lá, e Fitz também não, e meu desespero é inexpressável. Grito para chamá-lo, para chamar os dois, em pé no nosso galho.

— Webb! Fitz! Por favor! Voltem, por favor! — E eu acordo e a seguro em meus braços, chorando incontrolavelmente. — Só mais um dia, por favor, mamãe. Só mais um dia, por favor. — E, quando a dor fica

insuportável, subo para o quarto de Hannah e Jude e conto para eles que ela morreu, me encolhendo na cama entre os dois. Estou em carne viva por dentro.

Minha mãe demorou dezessete anos para morrer. Eu contei.

Ela morreu numa casa na estrada Jellicoe. A estrada mais bonita que eu já vi, onde as árvores formavam uma cobertura arejada, como um túnel para Shangri-Lá.

A terra de Deus, Raffy diz. Ela jura que Deus vai mudar a forma como vejo o mundo.

Eu quero acreditar em alguma coisa.

Mas amo o mundo do jeito que ele é.

Alguns me perguntam por que ela não desistiu antes. A dor sem os remédios deve ter sido horrível. Outros dizem que foi errado da nossa parte não aliviar sua dor. Mas minha mãe disse que não morreria até ter algo para deixar para a filha.

Então espalhamos suas cinzas com as de Fitz do alto da Árvore da Oração. E, em janeiro, completamos a jornada que meu pai e Hannah começaram quase duas décadas atrás. Jude arruma uma casa à beira-mar para mim, Griggs, o irmão dele, Chaz, Raffy, Jessa e Narnie.

Enquanto observamos os outros brincando nas ondas, eu sento com Jessa e Hannah, que nos abraça.

— Eu queria ver o mar — ela nos conta —, e meu pai falou que já tinha passado da hora de nós quatro fazermos essa jornada. Lembro de perguntar: “Qual é a diferença entre viagem e jornada?”, e de meu pai responder... — Ela para por um momento, recuperando o fôlego. — Ele respondeu: “Narnie, meu amor, quando chegarmos lá, você vai entender”. Essa foi a última coisa que ele disse.

Jessa encosta a cabeça nela.

— Hannah, você acha que sua mãe, seu pai, a mãe, o pai e a irmã de Tate, a minha mãe e o meu pai, e Webb e Tate estão todos juntos? — ela pergunta inocente.

Olho para Hannah, à espera da resposta. E então ela sorri. Webb disse certa vez que o sorriso de Narnie era uma revelação e, neste momento, preciso de uma revelação. E recebo uma.

— Quem sabe? — Hannah diz.

# Epílogo

*Ele sentou na árvore, com a mente dominada pela ideia de que o bebê deles estava crescendo dentro de Tate. O gato ronronou ao seu lado, conspirando com a sua alegria. Através dos galhos, ele viu Fitz se aproximando, com a arma equilibrada nos ombros, assobiando uma música. Então Webb fechou os olhos, pensando no sonho da noite anterior, em que estava sentado no galho de uma árvore conversando com a filha. Na voz dela, havia tanta promessa e alegria que ele ficou sem ar. Ele contou para ela sobre seus planos de construir uma casa. Ele a faria de madeira, como a arca de Noé, com dois andares e vista para uma paisagem que pudesse admirar todo dia. Uma casa para Tate, Narnie, Jude, Fitz e para as famílias deles. Uma casa para onde voltar todos os dias de suas vidas.*

*Onde todos se sentiriam bem, e bem se sentiriam.*

*Um lugar na estrada Jellicoe.*

# Agradecimentos

À minha mãe, meu pai, Marisa, Daniela, Brendan, Luca e Daniel. Amo vocês para sempre.

Obrigada a todos que leram o manuscrito em sua versão mais rústica e, mesmo assim, conseguiram encontrar palavras de incentivo: mãe, Anna Musarra, Ben Smith, Margaret Devery, Anthony Poniris, Lesley McFadzean, Siobhan Hannan, Sadie Chrestman, Barbara Barclay, frei Eric Hyde. Um agradecimento especial a Maxim Younger, Patrick Devery e Edward Hawkins por suas anotações rigorosas e seus comentários.

Muita gratidão a Laura Harris e Christine Alesich, a Lesley McFadzean e a todos na Penguin Books e na Cameron Creswell, que tornam minha vida um pouco menos estressante.

Sou especialmente grata à hospitalidade oferecida na minha viagem a Leeton, Colleambally e Cowra em março de 2005, que me apresentou aos rios Murrumbidgee e Lachlan. Obrigada, Margaret e John Devery, Trish e Anabel Malcolm, Neil e Tom Gill, Vic e Narelle Rossato.

E Patrick e Ben, obrigada por me acompanharem e apontarem para os arrozais, citrinos e atropelamentos.





KIREN

MELINA MARCHETTA vive em Sydney, na Austrália, e começou sua carreira literária em 1992, quando publicou *Looking for Alibrandi*. Foi professora de inglês e história até 2006, quando resolveu se dedicar exclusivamente à escrita. Em 2009, *Na estrada Jellicoe* recebeu o Michael L. Printz Award, o principal prêmio de literatura jovem adulta dos Estados Unidos.

Copyright © 2006 by Melina Marchetta  
Publicado originalmente pela Penguin Australia em 2006.  
Tradução publicada mediante acordo com Jill Grinberg Literary Management LLC  
e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.  
Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

A citação original de *Poemas*, de W. B. Yeats, foi retirada da edição da Companhia das Letras (1992),  
com tradução de Paulo Vizioli.

TÍTULO ORIGINAL On the Jellicoe Road  
CAPA Carlo Giovani  
PREPARAÇÃO Raquel Nakasone  
REVISÃO Renato Potenza Rodrigues, Larissa Lino Barbosa e Vivian Miwa Matsushita  
ISBN 978-85-438-0558-0

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)  
[www.facebook.com/editoraseguinte](http://www.facebook.com/editoraseguinte)  
[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)

# Sumário

Capa  
Rosto  
Prólogo  
Um  
Dois  
Três  
Quatro  
Cinco  
Seis  
Sete  
Oito  
Nove  
Dez  
Onze  
Doze  
Treze  
Catorze  
Quinze  
Dezesseis  
Dezessete  
Dezoito  
Dezenove  
Vinte  
Vinte e um  
Vinte e dois  
Vinte e três  
Vinte e quatro  
Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

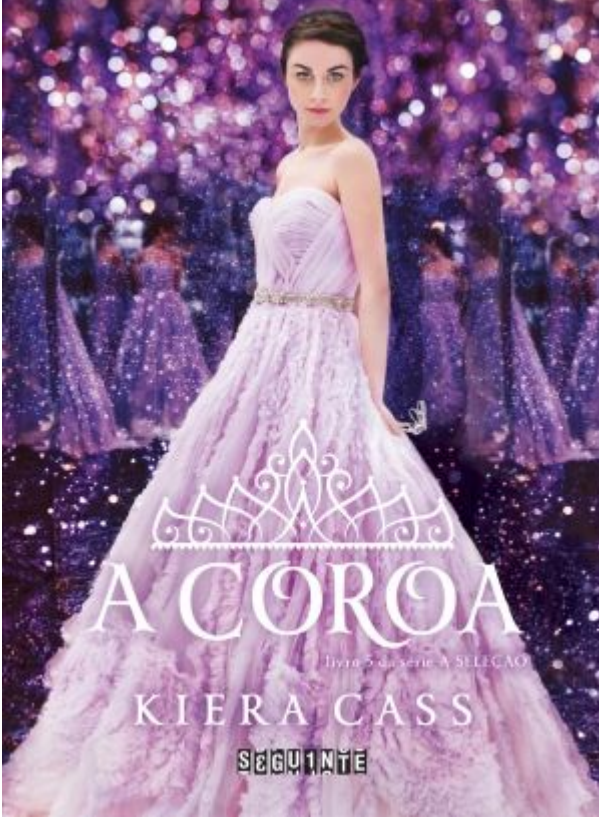
Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos

QUEM VAI GANHAR O CORAÇÃO DELA?



A COROA

livro 5 da série A SELECÇÃO

KIERA CASS

SEGUINTE

# A coroa

Cass, Kiera

9788543805825

312 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em A herdeira, o universo de A Seleção entrou numa nova era. Vinte anos se passaram desde que America Singer e o príncipe Maxon se apaixonaram, e a filha do casal é a primeira princesa a passar por sua própria Seleção.

Eadlyn não acreditava que encontraria um companheiro entre os trinta e cinco pretendentes do concurso, muito menos o amor verdadeiro. Mas às vezes o coração prega peças... E agora Eadlyn precisa fazer uma escolha muito mais difícil — e importante — do que esperava.

[Compre agora e leia](#)

AUTORA DA SÉRIE A SELEÇÃO  
KIERA CASS



A  
S E R E I A

SEGUINTE

# A sereia

Cass, Kiera

9788543804842

328 páginas

[Compre agora e leia](#)

Novo livro da autora da série A Seleção, que já vendeu mais de 1 milhão de exemplares no Brasil! Anos atrás, Kahlen foi salva de um naufrágio pela própria Água. Para pagar sua dívida, a garota se tornou uma sereia e, durante cem anos, precisa usar sua voz para atrair as pessoas para se afogarem no mar. Kahlen está decidida a cumprir sua sentença à risca, até que ela conhece Akinli. Lindo, carinhoso e gentil, o garoto é tudo o que Kahlen sempre sonhou. Apesar de não poderem conversar — pois a voz da sereia é fatal —, logo surge uma conexão intensa entre os dois. É contra as regras se apaixonar por um humano, e se a Água descobrir, Kahlen será obrigada a abandonar Akinli para sempre. Mas pela primeira vez em muitos anos de obediência, ela está determinada a seguir seu coração.

[Compre agora e leia](#)



UM CONTO DE A SELEÇÃO



# O PRÍNCIPE

KIERA CASS

SÉQUINTE

# O príncipe

Cass, Kiera

9788580866827

72 páginas

[Compre agora e leia](#)

Antes que trinta e cinco garotas fossem escolhidas para participar da Seleção... Antes que Aspen partisse o coração de America... Havia outra garota na vida do príncipe Maxon. Conto inédito e gratuito, O Príncipe não só proporciona um vislumbre dos pensamentos de Maxon nas semanas que antecedem a Seleção, como também revela mais um pouco sobre a família real e as dinâmicas internas do palácio. Você descobrirá como era a vida do príncipe antes da competição, suas expectativas e inseguranças, assim como suas primeiras impressões quando as trinta e cinco garotas chegam ao palácio. É uma leitura indispensável a todos que terminaram A Seleção e ficaram querendo mais! Ao final, contém os dois primeiros capítulos de A Elite, segundo volume da trilogia.

[Compre agora e leia](#)

LOOK RIGHT

*John Boyne*

# *Tormento*

DO AUTOR DE O MENINO DO PIJAMA LISTRADO

SEGUINTE

# Tormento

Boyne, John

9788580869163

88 páginas

[Compre agora e leia](#)

Apesar de sentir falta do irmão mais velho, que estava fazendo faculdade em outro país, Danny aproveitava o tempo livre das férias para andar de bicicleta e jogar bola com seu melhor amigo, Luke Kennedy. Até que um dia volta para casa e, estranhamente, não vê sinal de sua mãe. Quando a sra. Delaney finalmente chega, vem acompanhada de dois policiais. Ela havia se envolvido em um acidente - atropelara um garotinho que agora estava em coma, com poucas chances de sobreviver. A sra. Delaney se afoga em culpa e se isola de todo mundo, inclusive do marido e de Danny. O garoto, por sua vez, não entende o que está acontecendo. Por que sua mãe se sente tão culpada quando a própria polícia disse que ela não era responsável pelo que tinha acontecido? E para complicar ainda mais a situação, uma garota estranha fica parada em frente à casa de Danny, claramente observando seus passos...

[Compre agora e leia](#)

NÃO  
ME  
ESQUEÇA

garota <3 garoto

ALI CRONIN



SEGUINTE

# Não me esqueça

Cronin, Ali

9788543802343

16 páginas

[Compre agora e leia](#)

Conto gratuito que precede o 2º volume de Garota <3 Garoto. Durante os preparativos para a viagem de férias com seus pais para a Espanha, Sarah descobre uma caixa repleta de recordações. Conforme ela relembra histórias de seus amigos, será que ela descobrirá que seus sentimentos por um deles são mais fortes do que imaginava?

[Compre agora e leia](#)